



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Águida Aparecida Gava

PLATAFORMA KUIHI PEI

Proposta de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, Português-Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintin, Xavante, Zoró.

São José do Rio Preto

2012

ÁGUIDA APARECIDA GAVA

PLATAFORMA KUIHI PEI

Proposta de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, Português-Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintin, Xavante, Zoró.

Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientador: Prof. Dr. Maurizio Babini

São José do Rio Preto

2012

Gava, Águida Aparecida.

Plataforma Kuhi pei : proposta de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, Português – Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintin, Xavante, Zoró / Águida Aparecida Gava. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2012.
329 f. : 35 il.; 30 cm.

Orientador: Maurizio Babini

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Lexicografia. 2. Línguas indígenas – Expressões idiomáticas – Dicionários. 3. Terminologia – Dicionários multilíngues. 4. Onomasiologia – Dicionários multilíngues. I. Babini, Maurizio. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'374.82

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
Campus de São José do Rio Preto - UNESP

Águida Aparecida Gava

PLATAFORMA KUIHI PEI

Proposta de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, Português-Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintin, Xavante, Zoró.

Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Hilda Carvalho de Oliveira
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Barbosa
USP – São Paulo

Prof^ª. Dr^ª. Marieta Prata de Lima Dias
UFMT - Sinop

Prof^ª. Dr^ª. Marilei Amadeu Sabino
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª. Adriane Orenha Ottaiano
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
08/março/2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Célia e Devanir Gava (in memoriam), cujo terno amparo me foi sempre devotado. Deles, toda determinação e coragem, o amor à educação e às virtudes, a crença em minha capacidade.

Aos meus avôs Mário Gava e Chico Pimenta (in memoriam). Deles, o respeito ao outro e a mim como igual, o amor a terra, à luta e à labuta.

Aos meus avôs Aristides e Ramilha Pimenta (in memoriam). Dela, o caminho da espiritualidade. Em seu regaço ouvi histórias que jamais esqueci.

Aos meus filhos Fabrício e Célia, aos afilhados Saulo, Neto e Camila. Encerro meu desejo de transmitir o necessário esforço e dedicação em toda conquista: para concretizar é preciso sonhar e acreditar.

À Maria Odete, prima querida e entusiasta. À tia Salvina (in memoriam), vítima de nossas peripécias infantis.

Aos meus irmãos Ariane e Júnior: O amor fraterno deve ser alimentado e torna-se uma fonte certa de serviço alegre. Responsabilidade de uns pelos outros. (Gn 4.9)

A Francisco, que embarcou no meu sonho linguístico nas estradas de Ji-Paraná, me encorajando em vários momentos nos últimos dois anos.

A todas as nações indígenas, em especial aos povos Arara, Zoró, Xavante, Kadiwéu, Parintintin e Karitiana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a Deus, que proveu todas as condições necessárias para a consecução de minha jornada, pautando minha vida pela oportunidade e coragem, me permitindo avançar a cada dia.

Bem como à Espiritualidade, protetores incansáveis e sempre presentes na intuição, clareando o caminho do bem, dissipando o desânimo e dando o necessário alento nos desafios de minha vida terrena.

Aos meus pais, partícipes de bênçãos, emanando ternas vibrações que permearam o meu trabalho, cujo êxito só posso creditar ao seu apoio.

Ao meu filho Fabricio, parceiro de todas as horas, atencioso em todas as minhas conquistas e companheiro nas jornadas tecnológicas.

À minha filha Célia, que me acompanhou em vários momentos.

Ao Prof. Dr. Eli Bechara, meu anjo de guarda, pela atenção nos momentos de quase abandono, me recolocando de volta no caminho.

A todos os mestres que passaram pela minha vida e me deixaram lições preciosas, em especial aos últimos, Prof. Dra. Diva Cardoso, Prof. Dra. Silvia Jorge, Prof. Heleny Fabbry Araújo, Prof. Dra. Lúcia de Almeida Barros, Prof. Dra. Maria Aparecida Barbosa, Prof. Francisco Langeani, Prof. Dra. Eliana Morielle e meu orientador Prof. Dr. Maurizio Babini.

Aos professores Prof. Dr Adenilson de Almeida Silva e Prof. Dra. Wani Sampaio, UNIR-RO e ao CIMI-RO e a aos funcionários da FUNAI Porto Velho e Jí-Paraná (RO), nas pessoas de Lúcia e Cleide.

Aos pesquisadores desenvolvedores dos vocabulários e dicionários do corpus de estudo.

Aos funcionários da UNESP – São José do Rio Preto, em especial ao pessoal da pós-graduação, em especial à Rosemar, aos porteiros e porteiras que gentilmente me sediam a chave do laboratório independente do meu horário confuso e aos funcionários da biblioteca, senhores da cortesia e da presteza.

Aos amigos, em seu incentivo: Agripino, Baba Sivakalyananda Natha Tirtha, Celso Fernando, Karen Yoshizawa, Larissa, Suely Vilella, Maria Lúcia de Almeida Jorge, Celinha Ruiz, Maria Inês e Regina Fidelis. E a todos os que não acreditaram, permitindo que eu agradeça com o fruto da minha perseverança e convicção.

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Art. 231 - CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Sumário

PLATAFORMA KUHI PEI	1
PLATAFORMA KUHI PEI.....	3
DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
Resumo	13
Abstract	14
Introdução e Justificativa	15
Plataforma Kuhi pei	18
Capítulo 1-.....	19
AS LÍNGUAS INDÍGENAS UTILIZADAS EM NOSSO DICIONÁRIO.	19
1.1 Línguas Indígenas em território brasileiro	20
1.2 Arara.....	23
1.2.1 A língua.....	23
1.2.2 A História: Primeiros contatos	26
1.2.3 Organização e papéis.....	28
1.2.4 Costumes e Celebrações.....	29
1.2.5 Vida atual	30
1.2.6 Situação atual da língua: fala bilíngue	31
1.3 Kadiwéu	32
1.3.1 A língua.....	32
1.3.2 A História: Os índios cavaleiros.....	32
1.3.3 Organização e economia	35
1.3.4 Vida atual: atitudes preservacionistas	36
1.3.5 Situação atual da língua.....	37
1.4 Karitiana.....	38
1.4.1 A Língua.....	38
1.4.2 A História.....	39
1.4.3 População	39
1.4.4 Crença e mito Karitiana.....	40
1.4.5 A Evangelização.....	41
1.4.5 O retorno a antigas práticas: o mito da origem Karitiana.....	43
1.4.6 Organização e economia	44

1.4.7 Vida atual	45
1.4.8 Habitat	45
1.4.9 Situação atual da Língua: aspectos pedagógicos.....	46
1.5 Parintintín – Kagwahiva.....	47
1.5.1 A Língua.....	47
1.5.2 A História.....	48
1.5.3 Rito de passagem dos jovens <i>Kagwahiva</i>	52
1.5.4 Situação atual da língua para os Tenharim.....	53
1.5.5 A Transamazônica.....	53
1.5.6 Sistema de metades <i>Kagwahiva</i>	55
1.6 Xavante – A’uwẽ.....	61
1.6.1 A língua.....	61
1.6.2 Uma história de invasões e correrias: Amanso-te branco!	61
1.6.3 Formação das aldeias	63
1.6.4 Vida atual	64
1.6.5 Migração de nordestinos e a chegada dos posseiros	65
1.6.6 Organização e papéis: Estrutura social xavante	68
1.6.7 Organização da Aldeia Xavante	69
1.6.8 Espiritualidade.....	72
1.7 Zoró – Pangyjej	74
1.7.1 A Língua.....	74
1.7.2 A História: Massacres e a estratégia.....	74
1.7.3 Temperamento estrategista.....	76
1.7.4 Organização e papéis.....	77
1.7.5 Vida na maloca.....	80
1.7.6 Desenvolvimento econômico: Sobrevivência	80
1.7.7 Espiritualidade.....	82
1.7.8 Vida atual	84
1.7.9 Situação atual da língua: Estudo e transmissão	84
1.8 Reflexão sobre as línguas	85
Capítulo 2-.....	88
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	88
2.1 História dos dicionários no Brasil	88
2.2 Terminologia -Terminografia , Lexicologia - Lexicografia	98

2.3	Conceito e análise conceptual terminológica	103
2.4	Macroestrutura e Microestrutura	106
2.5	Sinonímia, parassinonímia e quase-sinonímia	107
2.6	Repertórios lexicográficos e terminográficos.....	109
2.7	Modelo de Pottier	117
2.8	Etnoterminologia.....	122
Capítulo 3-.....		131
METODOLOGIA.....		131
3.1	Contexto da pesquisa.....	131
3.2	A constituição do córpis e a coleta dos termos.....	132
3.3	Sistemas conceptuais em português e nas línguas indígenas	136
3.4	A Elaboração da base de dados terminológica	137
3.5	Macroestrutura	146
3.6	Microestruturas.....	147
3.7	O Sistema de remissiva	155
Capítulo 4 -.....		157
DICIONÁRIO KUHI PEI: Dicionário terminológico onomasiológico multilingue para crianças da fauna brasileira		157
4.1	Sistema Nocional Português.....	157
4.2	Sistema Nocional Arara	163
4.3	Sistema Nocional Kadiwéu	168
4.4	Sistema Nocional Karitiana.....	174
4.5	Sistema Nocional Parintintín.....	179
4.6	Sistema Nocional Xavante	186
4.7	Sistema Nocional Zoró.....	191
4.8	Versão eletrônica: Dicionário terminológico onomasiológico multilingue para crianças	197
Capítulo 5 -.....		292
ANÁLISE DOS DADOS		292
5.1	Layout do modelo.....	292
5.2	Componente de Inserção	294
5.3	Componente Busca: semasiológica e onomasiológica	296
5.3.1.	Função Semasiológica.....	297
5.3.2	Função Onomasiológica.....	299
5.4	Componente Dicionários.....	306

5.5 Componente Línguas indígenas	312
5.6 Componente Fontes	313
5.7 Componente Notas	314
5.8 Componente de sistema.....	315
5.9 Limitações da pesquisa e Resultados Obtidos.....	316
CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS	318
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	321
ANEXO 1 – Massacre do Paralelo 11.....	332

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Classificação das línguas Indígenas SIL-ISA	21
Tabela 2 - Grupo linguístico Arara e suas denominações - AC.....	24
Tabela 3 - Grupo linguístico Arara - RO.....	25
Tabela 4 - Grupo linguístico Arara - PA	25
Tabela 5 - Grupo linguístico Arara - MT	25
Tabela 6 - Classificação Kagwahiva (KUROVSKI, 2009).....	58
Tabela 7 - Imagens do termo.....	140
Tabela 8 - Microestrutura.....	148
Tabela 9 - Inserção de termos para a língua indígena	149
Tabela 10 – Verbetes usado para remissivas	155
Tabela 11 - Estatística de equivalência.....	308

Índice de Figuras

Figura 1 – Indígenas cobram pedágio de “brancos” na Transamazônica	54
Figura 2 – A última vez que viram sua terra.....	66
Figura 3 - Ônibus da Prefeitura de Alto Boa Vista e grileiros bloqueiam a BR 158	67
Figura 4 - Calendário Zoró	81
Figura 5 - Árvore de conceitos.	105
Figura 6 - Animais - Característica de classificação: habitat.....	105
Figura 7 -Aves: Característica de classificação: tipos de atributos.....	106
Figura 8 - Percorso onomasiológico (POTTIER, 1992, p. 16).....	118
Figura 9 - Percorso semasiológico (POTTIER, 1992, p. 17).....	119
Figura 10 - Os conceitos gerais e os conceitos universais (POTTIER, 1992, p. 78).	120
Figura 11 - Vocabulário Zoró	135
Figura 12- Semema Gambá - características do animal	154
Figura 13 -Layout do modelo	293

Figura 14 - Aba de Inserção	294
Figura 15 - Inserção de atributos onomasiológicos	296
Figura 16 - Busca Semasiológica	298
Figura 17 - Resultado a busca semasiológica	298
Figura 18 - Busca onomasiológica.....	300
Figura 19 - todos os mamíferos.....	301
Figura 20 -Busca onomasiológica: todos os mamíferos herbívoros.....	301
Figura 21 - Resultado da busca onomasiológica: mamíferos herbívoros.....	302
Figura 22 - Busca Onomasiológica: mamíferos herbívoros, que comem frutas.....	302
Figura 23 - Resultado Mamíferos Herbívoros, que comem frutas.....	303
Figura 24 - Busca semasiológica e onomasiológica.....	303
Figura 25 –Resultado de busca: letra “a” e réptil	304
Figura 26 - Busca semasiológica: cobra para as línguas Arara, Kadiwéu, Parintintín, Zoró.	304
Figura 27 - Busca semasiológica nas línguas Arara, Kadiwéu, Parintintín e Zoró: cobra	305
Figura 28- Tem pelos, rabo, pecilotérmico, onívoro , 4 patas	305
Figura 29 - Mamífero com asas	306
Figura 30 - Aba Dicionário.....	307
Figura 31 - Início da cena Aves	311
Figura 32 - Cena Aves.....	311
Figura 33 - Aba Línguas indígenas	312
Figura 34 - História da língua e de seus falantes	313
Figura 35 - Fontes do dicionário.....	314

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal propor um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, com o propósito de divulgar as línguas indígenas. Tal dicionário é composto de 258 termos da fauna brasileira, organizados em anfíbios, aves, mamíferos, peixes e répteis, com equivalentes nas línguas indígenas Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante e Zoró. Os termos foram coletados a partir dos corpora compilados de dicionários e vocabulários nas línguas empregadas. O protótipo é fundamentado no modelo de dicionário terminológico onomasiológico proposto por Babini (2001b), no qual esse autor trata a recuperação da informação lexical em um dicionário onomasiológico. Para que seja possível efetuar buscas de tipo onomasiológico foram utilizados semas costumeiramente existentes na fala infantil, em língua portuguesa, que descrevem as características dos animais. Além da busca onomasiológica o dicionário permite também buscas de tipo semasiológico, tradicionalmente implementadas na maioria dos dicionários eletrônicos. O dicionário foi realizado em uma plataforma eletrônica que poderá ser futuramente utilizada para a confecção de outros dicionários terminológicos eletrônicos.

Palavras chaves: Dicionário terminológico onomasiológico multilíngue; Dicionário terminológico onomasiológicos multilíngue para crianças; Línguas indígenas.

Abstract

The main objective of this thesis is to propose a model of a terminological onomasiological multilingual dictionary for children, aimed at promoting the indigenous languages. Such dictionary is composed of 258 terms of the Brazilian fauna, categorized into amphibians, birds, mammals, fish and reptiles, with equivalents in these indigenous languages: Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante e Zoró. The terms were collected from corpora compiled from dictionaries and vocabularies in the studied languages. The prototype relies on a model of onomasiological terminological dictionary, proposed by Babini (2001), in which the author tackles lexical information retrieval in an onomasiological dictionary. In order to perform onomasiological searches, existing senses in children's speech were used, in the Portuguese language, which describe animal features. Besides the onomasiological search, the dictionary also allows semasiological searches, traditionally implemented in most electronic dictionaries. The dictionary was developed in an electronic platform that may be used in the future so as to build other electronic terminological dictionaries.

Keywords: terminological onomasiological multilingual dictionary; terminological onomasiological multilingual dictionary for children; indigenous languages.

Introdução e Justificativa

O presente trabalho nasce do anseio de colaborar com as investigações terminológicas no desenvolvimento de dicionários multilíngues eletrônicos onomasiológicos e tem como objetivo principal a realização de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, que permita buscas de tipo onomasiológico e semasiológico.

O protótipo é fundamentado no modelo de dicionário terminológico onomasiológico proposto por Babini (2001) que, por sua vez, é baseado no modelo semântico de Bernard Pottier (1992), no qual ele trata a recuperação da informação lexical em um dicionário onomasiológico e, para nosso propósito, nos utilizamos dos sememas costumeiramente existentes na fala infantil, em língua portuguesa, que descreve as características dos animais.

Por ser um modelo, a ferramenta possibilitará sua utilização em cenários plurais, como, por exemplo, na criação de dicionários terminológicos para diferentes dialetos ou para outros idiomas ocidentais, no âmbito de novas investigações.

Como forma de representar nosso modelo, nós o empregaremos no desenvolvimento de um dicionário para o público infantil, utilizando termos da fauna brasileira nas línguas indígenas Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante e Zoró.

A finalidade deste modelo é permitir buscas de tipo semasiológico e onomasiológico, tendo como ponto de partida termos e traços semânticos de língua portuguesa.

Ao mesmo tempo, este dicionário é um modo de promover o intercâmbio linguístico entre povos indígenas e de divulgar, entre as crianças brasileiras, a equivalência dos termos da fauna brasileira nas seis línguas indígenas apresentadas.

Ante a empreitada ora alçada, indagamo-nos se o modelo de dicionário eletrônico proposto permitiria a utilização de funções onomasiológicas e semasiológicas em um mesmo escopo, de modo a atender às solicitações de buscas eletrônicas feitas pelo consulente.

Outrossim, indagamo-nos se o modelo semântico de Pottier se mostrará satisfatório no desenvolvimento da problemática imbricada na construção da plataforma.

Atualmente, os dicionários tradicionais não possuem a interatividade e recursos multimídia de dicionários eletrônicos; já os dicionários eletrônicos ainda carecem de melhorias no tocante a funções semasiológicas e onomasiológicas concomitantes.

Acreditamos que o modelo proposto privilegiará tais funcionalidades, agregando ao dicionário terminológico recursos multimídia de armazenamento, cores e imagens da fauna

brasileira nas seis línguas indígenas coletadas, objetivando aguçar a imaginação e o interesse infantil.

Outro fator de destaque no desenvolvimento do trabalho é a divulgação de algumas línguas indígenas entre as crianças brasileiras e, nesse sentido, esperamos abrir novo veio de divulgação.

Com relação ao nome de nosso dicionário, demos-lhe o nome de “Kuhi pei” que, em língua Karipúna, quer dizer “*correr o mundo*” ou “*pelo mundo*”.

A elaboração deste embasa-se, também, nos autores que referenciam a Terminologia e a Lexicografia, como Barros (2004), Cabré (1999) e Patrizzi (2007). Para alicerçarmos os conceitos de onomasiologia, empregamos Babini (2001, 2006a), Biderman (1984, 2001), Bertoldi (1935), Faulstich (2007) e Silva (2009). E apoiamo-nos em Babini (2001), a fim de estruturar a obtenção do verbete em busca eletrônica.

Os objetivos específicos consistem em: analisar dicionários semasiológicos e onomasiológicos, com o intuito de identificar o modelo de dicionário eletrônico mais apropriado à nossa proposta; constituir um cópulus de repertórios lexicográficos e terminográficos das línguas indígenas Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante e Zoró; coletar termos para nomes de animais da fauna brasileira (mamíferos, aves, peixes e répteis) para as seis línguas de pesquisa e analisar o funcionamento do dicionário para buscas de tipo semasiológico e onomasiológico.

Fundamentalmente, nosso Modelo de Dicionário Eletrônico Onomasiológico terá como público-alvo crianças brasileiras alfabetizadas, com idade entre oito e doze anos, com o propósito de divulgar as línguas indígenas e auxiliar na compreensão dos termos empregados para caracterizar a fauna brasileira. Todavia, por tratar-se de um modelo, a ferramenta eletrônica permitirá sua aplicação em diferentes contextos, sendo então destinada a lexicógrafos, terminólogos, pesquisadores e docentes na construção de obras lexicográficas.

O presente estudo justifica-se por sua contribuição aos trabalhos terminológicos voltados ao público infantil e por possibilitar a criação de novas obras terminológicas a partir do modelo empregado.

Nosso trabalho está organizado do seguinte modo: no capítulo um, distanciados das questões linguísticas, faremos um sobrevôo antropológico a fim de adentrarmos o panorama indigenista brasileiros, perpassando pela cultura das línguas indígenas presentes em nosso dicionário para compreendermos os *ditos* e os *não ditos* dos primogênitos de nosso território.

No capítulo dois abordaremos nosso embasamento teórico, no qual são elucidados os conceitos capitais e os princípios que nos assistiram no amadurecimento e direcionamento do

modelo de dicionário proposto. Os tópicos fundamentais serão a macro e microestrutura que norteiam uma obra lexicográfica terminológica, a onomasiologia e os modelos onomasiológicos, bem como o modelo de Pottier. Por fim falaremos sobre a etnoterminologia, o semema e os semas, parâmetros dirigentes de nossa pesquisa.

No capítulo três, descreveremos nosso contexto metodológico de pesquisa, a constituição do corpus, como se deu a coleta de termos, o sistema de remissiva e a microestrutura dos verbetes.

O capítulo quatro tratará do sistema nocional em português e nas línguas indígenas Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante e Zoró e, então apresentaremos dos verbetes de nosso Dicionário terminológico onomasiológico multilingue para crianças dos termos da fauna brasileira nas seis línguas indígenas já mencionadas.

No capítulo cinco, analisaremos os dados e os principais componentes de layout de nosso modelo, bem como o emprego das funções onomasiológica e semasiológica. Por fim, discorreremos sobre as limitações e os resultados obtidos.

Ulteriormente, descrevemos as referências bibliográficas que tornaram possível o desenvolvimento e aprofundamento do tema.

Desse modo, no presente trabalho seguiremos com um breve esclarecimento sobre a *Plataforma Kuhi pei* e, na ordem, apresentaremos no capítulo um o estudo das línguas indígenas do nosso dicionário, pois acreditamos que para se conhecer a língua é preciso conhecer o Homem que a representa, sua história, cultura e seu caráter. Adentremos, então, ao princípio da criação de nosso modelo de dicionário:

Plataforma *Kuhi pei*

O princípio da criação de nosso modelo de dicionário pressupõe a criação de um sistema computacional *web* que receberá os termos e seus atributos, formados pelo nosso *cópus* de pesquisa, dispondo-os na posição adequada para constituírem uma obra lexicográfica, no caso, nosso dicionário terminológico. A partir de sua criação para a confecção de nosso dicionário, o sistema estará disponível e organizado para a inserção e composição de novos dicionários, vocabulários e glossários terminológicos.

Devido à adequação do sistema para uso em múltiplas finalidades lexicográficas terminológicas, nós o chamaremos de plataforma. Dessa maneira, a plataforma receberá os termos e os condicionará em formato de obra terminográfica eletrônica.

Durante sua concepção tivemos-nos em cuidados com sua estrutura para não restringi-la apenas à criação atual, mas pensamo-na com amplitude, e a capacitamos com funcionalidades primordiais para que, mais à frente, torne-se uma ferramenta eficiente a lexicógrafos e terminólogos.

Seu nome complementar será *Kuhi pei*, que em língua karipúna quer dizer *pelo mundo, correr o mundo*.

Empregaremos o nome *Kuhi pei* também ao dicionário terminológico onomasiológico que nos propomos a desenvolver, uma vez que nesse momento o amadurecimento de ambos caminha em uníssono.

A princípio, a plataforma receberá o nosso *cópus* de pesquisa, sendo capaz de acomodá-lo e estruturá-lo no modelo de dicionário terminológico onomasiológico indígena.

Salientamos que a Plataforma *Kuhi pei* possibilita a inserção de termos de forma interativa e dinâmica, feita por usuários diferentes e de diferentes pontos de acesso, simultaneamente, a partir da publicação *web* da obra.

Sua estrutura empregará um sistema de banco de dados *web*, o qual eventualmente poderá ser utilizado de maneira *off-line*, isto é, localmente sem acesso à Internet. E nessas condições, sua utilização se restringirá às consultas semasiológicas e onomasiológica aos termos do dicionário já finalizado, não sendo pertinente seu uso para a inserção de novos verbetes.

Feitas nossas considerações iniciais sobre o sistema computacional que alicerça nossa investigação da perspectiva tecnológica, iniciaremos com breve relato sobre as línguas indígenas e o universo indigenista brasileiro.

Capítulo 1

AS LÍNGUAS INDÍGENAS UTILIZADAS EM NOSSO DICIONÁRIO.

Para mim, os maiores sofrimentos e dor foram gerados pelos castigos de efeitos morais e psicológicos, como uma das modalidades de que fui várias vezes vítima. Tratava-se de um pedaço de pau grande com uma corda que continha uma frase em português: “Eu não sei falar português”. Quando algum aluno da escola era flagrado falando uma língua indígena, a placa assustadora era pendurada em seu peito ou nas costas e ficava com ele até que descobrissem um novo violador da regra, para quem a placa era passada (LUCIANO BANIWA, 2006)

Neste capítulo, faremos uma breve descrição das línguas indígenas em território brasileiro e daremos ênfase às línguas empregadas em nosso dicionário. Consideramos imperioso retratar as comunidades indígenas falantes dessas línguas, sua representatividade histórica, seu modo de vida e seu posicionamento no cenário brasileiro.

Buscaremos pela origem dessas línguas e por elementos que indiquem: se a essência e originalidade foram mantidas por seus falantes; se estando a língua materna concorrendo diretamente com a língua dominante, o português, como se dá o uso da primeira língua; qual o posicionamento de autoridades e governo em projetos que subsidiem a língua materna e como as comunidades indígenas são vistas por eles. por fim, qual a visão do indígena diante de si e de seu idioma e sua inserção no panorama brasileiro.

No item a seguir, apresentaremos um panorama geral das línguas indígenas em território brasileiro.

1.1 Línguas Indígenas em território brasileiro

Em território brasileiro, a maioria das línguas indígenas conhecidas estão agrupadas nos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê, com os quais elas partilham traços ancestrais comuns, ainda que sutis. Por sua vez, o tronco linguístico reúne as línguas e dialetos em famílias linguísticas que partilham características fonéticas, gramaticais e lexicais semelhantes.

De acordo com o SIL, formalmente, *Summer Institute of Linguistics*, no Brasil, Associação Internacional de Linguística, que utiliza a classificação de Aron Rodrigues, estão no tronco Tupi as famílias linguísticas: Mondé, Arikém, Aweti, Juruna, Mawé, Puroborá, Ramarama, Mundurukú, Tupari e a grande família Tupí-Guaraní; e, no tronco Macro-Jê estão as famílias: Bororó, Crenaque, Guató, Karajá, Maxakali, Ofayé, Rikbaktsá, Iatê e a mais representativa delas, a família Jê (SIL, 2010: FOLHA, 2009).

O SIL também considera as famílias linguísticas ou propriamente línguas, que não possuem semelhanças com outras famílias conhecidas ou mesmo com os troncos linguísticos Tupi e Macro Jê. E recebem tal classificação as famílias: Aikaná, Arawá, Arúak (Arawak, Maipuré), Guaikuru, Iranxe, Jabuti, Canoê, Carib, Catuquina, Koazá (Kwaza), Makú, Mura, Nanambikwára, Pano, Trumái. Tikúna, Tukano, Txapakúra, Yanomami.

Ainda temos diversos povos que vivem longe do contato com a sociedade não-indígena e, sobre eles, as informações são escassas. Pouco ou quase nada se conhece das línguas faladas por essas comunidades que se mantiveram afastadas e, desde o descobrimento, conservam as mesmas tradições culturais de seus antepassados e sobrevivendo da caça, pesca, coleta e agricultura incipiente, isolados do convívio com a sociedade nacional e com outros grupos indígenas (FUNAI, 2011).

Apenas como curiosidade, gostaríamos de registrar que a língua Canoê, contatada em 2008, encontra-se com o reduzido número de cinco falantes, dos quais, apenas dois falam o português (SIL, 2010: FOLHA, 2009).

Segundo o SIL, nosso dicionário é composto de famílias linguísticas provenientes do Tronco Tupi, a família Monde (língua Zoró), família Arikém (língua Caritiana ou Karitiana) e a grande família Tupi Guarani (o Parintintín, que é classificado como dialeto da língua Kawahib); do tronco Macro Jê temos o Xavante, que possui sua origem na família linguística Jê e é tratado pelo SIL como dialeto pertencente à língua Akwen; Por último, as famílias

Guaicuru ou Guaikúru (língua Kadiwéu) e Karib (designada apenas como Arara do Pará), ambas com tronco linguístico não determinados (SIL, 2010: FOLHA, 2009).

Utilizando a classificação do SIL e a classificação do ISA (Instituto Socioambiental), descreveremos a classificação das línguas indígenas encontradas em nosso dicionário na Tabela 1. Notamos que, segundo o ISA, a língua Arara recebe novas designações:

Língua	Outra designação	Família Linguística	Localização	Tronco	Fonte
Arara do Pará		Karib	PA	Indeterminado	SIL
Arara	Arara do Pará, Ukaragma	Karib	PA	Indeterminado	ISA
Arara do Rio Amônia	Apolima-Arara, Arara Apolima	-	AC	Indeterminado	ISA
Arara do Rio Branco	Arara do Beiradão, Arara do Aripuanã	-	MT	Indeterminado	ISA
Arara do Shawanaua	Arara do Acre, Shawanaua	Pano	AC	Indeterminado	ISA
Karo	Arara de Rondônia, Arara Karo, Arara Tupi, Ntogapíd, Ramaráma, Urukú. Urumí, I'tárap	Ramaráma	RO	Tupi	ISA
Zoró		Mondé	RO	Tupi	SIL/ISA
Xavante	Akwe (ISA), A'uwe (ISA)	Jê * classif. dialeto da língua Akwen (SIL)	MT	Macro-Jê	SIL/ISA
Kadiwéu	Kaduveo (ISA), Caduveo (ISA), Kadivéu (ISA), Kadiveo (ISA)	Guaikuru	MS	Tronco indeterminado	SIL/ISA
Parintintín	Cabahyba (ISA)	Tupí Guarani. * classif. dialeto da língua Kawahib (SIL)	AM	Tupi	SIL/ISA
Karitiana	Caritiana (ISA), Yjxa(ISA)	Arikém	RO	Tupi	SIL/ISA

Tabela 1 - Classificação das línguas Indígenas SIL-ISA

De acordo com a Tabela 1, observamos que a língua Arara recebe diferentes designações e classificações de acordo com seu posicionamento geográfico, isto é, seu estado brasileiro. O que nos induz a aprofundar nossas pesquisas para compreender qual a família linguística da língua Arara de nosso córpus.

Focaremos, em seguida, alguns aspectos dos falantes das seis línguas utilizadas em nosso dicionário, da língua Arara a Zoró. Em particular, para a língua Arara, esmiuçaremos as diferentes indicações de sua origem linguística.

1.2 Arara

Eu não sabia que minha língua e minha cultura eram importantes, porque sempre foram desprezadas e desvalorizadas pelos brancos (PROFESSOR JABUTI; SEDUC, 2003; ISIDORO, 2006).

1.2.1 A língua

No sítio do Instituto Socioambiental, ISA, em *Povos indígenas no Brasil*, a língua Arara é classificada como língua da família Karib, de tronco linguístico não determinado. Mas, a designação recebida é apenas *Arara* e a designação *Arara do Pará* é tida como segundo nome (ISA, 2011).

No sítio *Sua Pesquisa: Povos Indígenas do Brasil*, os Arara recebem classificação muito próxima à classificação do ISA, díspares apenas no tronco linguístico da família Araras do Aripuanã. São elas:

- Araras do Pará, provenientes da família Karib (PA),
- Arara do Acre, provenientes da família Pano (AC) e
- Arara-do-aripuanã, provenientes do Tupi (MT) e
- Arara-Caro, da família Ramarama (RO).

Em concordância com o ISA, Meira (2006), na revista de Estudos e Pesquisas - FUNAI, classifica a língua Arara encontrada no Sul do Pará como língua da família Caribe (grafia diferente):

As línguas Caribe modernas concentram-se no interior do Maciço das Guianas e na região entre o rio Orinoco, na Venezuela, e o estado de Roraima, no Brasil. Fora desta área, encontramos apenas algumas línguas no sul: o Arara, no sul do Pará; o Ikpeng e o Kuikuro (com seus dialetos Kalapalo, Nahukwa e Matipu), no Alto Xingu (MEIRA, 2006. p. 161).

No relatório anual 2010 do Projeto de documentação de Línguas indígenas, desenvolvido pelo Museu do Índio e FUNAI, a língua Arara é classificada como língua pertencente à família Pano (PRODOCLIN , 2010, p. 31):

Habitam a região do alto Juruá, no estado do Acre. O grupo indígena Jaminawa-Arara possui uma língua denominada Arara que é um membro da família Pano. Nesta região do rio Bagé há mais ou menos 108 pessoas vivendo nas comunidades que estão distribuídas em duas aldeias: São Sebastião e Buritizal. Ambas as comunidades pertencem ao município de Marechal Thaumaturgo, no Estado do Acre. Um outro grupo falante da língua Arara é o Shawādawa; que possui 7 falantes em um universo de aproximadamente 230 pessoas, localizadas às margens do igarapé Humaitá, município de Cruzeiro do Sul, Acre.

Na mesma página, nos chamou a atenção o item ‘c’, que faz referência ao Jaminawa-Arara, falado na comunidade que é descrito como língua seriamente ameaçada, uma vez que as crianças não têm mais contato com a língua e o português brasileiro tornou-se a língua de prestígio dentro da comunidade (PRODOCLIN , 2010, p. 31).

O artigo¹ *Línguas indígenas e tradições orais na Amazônia brasileira*, do Museu Nacional (UFRJ), escrito por Kristine Stenzel (2006) nos aclara o assunto, quando descreve os grupos linguísticos e suas denominações de acordo com os estados brasileiros, organizados em tabelas que incluem dados sobre o tamanho de cada população indígena e, na maioria dos casos, o número de falantes.

Considerando apenas os grupos linguísticos que recebem a denominação de *Arara* e o estado brasileiro do grupo indígena, transcreveremos as tabelas de Stenzel (2006), organizadas por grupo linguístico, outros nomes, família linguística, local, população, número de falantes:

Acre

Grupo Linguístico	Outros nomes	Família Linguística	Local	População	Falantes
Apolima-Arara	-	-	AC	278	-
Arara Shawādawa	Shawanauá	Pano	AC	332	9

Fonte: (STENZEL, 2006. p.3)

Tabela 2 - Grupo linguístico Arara e suas denominações - AC

¹ Versão atualizada e traduzida do texto original em espanhol publicado pela UNESCO em 2006: *Lenguas y Tradiciones Orales en la Amazonia Brasileña*. *Lenguas y Tradiciones Orales de la Amazonia - diversidad en peligro?* Havana: Oficina Regional de Cultura para América Latina y el Caribe, UNESCO/Casa de las Américas. 71-121

Rondônia

Grupo Linguístico	Outros nomes	Família Linguística	Local	População	Falantes
Karo	Arara	Ramarama	RO	170	% alta
<i>Fonte: (STENZEL, 2006. p.8)</i>					

Tabela 3 - Grupo linguístico Arara - RO

Pará

Grupo Linguístico	Outros nomes	Família Linguística	Local	População	Falantes
Arara	Ukarãgmã, Ukarammã	Karib	PA	271	% alta
<i>Fonte: (STENZEL, 2006. p.9)</i>					

Tabela 4 - Grupo linguístico Arara - PA

Mato Grosso

Grupo Linguístico	Outros nomes	Família Linguística	Local	População	Falantes
Arara do Aripuanã	Arara do Beiradão	Mondé	MT	57	-
<i>Fonte: (STENZEL, 2006. p.11)</i>					

Tabela 5 - Grupo linguístico Arara - MT

Observamos nas tabelas acima que há uma variação de denominação e classificação linguística de acordo com a origem do grupo linguístico Arara, dependendo do estado brasileiro no qual ele se localiza, podendo o grupo ser originário das famílias Mondé, Karib, Ramarama, Pano.

Desse modo, consideraremos a localização dos grupos indígenas em território nacional e o início do nosso trabalho em Rondônia, com o vocabulário Arara organizado pelo CIMI-RO, para adotar como família linguística de origem a família Ramaráma, tronco Tupi.

Nossa escolha baseia-se também no trabalho de Isidoro (2006), devido à proximidade encontrada entre alguns termos provenientes da língua Arara utilizados pela autora e os termos do vocabulário Arara que compõe nosso corpora e, ainda, pela análise detalhada da situação sociolinguística da comunidade Karo–Arara do estado de Rondônia em 2006, feita pela autora, que nos deu um panorama da língua arara e a situação atual de seus falantes.

Retomaremos logo à frente o trabalho de Isidoro (2006) para descrever um pouco do povo Arara. Citamos que a autora também adota o Ramaráma como família linguística e tronco Tupi, baseada em Rodrigues (ISIDORO, 2006 p. 30).

Esclarecidas nossas escolhas, prosseguiremos com uma breve descrição dos falantes da língua Arara, em que destacaremos a história do primeiro contato, a organização, economia e sobrevivência, celebrações, vida atual e a fala, baseados em Isidoro (2006).

1.2.2 A História: Primeiros contatos

Segundo Isidoro (2006, p. 16), os primeiros contatos com os Arara do município de Ji-Paraná – RO aconteceram entre os anos de 1940 a 1960, período nomeado pelos indígenas como marco inicial de sua relação com a sociedade nacional:

O povo Karo, também conhecido como Arara, autodenomina-se “Karo-Rap”, que significa “Nós Arara”. Suas terras tradicionais correspondem a quase todo o território do Município de Ji-Paraná, no Estado de Rondônia. Segundo esses indígenas, havia uma grande maloca que se localizava no centro da atual cidade de Ji-Paraná, onde hoje se encontra uma das primeiras construções oficiais do município. Tal construção serviu de posto telegráfico e de alojamento para o Marechal Cândido Rondon e sua comitiva no início do século XX.

A autora menciona relatos dos Arara sobre o período da implantação do telégrafo e um depoimento de Pedro Arara, da aldeia Pajgap que, pela visão de indígena, retrata um Marechal Rondon conquistador que utilizava o indígena como mão de obra: “Marechal Rondon diz que queria salvar os índios, mas ele também fazia os índios trabalhar pra ele, minha mãe contava” (ISIDORO, 2006. p. 18).

De acordo com a autora, os Arara destacam seis períodos importantes para a história de seu povo. São eles:

- Anterior a 1940: **Tempo das malocas**: período anterior ao contato com os não-indígenas.
- A partir de 1940: **Primeiros contatos, vida nos seringais**: contatos com os seringalistas. Período do trabalho semi-escravo dos Arara nos seringais (a partir de 1940);
- A partir de 1966: **O realdeamento**: volta dos Arara à vida comunitária em suas aldeias;
- Década de 80: **A luta pela terra**: a luta pela posse de suas terras;

- Década de 80 e 90: **A venda de madeira:** a exploração da terra Arara;
- Período atual (2006): **Conflitos, as mudanças e os novos aprendizados** (ISIDORO, 2006, p. 18-19).

No primeiro ciclo da borracha, entre os anos de 1877 a 1914, os extrativistas ocuparam todos os rios formadores da bacia do rio Madeira, que abrange as terras do estado de Rondônia. Isidoro (2006, p. 24) cita Medeiros (2003), que nos relata o cenário da época:

No decorrer do primeiro ciclo da borracha, não existia lei, ou orientação qualquer, no sentido de evitar conflitos entre o civilizado e o índio. A lei era determinada pelo patrão e executada pelos seringueiros. A lei era matar, trucidar o índio. Para o seringalista e seringueiro, o que importava era a área e produzir borracha. O índio, se ali estava, era um empecilho; portanto, devia ser eliminado, expulso do território produtivo. (MEDEIROS, 2003, p.83).

Para Isidoro (2006, p.24) o ciclo econômico da borracha, tanto quanto os demais (da cassiterita, diamante, ouro), são ditos como período “das correrias” pelos indígenas. Banidos, os indígenas vagavam pela floresta, esperando por novos enfrentamentos com o homem *civilizado* ou com outros grupos indígenas na disputa pelo mesmo espaço geográfico. Tal situação provocava a desestruturação dos indígenas que não mais cultivavam suas roças:

Neste contexto, os indígenas não tinham mais tempo de caçar, pescar, ou cultivar suas roças, o que resultava em uma desorganização, até mesmo na desestruturação tribal (MEDEIROS, 2003).

Com o final do ciclo da borracha, os seringais caíram no abandono e os grupos indígenas puderam retomar sua vida comunitária e houve certo crescimento populacional, segundo a FUNAI – Fundação Nacional Índio (2006).

No segundo ciclo da borracha, quando o povo Arara foi contatado pelo seringalista Barros, de acordo com seus relatos. Eles trabalhavam em regime de barracão e, como os demais trabalhadores, sofriam os processos de endividamento e dependência nos seringais (ISIDORO, 2006, p. 24).

O trabalho dos Arara nos seringais da região de Ji-Paraná amparava-se numa relação de conflito e dependência. Esse povo sofreu com a imposição de uma nova forma de vida, com as explorações, com o trabalho semiescravo e com as doenças, das quais se tornavam cada vez mais reféns, uma vez que os seringalistas supriam, de certa forma, as necessidades

que eles adquiriram após o contato, como por exemplo, o uso de remédios e de determinados alimentos como café, açúcar, arroz etc. (ISIDORO, 2006, P.25).

No ano de 1966, o SPI, Serviço de Proteção ao Índio, retirou os seringalistas das terras indígenas e promoveu o realdeamento.

Reunidos novamente na aldeia, os indígenas passaram a conviver, a casar-se com mulheres Arara e a resgatar pouco a pouco a língua e a cultura Arara.

Isidoro ilustra tal passagem com significativo depoimento de um Arara, adotado por um seringalista, e que hoje vive na aldeia *I'Târap*: (ISIDORO, 2006, P.27):

Polícia chegou lá, tirou o pessoal da nossa área, na época do Apoena, tirou todo mundo, chamou todo mundo para fora, vocês têm que desocupar aqui, que aqui é área indígena, o branco saiu, todo mundo mesmo. Só tinha nós dois, eu mais o meu sogro ali, o Manuel. A Polícia perguntou: vocês quer ser índio ou quer ser branco? Genésio (chefe de Posto) disse: não, já conversei com eles, falaram que vão ficar aqui. Ficamos. Brancos saíram todos. Nós ficamos no depósito. Queimaram as outras casas, os Gavião queimaram, ficou só essa casa e os Gavião falaram “quando vocês saírem, queimem, não deixem essa casa aqui não”. Fizemos, queimamos a casa e fomos para o centro, onde nós trabalhávamos. Ficamos uns três dias e falei para o meu sogro “não fico aqui, não, se você quiser ficar você fica” Meu sogro falou “para onde você for, eu vou com você”. Meu parente foi lá, buscar minhas coisas, e vim para cá (na aldeia aberta pelo SPI) . Até a Polícia falou para mim, “se vocês não acostumarem junto com eles, podem ir embora...” “Está bom... se não acostumarmos, vamos procurar nosso destino”.

1.2.3 Organização e papéis

A organização dos Arara ocorre pela união de grupos ligados por laços de parentescos. E, no tempo das malocas, todos os familiares moravam na maloca grande com toda a família. Quando o número de pessoas aumentava demais, construía outra maloca próxima àquela. Esse espaço representava a essência da vida social e o local dos movimentos culturais, sociais e linguísticos. Ao dono da maloca cabia a liderança, podendo ser ou não o pajé: a ele caberia a roça maior, conforme depoimento dos Arara relatado pela autora:

Não existia cacique, apenas JAT XU, isto é, a pessoa que construía a maloca, que tinha a roça maior. Este era considerado a liderança; cacique foi coisa que surgiu com o branco (ISIDORO, 2006, p.19).

Essencialmente, os Arara eram agricultores, coletores, caçadores e pescadores e cada família tinha sua roça e trabalhavam juntos, mais ou menos no sistema de mutirão. Eles domesticavam animais como jacu, cateto, jacamim e possuíam uma economia baseada no sistema de troca (ISIDORO, 2006, p.19).

Na vida cotidiana, as mulheres se incumbiam do preparo dos alimentos, cuidados com os pequenos e a instrução das meninas em funções como, o preparo da *macaloba*, bebida fermentada feita de macaxeira, batata-doce, cará ou milho; a recolha de lenha e a produção de artefatos (colares de semente, brincos, tipóias, canecas de cabaça, anéis, redes, esteiras, panelas de barro, cestos, redes de algodão e de fibra de tucum, peneiras e outros) (ISIDORO, 2006, p.20).

Aos homens cabiam as derrubadas, o plantio do roçado, a caça, a pesca, a organização das festas, a confecção de instrumentos musicais, estojos penianos, machado de pedra, bordunas e arco e flecha, a construção das malocas e a preparação do filho para as atividades guerreiras.

Para os Arara, as características de um bom caçador e um bom guerreiro eram saber usar o arco e a flecha e ser corajoso (ISIDORO, 2006, p.20).

Ao pajé cabia a função política, social, religiosa, psicológica, medicinal e o auxílio na educação dos pequenos.

O Pajé era escolhido por atributos físicos, intelectuais e místicos: o indígena deveria ser fisicamente perfeito, ser justo, honesto, ter percepção e sensibilidade; ter capacidade de se relacionar com o mundo dos espíritos, capacidade esta percebida desde pequeno. Era ainda submetido a vários testes a fim de provar sua resistência, no relacionamento com o mundo dos espíritos, geralmente realizado em locais sagrados, em meio à mata densa e distante da aldeia (ISIDORO, 2006, p.21). Ainda hoje, para ser pajé, são necessários os testes e tais características.

Os avós, os tios e tias, e o pajé tinham importante papel na formação da identidade cultural das crianças, o que ocorre ainda hoje, como destaca a autora (ISIDORO, 2006, p.21).

Apesar de ficarem durante anos num mesmo local, esses indígenas se caracterizavam pela vida nômade e nova maloca era erguida quando encontravam espaços com mais caça ou frutos ou por motivo de morte de um membro da comunidade (ISIDORO, 2006, p.21): “Nesse caso, todos os objetos da pessoa eram destruídos – desfaziam-se, inclusive, dos animais de estimação – e só retornavam àquele local depois de muito tempo”.

1.2.4 Costumes e Celebrações

As celebrações ocorriam no período de derrubadas e colheitas, quando convidavam as malocas vizinhas e havia muita festa e comida. As festas Arara duravam vários dias e

nelas, com exceção das crianças pequenas, mulheres grávidas e lactantes, se consumia a bebida fermentada chamada *na'mek kap* ou *macaloba* (ISIDORO, 2006, p. 20).

Os casamentos eram acertados entre as famílias. O futuro genro cuidava da menina até que esta atingisse a idade para o casamento, e trabalhava para o sogro a fim de mostrar sua capacidade de prover e sustentar a mulher e os filhos. Os noivos não podiam namorar outra pessoa. O pai da noiva escolhia o dia do casamento e, nesta ocasião, o noivo dançava até de madrugada e depois atava sua rede acima da rede da noiva, o que significava a união do casal (ISIDORO, 2006, p.20).

Quanto à questão dos conflitos, o início das guerras intertribais por território pelo povo Arara iniciou-se com o processo de colonização. Com a frente de expansão se ampliando, os indígenas eram empurrados para mais perto de seus vizinhos e seus territórios iam-se estreitando, mesmo antes do contato direto com o não-indígena, o que provocou até o extermínio de algumas populações (MARTINS, 1997).

O povo Arara é conhecido como povo guerreiro e muitos dos conflitos dos Arara com outros povos indígenas, entre eles, os Urubu, os Gavião e os Zoró, ocorreram por questões geográficas. Leonel (1983, p.3) relata um desses enfrentamentos:

Os Gavião, apesar de nos anos 40 serem inferiores em número aos Arara, atacaram-nos várias vezes. A última grande investida deu-se em 1959, quando os Gavião cercaram as quatro aldeias dos Arara e Urubu, matando sete pessoas e levando algumas mulheres.

1.2.5 Vida atual

Hoje, segundo Isidoro, encontraremos os Arara em número aproximado de 200 indígenas, vivendo em duas aldeias, Pajgap e I'Târap, falantes da língua arara e a repassam às novas gerações. Eles ainda preservam seus costumes, entretanto, novos eventos e alimentos da vida não-indígena foram incorporados, como a festa junina e alimentação industrializada (ISIDORO, 2006. p. 35):

Outros elementos da cultura nacional já fazem parte da vida dos Arara, como alimentação industrializada, móveis, vasilhas e eletrodoméstico, novos cargos que vão surgindo, entre eles, agente de saúde, agente saneamento e professor.

As suas terras têm uma grande importância em suas vidas. Por este motivo, a perda das terras onde enterraram seus mortos é uma marca dolorosa entre os Arara. Eles dizem que não gostam de passar perto do local onde, segundo contam, seus pais e avós foram enterrados, e que hoje pertencem a fazendeiros.

Sobre o desenvolvimento econômico atual, Isidoro (2006) relata uma economia de subsistência:

Os Arara continuam desenvolvendo uma economia de auto-sustentação. A agricultura de subsistência é uma importante atividade econômica dessas comunidades. São ainda coletores, ou seja, adentram a mata à procura de frutas no período correspondente à safra de cada uma delas, caso da colheita de castanha. Plantam outras frutas ao redor de casa, entre elas laranja, limão, coco, pupunha etc. A pesca e a caça tornaram-se escassas devido ao desmatamento na terra indígena.

A autora faz importante alusão à necessidade de os Arara trabalhar, ou nas terras de proprietários vizinhos, em busca de salários para adquirir bens de consumo, ou nas atividades remuneradas que ocorrem na aldeias, como a função de professor, agente de saúde, agente de saneamento, e os casos de aposentados e de pagamento de salários-maternidade, o que beneficia de forma direta ou indireta todas as famílias da aldeia (ISIDORO, 2006, p. 40).

1.2.6 Situação atual da língua: fala bilíngue

De um modo geral, os Arara são bilíngues. Nas comunidades estudadas pela autora, Isidoro (2006) descreve que encontrou pessoas monolíngues, falantes apenas da língua materna Arara, pessoas bilíngues com vários graus de domínio da língua portuguesa, que falam e escrevem nesse idioma, e pessoas que falam o português e apenas entendem a língua indígena.

A língua materna é usada no espaço familiar, em reuniões, em festas, na roça e na cidade, quando conversam entre si. Ainda é empregada para as instruções e, na escola, como língua de alfabetização.

A autora relata os empréstimos linguísticos e alternância de língua, dependendo do assunto em questão daqueles a quem se dirigem.

E nota a crescente valorização cultural e linguística entre os Arara devido ao trabalho e iniciativa dos professores indígenas nas escolas e junto à aldeia.

Inserido nesse contexto está o Projeto Açaí, desenvolvido de 1998 a 2004, que despertou a consciência da importância de cada povo através da valorização da identidade étnica junto aos professores indígenas e que, após, através de suas atitudes, aos poucos, vai sendo incorporada às comunidades.

Falaremos a seguir, dos indígenas cavaleiros, os Kadiwéu.

1.3 Kadiwéu

Quanto à língua, o assunto era outro: a fonética Guayacuro traz uma sensação agradável ao ouvido: uma fala precipitada e palavras compridas, todas em vogais claras, alternando as dentais com as guturais e uma abundância de fonemas molhados ou líquidos dão a impressão de um riacho, saltando sobre os seixos, o termo atual Caduveo é uma corruptela do nome com que os índios se designam a si próprios: Cadigueodi (LÉVY-STRAUSS, 1955, p.219).

1.3.1 A língua

A língua Kadiwéu, classificada linguisticamente como língua da família Guaikuru, é uma língua aglutinante, o que quer dizer que existem muitos afixos que podem juntar-se à raiz (que tem o significado central) de uma palavra, formando palavras compridas. O resultado é que o significado de uma palavra pode incluir muita informação (GRIFFITHS, 2002, p.3).

O Kadiwéu possui diferenças entre as falas do homem e da mulher. Para Griffiths (2002, p.3), essa língua encontra proximidade, em termos das características mais comuns, à língua Toda, que ocorre no norte da Argentina.

Na opinião de Griffiths e Griffiths (1976, p.4), é relevante o trabalho de Voegelin (1965), em que o autor compara as línguas "Opaié" e "Guayacuru" como ramos de uma só família e considera a língua "Cadiveu" como um subgrupo da língua "Guayacuru", dentro do Filo "Macro Panoan", do Macro-Filo "Ge-Pano-Carib". E o posterior trabalho de Gudschinsky (1971, 1974) confirma a relação genética entre a língua Ofaié (Xavante) e as línguas Jê. Em consequência do último trabalho, Aryon D. Rodrigues (1970) inclui "Ofayé" no Tronco Macro-Jê e o Kadiwéu como língua da família Guaikuru, membro de um tronco não-classificado.

1.3.2 A História: Os índios cavaleiros

Conhecidos como *índios cavaleiros*, grande parte dessa população encontra-se ao norte do município de Porto Murtinho-MS, na Reserva Indígena Kadiwéu, com 538.535,7804 hectares, em número aproximado de 1348 indígenas e vive tradicionalmente de caça, coleta e da criação de gado (SOUZA, 2008, p. 3):

A área, denominada juridicamente *Reserva Indígena Kadiwéu*, foi homologada por intermédio do decreto Presidencial nº 89.578, de 24 de abril de 1984. Nela vive, segundo o censo Kadiwéu 1998 (Porto Murtinho, 1998), uma população de 1.348

indivíduos distribuídos, desigualmente, por cinco aldeias: Bodoquena, Campina, São João, Tomázia e Barro Preto.

Encontramos os primeiros relatos sobre os Guaikuru em Grubits e Darrault-Harris, que retomam Boggiani (1899), no qual os “Guaicurú”, juntamente com os Mbayá, são descritos como caçadores, coletores, pescadores pedestres e nômades, em constante deslocamento no Chaco, planície que cobre o Sul da Bolívia ao norte da Argentina e a leste pelas bordas do Planalto Brasileiro e a oeste nas ramificações laterais das precordilheiras (GRUBITS; DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 192):

Os Guaicurú atacavam e assaltavam os espanhóis, a cidade de Assunção e as primeiras estâncias *crioullas* em busca de alguns elementos culturais novos assimilados, como o metal para as pontas de flechas, as facas, os cavalos e cativos.

Nessa pesquisa, os autores localizaram os Kadiwéu vivendo na região sul do Pantanal Mato-grossense, com as principais aldeias a oeste de Miranda, em uma reserva sob a jurisdição da FUNAI, nos postos: Presidente Alves de Barros, Nalique, e São João, estando o principal agrupamento distribuído entre três aldeias próximas ao posto Presidente Alves de Barros (GRIFFITHS; GRIFFITHS, 1976, p. 4).

Os autores supunham uma população aproximada de quinhentos falantes Kadiwéu e relataram dificuldade para precisar este número devido às distâncias entre as casas e a quantidade expressiva de indígenas que trabalhavam em terras vizinhas, longe das aldeias, além da situação de miscigenação com não Kadiwéu (GRIFFITHS; GRIFFITHS, 1976, p. 4).

Pela habilidade com os equinos, esses indígenas tiveram papel bastante representativo na guerra do Paraguai, de onde receberam, segundo eles, a estima e consideração do Imperador D. Pedro II, responsável pela demarcação das aldeias.

Os Kadiwéu elaboram um discurso perante outras sociedades, inclusive indígena, identitariamente como guerreiros, cavaleiros, ativos participantes da Guerra do Paraguai (1864-1870) e, por essa razão, únicos beneficiários de uma suposta doação de terras por parte do Imperador D. Pedro II (suposta porque as provas documentais que comprovem tal doação jamais foram encontradas). (SILVA, 2007, p.2).

Do mesmo modo que os Kadiwéu, outros grupos indígenas do nordeste brasileiro, como os Kariri-Xocó, de Alagoas, afirmam que a posse das terras que habitam foi confirmada pelo Imperador (SILVA, 2007, p.5).

E, apesar do sabido reconhecimento do Imperador D. Pedro II pela participação na Guerra do Paraguai, não há tal comprovação documental. Siqueira (1993) levanta que

“Alguns Kadiwéu especulam a existência de um documento assinado pelo Imperador, que estaria muito bem guardado (embora ninguém saiba onde), confirmando a posse do território aos Kadiwéu (SIQUEIRA JR., 1993, p. 214-215)”.

Todavia, a única referência encontrada sobre tal ligação dos antigos *Mbayá-Guaikuru* com o Imperador é citada abaixo, em texto de Davis Ribeiro de Sena, publicado na *Revista do Exército Brasileiro*, descrita no trabalho de Silva (2007, p.4):

O Imperador D. Pedro II estava tão certo da influência decisiva dos intrépidos índios cavaleiros nessa incorporação, que recomendava, com particular carinho e elevada gratidão, aqueles silvícolas amigos, como o fez ao General Mello Rego, quando este regressava de Cuiabá, depois de cumprido seu período de governo: – “Como vão os meus amigos Guaicurus? Que notícias me dás deles?” E ao saber que viviam dispersos e caminhavam fatalmente para a extinção: – “Eles muito me merecem e, ao menos por gratidão, não deveríamos deixá-los chegar a esse estado”.

Em Souza (2008, p.59), encontramos o relato de que os *Mbayá-Guaikuru* eram conhecidos pela alcunha de “índios cavaleiros” por todos aqueles que cruzaram seu território, em plena expansão geográfica para o oeste do Brasil, através do rio Paraguai e seus afluentes. Souza retoma a fala do historiador Sérgio Buarque de Holanda, referindo-se aos *Guaikuru*:

Outro embaraço nada desprezível era a presença, nas campanhas, do terrível gentio Cavaleiro ou Guaicuru, que se opunha a qualquer intrusão nos seus domínios (HOLANDA, 1990, p. 86).

Em 1898, os Kadiwéu aliaram-se a uma das facções coronelistas (a de Antônio Pedro Alves de Barros) que disputavam o poder no Estado, com o intuito de se contraporem à aliança governista com o coronel Malheiros, que os reprimia violentamente. Mais uma vez, entre o fogo cruzado, os indígenas buscaram refúgio nas cercanias da Serra da Bodoquena, onde se concentram seus remanescentes até os dias atuais (SILVA, 2007, p. 7).

Apesar de sofrerem significativas baixas no conflito, com a vitória de seus aliados passaram a gozar de relativa proteção governamental e foram contemplados, como forma de pagamento pelos serviços prestados, com a criação da reserva indígena.

Em 1899, o governo de Mato Grosso ordenou a delimitação de terras, ratificada posteriormente em 1931. E iniciava-se o regime de aldeamento e o processo de sedentarização dos Kadiwéu. Ainda após a homologação, em 1984, a área delimitada foi alvo de várias investidas de ocupação (SILVA, 2007, p. 24).

Na opinião de Silva, o processo de sedentarização, a interferência do SPI e a invasão de fazendeiros são as influências mais significativas na forma com que os indígenas passaram a se relacionar com o espaço.

Segundo o autor, a *Reserva Indígena Kadiwéu* representa pequena porção da imensidão territorial ocupada pelos ancestrais *Mbayá-Guaikuru*, sobre as quais, “ao longo do século XX, os Kadiwéu procuraram constituir social e culturalmente um território, quer no plano físico, quer no simbólico”. E, apesar disso, a sociedade não-indígena ainda conserva um discurso de que os Kadiwéu possuem mais terras do que necessitariam (SILVA, 2007, p. 24).

O autor cita Darcy Ribeiro (1980, p.24), em sua passagem pelas aldeias Kadiwéu no final da década de 1940, e apresenta o discurso do indígena *Edu-adig*, de um passado guerreiro, de grandes conquistas territoriais e da aquisição de cativos (SILVA, 2007, p.3): “este mundo todo foi nosso: tereno, xamacoco, brasileiro, paraguaio, todos foram nossos cativeiros, hoje estamos assim”.

De acordo com o discurso indígena retomado por Silva (2007, p.6), Siqueira Júnior (1993, p. 198), dividiu em cinco fases o controle do espaço territorial Kadiwéu: a primeira trata do período anterior a sedentarização, o período das caçadas, hábitos alimentares e viagens. O segundo começa com a participação dos Kadiwéu na Guerra contra o Paraguai e com o fato de terem ganhado o território do imperador D. Pedro II. O terceiro trata da ocupação e defesa desse território. O quarto período representa a presença do SPI, e posteriormente FUNAI, e a interferência que isto representou na relação dos Kadiwéu com o espaço e o ambiente. O último período constitui-se da fase atual, embasado na necessidade de reorganização da relação territorial e com as perspectivas atuais e futuras.

1.3.3 Organização e economia

As aldeias eram semi-sedentárias e as mudanças de localidade ocorriam em busca de maior abundância, de caça e frutos, e de acordo com as cheias dos rios. O espaço limpo em frente às casas era marcado pelas atividades sociais, como festas, jogos, cerimônias e lutas. O terreno dos fundos era utilizado para tarefas domésticas, onde também ficava a fogueira para cozinhar (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 193).

O papel da mulher é destacado como ceramista, cabendo a elas a atividade artística. Ao homem coube a atividade de caça, pesca e cuidados com o gado (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 196).

Os mortos eram sepultados em *napiog*, que eram construções divididas por postes pequenos ou estacas, em que os espaços eram demarcados para cada família (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 193).

As armas, adornos e mesmo cavalos eram sepultados com os guerreiros. Como acreditavam na vida após a morte, sobre a sepultura depositavam esteiras, cântaros, utensílios, cuias e alimentos, que eram renovados (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 194).

Quanto ao desenvolvimento econômico, os Kadiwéu caracterizam-se pelo desenvolvimento da cultura de subsistência, do mesmo modo que os Arara

O registro do cultivo agrícola ocorre a partir do século XIX e o que a tribo não produzia se obtinha junto a outros grupos indígenas; no entanto, tais produtos não detinham o mesmo destaque na alimentação dos Kadiwéu (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 194).

No trabalho de Grubits e Darrault-Harris encontraremos a reserva de Bodoquena em 2003, com cerca de 538.000 hectares, dos quais 158.000 ainda em litígio com fazendeiros da região. Em número de 2008 habitantes, os Kadiwéu são apresentados vivendo em área preservada de exuberante flora e fauna e de difícil acesso, distante 48 km do município mais próximo, Bodoquena (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 192).

A caça, pesca e pecuária ainda são as atividades predominantes, e os autores destacam o difícil acesso aos meios de comunicação e às cidades mais próximas e a beleza e conservação das riquezas naturais (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 194).

1.3.4 Vida atual: atitudes preservacionistas

Na abordagem de Grubits e Darrault-Harris, encontramos interessante narrativa sobre a atitude preservacionista das crianças Kadiwéu, que os levaram a concluir que, para o povo Kadiwéu, os costumes e a identidade são fortemente preservados, posto que, em grupo ou individualmente os Kadiwéu são a identidade de sua própria etnia (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 197):

Quanto aos Kadiwéu, toda produção infantil, desenhos, pinturas, modelagens, até agora analisadas, representam o ambiente natural, flora e fauna, principalmente, a fauna, com intensidade de cores diversificadas e a cerâmica, conhecida e divulgada nos meios acadêmicos e mesmo na mídia nacional e internacional.

Ressaltamos aqui a hipótese de que a cor, desenhos e objetos da cerâmica, trabalhos em couro e desenhos corporais, constituírem uma verdadeira marca, ou signo Kadiwéu, acompanhando a construção da identidade deste povo, presente em diferentes formas, não só nos trabalhos infantis, como na decoração da fachada da escola, camisetas dos alunos e mesmo já difundidos por todo Estado de Mato Grosso do Sul, não só os desenhos e pinturas, como também os nomes Kadiwéu e Guaicuru (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, 2003, p. 196).

Um novo aspecto da relação dos Kadiwéu com a terra e o poder é levantado por Silva (2007, p. 7), citando o trabalho de Siqueira Jr (1993) que relata a ocorrência de divisão de terras no interior da *Reserva* em fazendas, pelos membros do grupo:

A forma de apropriação das fazendas arrendadas pelos Kadiwéu, espelha aspectos da antiga divisão territorial entre os “cacicatos”, tendo em vista que o controle que predomina atualmente sobre estas terras arrendadas pertence justamente às famílias de líderes e chefias da área, e que também descendem do antigo estrato dos Otagodepodí² (SIQUEIRA JR., 1993, p. 195).

Notamos aqui, a questão de preservação ética e a luta pela terra como princípios centrais dos Kadiwéu; mesmo que não de forma armada, a luta interna e jurídica continua.

1.3.5 Situação atual da língua

De acordo com Glyn e Cynthia Griffiths (1976), o número de falantes da língua Kadiwéu em 1973, no sul da serra da Bodoquena, era de 500 pessoas, das quais 70 % eram bilíngues.

Mais recentemente, Souza (2009) aponta um número de cerca de 1000 falantes da língua kadiwéu. E chama a atenção para a crescente influência do português na língua, principalmente entre as crianças, que tomam o português como única língua, sobretudo entre aquelas crianças oriundas de casamentos interculturais, o que coloca a língua kadiwéu em grande risco de desaparecimento.

² Otagodepodí: “senhores”. Palavra que designa senhor ou patrão (SOCIEDADE INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 2002) em nota de Silva (2007, p. 8).

1.4 Karitiana

Da sua efêmera experiência de civilização, os indígenas apenas conservaram o vestiário brasileiro, o machado, a faca e a agulha de costura. Quanto ao resto, foi um fracasso total. Tinham-lhes construído casas, viviam fora delas. Tinham-nos obrigado a fixarem-se em aldeias, continuavam, no entanto a serem nômades. Tinham partido as camas para acender fogueira e deitavam-se à mesma no chão. Os rebanhos de vacas, enviados pelo governo, vagueavam a sorte, pois os indígenas repeliam enojados a sua carne e o seu leite (LÉVY-STRAUSS, 1955, p.195).

1.4.1 A Língua

Pertencendo ao Tronco linguístico Tupi, a língua Karitiana é a única sobrevivente da família Arikém, composta por duas outras línguas, Arikém e Kabishiana, que desapareceram como grupo na primeira metade do século XX (Rodrigues, 1986). Os Karitiana atuais reconhecem-se como a fusão de dois grupos minimamente distintos, os Karitiana e os Juari, falantes de um dialeto muito próximo ao Karitiana e que, por estarem em um grupo menor, uniram-se a eles (VELDEN, 2010, p.56).

Presentemente, encontramos os indígenas Karitiana vivendo em três aldeias, *Kyōwã*, *Myniwin* e *Byyjtty ot'soop'waky*, e nos municípios de Porto Velho e Cacoal, no estado de Rondônia. A maior concentração de pessoas está na aldeia central *Kyōwã*, localizada nas coordenadas: S 09° 17' 44,5" e W 064° 00' 11,7", nas Terras Indígenas Karitiana (VELDEN, 2010, p.56)(CAO;INF;MPE-RO, 2005, p.3)³.

Em relatório do Ministério Público do Estado de Rondônia, MPE-RO, do Centro de apoio operacional da infância e juventude, CAO e da Defesa dos usuários dos serviços de educação, INF (2005, p.3), os Karitiana são descritos como um grupo do estado de Rondônia ainda pouco estudado. E que, nos últimos anos, reivindicam a ampliação de sua Terra Indígena e o investimento na educação escolar, dando ênfase ao ensino da língua Karitiana e à valorização dos costumes e histórias que os particularizam como povo (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p.3):

A intenção do grupo Karitiana é sem dúvida recuperar ao menos parte de seu território tradicional, com a ampliação da Terra Indígena pois existe no seio do grupo o senso comum da importância histórica e simbólica dessa necessidade. Os membros do grupo são unânimes em destacar o esgotamento das reservas de caça e pesca no interior da área. A ampliação do território garantirá aos Karitiana uma reserva inestimável de recursos, necessária ao bem-estar do grupo (CAO;INF;MPE-RO, 2005, p.8).

³ O Documento, apesar de completo, não traz o ano determinado de sua criação. Inferimos que, de acordo com a página 7 do presente relatório, o ano de sua execução deva ser 2005 e adotaremos a data. O documento poderá ser acessado através das referências finais.

1.4.2 A História

Os dados históricos apontam os rios Jamari, Candeias e Jaci-Paraná e seus afluentes, na região do alto do rio Madeira, como o território de ocupação tradicional dos Karitiana. Os primeiros relatos foram feitos por Rondon, em 1907 e, segundo o autor, os indígenas já estavam trabalhando para caucheiros bolivianos, que ocupavam a região desde meados de 1860 (RONDON, 1907, p. 329). Em 1909 é atribuído aos Karitiana um ataque à expedição exploratória da Comissão Rondon no rio Jaci-Paraná, que pretendia mapear a região (PINHEIRO, 1910, p. 9).

De acordo com Velden, que nos descreve um cenário de limitação territorial imposta aos Karitiana, desde os caucheiros bolivianos até a construção da rodovia BR-364:

Os Karitiana foram confinados entre os vales dos rios Jaci-Paraná (a oeste) e Candeias (a leste) por força de duas frentes de penetração. Primeiro a dos caucheiros bolivianos, que penetram na região a partir da segunda metade do século XIX (MEIRELES, 1984; MOSER, 1993). Depois, aquela aberta com a construção da linha telegráfica do Mato Grosso ao Amazonas pela Comissão Rondon, que segue, *grosso modo*, o traçado do rio Jamari até Santo Antônio do Rio Madeira e Porto Velho (às margens do rio Madeira) e que abrirá caminho para a futura rodovia BR-364 (VELDEN, 2010, p.57).

Em 1957, através de três missionários salesianos que visitaram a Maloca de Limoeiro, às margens do rio Candeias, foram divulgados os primeiros dados etnográficos do grupo (HUGO, 1959, p. 259-261). O contato com o SPI, Serviço de Proteção ao Índio, ocorreu por volta de 1965 e 1967 na região do alto rio das Garças (MONTEIRO, 1984, p. 42-50) e registrou uma população de 45 pessoas.

A homologação das Terras Indígenas Karitiana ocorreu em 1986, com 89.682,1380 hectares e foi realizada pelos técnicos do órgão indigenista SPI. Entretanto os Karitiana criticam a demarcação, alegando que o território tradicional Karitiana seriam as terras do vale do rio Candeias, que estão externas ao perímetro demarcado.

1.4.3 População

Em agosto de 2003, a população Karitiana na aldeia central era estimada em cerca de 320 falantes. O relatório faz menção ao trabalho de Velden (2003) que, no mesmo ano, registra a presença de 270 indígenas, dos quais cerca de 230 residiam na aldeia Karitiana e

outros 40 indígenas estavam distribuídas nas cidades de Porto Velho e Cacoal (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p.7).

Em 2009, Velden relata que o número de Karitiana corresponde a aproximadamente 350 indígenas, distribuídos nas três aldeias já citadas e nos municípios de Porto Velho e Cacoal, RO (VELDEN, 2010, p.56).

Para o CAO, as estatísticas dos anos de 1994 a 2005 apontam um crescimento populacional de sessenta pontos percentuais (60%), o que elimina o fantasma da extinção (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p.8).

1.4.4 Crença e mito Karitiana

Os Karitiana acreditam que o universo é dividido em várias camadas: duas delas são subterrâneas e formadas de água; na superfície do mundo, habitado pelos humanos e demais viventes, está a camada *ejepi*; e ainda há as camadas celestes, em número de três.

Para eles, a pessoa possui quatro espíritos (ou almas), que se espalham em direções diferentes no momento da morte, seguindo destinos distintos (VELDEN, 2010, p.59).

Há uma crença segundo a qual diversas enfermidades procedem de eventos etéreos: espíritos malignos, que habitam redemoinhos de ventos ou que “estão no ar” (no primeiro céu de sua cosmografia - *myhint pampi*) provocam doenças ao se “encostarem” nas pessoas. Os odores nauseabundos, cheiro de sangue (*ge opira*) e podridão também são associados ao espírito dos mortos (VELDEN, 2010, p. 58).

A fumaça também é sinal de agouro, principalmente aquela produzida por artefatos introduzidos pós-contato, vindas de fósforos, cigarros, motores de veículos, motosserras, geradores, como também as provocadas por atividades urbanas, em indústrias e na mineração (garimpo). Muitas doenças ocasionadas pelo contato são atribuídas à fumaça em grande quantidade provocada pelos “brancos”, inclusive de caráter epidêmico. Para eles a “doença tem veneno e está no ar” (VELDEN, 2010, p.58).

O autor evoca o relato Karitiana sobre a abertura da estrada ligando a cidade de Porto Velho à aldeia Karitiana *Kyōwã*, como facilitadora para que a fumaça produzida na cidade, que viaja ao sabor das correntes de ar, desembocasse na aldeia trazendo consigo o não-indígena e também os seus vapores e odores venenosos, causando a degeneração dos corpos indígenas que se sentem “mais baixos, fracos, alquebrados e completamente à mercê das ameaças representadas pelos espíritos das doenças” e, no passado (no *tempo antigamente*), seus corpos eram altos, fortes, duros e incansáveis (pois estavam protegidos

pelo isolamento criado pela floresta); destruída a barreira formada pela mata, os efeitos da fumaça e dos instrumentos dos brancos (o mesmo ocorre para os novos alimentos introduzidos, como o sal, o açúcar, as bebidas alcoólicas e a carne de animais domesticados) trouxeram odores e enfermidade, a *kida oti sara*, chamada por eles de *doença brava* ou *doença de branco* (VELDEN, 2010, p. 58).

A seguir, discorreremos sobre a influência evangelizadora e a luta pela reestruturação social do tempo antigo na comunidade Karitiana.

1.4.5 A Evangelização

O início da influência evangelizadora sofrida pelos Karitiana coincide com a chegada do casal de missionários linguístas David e Rachel Landin, ligados ao *Summer Institute of Linguistics* (SIL) e à Igreja Batista da Filadélfia, na aldeia Central Karitiana, que ocorreu no limiar da década de 70. O casal partiu em 1978 e, na década seguinte, foram fundadas as primeiras igrejas conduzidas por indígenas e seguidoras dos textos do Novo Testamento traduzidos por Landin (VELDEN, 2010, p. 60).

O autor registra que na presente década há três igrejas em *Kyōwã*, sendo uma Assembléia de Deus e duas batistas, todas supervisionadas por pastores indígenas, com cultos celebrados na língua indígena. A nova religião congrega mais da metade da população local e muda o foco da liderança tribal. Com ela, os pastores passam a assumir papel de destaque na comunidade.

Isso foi então repellido pelo antigo líder espiritual, o Pajé Cizino e um grupo ligado a ele, formado por seus irmãos e genros. Eles colocaram-se em oposição a tal movimento religioso e continuaram com as práticas culturais tradicionais, cujo ponto sensível é a prática xamânica (VELDEN, 2010, p. 60).

Tal grupo é chamado entre os Karitiana de “povo do pajé”, em oposição ao “povo do pastor” ou “crentes” e, apesar de manifestarem divergências mínimas na questão mítica, as diferenças são gritantes na conduta pessoal, sobretudo naquelas relativas às festas e à música, ao consumo de álcool e tabaco, ao modo de trajar e ao comportamento quando na cidade ou na presença dos brancos (VELDEN, 2010, p. 60).

Por sua vez, os pastores passaram a manifestar forte oposição às práticas xamânicas, causando confronto direto com o Pajé Cizino e seus seguidores.

Esta situação e o desejo de reaver as terras às margens do médio rio Candeias, onde nascera boa parte do grupo indígena e onde estão enterrados os seus antepassados, levou o Pajé Cizino a empreender a retomada do leste no ano de 2004:

Cizino e um grupo de seguidores rumaram para o nascente pelo meio da mata – segundo os Karitiana, sempre houve uma trilha ligando a aldeia de *Kyōwã* às margens do Candeias –, atravessaram a Serra Moraes – saindo, portanto, dos limites da terra indígena – e estabeleceram-se próximo à cachoeira de São Sebastião (já em terras do município de Candeias do Jamari-RO). Ali, cruzando para a margem direita do rio, o grupo desmatou uma área e levantou uma imponente maloca – *ambi atana* (“casa redonda”) –, no estilo das casas tradicionais que há muito tinham deixado de serem construídas (VELDEN, 2010, p. 60).

Com a retomada do território fora da demarcação oficial, a FUNAI viu-se obrigada a atender à reivindicação e, através da Portaria 361, de sete de maio de 2003⁴, um grupo de trabalho foi encarregado de realizar os estudos para a revisão da área.

A inclusão definitiva da área ocorreu com a ampliação de 30 mil hectares às terras Karitiana.

Os fazendeiros locais queimaram a maloca, espalhando medo entre os Karitiana. Mas Cizino comandou a reconstrução da maloca que, sob a proteção da FUNAI regional, permanece lá até os dias de hoje e vem conquistando paulatinamente uma melhor estrutura. Infelizmente, até o final de 2009, os limites da terra indígena ainda não haviam sido oficialmente revistos e o grupo de trabalho da FUNAI estava desfeito sem concretizar seus objetivos.

Ilustraremos com a descrição de Velden para o acontecido e o entusiasmo através do rádio:

Entretanto, melhor seria falar em *entusiasmo*: durante os contatos via rádio entre as duas aldeias, sempre na língua nativa e correndo por fora dos horários de transmissão que conectavam as estações nas aldeias com a central em Porto Velho, os moradores da aldeia nova contavam com evidente contentamento – e os residentes em *Kyōwã* estavam ansiosos por saber sobre a abundância na qual viviam ali: as terras eram férteis e estavam respondendo muito bem às primeiras atividades

⁴ O autor data a invasão de Cizino de 2004 e a Portaria da FUNAI em 2003, o que nos pareceu incoerência. Todavia a mesma data foi encontrada no sítio da FUNAI. Descreveremos a seguir o trecho relativo ao episódio:

Em 2003, a Funai – por meio da Portaria 361, de 7 de maio – criou um grupo de trabalho encarregado de realizar os estudos para a revisão dos limites da terra e sua ampliação em 30 mil hectares (85% no limite leste e 15% no nordeste), o que levaria à inclusão definitiva da zona do rio Candeias recém-ocupada pelo grupo de Cizino (FUNAI, 2003).

agrícolas; havia muitas frutas recolhidas nas matas; a pesca era farta e os peixes do Candeias, enormes; a caça muito abundante, rápidas incursões pela mata produziam matanças fartas de pacas, porcos-do-mato e principalmente macacos, a carne mais apreciada pelos Karitiana. Tudo isso complementava a beleza do local, além da clara satisfação em voltar a habitar um território que haviam perdido há décadas e pelo qual ansiavam pelo mesmo tempo: o tempo todo, os indivíduos mais velhos em *Kyōwã* relembavam a vida por lá quando eram crianças, os locais em que viveram, nomes de velhas aldeias, locais de morte e enterro de parentes (VELDEN, 2010, p. 61).

1.4.5 O retorno a antigas práticas: o mito da origem Karitiana

Cizino deu à nova aldeia o nome de *Byyyjty ot'soop'waky*, literalmente “os cabelos de Byyyjty”. Na língua Karitiana *Byyyjty* é uma divindade do *tempo antigamente*, que faz parte do mito de origem do povo Karitiana. No mito, *Byyyjty*, neto de Botyj, o grande criador do universo, corta seus cabelos e deposita tufo dele em pequenos cestinhos de palha, que são depois espalhados pelo território dos vales dos rios Candeias, Jamari e Branco; desses cabelos nasceram os Karitiana. Segundo Velden, na onomástica karitiana, os nomes são transmitidos entre gerações alternas, e um avô costuma dizer que seu neto é seu “eu novo” ou “eu renovado”. Os Karitiana associam explicitamente Botyj e *Byyyjty* (VELDEN, 2010, p. 61).

Na nova aldeia, Cizino decidiu resgatar a forma de vida e as práticas sociais abandonadas, fazendo com que os Karitiana voltassem a viver “como no tempo antigamente”.

Ele dizia que “coisa de branco não vai ter na aldeia nova”, referindo-se à utilização de armas de fogo, roupas, eletrodomésticos, veículos, e mesmo cachorros; voltariam a andar nus e a falar apenas a língua karitiana e a religião seria apenas a tradicional. Ao que Velden se contrapõe da seguinte forma:

O desejo reformista – ou refundacionista – de Cizino e dos seus não durou muito. Rapidamente o grupo percebeu que o longo tempo de convívio com os brancos e suas coisas já tornara estas últimas indispensáveis: como voltar a caçar com arcos e flechas se poucos homens ainda sabiam manejá-los? Como andar nus se a aldeia era a todo o momento visitada por homens brancos? Como desprezar os cachorros, auxiliares valiosíssimos na perseguição das presas?

Como viver sem dinheiro em um mundo em que tudo gira em torno dele? O caminho em direção ao *tornar-se branco* já fora longamente trilhado (VELDEN, 2010, p. 62).

Outro acontecimento presentificado pelo autor é que parte da população Karitiana, que se identifica como descendente dos Juari, passou a manifestar descontentamento com as condições sociais e política em *Kyōwã* e, surge então a aldeia Juari, por iniciativa de Antenor, uma importante e conhecida liderança karitiana. Então, em julho de 2008, Antenor com cerca

de cem pessoas rumam para o Igarapé Preto, local onde se instalara uma fazenda de gado desde 1996, e reocupam o território tradicional de uma antiga aldeia, chamada *Myiniwin* (VELDEN, 2010, p. 62).

Subentendendo uma nova divisão entre os Karitiana. Entretanto, Velden (2010, p.62) afirma que apenas umas 20 pessoas, de quatro grupos domésticos trabalham efetivamente na consolidação da aldeia, embora ainda passem a maior parte do seu tempo em Porto Velho, uma vez que as estruturas em *Myiniwin* ainda são precárias. E afirma que os Karitiana continuam atuando como um grupo coeso e, tanto no cotidiano dos indígenas, quanto no cenário local mais amplo, o nome *Juari* parece não surtir grande efeito.

A seguir, apresentaremos trechos do Relatório de Vistoria realizado na aldeia Indígena Central dos Karitiana a fim de considerarmos alguns aspectos atuais culturais e sociais da comunidade indígena Karitiana.

1.4.6 Organização e economia

As tarefas da aldeia central são divididas segundo orientação da liderança indígena. Enquanto alguns membros da tribo saem para caçar, armados de velhas espingardas de caça calibre 28, outros se deslocam da aldeia para os roçados montados em suas bicicletas (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 15).

Ao adentrar a aldeia, os relatores fazem a seguinte observação do lugar:

A aldeia: Localizada em terreno plano e recortada por um igarapé denominado Sapoti, o núcleo da aldeia indígena Karitiana encontra-se espalhado por área de aproximados cinco hectares. A aldeia é circundada por espaços abertos com resquícios de capoeira e de pequenos nacos de terras recentemente tombadas para o plantio de culturas de subsistência. Na praça principal sob diversas árvores frutíferas tais como jaqueiras, ingás, goiabeiras, diversas habitações disputam com tais árvores esse espaço físico, sem, contudo obedecerem a critérios geométricos de divisão espacial tão comuns no planejamento de nossas cidades (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 6).

Na relação familiar, o homem é o chefe da família e pode viver com mais de uma esposa e todos convivem na mesma casa. Mas, apesar da tradição poligâmica, os Karitiana adotam, cada vez mais, a monogamia. Talvez por influência dos novos costumes adquiridos (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 19).

Eles também observam que, algumas festas da cultura tradicional são preservadas, mas muitos costumes, inclusive religiosos, foram contaminados pela cultura ocidental. (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 19).

Em relação ao desenvolvimento econômico, segundo relatório CAO; INF; MPE-RO (2005, p.15), a dependência de gêneros alimentícios e bens industrializados forçam os Karitiana a comercializar em Porto Velho parte do que conseguem produzir em suas atividades agrárias, venda de artesanato e sementes para bio-joias. O artesanato é comercializado através da Associação do Povo Karitiana (*Akot Pytim'adnipa*).

Parte dos recursos conseguidos com eles é destinada à compra de óleo diesel que alimenta o gerador de energia elétrica e outra para a aquisição de alimentos. Muitos Karitiana proveem seu recurso da função de funcionário público.

1.4.7 Vida atual

Os karitiana possuem automóvel e, segundo o relatório, vão com frequência à cidade de Porto Velho, onde se alojam na CASAI – Casa do Índio, mantida pela FUNAI (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 20).

Um fator que chamou a atenção dos relatores foi a alimentação que, com exceção do cultivo da macaxeira e da caça (também bastante restrita), é adquirida na cidade. Também na medicação, a comunidade karitiana optou pelos remédios alopáticos, fornecidos em Postos de Saúde, em vez dos remédios naturais. Mas algumas famílias ainda consultam o *pajé* quando percebem que o remédio alopático não surte o efeito desejado (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 20).

1.4.8 Habitat

Há três tipos de habitação na aldeia central: taipa, alvenaria e madeira. Algumas famílias ainda vivem em casas construídas em taipa, palha e barro, onde moram o chefe de família, com uma ou mais esposas, os filhos e seus pais (uma das poucas características tradicionais indígenas remanescentes). Mas são frequentes as construções em alvenaria, com cobertura de fibro-amianto. Na aldeia central, os Postos de Saúde, escola e igrejas locais são de alvenaria (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 20).

1.4.9 Situação atual da Língua: aspectos pedagógicos

Na aldeia central todos já falam o português, além da língua nativa. Os professores da aldeia são indígenas da mesma etnia, formados pelo Projeto Açaí⁵.

De acordo com o relatório (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p.22), eles não recebem nenhum tipo de orientações ou acompanhamento na escola das Secretarias Estaduais ou Municipais e as aulas são ministradas através de escassos livros existentes na escola e conforme as experiências vivenciadas em sala de aula.

Inquiridos sob a oferta na aldeia da continuidade do ensino fundamental, ou seja, do 6º ano, relataram que as aulas se iniciaram através de módulos, com somente duas disciplinas Língua Portuguesa e Biologia e dois professores, sendo que um desses foi disponibilizado à escola pelo CIMI – Conselho Indigenista Missionário e o outro pela SEDUC (Secretaria Estadual de Educação).

O problema relatado foi que raramente são convidados a participarem de reuniões na SEMED (Secretaria Municipal de Educação) ou SEDUC, sejam essas de cunho pedagógico ou administrativo e demonstraram claramente a vontade de participar dos eventos (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 25).

O relatório conclui que a presença de novos costumes e hábitos e o permanente contato dos indígenas com a vida urbana em Porto Velho alteraram de forma expressiva a cultura karitiana (CAO; INF; MPE-RO, 2005, p. 26).

Da mesma forma, os remédios naturais foram substituídos pelos alopáticos e a língua materna vem perdendo lugar para a língua portuguesa.

⁵ O Projeto Açaí foi realizado em julho de 2003, teve como meta consolidar um programa de educação para as populações indígenas de Rondônia, através da elaboração e sistematização de uma proposta coerente com a realidade e contexto educacional destas populações, propiciando orientações aos professores indígenas quanto a utilização de seus processos próprios de ensino e aprendizagem para preservação e transmissão dos conhecimentos etnolinguísticos e culturais, garantindo a autonomia da escola indígena, de modo que atendam às demandas das comunidades indígenas e às exigências legais para atuação docente.

1.5 Parintintín – Kagwahiva

1.5.1 A Língua

A língua Parintintín é oriunda da família Tupi-Guarani e é falada pelos Parintintín e Tenharim, que se autodenominam *Kagwahiva*. Nesse mesmo tronco linguístico e com a mesma autodenominação são citados os Jahoi, Tenonde, Uru-eu-wau-wau, Juma e Amondawa (KUROVSKI, 2009, p. 62).

De acordo com Rodrigues (1986, p.39), as línguas Uru-eu-wau-wau e Parintintín são classificadas como línguas diferentes entre si.

Em Sampaio (1997, p. 10), encontramos os Uru-eu-wau-wau Amondawa, considerados como indígenas Tupi aparentados dos Parintintín e Tenharim, que se autodenominam *Kawahiva* e *Kawahib*, respectivamente. Na análise comparativa da fonologia entre o Parintintín e o *Uru-eu-uau-uau* (Amondawa), a autora encontrou apenas diferenças linguísticas de ordem dialetal.

Notamos aqui as diferenças de grafia entre Kurovski (2009) e Sampaio (1997), nos termos *Kagwahiva* e *Kawahiva* que, em nosso entendimento, são equivalentes, mas manteremos as diferenças de acordo com as autoras e, em nosso trabalho, adotaremos o termo *Kagwahiva* para denominar o grupo de falantes do Parintintín.

Conforme Sampaio, os grupos Parintintín, Tenharim, Uru-eu-uau-uau e Amondawa formavam um só povo no passado. A autora pressupõe sua fragmentação e ilustra isso com a fala de um indígena que admite a proximidade linguística, mas se reconhece e se identifica, enquanto grupo, como povos diferentes entre si: “aditem a intercompreensão linguística, mas afirmam falarem diferente uns dos outros (SAMPAIO, 1997, p.11)”.

A autora retoma Rodrigues (1986, p.39), para considerar, a princípio, que o Parintintín é falado pelos indígenas Parintintín e Tenharim, do sul do Amazonas, enquanto o Uru-eu-wau-wau é falado pelos Uru-eu-wau-wau e Amondawa, da região central de Rondônia.

Os povos Jahoi, ou Jiahui, segundo Peggion (1997), e os Juma são, também, considerados como um subgrupo *Kagwahiva*. A comunidade Jiahui é composta por 97 falantes (FUNASA, 2010). Os Juma, também denominados *Yuma*, hoje são constituídos por apenas quatro indivíduos (LUCIANA FRANÇA, 2010 de acordo com PEGGION, 2002):

Os Juma pertencem a um conjunto de povos falantes da família linguística Tupi-Guarani denominado Kagwahiva. No século XVIII, é provável que os Juma somassem de 12 a 15 mil índios. Após sucessivos massacres e a expansão das frentes extrativistas, se viram reduzidos a poucas dezenas na década de 1960. Em 2002 restavam apenas cinco indivíduos: um pai com suas três filhas e uma neta (PEGGION, 2002).

Para Sampaio (1997, p.18), Betts, autora do Dicionário Parintintín/Português, Português/Parintintín utilizado em nosso cópús, juntamente com Pease, com a qual Betts desenvolveu estudos linguísticos sobre o Parintintín/Tenharim, desde o início dos anos sessenta, são as responsáveis pela alfabetização e confecção de cartilhas em língua materna para os falantes Parintintín.

A propósito das semelhanças entre Parintintín e Uru-eu-uau-uau, a autora acredita que não há diferenças no sistema fonológico de ambos, no nível de fonemas, e no sistema vocálico, mas, em relação aos sistemas consonantais, repousa uma diferença na realização fonética de alguns segmentos (SAMPAIO, 1997, p. 49) e concluiu que, devido ao pequeno percentual de diferenças fonéticas e as poucas diferenças lexicais, todos são falantes de um mesmo idioma. E que as diferenças idiomáticas representam um elemento de identificação sociopolítica para indígenas Tenharim, Parintintín, Uru-eu-uau-uau e Amondawa, nas quais cada um deles se baseia e se identifica como povo singular (SAMPAIO, 1997, p. 86).

A seguir, abordaremos a história dos falantes Parintintín e Tenharim, que se consideram falantes do Parintintín.

1.5.2 A História

A história dos falantes do Parintintín é também a história de dois povos que se distam em alguns aspectos geográficos e culturais e, desse modo, nossa narrativa se bifurcará na história dos Parintintín e Tenharim e se reunirá à frente para descrever a ruptura econômica e sócio-cultural causada pela construção da transamazônica e o sistema das metades exogâmicas, assimilados por ambos.

1.5.2.1 Os Parintintín

Os Parintintín, em número aproximado de 150 falantes, estão espalhados em aldeias ao sul do Amazonas, às margens direitas dos rios Madeira e Maici e ao norte da Transamazônica. O primeiro contato pacífico ocorreu em 1922, por Nimuendajú (SAMPAIO, 1997, p.1).

Conforme Kracke (2005), há registros escassos sobre os Parintintín, sendo os primeiros relatos sobre seus ataques ao longo do rio Madeira. E, para o autor, “quando os Parintintín foram *pacificados*” seu território se estendia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, a leste do rio Maici.

O autor também sugere semelhanças fonéticas com os *Urubu Ka'apor* do Maranhão e a origem costeira das duas nações:

confirmada por narrativas orais sobre uma jornada rio acima de uma “terra sem água” até sua localização presente, atravessando uma área extensa em que não se via margens por dois dias (possivelmente o baixo Amazonas) (KRACKE, 2005).

Conforme o autor, considerando dados informados pela FUNAI, a maioria da população habita em duas Terras Indígenas no município de Humaitá, no estado do Amazonas: na Terra Indígena Ipixuna, que em 1999 era habitada por 54 falantes; e na Terra Indígena Nove de Janeiro, que, em 2000, residiam 80 falantes (KRACKE, 2005).

Durante o final do século XIX e início do XX, ocorreram vários enfrentamentos dos Parintintín com seringueiros ao longo dos 400 km do rio Madeira. Tais conflitos foram posteriores ao enfrentamento com os Munduruku e portugueses, o que resultou no deslocamento dos Parintintín do rio Tapajós até a região do Madeira (KRACKE, 2005).

A divisão do grupo ocorreu, segundo Kracke (2005), no final do século XIX, quando o chefe dos Parintintín era *Byahú* e, após sua morte (em uma emboscada de um *Pirahã*), eles se desmembraram em subgrupos: o primeiro, encabeçado pelo filho de *Byahú*, *Pyrehakatú*, subiu ao vale do Ipixuna; o segundo grupo foi liderado por *Diai'í* e se deslocou até a região do alto Maici, onde Nimuendajú estabeleceu seu posto de pacificação; um terceiro grupo rumou para o sul, perto da boca do rio Machado, liderado por Uarino "Quatro Orelhas" (KRACKE, 2005).

Após a pacificação, os postos do SPI, Serviço de Proteção ao Índio, se instalaram no local até o ano de 1942, quando, devido às crises econômicas e institucionais e alegando a

punição a um chefe insurgente (o filho adotivo de *Pyrehakatu*, Paulinho Neves – *Ijet*), se retiraram.

O autor constata a presença de outros grupos Parintintín perto de Três Casas (AM), no seringal de Manuel Lobo, o qual chamou o SPI, Serviço de Proteção ao Índio, para iniciar a pacificação em 1922. Posteriormente, nos anos 70, foi instalado ali um posto indígena, já sob a gestão da administração da FUNAI de Porto Velho (KRACKE, 2005).

1.5.2.2 Os Tenharim

Tenharim é o nome pelo qual são conhecidos os falantes de Parintintín. De acordo com Sampaio (1997, p.16) os Tenharim “têm vivido isolados dos Parintintín há mais de cem anos” e a autora os caracteriza como um subgrupo Parintintín.

No início dos anos setenta, eles foram contatados pela FUNAI, Fundação Nacional do Índio, durante o traçado da Transamazônica, numa aldeia chamada *Nhande'uhu*, no curso superior do rio Marmelos. Presentemente se apresentam em três grupos indígenas, vivendo ao longo do curso médio do rio Madeira, no sul do Estado do Amazonas.

Os tenharim do rio Marmelos estão localizados às margens do rio de mesmo nome, um afluente do rio Madeira, nos municípios de Humaitá (AM) e Manicoré (AM), encontram-se os Tenharim, em número de quinhentos e trinta e cinco falantes (ISA, 2011).

Esta aldeia é dividida pela rodovia Transamazônica, a BR-230, que constitui o principal meio de escoamento de alguns produtos como a castanha, copaíba, farinha de mandioca e, outrossim, como meio de entrada de produtos manufaturados, como o sal e o óleo. Antes da mudança para as margens da estrada, os Tenharim viviam numa aldeia localizada no curso superior do rio Marmelos:

Nesta área, juntamente com os Tenharim, vivia um comerciante que intermediou suas relações com os regionais a partir da década de 50 e que foi um dos responsáveis pela transferência do grupo para as proximidades da rodovia Transamazônica (KRACKE, 2005).

Hoje, a aldeia conta com a presença dos agentes do CIMI, Conselho Indigenista Missionário e Missões evangélicas. Estão representados pela *Associação do Povo Indígena Tenharim Morõgwitá*. E estão inseridos em projetos de Agrobiodiversidade; Segurança alimentar e nutricional; Gestão territorial e ambiental: mapeamento, proteção, vigilância, sustentabilidade (ISA, 2011).

Os Tenharim do Igarapé Preto habitam uma área de 87.413 hectares, com uma população de cem habitantes (2010 - FUNAI), no município de Novo Aripuanã (AM). Junto a eles há a presença do CIMI, Conselho Indigenista Missionário e ainda travam conflitos com Garimpeiros e Posseiros. Segundo o ISA, Instituto Socioambiental (2011), os Tenharim do Igarapé Preto estão envolvidos no programa de Gestão territorial e ambiental: mapeamento, proteção, vigilância, sustentabilidade e são vinculados à *Associação do Povo Indígena Tenharim do Igarapé Preto*.

De acordo com Peggion (1999), em 1997, os indígenas Tenharim, em número de 43, localizavam-se numa região entre a mata serrana e o cerrado, que supomos ser a mesma de 2011, no município de Novo Aripuanã:

Eram 43 indivíduos em 1997. Vivem da caça e pesca e da coleta de castanha e produção de farinha para comercialização. É evidente a busca de uma auto-afirmação cada vez maior e a retomada de formas tradicionais de organização que tinham sido abandonadas em consequência do contato, principalmente da mineração.

A partir dos anos 40, durante um longo período, os Tenharim do Igarapé Preto viveram dispersos pela região, explorando a seringa e, aos poucos, com a intervenção do CIMI, foram se reunindo e se reorganizando. Nos anos 60, por volta de 1953, com a descoberta de jazidas de cassiterita em Rondônia e no sul do Amazonas, a área foi invadida por garimpeiros, o que foi se agravando até o início da década de 70, quando a região já estava completamente ocupada. Este panorama implicou a impossibilidade, para os Tenharim, de caçar ou pescar, pois, a qualquer local que se fosse, havia um grupo de garimpeiros.

Em seguida, a Empresa de Mineração Paranapanema instalou-se na área e, depois, a Mineração Brasileira Estanho Ltda. - Mibrel.

Com a redução da cassiterita na região, as empresas mineradoras partiram, deixando para trás um rastro de destruição e uma cidade abandonada (PEGGION, 1999).

Atualmente, a aldeia está localizada à margem esquerda do Igarapé Preto, a um quilômetro da antiga sede da mineração, em construção deixada pela empresa de Mineração Mibrel, como parte das negociações pelo aproveitamento do subsolo da área indígena (PEGGION, 1999).

O terceiro grupo são os Tenharim do rio Sepoti, em número de sessenta e seis falantes em 2010 (FUNAI/Madeira).

Assinalamos a observação de Peggion (1999) que, em 1998, os Tenharim eram 65, dos quais a grande maioria encontrava-se na faixa etária entre zero e 19 anos e habitava duas

glebas: a gleba do Estirão Grande, onde se localizava a principal aldeia, e a gleba Sepoti, onde o grupo realizava as atividades produtivas e construía, no ano, uma nova aldeia.

A área destinada aos Tenharim do rio Sepoti é de 251.349 hectares, no município de Manicoré (AM) e, atualmente, eles vivem às voltas com a pressão de madeiras e com a exploração ilegal. Também estão inseridos em programa de *Gestão territorial e ambiental: mapeamento, proteção, vigilância, sustentabilidade*.

Apesar de não realizarem as festas tradicionais no Sepoti, há o intercasamento e a participação da vida sociocultural junto à aldeia localizada no rio Marmelos (PEGGION, 1999).

Ao todo, em 1999, os Tenharim formavam uma população de quatrocentos e nove indígenas e, em 2010, de acordo com os dados da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), apresentados pelo ISA (2011), constituem uma população de setecentos e três falantes.

Não obstante o aparente distanciamento, eles possuem estreitas relações entre si, e os casamentos entre as tribos são recorrentes.

1.5.3 Rito de passagem dos jovens *Kagwahiva*

Entre os Parintintín, a cerimônia da *menina moça* não é mais realizada. E Kurovski obteve elementos desta prática junto aos Tenharim:

Por ocasião da primeira menstruação a menina-moça é mantida reclusa, por oito dias, em um ambiente isolado, submetida a uma espécie de dieta alimentar. Passado este período, a menina é trazida por seu pai à casa do avo paterno [...] é pintada e enfeitada por uma das tias paternas. Em seguida o avo paterno canta e reza para a menina. Logo em seguida, guerreiros simulam um ataque ao local. A menina é levada à beira do rio, onde lava suas mãos e rosto. No decorrer de cinco dias, a menina seguirá uma dieta alimentar e deverá apresentar um comportamento reservado (KUROVSKI, 2009, p.65).

A autora retoma o relato de Garcia de Freitas (1926), em sua narrativa sobre a passagem da menina e do menino para uma nova categoria de idade. Segundo o autor, o aparecimento da primeira menstruação para elas, e o início do uso do Kaa (estojo peniano, confeccionado de doze folhas de uma *heliconia arumã*, utilizado como protetor sexual masculino por alguns povos indígenas do Brasil), para os meninos, indicava a transposição para uma nova categoria de idade, e era anunciado e saudado publicamente com gritos de guerra e lançamento de flechas pelo pai e parentes (KUROVSKI, 2009, p.71).

1.5.4 Situação atual da língua para os Tenharim

Com relação à língua materna, os Tenharim do rio Marmelos, do Igarapé Preto e do rio Sepoti são todos bilíngues. Entretanto, no Igarapé Preto e no rio Sepoti, a língua indígena quase se perdeu e está sendo retomada agora. Entre os Tenharim do rio Marmelos, há o uso da língua nativa no interior do grupo e do português nas relações com o exterior (PEGGION, 1999b).

1.5.5 A Transamazônica

A abertura da Transamazônica afetou a vida de milhares de indígenas de forma efetiva, espalhando o medo, dispersando-os pela floresta e desconstruindo os costumes, principalmente em relação ao modo de sobrevivência, pois a Transamazônica passou a ser um meio de escambo de produtos manufaturados, os quais foram agregados ao modo de vida silvícola após o contato. Sampaio (1997, p.9) informa que a rodovia passa no meio da aldeia principal Tenharim. Em Prazeres (2010), encontramos um relato da chegada dos motores e o início da derrubada, pela lente do nativo:

Era um barulho muito grande. Parecia trovão. Os pássaros saíram voando e a gente corria pra todo lado com medo. Muita gente se escondeu na mata e nunca mais voltou. Apareceu um negócio enorme e amarelo derrubando as árvores. Nunca mais nosso povo foi o mesmo. - diz Manoel João Tenharim, 87, índio que viu suas terras serem cortadas ao meio pela abertura da Transamazônica nos anos 70.

De acordo com a FUNAI, em 1970, quando as obras da rodovia começaram, havia ali a presença de vinte e nove tribos na região, que seriam cortadas por ela. Doze delas eram isoladas e o contato civilizatório limitava-se a alguns seringueiros frequentadores das terras indígenas em busca de látex. O prejuízo para o povo Tenharim foi irreparável. A população estimada em cerca de três mil falantes foi reduzida a setecentos:

Foi sarampo, catapora, diarreia e gripe. Junto com a estrada, veio um monte de doenças que os índios não conheciam. Morreu muita gente - conta Valmir Parintintín, índio que hoje é coordenador regional da FUNAI em Humaitá (PRAZERES, 2010).

Os males trazidos pela Transamazônica estão vivos na memória dos indígenas mais velhos:

Antes da estrada, a gente só morria de velhice. Depois da pepukuhu (estrada, em tupi-guarani), morreu muito parente. Antes, a gente só tinha um cemitério. Agora, tem bem uns cinco espalhados por aí - lembra Manoel João apontando para um descampado na margem direita da rodovia (PRAZERES, 2010).

Com a demarcação das terras indígenas, no final dos anos 1980, o processo de extinção dos Tenharim foi amenizado. Mas, as aldeias, antes às margens de rios e agora às margens da Transamazônica, transformaram a vida indígena. E, hoje, vítimas de antigos massacres, passaram à condição de vilões, ao cobrarem pedágio na travessia de suas terras:

A viagem seguia normalmente [...] De repente, uma cancela de madeira interrompe o trajeto. Desde 2006, os índios Tenharim instituíram um pedágio clandestino, a 145 quilômetros de Humaitá, aos motoristas que precisam atravessar suas terras para seguir pela Transamazônica. Uma cobrança que mais parece vingança (PRAZERES, 2010).

A Figura 1 ilustra a cobrança de pedágio (Foto: Euzivaldo Queiroz *in* PRAZERES, 2010):

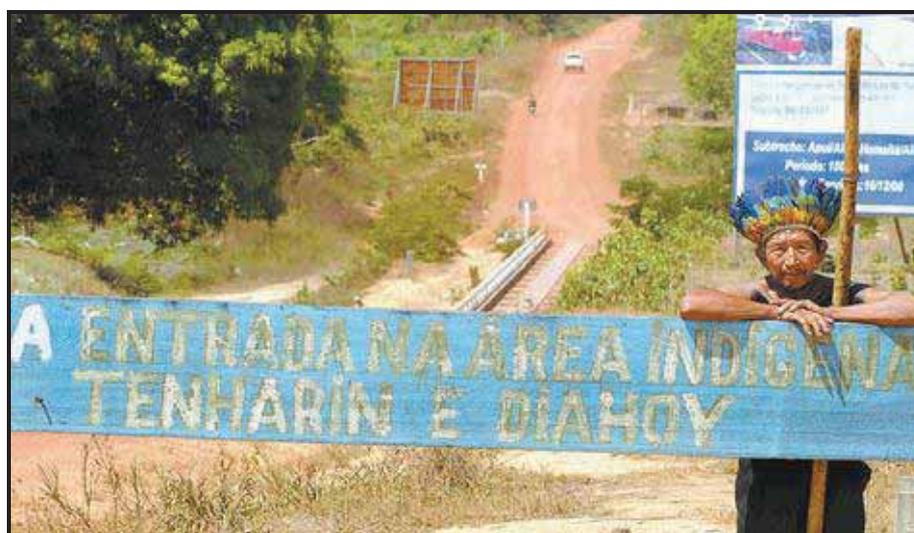


Figura 1 – Indígenas cobram pedágio de “brancos” na Transamazônica

A resposta do Tenharim ao pedágio é dada por Valmir: “É uma forma de compensar os prejuízos causados pela estrada. Os carros afastam a caça e os motoristas vivem jogando lixo pelas janelas, diz Valmir”.

O dinheiro é usado para o pagamento de médicos, passagens, comida e roupas. E roupa de marca é o que não falta aos Tenharim. Durante o Mbotava (lê-se motaua), festa

tradicional dos Tenharim, os mais jovens mesclam pinturas feitas com extrato de urucu, cocares de penas de pássaros e tênis da Adidas e da Nike (PRAZERES, 2010).

E, por fim, o indígena Tenharim Manoel João conclui: “- Foi o branco que ensinou o que era dinheiro para os índios. Por que nós não vamos querer dinheiro? - indaga Manoel João Tenharim (PRAZERES, 2010)”.

A seguir, falaremos sobre o sistema de metades Kagwahiva, adotado pelos Tenharim, Parintintín e outros grupos indígenas do Amazonas que se autodenominam Kagwahiva. Esse sistema nos fez refletir sobre possíveis semas da língua, e serão abordados no item 2.8.1.1.

1.5.6 Sistema de metades *Kagwahiva*

Os Tenharim, do mesmo modo que os Parintintín e outros grupos indígenas do Amazonas, se autodenominam *Kagwahiva* e se organizam conforme um mesmo sistema de metades patrilineares e matrimonialmente com nomes de aves: Kwandu (gavião) e Mytÿ Nhagwera (mutum).

À época do contato, a primeira observação veio de Nimuendaju, pois, tão logo ele chegava, os indígenas se declaravam: “Sou Mitu! Sou Kwandu!” (NIMUENDAJU, 1924, p. 72). E, consideravam inteiramente inconcebível que os funcionários do posto não pertencessem a uma das metades referidas (KUROVSKI, 2009, p.77).

Os Parintintín acreditam que há diferenças comportamentais entre as duas metades. Para eles, as crianças *Kwandu* são mais bravas e as *Mytÿ* são mais calmas. Outro elemento distintivo entre as metades é, também, a aparência e textura da pele. As diferenças entre as duas aves são estendidas aos seres humanos. Isto é, o *Kagwahiva Kwandu* tem o espírito caçador e indomável, enquanto, ao contrário, o espírito do *Kagwahiva Mytÿ* é pacífico, *criado como animais domésticos no pátio da aldeia* (KUROVSKI, 2009, p.62).

Segundo Kurovski, as aves que dão seu nome às metades são simetricamente opostas: O gavião, *Kwandu*, tem sua coloração clara, voa alto, enquanto o mutum, *Mytÿ*, possui a coloração escura, voa baixo e é terrestre (KUROVSKI, 2009, p.62).

A autora retoma Kracke (1984, p. 198), que identificou entre os *Kagwahiva* Parintintín uma subdivisão das metades, com o nome *Gwyray'gwara*, denominada pelo autor de *um terceiro clã clandestino*. O autor sugere que os *Gwyray'gwara* são assimilados pela metade Kwandu, pois os casamentos nunca ocorrem entre componentes da metade Mytÿ e, os casos registrados pelo autor ocorreram entre os Kwandu. Daí ele identificar a existência do

terceiro clã, no qual o casamento em uma mesma metade seria uma exceção permitida (KUROVSKI, 2009, p.63).

Todavia, segundo Kurovski, na prática, tais funções não se impõem com um rigor absoluto e considera que o casamento é feito baseado na divisão dualista exogâmica⁶, no sistema tríadico de clãs: *Mytŷ*, *Kwandu* - *Gwyray'gwara*; Mas, também na patrilinearidade e, de acordo com Menendez (1989), retomado pela autora, no estabelecimento de alianças políticas.

Os Parintintín aceitam o casamento ocorrido entre *Kwandu/Kwandu*, no entanto a prática não é bem aceita, e é vista como tabu. Os Tenharim afirmam que tal prática não ocorre entre seu povo. Os Parintintín chamam o casamento *Gwyray'gwara*, entre metades *Kwandu* de *pássaro mexido, misturado* (KUROVSKI, 2009, p.78).

Com base em Peggion (1996), Kurovski (2009, p.63) esclarece a norma de incorporação de um estrangeiro no sistema exogâmico:

Quando coexistentes, na mesma tribo, os casamentos são exclusivamente exogâmicos; Os estrangeiros são incorporados à metade *Tarawé*, podendo se casar com qualquer metade. Para o autor, não existiam estrangeiros incorporados à metade *Myty*; E por fim, as unidades exogâmicas são ditas como um complexo sistema patrifiliativo, que surge da aliança matrimonial entre dois grupos agnáticos.

De onde concluímos que, no exterior à tribo, o sistema das metades possui grande flexibilidade.

A autora atribui tal circunstância às condições para o surgimento da categoria *Gwyray'gwara*, decorrentes da depopulação pós contato, e à necessária flexibilidade devido à escassez para se sustentar vários grupos de parentesco:

Á época do contato, a aldeia deveria ter gente suficiente para sustentar vários grupos de parentesco, fornecendo associados às inúmeras Associações de Pássaros e membros para todos os grupos de Festa. Com a intensificação do contato, muitas mudanças ocorreram e, em 1965, por ocasião de uma nova visita a aldeia, Wagley observou que as Associações de Pássaros ainda funcionavam, embora com menos rigor que antigamente (KUROVSKI, 2009, p.77 – nota da autora).

Um agravante, já colocado, que dificulta a continuidade do sistema de metades e o ciclo matrimonial Kagwahiva Tenharim, ocorreu com a abertura da Transamazônica, na década de 70, pois muitos Tenharim foram vítimas de doenças com óbitos, o que causou a escassez de cônjuges no grupo. Por fim, a autora pondera que, o desequilíbrio entre a quantidade de pessoas *Mytŷ* em relação a *Kwandu* aponta para uma impossibilidade futura de

⁶ Casamento que se realiza entre membros de tribos estrangeiras, ou dentro de uma mesma tribo, entre membros de famílias ou clãs diferentes.

se manter em funcionamento o sistema dualista apenas com cônjuges locais, já que a maioria da população em possibilidade de casamento pertence à metade Kwandu.

Contudo, os Kagwahiva continuam se identificando em metades e reportam-se como ideal de casamento as associações entre Myt̃y e Kwandu.

Conforme Kurovski (2009), as metades exogâmicas ficam aparentes nos rituais *Kagwahiva*, onde as pinturas corporais e o comportamento entre as metades são distintos. A autora também observa que os casais de dança são formados por *Myt̃y* e *Kwandu*:

Por ocasião dos rituais, também, observa-se um cuidado na distribuição dos parceiros dançarinos, homens Kwandu necessariamente devem dançar com mulheres Myt̃y ou vice-versa (KUROVSKI, 2009, p.65).

Na pintura corporal, habitualmente, os homens pintam o corpo com jenipapo ou carvão, e os integrantes de uma metade devem pintar os da metade oposta. A autora identificou que, atualmente, as pinturas corporais masculinas dos Parintintín não constituem características distintivas entre os grupos. E, remetendo-se a Peggion (1996), a autora relata que no passado as metades se distinguiam no uso de jenipapo para a pintura *Myt̃y* e do urucu para o *Kagwahiva Kwandu*.

A autora notou que, na pintura corporal feminina *Myt̃y*, feita de jenipapo, são feitas pequenas manchas com a ponta dos dedos, imitando uma onça pintada e algumas linhas finas horizontais nas pernas, restringindo-se a parte inferior do tronco e pernas. A pintura feminina Kwandu se estende por todo o corpo, desde o tronco até os pés.

Os Parintintín não mais realizam a festa *Mbotava*, contudo ainda, em algumas ocasiões, dançam o *Yrerupukuhu* (dança das flautas). Nestes eventos identifiquei diferentes traços entre pinturas femininas de acordo com sua metade (KUROVSKI, 2009, p.65, nota da autora).

Também a escolha das plumagens dos adornos, como o akanitara (*diademas de penas*), e os instrumentos musicais eram selecionados conforme as metades.

Para os indígenas, os seres, as plantas, os objetos e utensílios podem ser repartidos em duas metades.

A autora Ângela Kurovski (2009, p. 66, apud MENENDEZ, 1989) apresenta uma classificação, representada na Tabela 6, das coisas do mundo, segundo o sistema das metades exogâmicas.

Notamos que, o termo *matrinção* (FUNASA, 2005) para peixe, é mais conhecido como *matrinã*. E o termo *urucu*, mais conhecido, em nossa região (sudeste brasileiro), como *urucum*.

Mytý	Kwandu
<u>Pássaros:</u>	<u>Pássaros</u>
<ul style="list-style-type: none"> - Urumutum - Uruçu - Premu - Inhambu Grande - Jacu 	<ul style="list-style-type: none"> - Arara Canindé - Japu - Tucano - Galinha
	- <u>Inseto</u> Borrachudo
<u>Animais</u>	<u>Animais</u>
<ul style="list-style-type: none"> - Macaco Barrigudo 	<ul style="list-style-type: none"> - Jacamim (pássaro) - Macaco Prego - Cachorro
<u>Peixes</u>	<u>Peixes</u>
<ul style="list-style-type: none"> - Traíra - Matrinção - Jatuarana 	<ul style="list-style-type: none"> - Surubin - Tucunaré
Fontes de Alimento	Fontes de Alimento
<ul style="list-style-type: none"> - Acará - Milho - Banana - Batata doce - Queixada 	<ul style="list-style-type: none"> - Mandioca - Castanheira - Caititu - Anta - Paca
	<u>Utensílios</u> Ireru (flauta)
Patauá (palmeira amazônica)	<u>Fruto</u>
	<ul style="list-style-type: none"> - Açaí - Copaíba - Urucu (a referencia pode ser sobre a cor ou a planta)
	- <u>Outros</u> Fogo-cinza

Tabela 6 - Classificação Kagwahiva (KUROVSKI, 2009)

De acordo com a Tabela 6, observamos a oposição de atributos nos elementos de metades diferentes sugerida pela autora, como a cor clara em oposição à cor escura, alto ao baixo, agricultura à caça. No que diz respeito às restrições alimentares, para as metades Mytý e Kwandu, a autora esclarece:

Quanto às restrições alimentares de cada metade, os Parintintín mantem a memória de uma serie de regras a serem cumpridas sobre os alimentos e condutas, mas, segundo relatos, estas restrições estariam antes relacionadas às fases da vida de uma pessoa, desde a gravidez, o resguardo masculino e feminino, a puberdade, casamento e morte. Entretanto, nos dias de hoje, os Parintintín nem sempre as cumprem na sua totalidade (KUROVSKI, 2009, p.66).

A escassez de alimentos em determinadas regiões ou períodos, durante as muitas *correrias*, invasões, disputas e dispersões contribuiu para o esquecimento da prática. Outro fator a ser considerado é a mudança de hábito ocorrida pós-contato, principalmente entre os indígenas mais jovens:

Eis, um exemplo: em uma aldeia, certa vez, uma onça abatida serviu de alimento para todos os moradores, do mesmo modo que um gato maracaja. *Tapi'ira'ğa*, o caçador da aldeia, revelou que tem conhecimento sobre as proibições acerca destes animais, mas em tempos de penúria não há escolha.

Manoelzinho Parintintín acrescentou que os jovens não cumprem suas obrigações alimentares, por isto não possuem a força física dos mais velhos. Alimentar-se da carne do mutum, independente da metade que um individuo pertença, segundo ele, acarreta velhice precoce, o cabelo fica branco e tem preguiça de trabalhar (KUROVSKI, 2009, p.67).

O nome ao recém nascido também considera o sistema exogâmico: “o nome de seres mitológicos, como *Mbahira*, limitava-se às crianças da metade *Myty Nhagwera*, e os nomes de *Ivaga'ğa* (gente do céu), às crianças Kwandu (KUROVSKI, 2009, p. 77)”.

Outra curiosidade sobre os nomes é que os Tenharim e Parintintín possuem o costume de trocar seus nomes de acordo com o último enfrentamento de inimigo, ou seja, o inimigo é a fonte do próximo nome:

Garcia de Freitas (1926) já havia relatado este costume entre os Parintintín. Cita o caso do Parintintín *Matikamunde*, que se envolveu em frequentes conflitos com funcionários do posto de atração. Quando retornava para uma nova visita apresentava-se com outro nome, *Tukairi* e após outro conflito, nova mudança de nome, *Euetui* (Ventania). Passado algum tempo, sugeriu a troca de seu nome, *Euetui*, com o de Garcia e passou a usar este último (GARCIA DE FREITAS, 1926, p. 72) [...] Provavelmente, os Parintintín possuíam um acúmulo de nomes adquiridos no decorrer da vida. Quando perguntei a um dos velhos o seu nome na língua materna, respondeu: “Eu tenho muitos nomes” (KUROVSKI, 2009, p.67).

Já entre os Parintintín, a autora observa que atualmente os indígenas utilizam costumeiramente o nome em português, que é dado na ocasião do nascimento. E, para confirmar seu nome indígena, recorrem aos mais velhos. O mesmo não ocorre com os Tenharim que, apesar do nome próprio em português, conservam também a nomenclatura na língua Kagwahiva (KUROVSKI, 2009, p.68).

Primordialmente, a nomeação do recém nascido era (ou é, em alguns casos) dada pelo tio paterno, que reivindicava a criança para si como afim, sendo ele um cuidador responsável pela sua instrução. Em sua pesquisa, a autora deparou com nascimentos onde o nome da criança é dado pelos avôs paternos, na língua Kagwahiva, e ilustra com o relatório do SPI, Serviço de Proteção ao Índio:

O nome do nascituro, entretanto, constitui um segredo até para a própria genitora, pois somente ao avô, e na falta deste só pae, é conferido o direito de por o nome da criança, isto até o primeiro mês da criança, de ahí em diante por diante, poderá a mãe do curumí escolher o nome que lhe aprouver

Nunca isto, porém, acontece, porque o avô, ou o pae, reunida a tribu faz o seu unibe, que afinal é uma canção onde se exaltam, as glórias dos antepassados da grei, dando-se, então, o nome do nascituro, que é repetido, numa espécie de coro, pelos ouvintes (AMAZONAS E ACRE, 1929, p. 22 cf. KUROVSKI, 2009, p.69).

Outro importante relato da autora refere-se ao gênero dos nomes indígenas: Ao nome masculino é acrescentada a palavra *ǵa* e, aos nomes femininos, *hěa*.

Ex: Tapi'ira'ǵa, Tapiira – anta, ǵa – ele;

Nhambui' hěa – nambu pequeno, hěa – ela.

Mas, devido à escassez de exemplos não nos foi possível aprofundar o assunto.

Para nossa pesquisa, voltaremos a abordar a questão das metades exogâmicas como potenciais elementos onomasiológicos e as terminações *ǵa* e *hěa*, definidoras de gênero. Concluimos que, apesar da utilização do Parintintín por Tenharim e Parintintín, os valores socioculturais e o uso da língua materna parecem mais avivado entre os Tenharim.

1.6 Xavante – A’uwẽ

Os Xavante mantêm uma relação marcada por certas peculiaridades com as mais diversas esferas do Governo - FUNAI, FUNASA, Secretarias de Educação, Secretarias de Saúde, Prefeituras etc. - e com a sociedade regional. Não obstante, pouco se pergunta sobre como “eles” se vêem inseridos nesse “mundo dos brancos” (FERNANDES, 2005).

1.6.1 A língua

Com uma população de aproximadamente 11.374 pessoas em 2004 (FERNANDES, 2005, p.20) e de 15.315 em 2010 (ISA, 2008), os Xavante pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê e à família linguística Jê e se autodenominam *A’uwẽ ou A’uwẽ Uptabi* (gente de verdade), também grafada *Akuen* por alguns autores e, juntamente com o povo Xerente, constituem o grupo *Akuẽ*. Há indícios de que, no passado, as duas etnias constituíssem um único povo (GRAHAM, 2008; FERNANDES, 2005, p. 23).

1.6.2 Uma história de invasões e correrias: Amanso-te branco!

Na narrativa de Ribeiro (1997, p. 158), os indígenas *A’uwẽ* ocupavam vasto território, que ia do rio das Mortes até o Xingu no período da pacificação:

Os índios Xavante, que ocupavam um território imenso do rio das Mortes até o Xingu, tinham sido recentemente pacificados. No entendimento Xavante, eles é que tinham estabelecido relações pacíficas com o homem branco (RIBEIRO, 1997, p. 158).

No entanto, de acordo com os relatos obtidos por Fernandes (2005, p.21), junto ao povo Xavante, os mais velhos afirmaram que o primeiro contato ocorreu na fase inicial da história do Brasil, durante a permanência dos Xavante *junto ao mar*. Mas, por possíveis desavenças com os brancos eles se arredaram. E, à medida que as frentes de expansão econômica e o conseqüente avanço demográfico se aproximavam, o processo migratório os impelia mais e mais ao centro, até atingirem a bacia do Tocantins, a então Província de Goyaz. A mesma informação encontramos em Lopes da Silva (1984, p. 208).

Com a descoberta de ouro na província, no início do século XVIII, chegaram os mineradores, bandeirantes, colonos e missionários, pressionando as populações indígenas

locais. A política indígena do país voltou-se, então, para a redução e a pacificação dos silvícolas. E, com o patrocínio do governo, os indígenas foram assentados em aldeamentos, onde sofreram os efeitos devastadores de doenças epidêmicas (Graham, 2008).

Tal política indígena no país propendia viabilizar o acesso à bacia do Tocantins-Araguaia e o comércio e exploração agrícola daquela parte do país. Segundo Ravagnani (1991, p.36), o número de Xavante levado para os assentamentos era em torno de dois a oito mil indígenas.

Fernandes (2005, p. 22) retoma Ravagnani (1991, p.36), que descreve os aldeamentos como “*verdadeiros presídios indígenas, para onde eram transportados os sobreviventes dos ataques desfechados pelos bandeirantes*”. Lá, os A’uwẽ eram mantidos sob escolta militar e, às vezes, com um padre jesuíta, e submetiam-se a um rígido regimento onde eram treinados *para sua posterior incorporação à classe dominada*.

Na primeira metade do século XIX, devido aos maus tratos, doenças etc., os indígenas deixaram o local rumo ao centro e ao norte da então província de Goyaz, na bacia do rio Tocantins e atravessaram o rio Araguaia entre 1820 e 1856.

Fernandes (2005) caracteriza tal episódio como a causa da separação entre os Xavante, que efetivamente atravessaram o rio Araguaia, e os Xerente, povo de mesma família linguística que habita atualmente o Estado de Tocantins:

Há algumas hipóteses sobre a razão deste cisma. A tradicional, baseada em relatos dos próprios Xavante, relata que enquanto atravessavam o rio Araguaia surgiu na água um boto, tendo sido interpretado pelo grupo que ainda não completara a travessia como sinal de que não deveriam continuar: os que atravessaram teriam dado origem aos atuais Xavante e o outro grupo aos Xerente (FERNANDES, 2005, p. 23).

Como já mencionado, encontramos o mesmo relato em Graham (2008).

O processo migratório foi a alternativa encontrada aos constantes enfrentamentos com o homem branco. Leeuwenberg e Salimon, retomados por Fernandes (2005, p. 24), corroboram com esta hipótese que os levou da travessia do rio das Mortes até a ocupação do leste do Estado do Mato Grosso, onde habitam atualmente:

Na segunda metade do século 19, os Xavante já haviam cruzado o Araguaia. Sua população já havia sido reduzida pelos conflitos e doenças trazidos pelo homem branco, de quem procuravam manter distância. Ocupando uma faixa de terra entre o Araguaia e o Rio das Mortes (1820-1890), procuravam viver em isolamento. Mesmo assim, vieram novamente colonos e aventureiros, causando, mais uma vez, medo e insegurança e os forçando a contra-atacar. [...] A pressão constante das diferentes frentes de atração econômica colocou os Xavante em clima de insegurança e guerra, impelindo-os a continuar em processo de migração. Por volta de 1890, alguns Xavante já haviam rumado para o sul e o sudoeste do Mato Grosso, tendo a maior

parte atravessado o Rio das Mortes (*Öwawe* ou água grande na língua Xavante) para se estabelecer à sua margem esquerda, próximo a Serra do Roncador (Leeuwenberg e Salimon, 1999, p. 28).

Ainda sobre o processo de sedentarização da população indígena na década de trinta e a conquista do sertão mato-grossense, nos valeremos do cenário desenhado por Lopes da Silva no qual, para os planos do governo de atrair novos habitantes, os *A'uwẽ* são caracterizados por ele como empecilho ao desenvolvimento:

Os Xavante eram um empecilho ao sucesso dessa empreitada. Dominá-los era, portanto, tarefa imprescindível, e isso foi feito por uma investida que contou com amplos recursos. As aldeias eram localizadas por aviões cujos vôos rasantes apavoravam os Xavante que, em vão, procuravam atingi-los com bordunas e flechas (Lopes da Silva, 1998, p. 368).

E dessa maneira, a história foi se repetindo em todas as tentativas de ocupação e, ainda hoje, se repete. Algumas falas, entretanto apresentam os *A'uwẽ* em tentativas de pacificação junto ao homem invasor. Como ocorre na citação de Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p.49) retomada por Fernandes (2005, p.13):

Conta o sertanista Francisco Meireles, [...] que ao se aproximar do chefe Xavante, viu-se presenteado com um colar que foi por ele (Chefe Xavante) posto em seu pescoço com palavras cuja tradução literal seria a seguinte: “Amanso-te branco!”.

Igualmente, para Ribeiro (1997), de acordo com o entendimento do indígena, as relações pacificadoras com os *waradzu* – os ‘homens brancos’, haviam partido deles (RIBEIRO, 1997, p. 158).

Em Fernandes (2005, p.13), que reitera Ribeiro, encontramos uma versão de pacificação dos líderes xavante da aldeia Pimentel Barbosa sobre o tal processo como uma tentativa desesperada de sobrevivência:

Os líderes da aldeia Pimentel Barbosa, todos com mais de 70 anos, acreditam que foram eles que pacificaram os agressores, permitindo o contato numa tática desesperada de conhecer o inimigo para não desaparecer.

1.6.3 Formação das aldeias

Os Xavante são tidos historicamente como um povo seminômade que vive da coleta de frutos, da caça e, em menor grau, da agricultura.

Todavia, como já exposto, o processo de sedentarização compulsória em Terras Indígenas e as disputas com grileiros e fazendeiros acarretaram a diminuição dos recursos naturais e a consequente diminuição e escassez dos meios tradicionais de subsistência.

Já na província de Mato Grosso, após a travessia do Araguaia, a primeira aldeia fundada foi a aldeia de *Isorepré* (pedra vermelha). *Isorepré* tornou-se a “aldeia mãe”, na região da serra do Roncador no rio das Mortes. A partir dela e por vários motivos outras aldeias foram formadas, subdividindo e enfraquecendo os Xavante que tiveram muitos grupos dizimados em seus agrupamentos, à margem esquerda do rio Araguaia, bem como nas margens do rio das Mortes.

Partindo de *Isorepré* em direção ao norte, um grupo de Xavante fundou a aldeia *Bö'u* (pé de Urucum), nas proximidades de um rio por eles denominado *Marãiwatsédé* (mata misteriosa, mata desconhecida, mata perigosa).

A aldeia *Bö'u* tornou-se um centro político e cerimonial e, a partir dela, várias aldeias se formaram em *Marãiwatsédé*.

1.6.4 Vida atual

Avançaremos algumas décadas e adentraremos o cenário mais recente, onde Fernandes (2005, p.20) nos informa que encontraremos os A'uwẽ em mais de 150 aldeias nas Terras Indígenas ao leste do Estado do Mato Grosso, sendo elas *Marãiwatsédé*, *Areões*, *Marechal Rondon*, *Parabubure*, *Pimentel Barbosa*, *Sangradouro/Volta Grande* e *São Marcos*.

De acordo com a UNESCO, em 2004, a população Xavante é formada por aproximadamente 11.802 (LUCIANO, 2006, p.165), distribuídos em 178 aldeias localizadas em onze Terras Indígenas que ficam a leste do Estado de Mato Grosso (CARTA DE APOIO..., 2009, p.1), numa área que combina cerrado e mata de galeria, onde as estações do ano são marcadas pela seca no inverno, e pela época das chuvas no verão.

Na opinião de Ângela Nunes (2010, p. 96), a maioria das mulheres conservam a língua materna como única língua e falam pouco o português. Segundo a autora, a falta de oportunidade para a prática, timidez e o fato de serem os homens os responsáveis pelo contato da comunidade com o mundo exterior a esta, contribuem para que as mulheres que estudaram na missão esqueçam o que aprenderam ou que não apliquem o pouco que ainda recordam. Similarmente, as crianças utilizam unicamente a língua materna para comunicação.

1.6.5 Migração de nordestinos e a chegada dos posseiros

Por volta do início do século XX ocorreu uma migração espontânea de nordestinos que, fugindo da seca, procuravam um pedaço de terra para sobreviver. Esse novo elemento humano que chegou à região deu origem ao povoado de São Felix do Araguaia, de onde partiam famílias para o “sertão”, ou seja, para o interior do território até então ocupado apenas pelos Xavante, o que acarretou violentos combates entre os invasores e os indígenas de *Marãiwatsédé*. A essa migração espontânea outras advieram estimuladas pelo Estado (CARTA DE APOIO..., 2009, p.3).

Na década de cinquenta, a partir de 1958, diversas famílias de pequenos posseiros se dirigiram à oeste de São Felix do Araguaia; em 1961, dentro do território de *Marãiwatsédé*, a primeira propriedade escriturada foi instalada na região, com fartos benefícios fiscais. Tratava-se da fazenda Suia-Missu.

Esta fazenda foi criada com o auxílio da mão de obra indígena, já em número reduzido. Com o final da criação da fazenda, a família proprietária negociou junto à Força Aérea Brasileira, FAB, à Missão Salesiana e ao Serviço de Proteção aos Índios, SPI, a transferência dos Xavante para a Missão de São Marcos, a 400 km ao sul de *Marãiwatsédé* (CARTA DE APOIO..., 2009, p.5):

Foram transportados, por meio de aviões da FAB, 263 indivíduos. Chegando lá foram recepcionados por uma epidemia de sarampo que grassava entre os índios daquela missão. Morreram cerca de 80 *A'wuê* de *Marãiwatsédé*. Longe de sua casa e com sua estrutura social fragilizada ocorreu a fragmentação do grupo por várias Terras Indígenas Xavante.

Esclarecemos que, apesar de utilizarmos um documento sem autoria definida, A *Carta de Apoio ao Povo Xavante da Terra Indígena Marãiwatsédé, Mato Grosso*, está embasada em fatos e fotos com referências verídicas. O texto ainda esclarece que os autores foram omitidos com medo de represália à vida. (CARTA DE APOIO..., 2009, p.15). A Figura 2 ilustra o momento do embarque dos Xavante de *Marãiwatsédé* para a Missão de São Marcos. Para muitos dos remanescentes esta foi a última vez que viram sua terra (CARTA DE APOIO..., 2009, p. 6).



Figura 2 – A última vez que viram sua terra

Em 2003, os mais velhos indígenas do povo Xavante demonstraram o desejo de retornar à terra de seus ancestrais. A tentativa de retorno foi bloqueada pelos invasores e os antigos donos de *Marãiwatsédé* ficaram acampados às margens da BR-158. O fato é retomado pela UNESCO:

Tais situações são produzidas frequentemente por terras indígenas reduzidas que levam a um verdadeiro confinamento das populações, por conta de terras invadidas ou sem regularização, o que estimula as suas ocupações por parte de posseiros. Ou ainda comunidades indígenas que foram expulsas de seus territórios e estão acampadas em beiras de estradas, como é atualmente o caso dos índios Xavante da Terra Indígena Marantsédé, no estado de Mato Grosso, que estão acampados ao longo da BR 158 esperando uma decisão judicial de reintegração de posse da terra já demarcada em 1995. (LUCIANO, 2006, p.193).

A Figura 3 exibe a população local bloqueando a passagem dos indígenas em 2003, na qual o ônibus da prefeitura de Alto Boa Vista e grileiros bloqueiam a BR-158 para impedir o retorno dos *A'wuê*. Podemos perceber pela foto que houve uma tentativa de incendiar a ponte para evitar o retorno dos *A'wuê* (CARTA DE APOIO..., 2009, p. 9):



Figura 3 - Ônibus da Prefeitura de Alto Boa Vista e grileiros bloqueiam a BR 158

No sítio da FUNAI, Fundação Nacional do Índio, encontramos a informação complementar sobre a situação dos *A'uwẽ* às margens da BR- 158, em agosto de 2004:

Aumentou para 14 o número de crianças internadas em hospitais públicos de Água Boa e Canarana com sintomas de pneumonia e desnutrição. A pneumonia já fez três vítimas nos limites da Terra Indígena Marãiwatsédé, no Mato Grosso, onde sobrevivem em um acampamento à beira da rodovia BR 158, 480 índios Xavante. Desse total, perto de 150 são bebês e crianças [...] Há nove meses os Xavante tentam voltar para suas terras, mas uma liminar da Justiça impede que as famílias reocupem as áreas declaradas pelo governo brasileiro como território tradicionalmente indígena (FUNAI, 2004).

Os Xavante ficaram acampados às margens da BR-158 durante 10 meses, no período de novembro de 2003 a agosto de 2004. A inexistência de saneamento e a precária situação alimentar acarretaram na hospitalização de 14 pessoas em estado grave, e três crianças faleceram em duas semanas (CARTA DE APOIO..., 2009, p.10); (LUCIANO, 2006, p.185). A situação também é descrita pela FUNAI:

No último dia 29, duas crianças de apenas um ano de idade, faleceram. Elas apresentavam um quadro clínico de pneumonia e desnutrição. No dia seguinte, outra criança, na mesma faixa etária também não resistiu à gravidade dos problemas respiratórios. Atualmente, 14 crianças permanecem internadas em hospitais municipais com sintomas semelhantes. A morte dos bebês e as internações constantes contribuem para tornar o clima mais tenso na região (FUNAI, 2004).

Interromperemos por aqui nossa narrativa da atual situação Xavante, uma vez que as informações encontradas são muitas e recorrentes durante todo o processo *civilizatório* brasileiro. Retomaremos com as informações sobre a organização social dos *A'uwẽ*.

1.6.6 Organização e papéis: Estrutura social xavante

Segundo o autor Luís Roberto de Paula, a estrutura social xavante é dividida em duas e se manifesta pela oposição categorial nativa entre o ‘nós’, *waniwinhã* e o ‘eles’, *watsire'wa*, norteando as distinções existentes entre as classes de pessoas e grupos sociais Xavante de forma dualista (PAULA, 2007, p. 72).

O autor identifica três clãs entre os Xavante: Poredza'ono, Owawe e Toptató, que são compostos por inúmeras linhagens, constituídas pela descendência patrilinear e assumida com orgulho pelo Homem Xavante (PAULA, 2007, p. 73). Há uma outra divisão ligada à posição espacial dos Xavante e, para ela, o autor retoma a classificação de Maybury-Lewis (1984[1967]), que divide sócio espacialmente os indígenas Xavante em Orientais e Xavante Ocidentais.

A identificação do clã a que pertence cada Xavante é feita através da pintura corporal nas cerimônias e pela autodenominação.

Os Xavante Orientais estão na região do alto Rio das Mortes e em Marãiwatsédé. Para eles, o casamento pode ocorrer entre membros dos três clãs. Já os Xavante Ocidentais, os Poredza'ono, só podem se casar com as pessoas auto-identificadas como *Owawe* e *Toptató* que, por sua vez, também não casariam entre si (PAULA, 2007, p. 72):

É, portanto, mais importante para aos moradores de uma determinada aldeia saber com que linhagens um recém-chegado tem ligações do que descobrir a que clã pertence. No momento em que ele pinta o seu corpo segundo um padrão característico de uma dada linhagem, faz uma firmação pública de sua filiação faccionária.

O Homem xavante passa por três importantes ritos, nos quais assume os papéis de não-iniciado, em processo de iniciação e iniciado.

Na primeira idade, entre dois e sete anos, os meninos xavante são denominados *watebremi* (PAULA, 2007, p. 80) e são não-iniciados. Após esse período, entre os sete e os dezessete anos, são chamados *wapté* e passam a residir na ‘casa dos solteiros’, *Hö*, quando

são instruídos pelas gerações masculinas mais velhas (PAULA, 2007, p. 100) estando, então, em processo de iniciação.

Falamos aqui de uma possível faixa etária, pois a classificação não é feita pela idade cronológica e sim pela condição corporal do *watebremi*, já que “os Xavante não se preocupam em calcular a idade de seus filhos até que eles se tornem membros de uma classe de idade (PAULA, 2007, p. 100)”.

Na Casa dos solteiros, os *wapté* são preparados para a vida adulta e fazem artesanato, participam de caçadas coletivas, aprendem canções e cerimoniais, participam de rituais de imersão na água, perfuração das orelhas e corridas e lutas corporais.

E durante a estada na *Hö*, acontece o Cerimonial do *Oi'ó*, quando os *wapté* são separados em dois grupos e colocados em lugares opostos pelos membros mais velhos da aldeia e, de acordo com o desempenho em luta ritual com pequenas bordunas ou raízes de um capim grosso, receberão a primeira identificação da linhagem que assumirão por toda a vida e que os identificará por intermédio da pintura corporal. A linhagem dada ao iniciado não será necessariamente a mesma linhagem paterna (PAULA, 2007, p. 79).

Quando esse “menino” chegar à idade madura fará referência ao clã que foi adotado cerimonialmente no ritual do *Oi'ó*.

Terminado o processo de iniciação na *Hö*, os jovens Xavante tornam-se rapazes iniciados, os *ri'te'wa*, mas continuam solteiros (LOPES DA SILVA, 1980, p. 52).

O casamento acontecerá quando o jovem for capaz de prover uma família. Como passará a morar junto à família da moça e a obedecer ao sogro, o jovem Xavante costuma retardar ao máximo sua união conjugal.

1.6.7 Organização da Aldeia Xavante

Uma aldeia xavante é idealmente formada por um contíguo de vinte casas, habitadas cada uma por três ou quatro famílias nucleares e dirigida pelo sogro. O casamento preferencial entre os Xavante é o que ocorre entre grupo de irmãos e irmãs (PAULA, 2007, p. 90).

A família é encabeçada por um casal mais velho, suas filhas e genros (PAULA, 2007, p. 97) e, em média, o grupo doméstico de cada habitação é constituído de dez a quinze pessoas.

No centro da casa há uma fogueira acesa diariamente, que durante o dia serve para a produção de parte da alimentação xavante, atividade exclusiva feminina, e à noite é um aliado contra o frio da madrugada em algumas estações no cerrado mato-grossense. Todo o grupo doméstico deita-se ao redor da fogueira (PAULA, 2007, p. 98).

Segundo a descrição de Paula (2007, p.93), uma aldeia xavante é dividida em duas áreas: a primeira nos entornos da aldeia é formada pelas habitações, dispostas em um semicírculo que é fechado por um rio, e por pequenas clareiras próximas que são utilizadas para o roçado e cerimoniais. Distante do semicírculo, em situação antagônica e voltada para o rio está a casa dos solteiros. A segunda área são os campos de caça e coleta que ficam mais afastados da aldeia.

De acordo com o autor, o padrão semicircular na postura das casas xavante varia minimamente de uma aldeia para outra.

O espaço social xavante tradicional está no centro da ferradura formada pelas casas xavante e nele são observados dois círculos (PAULA, 2007, p. 96):

O primeiro é o *warã*, que é ocupado cotidianamente ao entardecer ou ocasionalmente nas madrugadas que antecedem o amanhecer exclusivamente por homens maduros (*ipredú*), que discutem e decidem as atividades sociais coletivas que envolvem o destino de todo grupo local;

O segundo, seria um *warã* de natureza menor que o primeiro, de menor prestígio político e ocupado pelos *riteiwa*, que são os rapazes que já terminaram o processo de iniciação masculina, mas que ainda não são considerados formalmente aptos para a vida social plena de um homem maduro xavante.

As crianças, os *wapté* e as mulheres estão formalmente excluídas da participação nesses dois círculos que compõem o “mundo dos homens” no “coração da aldeia” xavante.

A casa de solteiros está desalinhada em relação às demais casas, voltada para o *warã*, com sua frente em direção ao rio, o que é pontuado por Paula como marco de reclusão social (PAULA, 2007, p. 100).

Para os Xavante, os limites de seu território eram determinados pelas áreas que conseguissem explorar em suas excursões de caça e coleta, não sendo reconhecido uma fronteira específica entre seu território e o de outros grupos (PAULA, 2007, p. 117):

Os limites do território de um determinado grupo local xavante seriam aqueles compreendidos pelas áreas que conseguissem explorar em suas excursões de caça e coleta coletivas num espaço de um ano e que, tais limites, apareceriam como sobrepostos entre si.

Eles elegeram os campos abertos do cerrado como morada ideal. Isto se deu pela amplitude dos campos e porque a atividade mais prazerosa e de maior prestígio para o homem *A'uwẽ* é a caçada que representa a virilidade, resistência física, rapidez, agilidade, vigilância e a agressividade, características estas que compõem o caráter Xavante.

Os Xavante não escondem o profundo desagrado com matas fechadas, apesar de utilizadas para inúmeras tarefas tais como a coleta de raízes e frutas - base de sua alimentação - e, também, para caçadas só que em proporção bem menor das realizadas nos espaços do cerrado mais abertos (PAULA, 2007, p. 108).

Ser um bom caçador significa ser capaz de procurar carne para todas as suas mulheres, pois tal incapacidade poderia prejudicar o bom desenvolvimento da família ou mesmo ser motivo de repúdio por parte da mulher (PAULA, 2007, p. 108).

Por essa razão, o gênero *A'uwẽ* só poderia constituir uma família polígama se fosse capaz de procurar carne para todas as suas mulheres.

Tanto a caça como a coleta era realizada de maneira cotidiana e durante todo o ano. Mas, o período das chuvas, quando havia uma grande quantidade de animais ao redor dos lagos recém formados, era o preferido pelo caçador xavante.

As caçadas poderiam ser individuais ou em formações de pequenos grupos. Se o animal abatido fosse muito grande, os parentes seriam chamados a ajudar, sendo então a caça distribuída entre o grupo. Já as caçadas coletivas eram planejadas no *warã* e realizadas por todo o grupo (PAULA, 2007, p. 109).

O autor explica que, apesar do gosto pela caça, a alimentação xavante está alicerçada na dieta proveniente da coleta de frutos, uma vez que a agricultura não é exercida de maneira intensa e devido à dificuldade encontrada em obter e preservar a caça na vida cotidiana (PAULA, 2007, p. 113).

A mulher Xavante também aprecia as grandes extensões do cerrado nas constantes empreitadas de coleta:

Do mel a inúmeras raízes e tubérculos nativos, passando pelas frutas do cerrado, pelo palmito, o coco de babaçu, até chegar às sedas do buriti e às madeiras especiais para confecção das suas famosas bordunas, a agenda de coleta xavante é marcada por uma quantidade incontável de espécies, e de suas variedades, utilizadas para toda sorte de atividades sociocsmológicas, para além das de subsistência propriamente ditas (PAULA, 2007, p.113).

1.6.8 Espiritualidade

Sobre a espiritualidade Xavante faremos apenas um pequeno comentário em relação às águas. Os *A'uwẽ* acreditam que os bons espíritos, os *Otede'wa*, habitam as águas dos rios e os maus espíritos, os *Uu'tede'wa*, habitam as lagoas. Paula associa tal critério à vida social xavante:

O critério dessa classificação, como sempre acontece na vida social xavante, baseia-se na oposição entre a “água corrente” que marca o rio e a “água parada” das lagoas ditas (PAULA, 2007, p.106).

Em fechamento, relacionaremos a importância do rio e da água a uma brincadeira Xavante criada pelo professor (Indígena Xavante) Rômulo e descrita em A. Nunes (2010, p.88) em seu trabalho *Etnografia de um projeto de educação escolar indígena*, na aldeia Xavante *Idzö' uhu*:

O professor Rômulo criou a “brincadeira de pintar o rosto com carvão” a fim de incentivar os pequenos a acordarem cedo, banharem-se e não perderem o início da aula: logo nas primeiras horas do amanhecer, as crianças que acordaram mais cedo, pegam pedacinhos de carvão (da fogueira da noite) e vão se juntando às outras para acordar os mais sonolentos e atrasados. E então, correm a surpreender o dorminhoco, pintam seus rostos com o carvão. Ensonado, ele tenta reagir e protestar, mas em vão, pois as crianças só param quando seu rosto está completamente pintado. Em tempo, o pequenino arranja um pedacinho de carvão, mistura à saliva entre as mãos e se junta à turma para pintar outros dorminhocos desavisados. E a brincadeira se segue, de casa em casa:

Os únicos que escapam são os bem pequeninos – *ba'õtõre e watebremire* –, que querem ver de perto o que se passa, e a quem os maiores evitam atingir. Há grande algazarra, gargalhadas, gritos e, por vezes, choro, ainda sob o olhar de Rômulo, até que este põe termo à brincadeira (A. NUNES, 2010, p.88).

Ao final da brincadeira todos vão se banhar no rio e ficam prontos para o início da aula. Rômulo explica a brincadeira da seguinte forma:

Na nossa cultura, desde *airepudu*, *wapté*, *ritei'wa*, até *danhohui'wa*⁷, tem obrigação de tomar banho bem cedinho, antes das mulheres. Nós acreditamos que banhar quando sai fumaça da água, quem banha todos os dias vai crescer logo. Isso até meu

⁷ Diferentes idades Xavante: *airepudu*, meninos de 9 a 12 anos; *wapté*, adolescente; *ritei'wa*, rapaz; *danhohui'wa*: padrinhos em relação aos adolescentes.

pai fala prós netos. As crianças sabem! Quem dorme mais tarde vai se perder, já vai ceder ao carvão. Aí fui fazendo, as crianças gostaram. Têm curiosidade. Saiu bem o resultado. Sabe por quê? Porque não estou fazendo à toa, não! Tem finalidade na nossa cultura! (RÔMULO *apud* A. NUNES, 2010, p.88).

Finalizaremos nossa narrativa com uma frase de Ângela Nunes (2010, p. 109) sobre o povo A'uwẽ:

Para ser homem maduro entre os Xavante, é preciso que os indivíduos aprendam a ensinar e ensinem a aprender.

1.7 Zoró – Pangyjej

Havia, de resto, dois paralíticos dos membros inferiores: uma jovem mulher que se apoiava com a ajuda de dois paus, e um homem, igualmente jovem, que se arrastava no solo como um estropiado.[...] No entanto, os dois enfermos conseguiam deslocar-se na floresta e conseguiam mesmo realizar longos percursos com uma aparente facilidade. Seria poliomielite ou qualquer outro vírus que tivesse assim precedido o contato durável com a civilização? Era aflitivo evocar, diante desses infelizes, entregues a si próprios na natureza mais hostil que o homem pode afrontar, essas páginas de Thevet, que visitou os Tupi da costa no século XVI, nas quais ele se admira de que esse povo << composto pelos mesmos elementos que nós... nunca... seja atingido pela lepra, pela paralisia, pela letargia, doenças cancerosas, nem pelas úlceras ou outras deformidades do corpo, que se vejam superficialmente e do exterior>>. Nem suspeitava de que ele e os seus companheiros eram os correios avançados destes males. (LÉVY-STRAUSS, 1955, p.434).

1.7.1 A Língua

Os indígenas Zoró ou *Pangyjěj*, como se autodenominam, pertencem à família linguística Mondé, do tronco Tupi e habitam as terras de Aripuanã, no Parque Indígena de mesmo nome, situado no município de Rondolândia, no estado do Mato Grosso. O parque está assentado em uma área de 431.700 hectares, definida pelo decreto 81.587/78 e demarcada pelo exército em 1985(LACERDA, 2005, p.2).

Do mesmo modo, os povos Suruí e Cinta-Larga reúnem-se ao universo da família linguística Mondé. Lisboa (2008, p.20) retoma a hipótese de Mindlin (2001, p. 20) de que os três povos Tupi-Mondé sejam originários de um único povo que se apartou no decorrer do tempo, isto devido às semelhanças entre as mitologias, organização social, economia, sistema de parentesco e festas dessas três nações.

1.7.2 A História: Massacres e a estratégia

Algumas das principais informações sobre os Zoró são de 1976, feitas por Francisco Meirelles que localizou algumas de suas aldeias (LACERDA, 2005, p.2). O mesmo apontamento foi encontrado no trabalho de Lisboa (2008, p.18), que data os primeiros registros de acontecimentos marcantes na vida dos Zoró a partir de 1968, quando foram localizados por Francisco e Apoena Meirelles.

Segundo o SIASI (Sistema de Saúde Indígena), a população indígena Zoró é estimada em 538 indivíduos (LISBOA, 2008, p.19). Lacerda (2005), que estudou o sentido de aprender no universo Zoró, de fevereiro de 1998 a dezembro de 2001, estimou uma população de 550 pessoas, distribuídas em oito aldeias e vinte malocas, e constatou que a área cedida através do decreto representa apenas ínfima parte do território habitado por eles desde o início da colonização.

Em concordância com a autora, Lisboa (2008, p. 22) ressalta e esclarece que a atual área é apenas uma parte do território tradicional:

Segundo relatos dos anciãos, a grande maioria do povo estava situada à margem esquerda do Rio Branco, onde é a Fazenda Castanhal, e não à margem direita onde hoje está a Terra Indígena Zoró. A mudança para a margem direita se deu em função das correrias impostas pelas lutas com as fazendas que ali se instalaram a partir do início da década de setenta.

De acordo com Lacerda (2005, p.2), o nome Zoró foi-lhes dado pelos Paeter (Suruí de Rondônia), vizinhos no parque e inimigos históricos. Em nota, a autora atribui ao termo o significado de “cabeça oca” e informa que sua oficialização deu-se por intermédio da FUNAI, Fundação Nacional do Índio, sediada no município de Ji-Paraná, estado de Rondônia.

Igualmente, Lisboa (2008) aponta duas versões para o termo, uma declarada pelo povo Zoró, onde, segundo relatos colhidos pelo autor, o termo surgiu nos contatos iniciais com os não-indígenas. Quando os “brancos” perguntavam: quem são vocês? Um dos indígenas, que entendia um pouco do idioma português respondeu: “zarej” – que se origina de *zat*=gente, mais o *wej* = plural de alguns adjetivos, entendido pelo interlocutor como “zoró”.

E a outra versão do autor para o termo “zoró” relaciona-se a “cabeça seca” e está envolto em possíveis significados transcritos a seguir (LISBOA, 2008, p.20):

De acordo com Praxedes (1977, p.75), o termo surge de “monshoro”, utilizado pelos Suruí de Rondônia e foi abreviada para “shoro” e, por fim, zoró. Lacerda (2005) afirma que monshoro significa “cabeça-seca” para os referidos Suruí. Praxedes (1977, p. 75) diz que cabeça-seca originou-se “do hábito de rasparem as sobrancelhas”. Para outros, a razão está no fato de os Zoró espetarem em estacas a cabeça dos inimigos mortos para secar ao sol.

O autor conclui em seguida que as diferentes atribuições à origem da palavra Zoró não oferecem elementos seguros para que se afirme categoricamente o seu real significado, e adota a versão apresentada pelo próprio grupo (LISBOA, 2008, p.21).

Para o termo *pangyjěj*, encontramos a definição de “nós”, no Museu Nacional do Índio, RJ (Ministério da Justiça, 1995) e três outras denominações de Lisboa (2008, p.19), que acata a primeira de Tressmann (1994):

Tressmann (1994), etimologicamente traduziu como “nós comemos carne moqueada” – pa = nós (inclusivo) *ngyj* = mangãj/makajã = moquear. Brunelli (1987, 153 p.) traduz como “nós somos aqueles que falam” e Lacerda (2005, p.1, nota 1) “filhos do Deus das águas”. De acordo com pesquisa junto a alguns anciãos, a primeira tradução apresentada parece ser a mais aceita.

1.7.3 Temperamento estrategista

Seguindo a caracterização de Lisboa (2008), os Zoró são guerreiros incansáveis e sempre dispostos a lutar pelo que acreditam ser seu. No curso da história recente do país enfrentaram seringueiros, caucheiros, caçadores, o trabalho e a instalação de fazendas e, por último, colonos.

De tantas lutas puderam garantir, se não todo, mas uma boa parcela do seu território tradicional.

Os *Pangyjěj* destacam-se pela estratégia de conquista junto a outros agentes, como a fuga para junto dos Gaviões para escaparem dos ataques Suruí e, diante das doenças causadas pelo contato inter étnico, a conversão à religião dos missionários a fim de receberem cuidados na área da saúde. Quando fortalecidos, recomeçam as lutas para resgatar a cultura e retornar à própria terra: “quando fortes, lutam com as próprias forças; na fraqueza, selam-se alianças (LISBOA, 2008, p.103)”.

Em relação à sobrevivência cultural, Lisboa (2008, p. 103) pontua que apesar do afastamento inicial das práticas culturais tradicionais, a transmissão da cultura está presente nas narrativas míticas e nas práticas pedagógicas:

Os fatos históricos mostraram que o afastamento das práticas culturais tradicionais, provocado pela conversão religiosa e pelas novas formas de trabalho incentivadas pela FUNAI não foi definitivo, mostrando o quanto é forte a crença na sua própria cultura, o quanto são convincentes as suas narrativas míticas e eficientes em suas práticas pedagógicas na transmissão da cultura na ausência de conflitos que lhes retiram a base de sustentação, pois é após a desintrusão da sua Terra que os Zoró retomam as atividades culturais, como festas e rituais dedicados aos espíritos, base do seu conjunto de crenças e ação humana.

Uma das maiores preocupações desse povo é a sua imagem perante os outros. Desse modo, os problemas domésticos têm um tratamento especial para não se tornarem públicos:

são resolvidos durante a madrugada, tendo como mediador o *zawijaj* (cacique), mesmo que este não seja membro da família em contenda. Essa forma não expõe as pessoas ao ridículo, e reforça o prestígio do líder.

Outro juízo de valor é a boa educação, a cortesia, o respeito para com as mulheres, os velhos e as crianças. O não cumprimento desses preceitos culturais implica erros condenáveis pela etnia.

Os mais velhos (*pandet*, em língua materna) geralmente são tratados com grande respeito, pois são eles quem detém o conhecimento da cultura e da técnica e é deles sempre a primeira palavra. A relação de respeito é a linha mestra da organização social e da continuidade do modo de viver próprio do povo Zoró (LISBOA, 2008, p. 35).

As medidas punitivas têm pouca importância na cultura Zoró. Às vezes elas podem ser feitas pelos tios quando um sobrinho extrapola todos os limites aceitáveis dentro da cultura. Dificilmente um pai irá reprimir um filho, principalmente se ele é criança.

1.7.4 Organização e papéis

A partir de relato dos mais velhos, Lisboa (2008, p.28) expõe que, no período anterior ao contato com o não-indígena, os Zoró organizavam-se em clãs, formados por diferentes malocas (grupos). Hoje a base da organização social é o núcleo familiar.

Cabia aos homens a segurança da aldeia, a derrubada do mato, o plantio da roça, a caça, a pesca, a coleta dos frutos, a construção da *zap* (local e construção da casa), a limpeza do pátio da aldeia, a confecção das armas, dos instrumentos de trabalho e instrumentos musicais.

Enquanto que às mulheres estava reservada a colheita e o transporte dos produtos agrícolas, o transporte de lenha, o preparo dos alimentos, o cuidado com as crianças, a produção de cerâmica, dos trançados e enfeites como pulseiras e colares.

Nos clãs, sendo a descendência paternal, a mãe não influenciava no grau de parentesco e os casamentos avunculares (com os tios) eram permitidos e não se consentia o casamento entre indivíduos de grupos diferentes, ou seja, eram endogâmicos e, inevitavelmente, guerreavam entre si (LISBOA, 2008, p.28).

Os clãs que estão agrupados sob a alcunha de Zoró, em número de doze, são: Iandarej (povo da cabeceira do rio), Majxīwej (povo da makaloba doce), Zabeawej (povo bom e trabalhador), Pangȳjej (povo comedor de gente moqueada), Pangȳjkirej (povo de pele clara),

Jyjej (povo valente), Ujkywej (povo do patoá), Duwej (povo do urucum), Pamakangỹj (povo do calo), Pangỹjpewej (povo de pele escura), Jap Tulej (descrição não encontrada) e Mejng Kyjej (descrição não encontrada) (MONSERRAT, 2006, p.28).

Os indígenas dos clãs Pangỹjpewej, Jap Tulej e Mejng Kyjej foram extintos logo nos primeiros contatos, vitimados pelas doenças, como ocorreu com grande parte da população indígena no país. Isto porque a barreira imunológica do indígena era desfavorável ao contato. Além das epidemias, os massacres e conflitos também são apontados como fatores de dizimação destas populações.

Embora os clãs Pangỹj e Pangỹjkirej fossem de tendência guerreira mais apurada e liderassem os demais na guerra contra os inimigos, os Zabeawej, considerados pelos demais como “boa gente”, mantinham uma posição privilegiada de poder tanto quanto os Pangỹj, o que pode ser explicado pela capacidade de argumentação na hora da formação das alianças (LISBOA, 2008, p.28).

Desta forma, três aspectos importantes são determinantes na estrutura hierárquica interclânica: o respeito que os membros de um clã tinham com o seu *zawijaj* (cacique), a coerção que um clã exercia sobre os demais e a capacidade de negociação e articulação entre os diferentes clãs. Podemos então relacionar o poder ao respeito obtido dos membros do grupo e não apenas ao poder como forma de dominação (LISBOA, 2008, p.28).

A união entre os clãs deu-se por intermédio do casamento de um homem do grupo Pangỹj, com uma mulher do grupo Zabeawej. A partir dessa união, para que não houvesse ciúmes, o casamento entre os diferentes grupos passou a ser aceito. Apenas através do casamento se permitia que indivíduos de grupos e locais diferentes vivessem sob uma mesma maloca, e os laços de parentesco formados os levaram à convivência pacífica (LISBOA, 2008, p.28).

Para os Zoró, a história de união entre os grupos deu-se da seguinte forma:

Os Zoró contam essa união de clãs da seguinte forma: uma moça Zabeawej falou para seu pai que queria casar com um rapaz Pangỹj. O pai respondeu que para isso deveria ter que suportar muitas coisas, como sempre aceitar o que o futuro marido fizesse ou dissesse e nunca questionar. Só assim, poderia viver com ele. A moça aceitou, e assim, começou o casamento entre indivíduos de clãs diferentes (LISBOA, 2008, p.28).

Conforme Lisboa (2008, p.28), há várias hipóteses para o extermínio do grupo Zabeawej e a sobrevivência do grupo Pangỹj. Todavia, ressaltaremos o relato dos mais velhos, apanhado pelo autor, sobre o primeiro extermínio de malocas inteiras, “em que

grandes pássaros (aviões) sobrevoavam jogando um pó branco. Houve uma grande mortalidade de mulheres e crianças porque eram elas que ficavam na maloca”.

O autor menciona Martins (1997) e seu registro da coincidência entre esse fato e de outros episódios ocorridos a partir da década de 50, com o interesse de empresas capitalistas em exterminar os indígenas da região de Aripuanã. O mais conhecido foi o Massacre do Paralelo 11⁸, ocorrido em novembro de 1963 (LISBOA, 2008, p.29), o qual é por nós relatado, em nota, no final do trabalho.

Outro fator de baixa populacional é que, na iminência de um ataque por terra, as mulheres, crianças e os velhos, em decorrência da falta de agilidade, eram os primeiros a tombar diante da ofensiva.

Cogita-se que, devido à baixa no número de indivíduos de ambos os clãs, e por uma questão estratégica, de sobrevivência, o casamento exogâmico passou a ser aceito. O autor conclui dizendo que o que ocorreu foi a necessidade de se unirem contra um inimigo ainda mais terrível, que vinha munido de armas poderosas (LISBOA, 2008, p.29):

O fato é que, o casamento entre membros dos diferentes clãs foi um mecanismo que fez com que as brigas cessassem e fortaleceu o grupo para o enfrentamento com um novo inimigo que aparecia munido de armas até então desconhecidas e mais poderosas, o não índio.

O contato com o colonizador mudou de forma radical a história desse povo – e dos povos indígenas em geral, pois, os que no passado eram inimigos, às vezes considerados como não gente por alguns grupos, hoje se tratam como parentes (LISBOA, 2008, p.29).

Lisboa (2008, p.30) apresenta dados do Dossiê Índios em Mato Grosso (OPAN/CIMI, 1987, 114 p.) no qual, em 1978, a FUNAI promoveu a vacinação de cerca de 400 indígenas, ocasião em que se calculou a existência de quinze aldeias. Em 1985, após a ocorrência de uma série de surtos epidêmicos, a população Zoró havia sido reduzida a menos de 200 pessoas.

⁸ O Massacre do Paralelo 11 é descrito ao final do trabalho, no Anexo 1

1.7.5 Vida na maloca

Tradicionalmente, a aldeia Zoró é constituída de casas ou malocas (zap), feitas de madeira e palha de babaçu, o que as torna extremamente agradáveis nos dias quentes. Segundo os mais antigos, elas acomodavam até oitenta pessoas.

Mesmo hoje em dia, Lisboa (2008, p.24) nos conta que é raro encontrar uma aldeia Zoró que não possua sua maloca; mesmo aquelas com casas feitas de material e alvenaria conservam sua maloca, que também representa o poder do *zawijaj* (cacique) e o local de descanso dos mais velhos que encontram dificuldades para se adaptarem às novas casas construídas pelos não-indígenas.

Na maloca ocorre o preparo do alimento, em função das mulheres cozinharem em fogão de lenha, e as atividades familiares, como descanso, conversas informais, ensino e aprendizagem da cultura, danças rituais, aconselhamentos, histórias contadas à noite e pela madrugada, dentre outros. As festas ocorrem em frente às casas, no pátio.

As cerimônias de cura e funerais também ocorrem na maloca. No funeral, os mortos são enterrados nela e depois queimam tudo, para o corte das relações do espírito da pessoa enterrada com as pessoas vivas da aldeia (LISBOA, 2008, p.24-25).

Para se aquecerem, em dias frios, os Zoró utilizam um pequeno fogo sob suas redes. Além disso, o calor produzido pelos fogões de lenha sobre o chão batido impede a entrada de vento e faz com que as noites não sejam tão frias (LISBOA, 2008, p.25).

O autor ainda descreve a presença de um reservado, o *bekã* (sem vocábulo correspondente em língua portuguesa), onde os homens produziam e ensinavam a seus filhos a confecção do arco e da flecha. O *bekã* também é utilizado para a concentração de convidados, nos momentos de festas na aldeia, pois, segundo a tradição, os convidados não deveriam chegar antes do início da festa e/ou chegar antes dos demais. O espaço também se destinava ao descanso dos convidados e à preparação de instrumentos, enfeites e pintura corporal.

1.7.6 Desenvolvimento econômico: Sobrevivência

Antes do contato, os Zoró possuíam um sistema de agricultura, além de praticarem a caça e a pesca. As mudanças ocorriam a cada três ou quatro anos e eram impulsionadas pela queda na produtividade da roça e em busca de áreas com maior abundância de caça, pesca e

que proporcionassem maior coleta de frutos ou mesmo por pressões de grupos inimigos (LISBOA, 2008, p.26). Por conseguinte, os Zoró eram caçadores, coletores e agricultores.

Atualmente os roçados são atividades relacionadas à família, uma responsabilidade do homem guerreiro que provê os seus descendentes. Embora os roçados pertençam às famílias, o uso dos produtos sempre se dá de forma coletiva.

O contato com a sociedade nacional e a consequente diminuição do seu território trouxeram novos elementos para a cultura Zoró, como a energia elétrica, água encanada de poço, entre outros.

Mesmo com os novos elementos, algumas atividades relacionadas às estações do ano seguem do mesmo modo. Em Lisboa (2008, p. 35), encontramos um calendário Zoró, feito em um exercício entre os professores indígenas e assessoria pedagógica das escolas das aldeias junto aos anciãos do povo. Cada uma das sete partes do círculo representa um período importante para a organização das atividades culturais e produção (Figura 4).

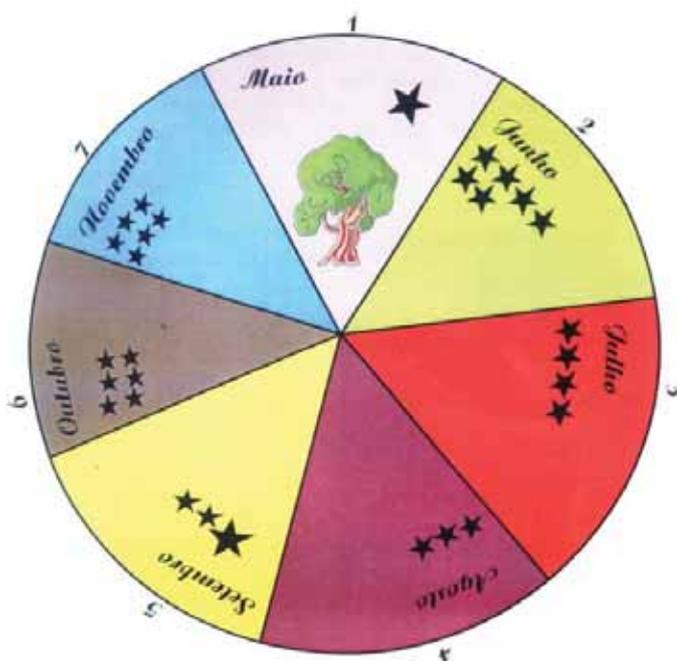


Figura 4 - Calendário Zoró

O “começo do ano quando a árvore do murici floresce” é o momento de preparar o roçado da mata (cortar os cipós e as árvores mais finas) e depois fazer a derrubada das árvores do local onde será plantada a roça;

No segundo período há “muitas estrelas grandes, está começando o frio”, continua a roçada da mata e em alguns casos começa a derrubada propriamente dita, é o fim do período chuvoso nessa parte da Amazônia;

O terceiro período é de “muito frio e começando sol quente” é início da estação seca e época de derrubada da mata;

O quarto período é de “muito sol quente e rio seco, bom para matar o peixe com timbó”, é a época das queimadas e de andanças pelos rios para fazer a pesca com timbó.

No quinto período “está começando chuva”, é época de plantio das roças;

No sexto período, “todos os dias há chuva”;

No último período é de “muitas chuvas. Fim do ano. Estrelas pequenas”. É o período de maior intensidade das atividades culturais, da coleta de frutos, preparação para os rituais e colheita de milho (LISBOA, 2008, p. 35).

1.7.7 Espiritualidade

Para os Zoró, os mundos do visível e do invisível se interpenetram em um fluxo contínuo entre seres e poderes da natureza. Para eles, os espíritos poderão habitar três dimensões: terrestre, onde os ruins ficarão vagando; das águas (ou submerso) e celeste. É na dimensão submersa que o espírito das pessoas boas vai morar após a sua morte e é chamada *Gujanej*. O *Gujanej*, também chamado de Malulá, é um lugar de paz, de malocas novas e malocas boas. A parte mais profunda do *Gujanej* é destinada aos Wawã (pajé) e às pessoas que em vida foram boas para a comunidade – os grandes personagens. Na sequência, ilustraremos com duas das principais festas Zoró.

A festa mais importante dos Zoró é a *Gujanej*. Nela se celebra a vinda do espírito das águas para curar doenças e principalmente ver como anda a cultura do povo (LISBOA, 2008, p. 39).

Durante a festa existem várias restrições como não fazer sexo ou a proibição aos casais com crianças pequenas de se juntarem aos demais, pois o espírito pode castigar ou mesmo exercer alguma influência indesejada. O espírito festejado é o “malulá” (LISBOA, 2008, p. 39).

O wawã (pajé) incorpora o espírito e faz uma avaliação da continuidade à cultura pelos presentes obrigatórios oferecidos ao espírito: os presentes devem estar perfeitos e de acordo com as tradições.

Na opinião de Lisboa (2008, p. 39), a importância da Gujanej é a conservação das tradições e a resistência aos evangélicos:

A crença nos ensinamentos desse ritual com certeza marca o apego à cultura que as pessoas têm, como também a sua religiosidade. Talvez esse seja o aspecto religioso e ideológico que prende os Zoró às suas tradições e a resistência às investidas dos evangélicos.

O ponto principal da festa é quando as pessoas têm a oportunidade de fazer contato com o plano espiritual, mas nem todos conseguem:

A viagem espiritual para onde seus parentes mortos estão morando (o mundo submerso das águas). Para isso, deslocam-se para um riacho e lá o wawã orienta à pessoa colocar o pé em determinado ponto, que sente – como os Zoró dizem – um choque e acontece uma sensação de transe (ou desmaio) e aí acontece a viagem extracorpórea. O efeito é rápido e em poucos segundos a pessoa retorna ao estado normal de consciência. A viagem não é atingida por todos (LISBOA, 2008, p. 39).

Outro momento importante na festa é a entrega de um jacaré ao wawã para abençoar as famílias com o espírito do jacaré, que depois da cerimônia é morto à paulada e distribuído aos participantes como “troca dádiva” (LISBOA, 2008, p.39).

A festa do *bebej* também tem um animal como protagonista: o espírito do porcão, que é uma espécie de porco do mato, *Tayassu pecari*. Ele é invocado para que não desapareça da terra dos Zoró e não venha a comprometer a alimentação do povo (LISBOA, 2008, p. 40):

No auge do ritual, o wawã se comunica espiritualmente com o espírito do porcão, e nessa viagem é revelado o local onde está a vara de porcos. O wawã, após retornar de sua viagem espiritual, indica aos presentes o local exato, que saem para capturar os animais a serem servidos na festa.

Os Zoró não separam o mundo espiritual do material, para eles ambos se completam e a comunicação humana com o sagrado é constante. A presença espiritual está em todas as coisas: no céu, na água, nas plantas, nos astros, nos animais (LISBOA, 2008, p. 40).

O papel dos animais na espiritualidade Zoró nos fez refletir sobre os semas, unidades mínimas de significação dentro de um campo semântico, que estariam relacionados à representação dos animais para eles. Abordaremos esse assunto no item 2.8.1.2.

1.7.8 Vida atual

O fim das guerras tribais e a tutoria da Fundação Nacional do Índio, FUNAI, trouxeram novas variáveis para o modo de vida do indígena Zoró, como as necessidades de convívio com a sociedade nacional.

Surge então a educação escolar e, com ela, a figura do professor indígena, porquanto se faziam imperiosas as habilidades de escrita, leitura e o cálculo para a interação com o não-indígena e a figura do agente indígena de saúde. Ambos assalariados representam novos postos de liderança dentro do grupo.

Além da incorporação dos valores financeiros surge também a necessidade do supérfluo, como celulares e congelados, por exemplo, e a inclusão de conceitos culturais e religiosos da cultura não-indígena, acarretando mudanças nas antigas tradições de caça, pesca e roça.

Algumas atividades econômicas desenvolvidas pelos Zoró são ditas devastadoras por Lisboa (2008, p.67), como, por exemplo, a atividade madeireira. O autor refere-se à facilidade relativa do ganho monetário, o que levou alguns indígenas ao alcoolismo e a frequentar os prostíbulos das cidades circunvizinhas, colocando em risco a saúde de suas esposas e a possibilidade de contraírem doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS:

Uma questão a ser considerada é que existe a vontade dos índios em manter o padrão alto de consumo de bens industrializados com um mínimo de tempo para captação dos recursos monetários necessários à sua aquisição, e para isso recorrem à venda de madeira. Não se quer minimizar a responsabilidade dos índios, mas isso ocorre como já discutido, por uma forte pressão dos madeireiros ilegais que espalham a ilusão da riqueza fácil (LISBOA, 2008, p.104).

Dentre as atividades ainda praticadas estão: a coleta de castanha, a venda de artesanato e a retomada da venda de madeiras. Surge também a busca por recursos junto às entidades estatais ou não governamentais, a fim de implantar projetos agroflorestais para preservar o patrimônio natural da reserva.

1.7.9 Situação atual da língua: Estudo e transmissão

Na opinião de Lacerda (2005, p.2) o estudo da língua Zoró teve início em 1991, com Ismael Tressmann, em conjunto com o professor Waratã e auxiliados pela linguista Ruth

Montserrat, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, concluído posteriormente em 1994.

Desse trabalho surgiu o primeiro material ortográfico com a produção de um livro de textos com a história do povo Zoró (LACERDA, 2005, p.2).

Presentemente, destacamos o trabalho de Lacerda (2005) e Lisboa (2008), que subsidiam nossas investigações.

Ilustraremos a seguir trecho do texto de Lacerda (2005) sobre o modo como o conhecimento é transmitido e compartilhado entre os indígenas, e o processo de socialização da criança (LACERDA, 2005, p. 61):

A transmissão de conhecimento ente os *Pangyjej* se dá no dia a dia, no trabalho, nas histórias contadas, nos conselhos dados, na produção dos materiais de uso, nos rituais. Os mais velhos passam para os mais jovens, os pais para os filhos a sua sabedoria. Os “conselhos” são dados de madrugada, segundo a tradição. Quando os meninos já estão, com mais ou menos cinco anos são levados para a roça, a caça e a pescaria com seus pais. Todas as crianças, no colo, são levadas para as colheitas. As meninas, na mesma idade dos meninos, começam a carregar as coisas, lavar as panelas. O processo de socialização da criança vai se dando no dia a dia de acordo com o desenvolvimento da mesma (LACERDA 2002 P. 61).

Uma nova variável no contexto dos Zoró é o interesse em aprender a ler e escrever e fazer contas, pois percebem a importância do aprendizado para os tratamentos e negociações com a sociedade nacional. Entendem, no entanto, que a educação escolar deva ocorrer em território indígena, o que hoje é uma realidade:

A experiência de mandar seus filhos estudarem nas escolas das cidades não trouxe bons resultados. Os mais velhos perceberam que os jovens longe de seu contexto cultural representariam um risco à continuidade de sua cultura, além do sofrimento desnecessário que as famílias teriam que passar com a ausência de seus filhos. Organizaram-se, lutaram e conseguiram escolas do pré-escolar ao ensino médio em sua Terra (LISBOA, 2008, p.104).

1.8 Reflexão sobre as línguas

Diante de línguas tão pouco conhecidas, a investigação foi pautada na figura do falante que há, além do idioma, e algumas observações acerca do apreendido foram salientadas.

De acordo com o Dicionário Michaelis (1998), a palavra *indígena* possui a seguinte *significação*: “s. m. e f. Pessoa natural do país em que habita. Adj. m. e f. Originário ou próprio do país onde habita”.

O presente levantamento nos trouxe vários ensinamentos. Apesar de caracterizarmos todos os falantes, das seis línguas, como *indígenas*, ocorre que sua maior semelhança incide, de forma mais acentuada, na cor da pele. No contexto atual são entidades diferentes, provenientes de troncos linguísticos próximos ou com nenhum parentesco linguístico definido, mas que atravessaram os mesmo processos de invasão e adaptação pós-contato. Assim, em alguns casos pode-se notar uma afinidade maior na língua do que no costume.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, no Art. 20: “ São bens da União: XI - as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios”, e, no Capítulo VIII – Dos Índios, § 2.º: “As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes”.

Configurando que o indígena brasileiro não é dono das terras que habita, essas terras pertencem à União. E o usufruto ocorrerá enquanto existir indígena nas Terras Indígenas demarcadas pelo estado. Tal situação vai de encontro às questões de disputas agrárias, massacres e omissões.

Entrementes, apreende-se que a luta é fator inerente à condição de vida desses povos, como por exemplo, entre os Xavante; a vontade da preservação cultural dos cavaleiros Kadiwéu; o ressurgimento após massacre e o desejo de aprender a língua portuguesa para melhorar as relações comerciais com os falantes do português, como visto entre os Zoró; a crença na espiritualidade; a plasticidade imposta pelos períodos de “correrias” e pela vida que surgiu depois delas.

Entre os Karitiana, ressaltamos o esforço ante a subjugação às igrejas evangélicas para resguardar as tradições e os olhos no passado do Homem indígena forte e viril, agora fragilizados pelos novos hábitos alimentares, fumaças e odores, trazidos pela nova civilização.

Entre os Parintintín, encontramos um universo patrilinear de metades que são complementares, e a estratégica necessidade de alianças para preservar o sangue; o respeito à figura paterna; a possibilidade de dissociação matrimonial.

Os Karitiana também ensinam que, uma vez que os animais são domesticados, há um vínculo afetivo do tratador com o rebanho e, que, respeitando o vínculo, esse último não deverá ser consumido pelo primeiro.

A preservação da língua tem presença destacada entre os Arara, Kadiwéu, Zoró e Xavante, assim como a presença do professor indígena e as escolas nas aldeias. Entretanto, não há material didático satisfatório e professores especializados para as séries que necessitam do apoio multidisciplinar, a partir do sexto período.

Entre os Zoró, nota-se a valorização da espiritualidade; na família: que os pais não castigam os filhos, e que também cabe aos tios e avós grande parte da educação dos pequenos.

Encontramos em todas as comunidades a condição bilíngue, sendo o português a segunda língua. O português é falado principalmente entre os homens, e em menor grau por mulheres e crianças, mais restritas à vida na aldeia.

A agricultura, introduzida pós-contato, é caracterizada pela subsistência, sendo a caça, a pesca e a coleta de frutos, tidas como atividades mais prazerosas.

Diversos fatores externos, suscetíveis de influírem sobre a vida indígena, determinam urgente reflexão desses povos sobre questões como a motosserra, as riquezas naturais e condições de lucros financeiros, a chegada dos produtos industrializados, o alcoolismo, a AIDS, a necessária permanência na terra em contraposição às luzes da cidade, e o momento de transposição do ressentimento para o imperativo diálogo com o homem *branco*.

Mesmo que diante de recentes e dolorosas investidas civilizatórias, como ocorreu com a abertura da Transamazônica, com os Parintintín e o massacre do Paralelo 11, junto aos Zoró.

Em meio a tantos falantes e idiomas, esperamos de algum modo, que nosso trabalho contribua para o fortalecimento das línguas indígenas no Brasil.

No próximo capítulo, será dada maior ênfase no embasamento teórico do presente estudo. Todavia, saindo de um contexto indígena antropológico, nos permitimos iniciar com a questão dos primeiros dicionários no Brasil, no qual a língua indígena é a protagonista e as primeiras palavras foram estabelecidas para o português, com base em seu nome indígena, como acontece para o termo *capivara*.

Desse modo, no primeiro item apresentaremos os primórdios dos dicionários no Brasil, subjazendo o encadeamento da ideia indígena e seguiremos nos dedicando às questões terminológicas e onomasiológicas.

Destarte, finda a análise antropológica dos falantes das línguas indígenas concernentes ao presente estudo, apresentaremos a fundamentação teórica no Capítulo 2.

Capítulo 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo e historicamente. Deste modo, os sentidos dos dicionários são considerados na relação indissociável com os sujeitos tomados em seu modo social e histórico de existência (J. NUNES, 2006).

Apresentaremos neste capítulo os principais autores nos quais embasamos nossa abordagem. Iniciaremos com um breve relato dos primeiros dicionários do Brasil; abordando, após, os conceitos básicos de Terminologia, Terminografia, Lexicologia, Lexicografia; a estrutura das obras lexicais; o caráter onomasiológico dos dicionários. Por fim, faremos algumas considerações sobre o modelo semântico de Pottier e encerraremos discorrendo sobre a Etnoterminologia e sua influência e nossos estudos.

2.1 História dos dicionários no Brasil

Toda essa historicidade está marcada na forma material dos verbetes, na indicação das fontes, na sintaxe das definições. De outro lado, nota-se também que os verbetes de certo modo constroem sociedade, de maneira que o dicionário apresenta um horizonte de prospecção, o que caracteriza o seu potencial transformador quando inserido em um espaço linguístico histórico. Deste modo, observamos nos verbetes uma imagem da sociedade, imagem construída, parcial, que produz identificações e silenciamentos e que se projeta em um espaço-tempo (J. NUNES, 2006, p. 16).

Nesse sentido, a análise dos primeiros dicionários brasileiros, com grande influência das palavras indígenas, possibilita o entendimento das visões de cada povo indígena sobre determinadas questões, bem como sua história e modo de vida. As imagens apreendidas dos diferentes povos indígenas podem ser contrapostas umas às outras, e à da sociedade brasileira lusófona, através da utilização da Plataforma Kuhi pei.

Iniciaremos esse item, que se baseia no trabalho de José Horta Nunes (2006), com o início dos dicionários na Europa; seu principiar no Brasil e as principais obras, identificando o papel informador do dicionário na sociedade, sobretudo no período do Brasil colônia; e ilustraremos com alguns verbetes da época utilizados para descrever animais, em particular, para o idioma Tupi, alvo da política linguística no período.

A primeira ocorrência do termo *dicionário* é encontrada no ano de 1225, como *dictionarius*, título da obra do inglês John Garland, que organizou uma coleção de palavras latinas por assunto, para uso de seus alunos (MCARTHUR, 1986 *apud* CAMPELLO; CALDEIRA, 2008, p.24).

Em 1570, na Europa, foi impresso o primeiro dicionário português, de autoria de Jerônimo Cardoso, seguindo-se os de Agostinho Barbosa, em 1611, e de Bento Pereira, em 1647. Tais repertórios bilíngues limitavam-se a listas de palavras portuguesas com suas equivalências em latim.

O latim permaneceu com influência marcada na língua de diversos países durante os séculos de 1500 a 1700, acarretando a necessidade dos dicionários bilíngues. Mais à frente, com o desenvolvimento da política e fortalecimento dos estados independentes, as artes, as ciências, os estudos das línguas foram incentivados e surgiram as primeiras academias que representavam a língua nacional e conferiam prestígio aos dicionários.

A primeira academia surgiu em Florença, em 1582; era a *Accademia della Crusca*, que lançou o *Vocabulário degli Accademici della Crusca*. Em 1634, a *Académie Française* lança o projeto de seu *Dictionnaire de la Langue Française*, que levou 59 anos para ficar pronto. O exemplo foi seguido por vários países, entre eles Espanha e Rússia (MCARTHUR, 1986 *apud* CAMPELLO; CALDEIRA, 2008, p.24).

No Brasil, a história dos dicionários sucede ao descobrimento do Brasil. Colonizadores, missionários e viajantes deparam-se com falantes de idiomas ignorados, com ampla flora tropical, animais exóticos, episódios e utensílios desconhecidos.

Por razões exploratórias, missionárias, colonizadoras e militares, os dicionários surgem em meio à diversidade; Inicialmente em formato enciclopédico ou em listas de palavras.

De acordo com J. Horta Nunes (2006, p. 21), as situações de dicionarização são variáveis no decorrer da história brasileira, desde os Jesuítas até o início da República.

No período dos jesuítas, a autoria era coletiva e os dicionários eram organizados por mãos de diversos missionários, em diferentes locais.

A língua indígena ganhava um estatuto importante na cena da colônia como língua de catequese e por quase três séculos os seus estudos dominaram, o que resultou na elaboração de instrumentos linguísticos como gramáticas e dicionários. O Tupi era estudado e ensinado nos colégios jesuítas e a Companhia de Jesus dominava a cena intelectual da época. Outras línguas indígenas faladas na costa eram o Kariri e o Manau (J. NUNES, 2006, p.51).

À mistura de idiomas, mais fortemente representada pelo português e pelo Tupi, os jesuítas chamaram *língua brasílica* ou *língua da costa* e se estendia por todo o litoral do Brasil nos séculos XVI-XVII (J. NUNES, 2006, p.51).

No *Vocabulário na Língua Brasílica* (VLB), J. Nunes destaca os dicionários funcionando como “instrumentos desvendador de paradigmas de conjunções”, exemplificado no verbete que descreve o porco do mato, no uso da partícula *ete* (J. NUNES, 2006, p.109):

Porco do mato – Tayaçute, pela partícula *ete* não se diferem dos mansos somente, mas também doutros do mato de casta pequena a quem chamam Taigtetu, e doutros que pela grandeza e fereza, e dentes, dizem ser os mesmos de Europa a que chamam Japurutere.

Em 1560, o Padre Luis da Grã tornou a gramática de Anchieta, ainda manuscrita, obrigatória nos Colégios e os estudos do português não receberam maior atenção.

A formação das línguas nacionais no Brasil ocorreu no final do século XV e início do século XVI. Nesse período, evidenciam-se as gramáticas do Tupi, de Anchieta (1595) e de Figueira (1621), e do Kariri, de Mamiani (1699), bem como o *Vocabulário na Língua Brasílica*, que se supõe escrito durante a segunda metade do século XVI e início do século XVII (J. NUNES, 2006, p.50).

A finalidade da língua é identificar as várias espécies e as várias novas palavras. E busca-se, na comparação das línguas, a história da significação, como no texto de Anchieta⁹, retomado por J. Nunes (2006, 82) para descrever a capivara:

Há também outros animais do gênero anfíbio, chamados *capiyùára*, isto é, “que pastam ervas”, pouco diferentes dos porcos, de cor um tanto ruíva, com dentes como os da lebre, exceto os molares, dos quais alguns estão fixos nas mandíbulas e outros no meio do céu da boca; não têm cauda; comem ervas, donde lhe provém o nome; são próprios para se comer; domesticam-se e criam-se em casa como os cães: saem para pastar e voltam para casa por si mesmos.

⁹ ANCHIETA, José de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões 1554-1594.

Os primeiros dicionários alfabéticos brasileiros foram bilíngues (Língua Portuguesa - Língua Indígena), concebidos por jesuítas. E, possuíam como principal finalidade, a catequização, da qual resultou a tríade, gramática-dicionário-doutrina. O *Vocabulário na Língua Brasileira* (VLB), anônimo, circulou pelas missões e colégios jesuítas do Brasil na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII. São conhecidos vários manuscritos desse dicionário que, não foi publicado integralmente, senão em 1938, por Plínio Ayrosa¹⁰ (J. NUNES, 2006, p.51). Ilustraremos com um o verbete do VLB, que descreve o peixe acará, retomado por J. Nunes:

Acará pinima – acará pintado. Outra espécie larga e longa de sete dedos, de figura de uma pequena pera. Tem a boca pequena, os dentes agudos, os olhos muito grandes contorneados de um vermelho escuro, e branco (J. NUNES, 2006, p.130).

Para José Horta Nunes (2006, p.56), há nesses dicionários, o apagamento da memória oral indígena. Neles, não há abordagem sobre a mitologia indígena, enquanto que, a memória religiosa cristã é definida e adicionada ao contexto indígena, em palavras como “padre”, “pecado”, “alma”.

O autor retoma Matoso Câmara (1979), que considera o trabalho linguístico missionário, uma disciplinarização da língua indígena a partir do modelo latino, que resultou no que ele denominou de *tupi jesuítico*: uma sistematização para fins de propaganda religiosa (J. NUNES, 2006, p. 87).

Com o romantismo e a Independência, no final do século XVIII, e início do século XIX, começaram os estudos sobre o português do Brasil.

A partir do século XIX, os dicionários bilíngues (Língua Portuguesa – Língua Indígena) passam a ser confeccionado por autores ligados às instituições do Império e não mais por jesuítas e a lexicografia caminha através de relatos e comentários.

Os relatos são um misto de narrativa épica, ciência natural, documentos oficiais, saber enciclopédico, literatura de viagem, retórica, informação e propaganda, inteiramente envolto por elementos lexicais da língua indígena, tendo a base no Tupi. Ilustraremos com o relato de De Lery¹¹, retomado por J. Nunes (2006, p. 65-66), sobre o jacaré:

¹⁰ AYROSA, Plínio. *Vocabulário na língua brasileira*. São Paulo: Coleção Departamento de Cultura, vol XX, 1938.

¹¹ LERY, J. de. *Viagem, à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1980.

Além desses animais, que constituem a alimentação habitual dos americanos, comem eles crocodilos, chamados jacarés, os quais têm a grossura da coxa de um homem e comprimento proporcional; não são perigosos pois, como me foi dado ver muitas vezes, os selvagens os trazem vivos para as suas casas e as crianças brincam em redor deles sem mal algum (...). Observei os jacarés medianos e vi que têm a boca muito rasgada, as pernas altas, a cauda chata e aguda na extremidade. Confesso que não verifiquei se esses anfíbios conservam imóvel a mandíbula superior, como geralmente se acredita.

Devido à ausência da imprensa até o início do século XIX, os relatos só foram publicados na Europa, sendo pouco difundidos no Brasil. Eles se caracterizam por diferentes formas de escrita para uma mesma palavra; conforme a procedência e a sensibilidade fonética do viajante; o que resultava em transcrições com diferenças lexicais;

Segundo J. Nunes (2006, p.53), o processo de dicionarização brasileiro estabelece-se nas seguintes etapas:

- a) Transcrição alfabética de termos indígenas
- b) Citações, comentários, traduções de termos indígenas, diálogos;
- c) Listas temáticas de palavras LI-LP ¹²e LP-LI;
- d) Dicionários bilíngues LI-LP;
- e) Dicionários monolíngues de LP no Brasil
- f) Dicionários bilíngues LP-LI;

Os primeiros escritos surgem no momento em que se buscava conhecimento do povo indígena (etnografia) e com o início das atividades econômicas no Brasil.

Desde o século XVI, os relatos foram deixados por portugueses, alemães, franceses e, a partir do século XVII, também por holandeses e, por isso, os termos indígenas descritos variam muito quanto à ortografia.

Na opinião de J. Nunes (2006, p.92), os vocabulários dos jesuítas raramente se enquadravam na tipologia dos dicionários europeus da mesma época; o autor os avalia como dicionários fraseológicos, visto que a noção europeia de palavra pouco se adequava às expressões indígenas.

Nos verbetes, os missionários utilizavam frases inteiras como entrada ou faziam corresponder frases ou estruturas complexas, em Tupi, às palavras em português, o que dava aos dicionários um caráter onomasiológico.

¹² LI Língua Indígena – LP- Língua Portuguesa

Conforme J. Nunes (2006, p.97), a ordem de língua é Português-Tupi; e há também alguns termos e entradas em latim. As entradas em relação ao corpo dos verbetes ocorrem de três modos:

1. Palavra portuguesa seguida de palavras equivalentes em tupi;
2. Frases inteiras e sequência de extensão maior do que a palavra – seguida da palavra equivalente em língua brasílica (cunho onomasiológico):

Paga na mesma moeda, se dando uma coisa por outra da mesma espécie, ora seja ouro por ouro, punhada por punhada, a carta em resposta da outra que se mandou etc. – Poepigcaba

3. Palavra ou sequência em português, seguida de palavra equivalente em tupi e de comentário em português:

Por muito. Tempo em fazer o que. faz. – Aegmuãni, I, Daeigmuãni. Porque o mesmo significado negativo que afirmativo, constrói-se com supino, ut, Eiigmuãni ahe ymonhanga. i. por muito. em fazê-lo etc.

De acordo com J. NUNES (2006, p.99) ocorreram algumas adaptações, em língua indígena, de noções cristãs, tal como ocorre na série referente ao pecado:

Pecado.- angaipapaba. Tecoangaipaba. Tecomemoã.
Pecado, ou pecador contra a natureza. s. o patiens.- Tebira.
Pecado como quer. – angaipaba

Outras características onomasiológicas foram pontuadas no discurso de Hans Staden¹³ (1942) em duas viagens ao Brasil, retomado por J. NUNES (2006, p.64). Nele, a formação do verbete é encabeçada por uma palavra que se confunde com o próprio objeto que é descrito:

Há ainda uma espécie de caça, chamada saruê. O animal tem o tamanho de um gato, tem pelo cinzento escuro ou claro, e uma cauda também como um gato. Quando dá cria, tem seis filhotes mais ou menos. No ventre há uma fenda de cerca de meio palmo, e no interior da fenda uma outra pele, pois o ventre não é aberto. Dentro desta bolsa estão também as tetas. Para onde vai, leva consigo os filhotes na bolsa, entre as duas peles. Ajudei muitas vezes a caçar saruês e retirei os filhotes de dentro da bolsa (STADEN, 1942, p.191).

¹³ STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo: Sociedade Hans Staden, 1942.

De acordo com o autor, na sequência, que descreve um gambá, a nomeação não se destaca totalmente do texto da narração, não havendo uma formalização da entrada (J. NUNES, 2006, o. 64). Por isso ela se caracteriza, também, por sua formação onomasiológica, uma vez que se descreve um *objeto* sem que, no entanto, se faça uma nomeação de forma direta, ou a relação do mesmo com a língua de origem do relator.

De outra forma, também se pode observar que a organização textual é muito próxima de um verbete de dicionário enciclopédico.

Para o autor, a estruturação destes verbetes enciclopédicos se dá a partir de entrevistas com os nativos, nas quais, a forma dialogal organiza os domínios temáticos através de perguntas e respostas e que, a situação do diálogo se faz com o primeiro perguntando e o segundo respondendo. Tal conversação, idealizada, coloca na boca dos indígenas o modo de resposta de acordo com o desejo do europeu (J. NUNES, 2006, p. 67).

Como já citados em nossas ilustrações, J. NUNES (2006, p.65), destaca os relatos do protestante francês Jean De Léry e seu relato em *Viagem à terra do Brasil* (De LÉRY, 1980), devido ao interesse que o autor demonstra pelo conhecimento da língua.

Em seu colóquio estão as primeiras reflexões gramaticais sobre o Tupi e um vocabulário estruturado a partir de uma forma dialogal.

Tal vocabulário filia-se, historicamente, aos dicionários bilíngues de viajantes e comerciantes, elaborados com uma estrutura de conversão, com seus domínios temáticos embasados através de perguntas e respostas. É, ao mesmo tempo, dicionário de coisas e de língua. Suas observações gramaticais se concentram nos pronomes pessoais e na conjugação dos verbos, além de tecer considerações de ordem morfológica e etimológica, sobretudo com relação às nomeações indígenas, exemplificada na citação transcrita por J. NUNES (2006, p.68) sobre a água:

Os selvagens chamam a água doce uh-ete e a água salgada de *uh-een*; esta dicção obtêm-na com a garganta como os hebreus fazem com as guturais e por isso era para nós a mais penosa de reproduzir entre todas as do idioma indígena (De LÉRY, 1980).

2.1.1 Repertórios pioneiros

Começaremos descrevendo o Vocabulário na Língua Brasília, VLB, o primeiro manuscrito Português-Tupi, elaborado para que os missionários pudessem pregar em Tupi. Ele organiza o cenário linguístico da época, na chamada “Língua Brasília”, a que Anchieta se

refere também como “a língua mais falada na costa do Brasil”, e serviu ao movimento de conquista dos colonizadores.

Esse dicionário foi elaborado com o interesse prático de ensinar aos missionários a língua indígena, a fim de converter os nativos. Tratava-se de uma situação social em que conviviam indígenas, colonos e mestiços, na qual o Tupi era ensinado, juntamente com o português às crianças (índios, filhos de colonos, crianças trazidas de Portugal) nas “escolas de ler, escrever e contar”, dos jesuítas (J. NUNES, 2006, p. 93).

Sendo um dos únicos dicionários coloniais que traz reflexões sobre o funcionamento da língua indígena, o VLB apresenta comentários gramaticais e discursivos em grande número de verbetes. As entradas são constituídas por palavras, sintagmas ou frases. Esse vocabulário serviu a muitas compilações, mas os comentários linguísticos que ele contém raramente foram reproduzidos em outros dicionários.

Também do VLB, J. NUNES (2006, p.101) destaca a ordem (alfabética) de entrada em português, exemplificada nas entradas para peixe:

Peixe. gnlr – Pirâ
 Peixe Boi. – Ygoaragoa
 Peixe serra. – Igbira.
 Peixe enxada.- Parû.
 Peixe avoador. - Mijuipira

Outro dicionário importante da época Colonial é o *Dicionário Português-Brasilião* (DPB), publicado em Lisboa, 1795. O seu manuscrito, encontrado no Convento do Maranhão, data aproximadamente de 1751 e trata-se do primeiro dicionário LP-LI publicado. Suas entradas eram em palavras, sintagmas e muito raramente frases. O corpo dos verbetes não contém comentários linguísticos. Apresenta apenas uma sequência equivalente em LI (J. NUNES, p. 127).

Em 1891, foi publicado, no Rio de Janeiro, o *Dicionário da língua geral do Brasil*, que faz parte do Poranduba de Frei Prazeres do Maranhão (1981) e, em 1934, em São Paulo, houve a publicação do manuscrito do DBP de Frei Veloso (J. NUNES, p. 127).

O autor destaca o papel de Anchieta, na história da lexicografia brasileira, que além de autor de uma gramática do tupi e um dos prováveis autores do *Vocabulário na Língua Brasílica*, realizou importantes descrições da fauna e flora brasileiras (J. NUNES, 2006).

Os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759. Com o Regimento de Pombal, mais de quinhentos religiosos se retiraram do Brasil. O conjunto de medidas que se seguiram, conhecidas por *Reformas Pombalinas* ou *Pombalismo*, incidiu de modo intenso sobre as

atividades intelectuais do país, principalmente através da reforma da instrução pública e foram sentidas intensamente no país (J. NUNES, p. 125).

A primeira consequência para a política linguística preconizada pelo Regimento foi a proibição do Tupi nas escolas e a obrigatoriedade do ensino do Português (J. NUNES, p. 126).

Desde a segunda metade do século XVIII, com a intervenção do marques de Pombal e posteriormente com o Império, firmou-se mais decididamente uma política de implantação do português e marginalização, quando não, extermínio das línguas indígenas, incidindo também nas línguas gerais. Na lexicografia, isto levará, de um lado, à produção de dicionários monolíngues do português e, de outro, a mudanças nos dicionários bilíngues.

Com a expulsão dos jesuítas em meados do século XVIII, não somente no Brasil, como também de diversas partes do mundo, os materiais linguísticos que eles deixaram se acumularam em arquivos religiosos europeus.

Esse momento coincide com o início do trabalho dos gramáticos comparatistas, que envolve classificações das línguas do mundo e as construções de teorias gerais e evolucionistas. Alguns estudiosos brasileiros (Gonçalves Dias, Ferreira França, Prazeres do Maranhão) e estrangeiros (Martius, Platzman) realizaram compilações de dicionários dos jesuítas que estiveram no Brasil, acrescentando e suprimindo termos, atualizando o corpo dos verbetes, introduzindo comentários gramaticais ou mesmo reduzindo os dicionários de caráter enciclopédico a glossários termo a termo (J. NUNES, p. 147).

Neste contexto estão as obras *Chrestomathia da Língua Brasílica*, de Ferreira França (Leipzig, 1859), e o *Dicionário da Língua Geral Brasílica: português e alemão*, inserido na *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, de Martius (1867) (J. NUNES, p. 155).

O primeiro dicionário monolíngue do português, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, elaborado pelo brasileiro A. de Moraes Silva e publicado em Lisboa, é relativamente tardio, datando de 1789. Esse dicionário inaugura um novo viés para a lexicografia brasileira, introduzindo, mais decisivamente, a tradição européia no Brasil. Sua particularidade vem do modo como as palavras de origem indígena são introduzidas no dicionário e o modo de definição que ele produz (J. NUNES, p. 183).

Em finais do século XIX, a produção dos monolíngues se divide em dois percursos: O primeiro é o que vem da tradição portuguesa. Os dicionários gerais, tais como o Moraes (1789), o Aulete (1881) e o Figueiredo (1899) passam a incorporar um número cada vez maior de brasileirismos (J. NUNES, p. 225).

O segundo é marcado pela produção de dicionários de brasileirismos, extensos, com a ideia de representar toda a língua nacional. Esses dicionários apontam para a vinda dos grandes dicionários brasileiros de língua portuguesa, o que ocorrerá em meados do século XX.

Durante o Império e com a vinda da Família Real, outras condições determinaram a confecção de dicionários bilíngues. Com a Independência da República há o estabelecimento de diversas instituições, ocasionando novas práticas lexicográficas (J. NUNES, p. 133).

Há o surgimento da política indigenista, que oficializou os latifúndios e atribuiu aos indígenas o estatuto de órfãos:

A política indigenista nesse período levantava o pensamento de que os indígenas estavam fadados ao extermínio, por inadaptabilidade a uma pretendida evolução humana. Essa política se exerceu através de legislações como a Lei das Terras, que oficializava os latifúndios; o Regimento das Missões, que unia civilização e catequese; e também a atribuição do estatuto de órfãos para os índios, sustentando o paternalismo oficial. A visão do indígena como historicamente primitivo e inferior ao civilizado foi utilizada como argumentos para justificar tais políticas (J. NUNES, p. 136).

Enquanto a língua geral era combatida, o tupi era tomado como língua ideal, de maneira que se consolidava a imagem romântica do indigenista brasileiro.

O império foi palco da distinção de outros grupos e subgrupos de línguas indígenas e das primeiras classificações linguísticas:

Martius (1867)¹⁴ realizou a primeira classificação em que se distingue o tupi-guarani do grupo Jê. O interesse pelo conhecimento da diversidade linguística ascendia, de modo que diferentes línguas, antes englobada pelo designativo *Tapui*, passam a ser nomeadas e classificadas (J. NUNES, p. 137).

A história dos dicionários no Brasil mistura-se à história do contato e às estratégias civilizatórias de conquista e pacificação. A língua indígena foi a primeira barreira a ser vencida em busca de território, riquezas minerais e *almas* a serem convertidas ao cristianismo. A vegetação, os animais, os rios, os objetos, até então desconhecidos, possuíam seus nomes indígenas e nenhuma relação com a ciência europeia, o que explica a necessidade de verbetes enciclopédicos e onomasiológicos para descrevê-los. Vemos nos primeiros dicionários certa proximidade com a natureza de nossa abordagem desse ponto de vista.

¹⁴ MARTIUS, K. F. P. Von. *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen*, glossaria linguarum Brasiliensium, glosários de diversas línguas e dialetos, que falam os índios no Império do Brasil. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.

No presente século, as obras lexicográficas se aperfeiçoaram por sobremaneira, orientadas ao público-alvo e atentas ao universo linguístico que representam. Como exemplo, podemos citar os repertórios especializados, que abordaremos a seguir.

2.2 Terminologia -Terminografia , Lexicologia - Lexicografia

Para falar sobre o objeto da Terminologia, o termo, caracterizaremos inicialmente a palavra. A palavra é descrita por Barros (2004, p.40) como uma unidade lexical: “um signo linguístico, composto de expressão e conteúdo, que pertence a uma das grandes classes gramaticais (substantivo, verbo, adjetivo ou advérbio)”.

Nos dicionários de língua, a palavra é definida como um conjunto de sons articulados, de uma ou mais sílabas, com uma significação (MICHAELIS, 1998, p. 1531).

Na Linguística de Córpus, para que se faça a análise quantitativa de palavras encontradas em um texto, empregam-se programas informáticos que assinalam a ocorrência e recorrência da palavra, através da verificação dos espaços em branco entre uma e outra sequência fonético-fonológica, quantificando também os casos de repetições, sendo este o principal processo computacional para quantificar palavras utilizado por terminólogos (BARROS, 2004 p.40).

A palavra, quando usada em caráter especial, isto é, dentro de uma língua de especialidade como a medicina, a biologia, o futebol, a culinária etc., é designada de *termo*.

Por línguas de especialidade entende-se o sistema de comunicação oral e escrito usado por uma área particular do conhecimento (PAVEL; NOLET, 2002, p.124).

A terminologia moderna surgiu em Viena, nos anos trinta, graças aos trabalhos de Eugen Wüster. E nasceu da necessidade de se padronizar a palavra como termo, a fim de regulamentar nacional e internacionalmente seu emprego. Para Wüster, a Terminologia é um instrumento de trabalho que pode regularizar a desambiguação da comunicação científica e técnica.

Para Cabré (1999, p.109) o interesse e preocupação de Wüster pela comunicação sem ambiguidade pode ser eco das ideias filosóficas do Círculo de Viena, centradas na busca de uma língua universal que permitiria a interação humana sem limitações e que superasse as deficiências da linguagem ordinária.

Analisando os pilares *wüsterianos*, nos quais se define o termo como unidade semiótica composta de conceito e denominação, cuja identidade só se justifica dentro de um

campo de especialidade, Cabré (1999, p. 111) conclui que os termos são analisados a partir do conceito e, então, o conceito precederia à denominação.

Na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) desenvolvida por Cabré (1999, p. 123), o termo é reconhecido como unidade léxica, ativada singularmente por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação, sendo composto de forma e conteúdo. A forma é constante; mas o conteúdo se singulariza na forma de seleção do traço adequado a cada tipo de tema, ao tipo de texto, ao emissor, ao destinatário e de acordo com a situação.

Então, o termo é a unidade padrão de um conjunto terminológico de uma área de especialidade, ou seja, da terminologia. É definido por Barros (2004, p.39) como unidade lexical com um conteúdo característico, dentro de um domínio específico. A autora também classifica o vocábulo como uma unidade do léxico, como modelo de realização lexical no texto, concluindo, portanto, que o termo é uma palavra e também um vocábulo.

Para os organismos internacionais de normalização, o termo é descrito como designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade (ISO 1087, 1990, p.5).

Como dissemos no início do tópico, a Terminologia, ciência que estuda o termo, foi definida por Wüster, na escola de Viena, em seu trabalho póstumo de 1979, em que se compendia sua Teoria Geral da Terminologia (TGT).

Na concepção de seu idealizador, a Terminologia se define como campo de encontro da linguística, das ciências cognitivas, da ciência da informação, da comunicação e da informática, onde estabelece um objeto de análise e uma função de trabalho.

Porém, seu ponto de vista limita as unidades unívocas normalizadas, próprias do âmbito científico técnico, circunscritas nos domínios especializados da ciência e da técnica para a comunicação profissional, fundamentalmente no plano internacional.

Para Wüster, era necessário que se estabelecesse, por um consenso, o conjunto de características mais comuns que representem um segmento da realidade.

Mais recentemente, a Terminologia é definida por Barros como a ciência linguística que estuda os termos próprios de uma ciência e a organização das línguas de especialidades. Seu objeto de estudo pode ser analisado por diferentes prismas: por suas funções, finalidades e métodos, escolas e pelas perspectivas do objeto (BARROS, 2004, p.34).

No dicionário Aurélio, Terminologia é definida como *o conjunto dos termos duma arte ou duma ciência: nomenclatura* (FERREIRA, 1986, p.1169).

Em Cabré (1993, p.82), encontramos três acepções distintas para o termo *Terminologia*: a primeira é a de conjunto de termos de um domínio; a segunda como disciplina científica que estuda esses termos; e a terceira, como prática.

Para Pavel e Nolet (2002, p.131), a Terminologia representa um conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, atividade profissional, pessoa ou grupo social.

Desse modo, a Terminologia relaciona termos de um mesmo domínio, dentro de uma área de especialidade, padronizando e transmitindo o vocabulário em uma mesma área e para outras áreas distintas. Como exemplo, podemos citar dicionários específicos de áreas como Direito, Medicina, Engenharia, entre outros.

Na norma ISO-1087, a Terminologia está designada como *estudo científico dos conceitos e dos termos em uso nas línguas de especialidade* (ISO 1087, 1990, p.12).

Então, de acordo com o contexto no qual o termo é empregado, a Terminologia pode indicar uma disciplina ou prática terminológica.

Por último, Patrizzi (2007, p.25) descreve que a palavra Terminologia, quando escrita com a inicial maiúscula, refere-se à ciência, disciplina ou a uma prática terminológica. E, quando representa o conjunto de termos específicos de uma área do conhecimento, trata-se de terminologia, grafada com inicial minúscula.

A Terminografia começa quando a Terminologia encerra seu trabalho, isto é, a Terminologia, busca os fundamentos teóricos para a descrição das propriedades linguísticas na Terminografia. Desta forma, obras de referência, tais como dicionários técnicos ou terminológicos, glossários, vocabulários, bases de dados terminológicas e de conhecimento especializado são produzidos através de preceitos terminográficos (PATRIZZI, 2007, p.44).

Para Barros (2004, p.63), a Terminografia pode ser considerada uma disciplina científica, pois possui identidade própria. A autora entende que o papel da Terminografia é analisar os dicionários especializados, propondo novos modelos de tratamento dos dados, refletindo cientificamente sobre seu trabalho e também solidificando uma metodologia de elaboração desse tipo de dicionário, contribuindo para a realimentação científica da Terminologia.

Nesse ínterim, a Terminografia é a aplicação da Terminologia, bem como a Lexicografia é da Lexicologia, o que as diferencia é o objeto de análise.

A Lexicologia é a ciência que estuda a língua geral, propondo-se ao estudo científico de todo o léxico contido no vocabulário de uma língua. Desta feita, a unidade lexical e o universo de todas as palavras de uma língua são por ela analisados de diversas perspectivas,

significado, estruturação, funcionamento, evolução histórica etc. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2000, p.191).

Transcreveremos a seguir, a descrição de Maria Aparecida Barbosa das numerosas tarefas que são da competência da Lexicologia descritiva (BARBOSA et al., 1998, p. 177-185):

- a. Definir conjuntos e subconjuntos lexicais, entre eles o universo léxico, o conjunto vocabulário, o léxico efetivo e virtual e o vocabulário ativo e passivo;
- b. Conceituar e delimitar a unidade lexical de base, a lexia, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações;
- c. Analisar e descrever as estruturas morfo-sintáxico-semânticas de tais unidades, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias;
- d. Examiná-las em sua carga ideológica, força persuasiva, natureza modelizante;
- e. Examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma "realidade" infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do "real" operado pelo léxico das diversas línguas;
- f. Abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma "visão de mundo", de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais;
- g. Analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a atuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis;
- h. Analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes: polissemia, homonímia, homossemia total (sinonímia), homossemia parcial (parassinonímia), hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia e, com a ajuda de certos métodos, como a análise distribucional e a análise sêmica, examinar a questão dos campos semânticos e dos domínios de experiência e trazer novas respostas a essa problemática;
- i. Estabelecer a rede de relações das palavras de um sistema linguístico;
- j. Procurar circunscrever a aptidão das palavras, para se interligarem, nos planos morfossintático, sintáxico e semântico, nos eixos paradigmático e sintagmático;
- k. Estudar o conjunto de palavras de determinado sistema, ou de um grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário, analisar o léxico efetivo, ativo e passivo, e fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica;

- l. Procurar sistematizar os processos fundamentais de criação e renovação lexicais, neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogênica, as relações da neologia com o contexto de enunciação, os mecanismos de auto-alimentação e auto-regulação do léxico;
- m. Formalizar a dinâmica do léxico e do processo neológico, observadas as fases de criação da palavra, sua aceitabilidade no meio social, sua desneologização e possível reneologização.

A autora incumbe a Lexicologia aplicada pela aplicação dos aspectos expostos referentes à lexicologia descritiva, o que ocorrerá nos domínios como ensino de língua materna ou estrangeira, descrição, diagnóstico e terapia dos distúrbios da linguagem, processos de tradução automática ou mecânica, técnicas de documentação, tratamento da informação, entre outros (BARBOSA et al., 1998, p. 177-185). Em parceria com a Lexicologia encontramos a Lexicografia, a quem é reservado um papel histórico, por sua atividade milenar e de caráter essencial.

Definida por Barbosa et al.(1998) como uma *tecnologia de tratamento, compilação, classificação, análise e processamento das informações*, é da competência da Lexicografia o registro das unidades lexicais em todas as suas variações morfossintáticas, na confecção de vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e vocabulários especiais, como gírias, provérbios, expressões idiomáticas, sinônimos, entre outros.

As considerações de Krieger e Finatto (2004, p.47) referem-se à “*arte ao fazer teórico e metodológico*” desta ciência, pois ela exige do lexicógrafo uma prática detalhada e minuciosa em relação a seu objeto de estudo na construção de dicionários e vocabulários que influenciarão o valor histórico e estrutural que a palavra receberá a partir daí.

A partir dos elementos levantados, podemos inferir que compete ao lexicógrafo árdua tarefa no processo de examinar a palavra, ou o léxico, em todas as suas implicações. E, sobretudo, preocupar-se com a representação do real e com a análise criteriosa das informações coletadas, bem como a análise semântica centrada na cultura.

O compromisso com a sensibilidade e a fidelidade do lexicógrafo com o contexto que a eles se apresenta são questões imprescindíveis em sua obra frente à expectativa do falante nativo e do público-alvo. O que nos leva a pensar que a interpretação da visão de mundo do lexicógrafo não pode se afastar da tênue linha do sistema de valores inerentes a cada cultura.

A confecção de uma obra lexicográfica implica cuidado minucioso durante todo o seu andamento, levando em conta fenômenos de significação, polissemia e sinonímia e o rigor de edição, imperioso para se manter a definição espontânea dada pelos falantes. E, ainda, implica aceitar possíveis lacunas existentes na língua, sem tentar preenchê-las ou criar novas combinações ao léxico analisado (LARA, 2004, p.142).

Lara adverte que a língua deve ser descrita tal como utilizada por seus falantes, em uma lexicografia social que, entretanto, não ignore os ensinamentos da linguística. Para ele, o dicionário se faz arte nos liames ditados do estudo e do trabalho de seu autor, o lexicógrafo (LARA, 2004, p.152).

2.3 Conceito e análise conceptual terminológica

Segundo Barros (2004, p.106), a unidade terminológica, sendo um signo linguístico, pode ser estudada do ponto de vista de sua expressão.

Na Terminologia, a *análise conceptual* é determinada pela análise nocional e análise conceitual, isto é, métodos científicos que definem as características de um conceito, de sua compreensão, de sua extensão e sua relação com outros conceitos. E através dela, se determinam os limites do domínio sobre o qual se dá a pesquisa terminográfica, embasado no *cópus* de pesquisa e na visão ou propósito do terminólogo em relação ao domínio estudado (BARROS, 2004, p.106).

A autora cita Boutin-Quesnel (1985, p.18) que define *conceito* (ou *noção*) como: “uma unidade de pensamento constituída por um conjunto de características atribuídas a um objeto ou a uma classe de objetos e que pode se exprimir por um termo ou por um símbolo”.

A autora evoca a opinião de terminólogos brasileiros que consideram o termo *noção* como *algo vago* e o termo *conceito* como aquele que sustenta a ideia de algo definido e estruturado, ficando ao terminólogo a decisão do seu emprego.

A identificação, a distinção e a definição dos diversos conceitos são baseadas em traços de sentido, denominados na Terminologia de *características*, as quais representam conjecturas mentais acerca das propriedades de um objeto. Elas são determinantes em um sistema de conceitos, ou mapa conceitual, e recebem a denominação de *característica de classificação*, sendo classificadas como simples ou complexas, quando combinam mais de uma propriedade (BARROS, 2004, p.107).

Para Barros (2004, p.109), a análise conceptual é intrínseca de um processo mais amplo, que é a análise terminológica. Nele, os conceitos e as características representam o alicerce da Terminologia, uma vez que o trabalho terminológico parte da análise conceptual para identificar conceitos de um mesmo domínio.

O *contexto* encobre toda a ideia de um domínio. Logo, a delimitação do domínio no qual a pesquisa terminológica se desenvolverá é representada pelo Sistema Conceptual que, por sua vez, está determinado pelo *cópus* e pelo propósito, no qual se embasa o terminólogo (BARROS, 2004, p.112).

Por *Sistema de Conceitos* (ou sistema conceptual, sistema de noções, mapa conceptual, árvore do domínio) entende-se um “conjunto estruturado de conceitos construído com base nas relações estabelecidas entre esses conceitos e no qual cada conceito é determinado por sua posição nesse conjunto” (ISO 1087, 1990, p. 4).

Para Barros (2004, p. 112), o campo conceptual é um subconjunto de um sistema de conceitos maior, o qual encerra em si mesmo um sistema de conceitos, que se distingue do campo semântico, o qual deverá explicar todas as acepções da palavra, num estado de língua dado.

A importância de se estabelecer um sistema de conceitos está inerente em diversas situações. Por exemplo, na definição da nomenclatura, no tratamento dos dados, na estrutura do sistema de remissivas e no aprofundamento de uma dada pesquisa terminológica.

Por intermédio da nomenclatura, estabelecem-se as relações conceptuais precisas entre as unidades terminológicas que compõem um vocabulário. Na análise semântico-conceptual identifica-se a área de interseção semântica entre as unidades terminológicas e entre os traços característicos.

A autora afirma que, os termos organizados em um sistema conceptual facilitam o estabelecimento de modelos de definições (mesmos tipos de traços semânticos e a mesma distribuição de carga sêmica para termos de mesma natureza). O que ocasiona em maior homogeneidade no tratamento das unidades terminológicas.

O modelo de definição difere de acordo com o termo e do contexto da área de abordagem.

Um dos sistemas utilizados pela Terminologia para organizar unidades terminográficas de um dado domínio é a esquematização em árvore, uma vez que sua expressão gráfica oferece uma clara visão do conjunto.

De acordo com o modelo proposto por Barros (2004, p.130) e para exemplificar tal conceito, nós elaboramos nossa árvore de domínio, ilustrada, a seguir, na Figura 5:

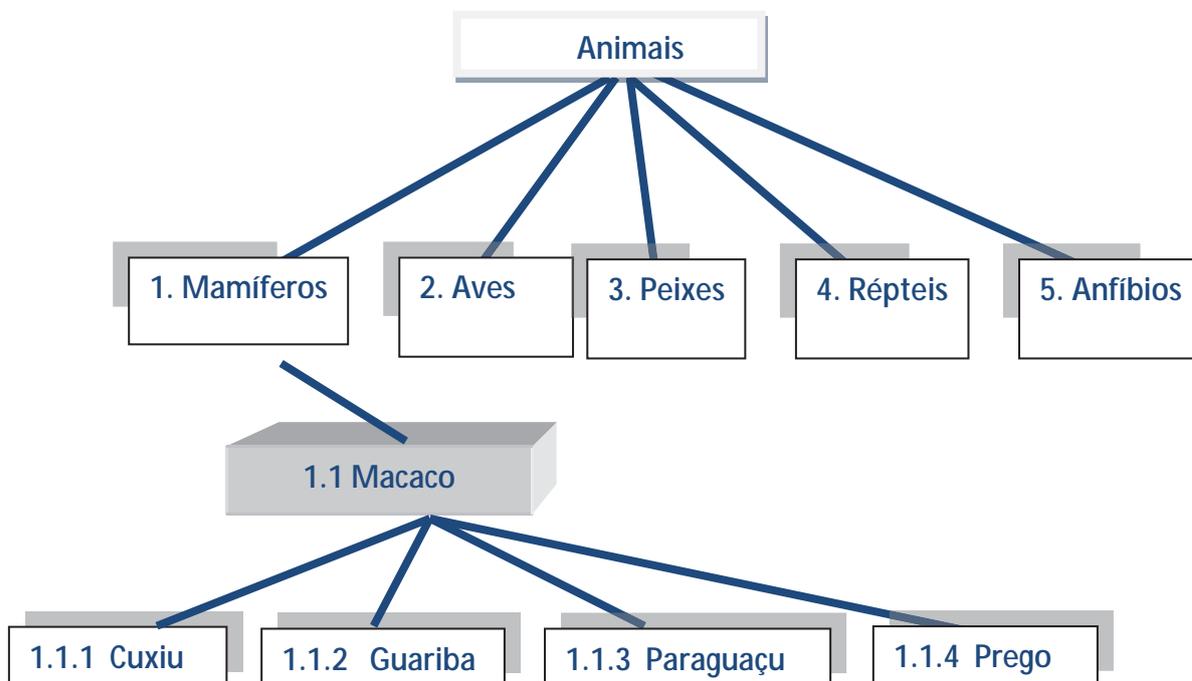


Figura 5 - Árvore de conceitos.

Podemos inferir do exemplo em formato de árvore, uma representação conceitual de *animais* que, para a nossa pesquisa, representa as características que o classifica.

Observemos, na Figura 6, a estrutura para representar seu habitat e, após, na Figura 7, as características classificadas de acordo com o tipo de atributo:

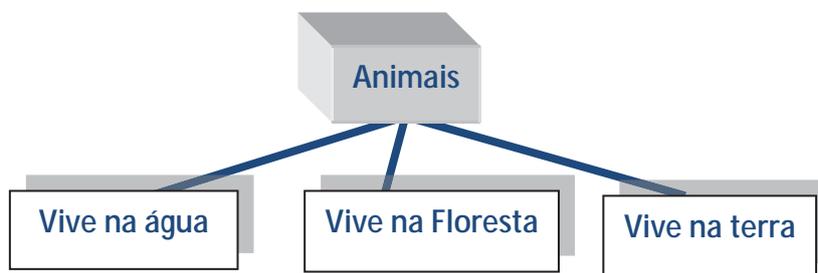


Figura 6 - Animais - Característica de classificação: habitat

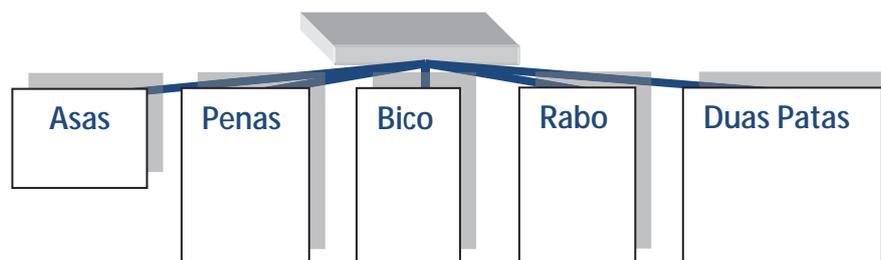


Figura 7 -Aves: Característica de classificação: tipos de atributos

A seguir, falaremos dos conceitos de microestrutura e macroestrutura.

2.4 Macroestrutura e Microestrutura

A macroestrutura representa a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica e relaciona-se às características gerais de um repertório, composto pelas informações de um verbete, à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros (BARROS, 2004, p. 151).

Em sua maioria, os repertórios trazem nas páginas iniciais, já na introdução, a descrição da estrutura da obra, na qual são explicados os critérios adotados à elaboração, o público-alvo, os objetivos e as informações básicas sobre o domínio abordado, as abreviações e símbolos utilizados, bem como outros elementos definitórios indispensáveis ao propósito da obra.

Desse modo, a macroestrutura de uma obra define um modelo, no qual a lista de entradas será apresentada; tais listas são constituídas dos verbetes que, por sua vez, reúnem os dados relativos à unidade lexical ou terminológica descrita (BARROS, 2004, p. 152).

A microestrutura é caracterizada pela organização dos dados contidos no verbete de um repertório. Ela apóia-se em três elementos para distribuir seus dados:

- a. O número de informações transmitidas pelo enunciado léxico/terminográfico.
- b. A constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra;
- c. A ordem de sequência dessas informações (BARROS, 2004, p. 156).

Um verbete essencialmente é constituído de um elemento linguístico (a entrada), do indicativo gramatical e de uma definição; todavia, o plano de informações de um verbete ser muito mais abrangente.

Barros orienta que, o modo escolhido para estruturar um verbete na obra deverá ser mantido em toda ela (BARROS, 2004, p. 156).

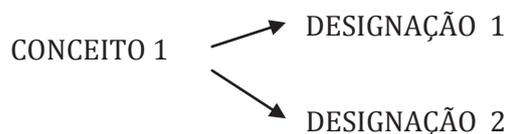
A seguir, discorreremos sobre a sinonímia, parassinonímia e quase-sinonímia.

2.5 Sinonímia, parassinonímia e quase-sinonímia

Para a elaboração de um dicionário ou obra terminológica em geral é preciso considerar as relações de sentido entre as unidades léxicas. Trataremos agora dos conceitos de sinonímia, parassinonímia e quase-sinonímia.

De acordo com a teoria dos conjuntos, a sinonímia é definida por Barros como: “uma relação de equivalência no sentido matemático do termo (BARROS, 2004, p.220)”.

Esquemáticamente, essa relação pode ser vista da seguinte maneira (BARROS, 2004, p. 221):



A autora considera que as unidades lexicais não são permutáveis em todos os contextos, e questiona a existência de uma mesma distribuição para designações diferentes e ainda se tais unidades existiriam em mesmo sentido cognitivo e afetivo, compreendido, respectivamente, como o “sentido puramente intelectual, denotativo” e as “associações ou conotações afetivas (BARROS, 2004, p. 221)”.

E, para exemplificar que a sinonímia é dependente do contexto, Barros retoma Lyons (1970), na frase: “Vou pegar um baguete na padaria”, em que *pegar* é, dentro desse contexto específico, sinônimo de “comprar”, uma vez que pressuposições culturais levam ao entendimento de que só comprando a baguete pode-se obtê-la. Em outro contexto, “pegar” e “comprar” não seriam sinônimos (BARROS 2004, p.221).

Desse modo, Barros conclui que não se pode falar de sinonímia em absoluto e indica o uso de valor sinonímico em seu lugar.

A *parassinonímia* corresponde à *quase-sinonímia* em Terminologia, e um quase-sinônimo é “cada um dos termos de uma dada língua que designam um mesmo conceito, mas que se situam em níveis de língua e em níveis de conceptualização diferentes ou que se empregam em situações de comunicação diferentes”. Os quase-sinônimos podem ser, segundo o Office de la Langue Française (BARROS 2004, p.222):

- b. Quase-sinônimos de nível: Ex: dor de cabeça, em língua geral, cefaléia, em linguagem médica;
- c. Quase-sinônimos geográficos (correspondem aos regionalismos) Ex. abóbora (Brasil) e jerimum (Norte e Nordeste).
- d. Quase-sinônimos temporais: Ex: creme rinse e condicionador (de cabelos).
- e. Quase-sinônimos profissionais: Ex: manequim (roupas: tamanho e numeração); conexão (avião), baldeação (ônibus, trem e metrô), correspondência (trem).
- f. Quase-sinônimos de frequência: Ex: esquistossomose (mais frequente) e esquistossomíase (menos frequente);
- g. Quase-sinônimos de concorrência: Ex: impetigo neonatal (uma doença da pele), impetigo neonatal de Ritter Von Ritterschein (síndrome da pele escaldada estafilocócica).

Outras variantes também mantêm uma relação sinonímica entre si, como é o caso de (BARROS 2004, p.223):

- a. Variantes ortográficas: inamuanhanga e inhambuanhanga(tipo de ave);
- b. Variantes lexicais: software educacional e software educativo;
- c. Variante morfosintáticas: lombo-d'acém e lombo-do-acém

Portanto, Barros (2004, p. 224) conclui que, o princípio da univocidade terminológica, segundo o qual um único termo pode designar um conceito, é posto por terra: “Tal princípio se justifica nos trabalhos de normalização, mas não é, no entanto, a realidade encontrada pelos trabalhos terminológicos descritivos”.

A autora sugere que, se o objetivo é elaborar um dicionário terminológico sem intenções normalizadoras, o registro de toda expressão em relação sinonímica com o termo descrito é importante e recomendável, e que a variação terminológica de todo tipo seja registrada no verbete principal. E acrescenta dizendo que, tão importante quanto indicar é informar sobre o valor de uso de cada unidade terminológica considerada como “outra designação”.

2.6 Repertórios lexicográficos e terminográficos

De acordo com Barros (2004, p.133), as obras lexicográficas correspondem aos dicionários de línguas, dicionários especiais e aqueles que registram unidades lexicais em todas as acepções de um sistema linguístico. As obras terminográficas reúnem os dicionários, vocabulários e glossários terminológicos, desde que inseridos no domínio de uma especialidade (de uma técnica, uma ciência, uma profissão).

De um modo geral, as obras lexicográficas e terminográficas podem ser denominadas de *repertório* ou *dicionário*. Mesmo recebendo diferentes denominações, como *vocabulário*, *glossário*, *léxico* etc, são entidades de um mesmo domínio e concebem um único tipo de publicação (BARROS, 2004, p.133, p. 134).

A tipologia de uma obra diz respeito aos níveis de abstração da linguagem verbal, cuja unidade linguística tratada pode pertencer. Sendo os dicionários e léxicos situados no nível da língua (sistema) e os vocabulários e glossários no nível da fala (BARROS, 2004, p. 136).

Para Barros, retomando Barbosa (1995), as línguas de especialidade e as unidades terminológicas estão no nível das normas do universo dos discursos especializados (técnicos, científicos, profissionais) (BARROS, p. 136).

Encontramos nos dicionários a reunião de dois elementos centrais do repertório do signo linguístico: o significante (entrada ou verbete) e o significado, que são as informações contidas no verbete. Suas informações são de natureza linguística e, encontramos no verbete as acepções da unidade lexical, definida em seus sentidos denotativos, conotativos, idiomáticos e especializado (CAMPELLO, CALDEIRA, 2008, p.23).

Desse modo, elencaremos os traços fundamentais de um dicionário (BARROS, 2004, p. 134):

- a) Os enunciados lexicográficos são dispostos separadamente, no plano formal e gráfico.
- b) Trata-se de uma obra de consulta, na qual as informações são constantes e organizadas em uma dada ordem.
- c) Possui entrada, obrigatoriamente, de âmbito linguístico.
- d) Possui caráter didático.
- e) O enunciado lexicográfico transmite informações sobre o signo-entrada.

- f) Há um preceito na disposição das entradas, que formam um conjunto definido de elementos enumerado na macroestrutura.
- g) As mensagens estão organizadas tanto na macro quanto na microestrutura.
- h) As entradas seguem uma ordem formal.
- i) Verbetes: organizados sistematicamente ou alfabeticamente, mas as classificações seguem um índice alfabético.

A autora pondera que tais traços dizem respeito a uma obra pura. E que a heterogeneidade se apresenta na confecção de novos repertórios, sendo comum a mistura de gêneros.

Em concordância, Barbosa pondera que uma austeridade excessiva na normalização de repertórios lexicográficos limitaria o processo investigativo e o avanço científico:

Contudo, na área científica - aí incluídas a Lexicologia e a Terminologia-, enquanto construção do saber, uma normalização excessivamente rigorosa, limitadora e determinante constituir-se-ia em fator perturbador, nocivo ao próprio papel da Ciência, como processo de investigação, de livre, ampla e profunda discussão de teorias, de modelos e de sua evolução, e que poderia traduzir-se, pois, em obstáculo ao avanço científico, assim também em constrangimento da liberdade acadêmica (BARBOSA, 1996, p.44).

Em uma sociedade centrada na informação e na troca de conhecimento, o papel do dicionário é normalizar nomenclaturas particulares em línguas de especialidade e estabelecer modelos de transmissão de informação que são essenciais para a compreensão dos símbolos.

Dessa maneira, consideramos o caráter social e pedagógico do dicionário, que rescinde equívocos na comunicação por termos desconhecidos, apresentando retornos didáticos e seguros ao consulente (CAMPELLO; CALDEIRA, 2008, p.24).

Um dicionário de língua procura apresentar, de forma exaustiva, todos os sentidos de uma unidade lexical dentro de um sistema linguístico, já uma obra terminográfica se atém exclusivamente ao conteúdo específico de um termo em um dado domínio, considerando elementos objetivos e subjetivos de uma língua de especialidade.

Alguns fatores devem ser considerados na confecção de uma obra e na definição de seu domínio:

Adequação ao domínio: A unidade terminológica deverá fazer parte do contexto próprio ao qual o conceito descrito pertence.

Estrutura formal e organização conceitual do enunciado definicional: O papel da definição é descrever e explicar um termo e é partícipe de uma predicação definicional composta de um sujeito, representado pela entrada, e de um predicado, representado pela

definição. A primeira palavra da definição é o descritor e pode ser de natureza metalinguística ou funcionar como elemento de inclusão lógico-semântica (BARROS, 2004, p. 163).

A organização é caracterizada pela metalinguagem e pela organização semântico-conceitual dos enunciados definitórios implicando na homogeneidade da obra. Alguns princípios que devem ser respeitados na elaboração de enunciados definitórios são recomendados por Barros (2004, p. 164):

- a. Não se devem utilizar cópulas do tipo diz-se de, significa, (tal termo) é, é quando, trata-se de, indica, (essa palavra) quer dizer, esse termo designa, etc.;
- b. A definição não deve conter em seu enunciado o termo definido;
- c. Deve ser completa, sem, no entanto, veicular dados supérfluos e inúteis;
- d. A definição deve se adaptar ao público-alvo, ou seja, a metalinguagem empregada deve estar de acordo com a capacidade de compreensão do leitor (especialistas da área, leigos no assunto etc.);
- e. Quando houver possibilidade de se redigir a definição na forma afirmativa, não utilizar a forma negativa;
- f. Palavras de sentido vago, ambíguo ou figurado não devem ser empregadas.

Para Barros, a *definição* é entendida como uma paráfrase sinonímica que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades linguísticas (BARROS, 2004, p. 159).

A definição terminológica, para a autora, é um conjunto de informações dadas sobre a entrada, sem que, no entanto, o conjunto de informações acerca da entrada seja característica exclusiva da definição terminológica, sendo comum a dicionários da língua geral.

E a relação entre elas é de “significa” e não de “é”, isto é, a unidade léxica no uso comum da língua refere-se a um universo que não propriamente relacionado ao valor da unidade terminológica. Portanto é necessária a adequação aos objetivos, usuários e funções do dicionário que se elabora.

O tipo de definição para cada dicionário dependerá dos usuários aos quais se propõe atender. Todavia, é preciso considerar os princípios mínimos apresentados (BARROS, 2004, p. 166). Os mais recorrentes são os repertórios semasiológicos e onomasiológicos.

Os dicionários semasiológicos têm como principal característica apresentar paráfrases definidoras, enquanto os dicionários onomasiológicos caracterizam-se pelo estabelecimento de relações conceituais entre as palavras, a exemplo do *thesaurus*, dos

dicionários de sinônimo-antônimos, dos dicionários pela imagem, ou mesmo dos dicionários bilíngues (FARIAS, 2010, p. 3).

2.6.1 Dicionários Semasiológicos e Onomasiológicos

Decompondo o signo linguístico em significante e significado, a semasiologia é área da semântica que estuda os significados e sua estruturação interna a partir dos signos linguísticos, as palavras.

Na opinião de Biderman, o método semasiológico considera os significantes para indagar sobre os significados, ou investigar o fenômeno da significação. Em ordem inversa, a onomasiologia parte da significação ao encontro do significante, ou seja, da designação linguística dos conceitos ou objetos considerados (BIDERMAN, 1984, p. 43).

Um dicionário é definido como onomasiológico quando a recolha de palavras está organizada em campos conceituais, como ocorre com os dicionários analógicos.

As práticas onomasiológicas em dicionários e enciclopédias surgem no Brasil logo no início da colonização com as descrições de viajantes que encontravam dificuldades para nomear objetos, coisas, animais, plantas e os costumes encontrados nos trópicos (ver item 2.1).

Na opinião de Babini (2006), nos repertórios dos dicionários *onomasiológicos*, as unidades lexicais são classificadas em função dos conceitos que representam, enquanto que, nos repertórios dos dicionários semasiológicos, as unidades lexicais são classificadas em função da forma, em ordem alfabética. Nesse sentido, os dicionários terminológicos, cujas unidades lexicais são classificadas em ordem sistemática, são repertórios onomasiológicos.

A problemática imbricada no dicionário onomasiológico é, então, contrária àquela que envolve um dicionário semasiológico no qual, dada uma ideia (noção ou conceito), deve-se encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima. Enquanto em um dicionário semasiológico o ponto de partida é o significante de um termo ou palavra; em um dicionário onomasiológico, o ponto de partida é o significado, isto é, deve-se encontrar um termo ou palavra desconhecida partindo do seu significado.

De acordo com o autor (BABINI, 2006a), o termo *onomasiologia* foi utilizado pela primeira vez em 1903 por A. Zauner em um estudo sobre os nomes das partes do corpo humano nas línguas românicas. Em 1935, Vittorio Bertoldi propõe uma definição para *onomasiologia* que é considerada referência até os dias atuais, na qual a onomasiologia é

entendida como “aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada ideia, examina as várias maneiras com as quais essa ideia encontrou expressão na palavra”. Para o autor, a onomasiologia (em linguística) trata dos aspectos ligados ao processo de denominação que vai da ideia ao signo.

Do ponto de vista cronológico e geográfico, quando a onomasiologia é utilizada para exprimir e comparar uma ideia em diferentes épocas ou línguas, Babini (2006a) a caracteriza como lexicologia comparada e cita a utilização da onomasiologia, enquanto lexicologia comparada, na compreensão das línguas românicas, “uma vez que o latim permitia, para alguns grupos de ideias, resgatar mais de dois mil anos de história lexical”.

As produções lexicais de caráter técnico e científico se intensificaram e as informações por elas incorporadas subsumem a repertórios lexicográficos e terminológicos estruturados em bases de dados eletrônicas.

Muitas vezes nos deparamos com a ciência do conceito ou de parte dele, mas nos foge ao domínio a expressão, palavra ou termo que o designa.

Nesse sentido, Babini (2006a) considera os dicionários onomasiológicos um instrumento eficiente de resposta a tal demanda e analisa diferentes tipos de repertórios onomasiológicos e os mecanismos que permitem passar do conceito à palavra e vice-versa.

No âmbito onomasiológico, encontraremos também os repertórios ideológicos.

As obras lexicográficas ideológicas ou analógicas, frequentemente entendidas como sinônimo das obras *onomasiológicas*, encontram sua origem no "conjunto de ideias" e, para Babini (2006a), os dicionários ideológicos seriam “dicionários organizados em função das ideias, e não dicionários com cunho ideológico (no sentido de valores morais ou sociais), como o termo poderia sugerir”.

Esse tipo de repertório nasceu na segunda metade do século XIX, com Peter Mark Roget, que publicou, em 1852, o *Thesaurus of English words and phrases, classified and arranged so as to facilitate the expression of ideas and assist in literary composition*. Em 1859, na edição francesa do livro, o tradutor T. Robertson adotou o título *Dictionnaire ideologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées*.

Babini (2006a) nos esclarece o efeito do termo *dicionário ideológico*:

Esse trabalho foi traduzido para diversas línguas e utilizado como modelo para várias obras lexicográficas. A denominação *dicionário ideológico* ganhou a preferência dos países de língua latina, enquanto que, nos países de língua inglesa, a tendência foi a de chamar de *thesaurus*.

Na organização das definições dos dicionários terminológicos, Faulstich acredita não ser possível separar onomasiologia de semasiologia, uma vez que a recolha de termos de uma obra parte das relações de significação no sistema conceitual (FAULSTICH, 2007, p.3).

Em contraposição aos métodos semasiológicos, Babini (2006a) coloca que, na maioria dos repertórios terminográficos, as informações só são obtidas após a entrada na obra, e essa entrada é feita por meio de uma chave que é a palavra ou o termo desconhecido do consulente. Para ele, tal método não atende às necessidades do leitor que conhece, em parte ou no todo, o significado, mas desconhece o significante do termo (BABINI, 2006a).

Como recurso ele vê na ciência da informática possibilidades que permitem a contemplação de um maior número de necessidades do consulente.

Em sua análise em dicionários onomasiológicos, ideológicos e analógicos, ele encontrou diversos mecanismos de expressão da onomasiologia que assumiam formas diferentes em cada obra (BABINI, 2001a).

Nos dicionários atuais, mesmo que a definição para um termo utilize métodos semasiológicos, sendo esses ainda os mais recorrentes, com o advento de formas eletrônicas para dicionários e vocabulários, a onomasiologia ganha espaço permitindo em alguns casos uma busca mais eficiente.

Em Silva (2009), encontramos a observação de que a onomasiologia ainda carece de produções léxico-terminográficas. Segundo ele, a tradição semasiológica continua a ser mais utilizada e a orientação onomasiológica a ser preterida (SILVA, 2009, p.25). O mesmo defende Boulanger (2001), dizendo que a lexicografia privilegia uma conduta de análise apoiada na semasiologia (BOULANGER, 2001, p.18).

Entretanto, a teoria dos campos semasiológico e onomasiológico entre os modelos propostos para análise da estruturação do significado parece ganhar território (BIDERMAN, 2001, p. 199).

Nessa perspectiva, consideramos oportuna a criação de um modelo de dicionário eletrônico onomasiológico que contemple também uma estrutura semasiológica. E propomos a desenvolver uma ferramenta com atenção ao emprego de busca onomasiológica e semasiológica seguindo o modelo de Pottier, apresentado mais à frente.

Desse modo, idealizamos para nosso modelo alternativas de busca semasiológica e onomasiológicas: na primeira, o consulente poderá digitar o termo, ou parte dele, para obter uma lista de possíveis resultantes; e, na segunda, forneceremos ao consulente uma lista de características, dispostas na página de apresentação, das quais ele escolherá os itens mais

pertinentes ao animal desejado, implicando também, numa lista de possíveis resultantes. A lista poderá ser refinada de acordo com o número de características selecionadas.

2.6.2 Glossários

O termo *glossário* é muitas vezes confundido e tratado como termo equivalente a *vocabulário* ou mesmo a *dicionário*. Apresentaremos algumas definições buscando elucidar o assunto.

Para Barros (2004, p.136), a visão de glossário não é consensual entre os especialistas em Terminologia e a autora aponta o *Office de la Langue Française* que considera o glossário como uma obra que “define ou explica termos antigos, raros ou pouco conhecidos (Boutin-Quesnel, 1985, p. 29 citado por Barros, 2004, p. 136)”.

De acordo com a autora, o termo *glossário* é utilizado na linguagem corrente para designar tanto um vocabulário, dicionário ou ainda uma coleção de palavras-ocorrência de um discurso, como por exemplo, o léxico de uma obra (BARROS, 2004, p.137).

A Norma ISO 1087 (1990), em uma versão francesa, não prevê a designação *glossário* e, na versão em inglês, o termo assentido para *glossário* é *vocabulário*.

No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o termo *glossário* é definido como se segue:

Glossário. [do lat. *Glossarius*.] S.m **1.** Vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura; elucidário. **2.** Dicionário de termos técnicos, científicos, poéticos, etc. **3.** Vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais, ou pouco usadas [...] **4.** Léxico de um autor, que figura, em geral, como apêndice a uma edição crítica [...] (Ferreira, 1986, p. 854).

Na opinião dos autores Wright e Budin (1997, p.325), glossário é lista alfabética de termos ou palavras encontradas em texto ou relativos a um determinado tema. Observam ainda que os glossários diferem-se de trabalhos independentes por caracterizarem-se como elementos pós-textuais de livros e publicações. Ademais, para os autores, glossários são tidos por vezes como menos científicos em seus objetivos e metodologia do que em terminologias, padrões terminológicos e mesmo vocabulares, ainda que exista certo grau de sinonímia.

Para a professora Marilda Lopes Lara, um glossário é um dicionário terminológico que contém uma lista de designações de um domínio e seus equivalentes em uma ou mais línguas (LARA, 2005, p.24).

Entretanto, a definição para glossário não nos parece clara e dá margem a várias interpretações e, por esse motivo, optaremos pelo conceito apresentado por Barros (2004), no qual o termo *glossário* é apresentado como termo tolerado tanto no nível do sistema, como no nível da fala. E sua principal característica é a de não apresentar definições, apresentando, apenas, uma lista de unidades lexicais ou terminológicas, com seus equivalentes em outra língua (BARROS, 2004, p. 144).

A seguir, evidenciaremos o uso de ilustrações em obras lexicográficas.

2.6.3 A utilização de Ilustrações em obras lexicográficas

Os repertórios multimídia, em sua maioria, unem ao seu conteúdo lexicográfico efeitos interativos de imagens, sons e hipertexto. Todavia, tais efeitos aparecem de forma tímida em dicionários da língua geral e são empregados de modo mais frequente em dicionários de línguas.

Buscamos em Farias (2010) esclarecimentos sobre o emprego de ilustrações em dicionários a fim de aclararmos o assunto.

Segundo a autora, o emprego de ilustrações em dicionários semasiológicos é entendido como uma técnica definitória, denominada “definição ostensiva” ou ainda “substituição ostensiva”.

A autora retoma a fala de autores que tratam as ilustrações como elemento acessório e que não atribuem à imagem o peso de descrição verbal.

Para ela, há um emprego preferencial de elementos pictóricos em dicionários de línguas para aprendizes, cujas imagens se relacionam a uma potencial inaptidão do consulente com a língua.

Outro viés no emprego de ilustrações consiste na apresentação de informações enciclopédicas. De acordo com a autora, os elementos pictóricos são escassamente aproveitados em dicionários gerais:

é um recurso sub-aproveitado em dicionários semasiológicos, especialmente nos dicionários gerais de língua. Uma das razões para isso é o fato de que a ilustração é vista como um dispositivo auxiliar para aprendizes de uma língua estrangeira ou crianças em processo de alfabetização, e não como um recurso capaz de cumprir o papel de uma definição que não consegue ser suficientemente elucidativa (FARIAS, 2010, p. 14);

Em sua opinião, as ilustrações em obras lexicográficas devem ser entendidas estritamente como mecanismos de elucidação do significado. Para ela, uma imagem torna-se uma informação funcional em um dicionário semasiológico quando propicia a compreensão de um determinado objeto de forma mais rápida e mais simples do que uma descrição linguística permitiria na mesma situação. Os principais aspectos levantados foram:

- a) A ilustração deve permitir ao usuário estabelecer uma relação direta com o referente ao qual a designação em questão se aplica;
- b) A ilustração deve ser de boa qualidade, o que implica uma boa resolução da imagem e, em muitos casos, o uso de cores;

A autora entende que o uso de elementos iconográficos tende a se expandir nas obras lexicográficas considerando o tipo de repertório, público-alvo e sua função elucidativa.

No que concerne ao seu emprego, a qualidade da imagem e sua articulação com outros componentes do dicionário devem ser criteriosamente estudados.

Em nosso modelo, antes das ilustrações, nos preocupamos com as cores do layout e optamos por tons claros, pastéis, para evitar a fadiga ou que se tornasse enfadonho.

As ilustrações são fundamentais ao nosso propósito, uma vez que consolidam a representação do termo.

Sendo a fauna brasileira vasta e repleta de termos pouco conhecidos das crianças brasileiras, a imagem torna-se um complemento ideal.

Não obstante, percebemos a identificação de nosso público-alvo com obras de caráter pictórico e, desse modo, além das imagens atuais, pretendemos agregar ao modelo, nas próximas versões, novas funcionalidades e efeitos de animação e som.

2.7 Modelo de Pottier

Anuímos ao modelo de Pottier (1992), apresentado em *Semântica Geral*, seguindo sua definição de percurso semasiológico (ou do interpretante) e percurso onomasiológico (ou do enunciador), que consiste no embasamento estrutural do modelo de dicionário eletrônico que nos propomos a desenvolver.

Para o autor, os sujeitos mudam frequentemente de posição, ora como emissores, ora como receptores, transpondo, então, o percurso onomasiológico, quando há a intenção de

dizer ao enunciado, e o percurso semasiológico, quando o sujeito parte do enunciado para chegar à sua interpretação, variando de acordo com o ponto de vista do enunciador (emissor) ou do interpretante (receptor).

Na opinião de Pottier, as virtualidades da língua correspondem ao sistema semiótico da língua e aos mecanismos de enunciação que permitem as realizações discursivas. E, a passagem da conceptualização à semiotização se dá pela caracterização do fenômeno de designação, por onde se estabelecem as relações entre o mundo referencial e os sistemas das línguas naturais.

Já o enunciador tem como ponto de partida o mundo referencial (R). Quando tem a intenção de dizer (*querer dizer*), começa a conceptualizar sua intenção (Co). Essa conceptualização deve, então, ser expressa em signos, em um processo de semiotização, que se realiza pelos meios fornecidos por um sistema semiótico.

Para Babini (2006b, p.73), a enunciação é a passagem das virtualidades da língua aos discursos realizados, portadores de significação, e se dá por meio do que Pottier chama de *fenômenos de significação*, que são os fenômenos pelos quais os significados da língua se tornam significações em discurso.

A Figura 8 elucida os fenômenos de designação e os fenômenos de significação na virtualidade da língua, através do percurso onomasiológico (POTTIER, 1992, p. 16).

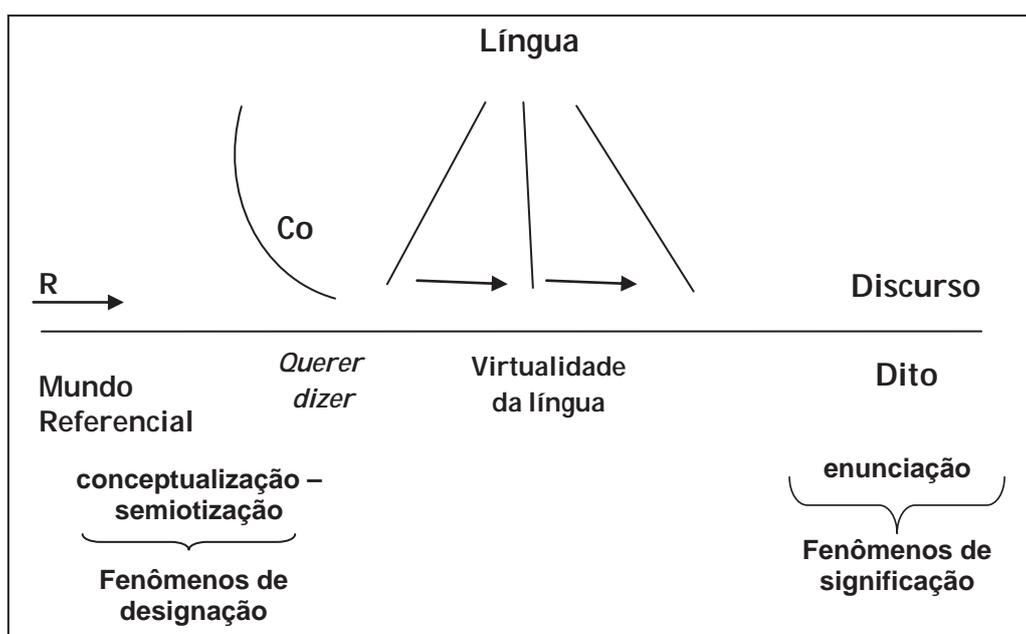


Figura 8 - Percurso onomasiológico (POTTIER, 1992, p. 16).

No percurso semasiológico, a interpretação chega ao conceito a partir do signo e parte do discurso realizado (texto oral ou escrito) para chegar à compreensão.

A Figura 9 corresponde ao percurso semasiológico (POTTIER, 1992, p. 17):

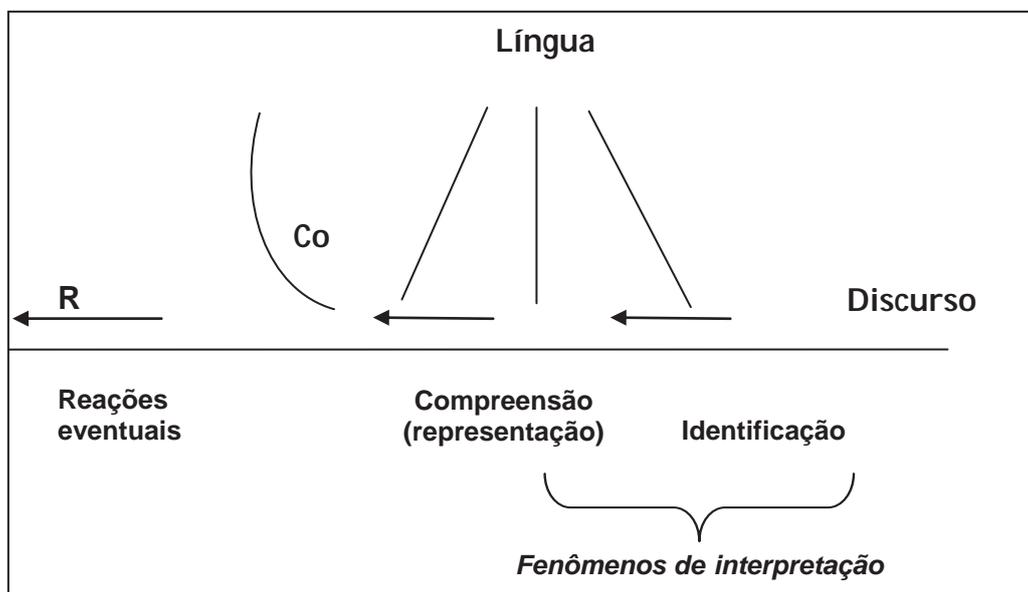


Figura 9 - Percurso semasiológico (POTTIER, 1992, p. 17).

Então, é através da identificação e interpretação de diferentes elementos presentes no discurso que o interpretante busca compreendê-lo (*fenômeno de interpretação*).

Segundo a descrição de Babini (2006b, p.74), o processo de compreensão de um discurso (ou texto) se dá através da identificação e interpretação dos diferentes elementos discursivos que o compõem. Dessa maneira, o interpretante esquematiza-o através de uma representação mental, conceptualizando-o. E, então, o interpretante desprende-se rapidamente dos signos da língua natural que ele identificou inicialmente, pois estes configuraram apenas como trampolim para a ocorrência da compreensão e reação (Reações eventuais) ao mundo referencial (R).

Como o conceito pode representar o ponto de partida para o enunciador e o ponto de chegada para o interpretante, Pottier defende que o mundo referencial (R) não deve ser o objeto representativo do ponto de partida e chegada dos dois discursos, pois para ele o mundo conceitual deve assumir tal papel (POTTIER, 1992, p.18).

Desse modo, Pottier caracteriza o mundo conceitual (Co) como o lugar da representação mental e sede da encenação, sendo independente das línguas naturais e dos sistemas semiológicos.

A língua, para o autor, é a ponte do saber através da qual se realizam:

- a) A transformação das representações mentais em signos e em esquemas (no caso do percurso do enunciador – onomasiológico);
- b) E a interpretação (no caso do percurso do interpretante – semasiológico).

Dois tipos de conceitos permitem realizar a encenação: os conceitos gerais e os conceitos universais, os noemas (POTTIER, 1992, p. 78).

O autor caracteriza um noema como uma relação abstrata universal que sustenta as operações semânticas gerais das línguas, de caráter visual, que se aproxima o máximo possível da intuição de uma representação mental comum (Pottier, 1992, p. 78).

Sendo, então, o noema um traço de sentido no nível do conceptual e que é independentemente de qualquer língua natural (LN), absoluto, e não relativo a um conjunto como será o sema. (BABINI, 2006b, p. 78).

Os *noemas* são representações relacionais, abstraídas das experiências, mas cujo traço linguístico assume formas muito variadas nas LN, subjazendo às operações semânticas gerais das línguas, e é visualizável a fim de aproximar, o máximo possível, da intuição de uma representação mental compartilhada.

Já os semas são vistos pelo autor como elementos distintivos de um conjunto e sempre analisáveis em noemas e serão tratados no próximo item.

O autor agrupa os conceitos gerais em quatro grandes categorias, a saber: os seres, as coisas, as propriedades, as atividades.

Tal categorização é representada por Babini (2006b, p.76) na Figura 10, a seguir:

Os seres	As coisas	As propriedades	As atividades
homem	casa	leve	pescar
fêmea	sol	pesado	caminhar
peixe etc.	água etc.	jovem etc.	olhar etc.

Figura 10 - Os conceitos gerais e os conceitos universais (POTTIER, 1992, p. 78).

Dessa forma, segundo observa Babini (2006b), Pottier agrupa conceitos considerando um componente natural (experiência comum) e um componente cultural (elementos específicos de acordo com o lugar e o tempo) (Babini, 2006, p. 76).

Após a transformação dos conceitos em esquemas, o processo seguinte ocorre no nível da língua, através da transformação em signos linguísticos. É a *lexemização*, que é realizada através de conceitos gerais e de noemas.

E, o plano conceptual, que é caracterizado por noemas é, então, considerado pelo autor, como traços de sentido absoluto, evoca para si, por sua vez, a condição de absoluto e independente de qualquer língua natural, ou seja, as maneiras de compreender e conceptualizar seriam as mesmas para cada língua, cultura e indivíduo.

Para Babini (2006b, p.78), os elementos do modelo de Pottier são de grande importância para a compreensão dos percursos representativos do processo gerativo da enunciação e o funcionamento dos dicionários semasiológicos e onomasiológicos. Mas se contrapõe a tal afirmação, retomando, para isto, Karl Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) em sua fala de que cada língua natural se caracteriza por uma forma interna que exprime a concepção (ou a visão) do mundo próprio da nação que a fala (HUMBOLDT, 2000 *apud* BABINI, 2006b, p.78), e conclui que o plano conceptual de cada indivíduo é determinado, de certo modo, por influência própria a cada cultura e que não serão, obrigatoriamente, os mesmos, em todas as línguas e culturas. Por esta razão, também o plano conceptual torna-se relativo e condicionado pelas dimensões espaço-temporais como, também, o plano da língua.

A relevância dos conceitos gerais e universais de Pottier para o nosso trabalho está na estruturação das categorias e no princípio da conceptualização que cada indivíduo assume diante das influências socioculturais.

Dos conceitos gerais, selecionamos os seres e, nele, a fauna brasileira; e observando as diferenças socioculturais entre os universos linguísticos abordados, nosso conhecimento nos direcionou aos semas das crianças falantes do português como primeira língua.

Pois, os conceitos que representam os animais para crianças falantes do português, como primeira língua(L1), pode ser distinto da representação do mesmo animal para os falantes que possuem a línguas indígenas como L1. Isto é, a representação mental que um falante lusófono (L1) tem de um animal pode não ser totalmente compartilhada pelos falantes das línguas de nosso córpus de estudo.

Por exemplo, para a criança lusófona o jacaré possui valores iniciais de animal perigoso, feio, de rabo comprido, de boca grande, enquanto que a percepção inicial da criança indígena pode ser a de que o jacaré é um animal sagrado e de carne saborosa.

Tais conjecturas exprimem o cuidado na construção de nosso modelo, restrito ao universo das crianças falantes do português (L1), e o necessário aprofundamento para que, em futuras versões, possamos nos certificar de traços compartilhados pelos diferentes falantes.

Para melhor elucidarmos esse assunto, no próximo item, abordaremos a Etnoterminologia, o semema e apresentaremos as diferenças entre os semas lusófonos e os semas indígenas Parintintín e Zoró utilizados na descrição da fauna brasileira.

2.8 Etnoterminologia

Em uma concepção ideal de língua, os elementos apresentam como propriedade fundamental a referenciação de um objeto, mediante a função que ele exerce na enunciação. Todavia, a enunciação partirá do interlocutor e a compreensão do elemento enunciado estará sujeita à visão de mundo do ouvinte.

A percepção do que foi dito desencadeará um processo de conceptualização no qual, *grosso modo*, se pensaria na equivalência entre o que o interlocutor diz e o que o ouvinte assimila. No entanto, Barbosa (2002) expõe que uma informação potencial, para os homens, se converte em substâncias estruturadas, quando apreendida por grupos linguísticos e socioculturais, de diferentes maneiras, embora mantenham um núcleo de percepção biológica universal.

Por isto, a relação de equivalência é discutível e dependerá de qualidades conceituais internalizadas anteriormente, influenciadas por tais grupos e, possivelmente, oriundas de diferentes níveis do percurso gerativo da conceptualização.

De acordo com Pais (1994), nós consideramos que a percepção das ocorrências em torno será culturalmente filtrada e orientada por recortes culturais pré-existentes (PAIS, 1994, p.170).

O processo de conceptualização compreende três estágios semânticos (BARBOSA, 2002):

As latências: nas quais o fato observável tem os seus traços identificadores em estado potencial, enquanto substância de conteúdo estruturável, apreensível; trata-se, então, do estado semântico potencial.

As saliências: nas quais os traços semânticos se destacam.

E **as pregnâncias:** nível em que o enunciador individual e/ou coletivo seleciona e escolhe os traços que configuram o conceito do fato em questão. É neste nível que a influência /intervenção da cultura de cada um agirá em sua decisão semântica.

No nível da pregnância é que são produzidos os modelos mentais, os *conceptus*, noções ou conjuntos noêmicos, que são os traços semânticos conceptuais, correspondentes aos recortes culturais construídos.

Esses três estágios, que compreendem a percepção, desde o início ao final da conceptualização, estabelecem o *percurso da cognição*, entendidos como a apreensão e construção de uma ‘visão de mundo’.

Pensando no valor semântico social e cultural, Barbosa (2006b, p.48) propõe a consolidação da *Etnoterminologia* como subárea da terminologia e disciplina científica, quando a atenção se concentraria no estudo da “norma relativa ao estatuto semântico, sintático e funcional do conjunto das unidades lexicais que caracterizam o universo dos discursos etnoliterários, no âmbito da cultura brasileira”.

A autora faz referência ao discurso etnoliterário que preserva um valor semântico social onde as funções vocábulo e termo se mesclam:

As unidades lexicais do universo de discurso etno-literário têm um estatuto próprio e exclusivo. Noutras palavras, essas unidades lexicais reúnem qualidades das línguas especializadas e da linguagem literária, de maneira a preservar um valor semântico social e constituir, simultaneamente, documentos do processo histórico da cultura. (...) No nível da norma e do falar concreto, ela [unidade lexical] subsume as duas funções, vocábulo e termo (BARBOSA, 2006, p.48).

Para a autora, as unidades lexicais são plurifuncionais no nível do sistema. Então, o estabelecimento preciso de sua função dependerá de sua inserção em uma norma discursiva, que determinará o estatuto de vocábulo ou termo (BARBOSA, 2006, p.49).

Dessa forma, a autora considera a passagem do termo para o vocábulo, quando um termo utilizado por uma língua de especialidade se torna parte da língua geral, e exemplifica com o termo *entrar em órbita*. O inverso, quando uma palavra da língua geral é estendida a termo para uma língua de especialidade, também é apontado pela autora no termo *peregrinismo*, “que, na língua comum, significava *ir em romaria* e, nas ciências da linguagem, passou a significar “emprego de vocábulo estranho à língua vernácula, estrangeirismo” (BARBOSA, 2006, p. 49).

E, expõe a passagem da terminologia para a terminologização, na qual um núcleo sêmico é mantido na intersecção de dois sememas. Denominada pela autora de metaterminologização. Como é o caso dos termos *estrutura* e *função*, utilizados em diversas áreas do conhecimento.

Segundo a autora, também os romances e as histórias estão imbuídos de uma linguagem própria (especial/ especializada), que é conhecida apenas por quem está inserido no contexto. O estudo e a aplicação de tais termos, a autora os designa como *etnoliterários* (BARBOSA, 2006, p.50):

Seus sememas não correspondem, pois, nem aos sememas da língua comum, nem aos sememas das linguagens dos domínios científicos. Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etno-literário.

Outrossim, a autora considera a transposição da terminologia para a terminologia, sem que se conserve núcleo sêmico comum aos termos resultantes nas diferentes áreas envolvidas. Nela o termo transposto perde os traços semânticos. É o caso, por exemplo, de *arroba*, "medida de peso" e *arroba*, como símbolo de endereço eletrônico - @ (BARBOSA, 2006, p.50).

Por último, a autora pontua ser necessário ir ao encontro do entendimento e da familiarização com o contexto, para que ocorra a compreensão do pensamento e do sistema de valores da cultura em questão, expressos em uma "linguagem paralela" que, apenas inserida no contexto, poderá ser interpretada corretamente (BARBOSA, 2006, p.50):

É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente.

A autora observa a importância do valor semântico social:

Tais linguagens lexicais reúnem qualidades das linguagens de especialidade e qualidades da linguagem literária apoiadas em um molde próprio de valor semântico social, em concomitância com o importante processo histórico de uma cultura (BARBOSA, 2006, p. 48).

Verificamos a existência das relações intertextuais e interdiscursivas que admitem um intercâmbio multidisciplinar. Donde as muitas faces do vocábulo e do termo em um discurso etnoliterário levaram a autora a propor a formalização da Etnoterminologia.

Consideramos, então, como fator determinante o *conhecimento de mundo* na comunicação entre o sujeito interlocutor e o sujeito ouvinte, tanto na língua comum como nas línguas de especialidade e as diferenças socioculturais que subjazem à sistemática em torno da língua e sua representatividade.

Portanto, seja no vocabulário comum ou em áreas de especialidade, a língua possui movimento próprio. Fazendo uma implicação entre a língua e o cavalo, animal de instinto próprio, poderemos “ter as rédeas” do animal e com elas o comando: entretanto, se o instinto do animal lhe disser para fazer outra coisa, ele fará.

Remetendo a questão do significado que os termos assumem nos diferentes universos culturais e para seus pares, apontaremos uma frase de Couto de Magalhães (1935, página 226), escrita pelo autor em sua obra *O Selvagem*.

O compêndio é composto de um curso de Tupi e uma coletânea de lendas Tupi. As lendas foram narradas ao General por falantes indígenas que traziam o português como segunda língua. E, em suas narrativas o autor discorre sobre a dificuldade de entender alguns pormenores das histórias, e sobre o silenciamento do intérprete diante de suas indagações a respeito.

Uma das razões para tais silenciamentos é apontada pelo general como sendo o medo dos indígenas em expor suas crenças, e que “o branco” faça chiste deles, pois o indígena traz seu orgulho em alta conta.

O outro fator diz respeito aos princípios e conceitos indígenas, que, segundo o autor: “*só quem bebeu o leite materno, poderia interpretá-las*”.

Com isso, o autor faz referência ao universo sociocultural que o indígena está inserido desde o berço, e que precisaríamos fazer parte desde tenra idade para assimilar e compreender o dizer indígena em sua completude: seus medos e seus mitos.

Desse modo, observando os valores socioculturais e, com base nos princípios de descritos por Pottier (1987) para semema e na Etnoterminologia, discorreremos sobre o semema.

2.8.1 Semas e Sememas

Um semema é o resultante de vários semas que juntos formam um significado global de um lexema que, por sua vez, é constituído de palavras de mesma classe morfológica, distribuídas de forma complementar nas quais a diferença situa-se unicamente nos sufixos e indivisível em unidades menores. Como exemplo de lexema, podemos citar as variações do verbo cantar, cantei, cantarei, canto, e a palavra cantor.

A diferença entre o semema e o lexema reside no fato de que o semema representa o conteúdo semântico do lexema, sendo o lexema uma unidade de mais alta categoria pelas informações lexicais agregadas (POTTIER, 1987 p. 61).

O sema representa uma unidade mínima de significação dentro de um campo semântico, que não se realiza fora do campo lexical. Sua presença consiste na ausência ou distanciamento de outros semas e sua função é estritamente relacional e não substancial, sendo que ele poderá se relacionar a elementos constituintes de sememas distintos (Pottier, 1987, p. 60). Como exemplo, o semema <cadeira>, possui os semas:

- ✚ “para sentar”,
- ✚ “com pés”,
- ✚ “com encosto”,
- ✚ “sem braços”.

Em Carlos Ceia (2010), encontramos uma análise sémica no exemplo de [p] e [b], que o autor remete a Pottier (1985), para os quais os traços comuns são: “bilabialidade” e “oclusividade”, que os distinguem de outros signos, mas em [p] encontramos uma consoante surda enquanto que em [b] uma consoante sonora. Da mesma maneira, “boi” e “vaca” possuem traços comuns que os distinguem de outros signos, mas são opostos se considerarmos “macho” e “fêmea” assim como “galinha” e “cadeira” se opõem em “ser animado” e “ser inanimado”.

De acordo com Pottier, os semas são de dois tipos: denotativos e conotativos. Por denotativo entendem-se os semas que determinam “de uma maneira estável e com ampla aceitação social a significação de um signo”. Eles se subdividem em semas específicos, aqueles que permitem distinguir semas vizinhos e, semas genéricos, que indicam “uma categoria geral” (Pottier, 1985, p. 29).

Os semas conotativos caracterizam-se pela “maneira instável e frequentemente individual à significação de um signo (Pottier, 1985. p. 30)”.

No desenvolvimento de funções onomasiológicas de nosso dicionário, empregamos os semas mais utilizados no discurso da criança brasileira lusófona.

Nossa expectativa é que o consulente, selecionando alguns semas da listas de semas, constante na página inicial do dicionário, obtenha o termo relacionado àquele semema, ou mesmo uma relação de termos pertinentes ao semema.

Alguns exemplos dos semas existentes em nosso dicionário são: “mamífero”, “tem rabo”, “tem asas”, “come planta”, “herbívoro”, “bota ovo”, “tem escamas”, entre outros.

Com já destacado anteriormente, a função onomasiológica de nosso dicionário é sustentada apenas por semas característicos da fala das crianças brasileiras lusófonas. Entretanto, nossa análise perpassou por possíveis sememas para as diferentes línguas indígenas e pretendemos futuramente agregar esses semas ao nosso dicionário.

A princípio, entendemos que os semas empregados a um termo podem ser oriundos de valores particulares de cada língua. Nas culturas indígenas de nosso córpus, as questões de relevância para os sememas transmitem valores míticos, alimentares, culturais, os quais são intrínsecos às questões de sobrevivência, crenças ancestrais e valores socioculturais. Por exemplo, o cavalo, o boi e o cachorro são vistos como animais exóticos para a cultura Karitiana. O peixe pintado pode ser visto como “peixe saboroso” na cultura lusófona, mas de acordo com a cultura Zoró, é um peixe que “causa a hepatite”.

Então, para o falante do português, os semas para peixe pintado seriam: “peixe de água doce”, “peixe de carne saborosa”, “peixe de cor”; ao passo que o sema da língua zoró: “peixe que causa a hepatite”, não faria sentido para a cultura lusófona.

Destarte, para considerarmos um termo é necessário percebermos o sistema em torno, a cultura, a especialidade e a sociedade, o que nos remete a Etnoterminologia, intrinsecamente ligada ao fator indígena com o qual nos propomos a trabalhar. Para mostrarmos algumas características peculiares das línguas indígenas utilizadas em nosso trabalho, apresentamos a seguir, um estudo preliminar sobre semas e sememas em duas línguas indígenas: o Zoró e o Parintintín.

2.8.1.1 Semas em Língua Zoró

Na literatura estudada, em Lisboa (2008, p. 58), deparamos-nos com alguns sememas da língua Zoró que descrevem alguns atributos onomasiológicos para animais, correspondentes à sua função alimentar e ao seu consumo. São eles:

- ✚ Anta: Muito consumido
- ✚ Cutia: Muito consumido.
- ✚ Macaco: Muito consumido, caçado quando as frutas da floresta estão maduras (novembro a maio). Espécies caçadas: Macaco preto (*Ateles* sp.), Macaco prego (*Cebus apella*),

- Macaco Barrigudo (*Lagothrix lagotricha*): pouco consumido;
- Macacos Machos: O seu consumo “provoca canseira nas pessoas”

✚ Porcão: Muito consumido, muito apreciado, possui uma festa religiosa ligada a ele: *A festa do bebej*.

✚ Jacaré: Muito consumido, possui caráter religioso.

O consumo do jacaré encerra um sentido religioso para os Zoró, durante o ritual do *gujanej*, quando o *wawã* (pajé) faz a bênção com o espírito dos jacarés, para aqueles que os trazem vivos durante esta festa religiosa:

Cada família deve levar um jacaré capturado vivo, que em determinado momento da festa é disposto no pátio da aldeia para que o *wawã* abençoe cada membro da família com o espírito do jacaré. Logo após, eles são jogados dentro da maloca e mortos com paulada, para depois ser distribuído aos participantes, como “troca dádiva” (MAUSS, 2003, apud LISBOA, 2008, p.40).

✚ Aves: muito consumidas. Espécies preferidas: Nambu (*Tinamus sp.*), mutum (*Mitu sp.*), jacamim (*Psophia sp.*) e macuco (*Crypturellus sp.*).

✚ A arara (*ara sp.*) e papagaio (*Amazona sp.*): Provocam canseira nas pessoas. A explicação para o caso das araras e papagaios é que eles têm boca seca, o que também irá secar a boca das pessoas tornando-as cansadas.

✚ Gavião Real (*Harpia harpija*): Muito caçado para retirar as penas para a confecção de cocares, é consumido apenas pelos velhos. O homem que matou essa ave não come sua carne. O gavião morto não era mostrado aos jovens em função da beleza de suas penas, pois provocaria no jovem um desejo exagerado pelas coisas dos outros e ao se casar desejaria a mulher do outro e em consequência, abandonaria a sua.

✚ Tracajá: Muito consumido. O consumo desse animal está relacionado aos seus ovos, que são coletados nos areais que se formam nos rios durante a seca.

✚ Paca (*Agouti paca*): Estraga os dentes. Só os velhos consomem.

✚ Peixe Pintado (*Pseudoplatystoma sp.*): Causa hepatite.

Portanto, dada a disparidade entre os sememas das diferentes línguas introduzidas em nosso dicionário e, consideradas as diferenças etnoterminológicas, focaremos a utilização de sememas apenas para crianças falante do português (L1) e, em um futuro próximo, pretendemos expandir nossas pesquisas, indo ao encontro do universo semântico do indígena

brasileiro, para identificar os sememas que melhor caracterizam os animais da fauna brasileira para as crianças indígenas.

2.8.1.2 Semas em Língua Parintintín

Na cultura indígena Parintintín, o sistema exogâmico propicia a composição de semas que indicam novas organizações onomasiológica para termos da fauna brasileira e de outros universos.

De acordo com o sistema das duas metades patrilineares, os Parintintín estão inseridos e repartidos em duas categorias baseadas em nomes de pássaros, Kwandu (gavião) e Mytý Nhagwera (mutum), dos quais se originam os Parintintín Kwandu e os Parintintín Mytý. Juntamente com o nome, os Parintintín também recebem as características dos pássaros intituladores das metades (Capítulo 1, item 1.5).

A condição de Kwandu (gavião) ou Mytý (mutum) estende-se para os seres, plantas, objetos e utensílios. E, de acordo com a classificação de Kurovski (2009, p. 66), temos os seguintes atributos onomasiológicos:

✚ São animais Kwandu:

- Aves: Urumutum, Urucu, Premu, Inhambu Grande, Jacu
- Mamíferos: Macaco Barrigudo, Queixada
- Peixes: Traíra, Matrinção, Jatuarana

✚ São fontes de Alimento Kwandu: Queixada.

✚ São animais Mytý:

- Pássaros: Arara Canindé, Japu, Tucano, Galinha, Jacamim (pássaro).
- Mamíferos: Macaco Prego, Cachorro
- Peixes: Surubin, Tucunaré
- Inseto: Borrachudo

✚ São fontes de Alimento Mytý: Caititu, Anta, Paca.

Outros elementos onomasiológicos utilizados pelos Parintintín, que identificam e fazem relação ao sistema de metades exogâmicas a que pertencem os animais, são as oposições:

✚ Cor clara (Jacu, Gavião)

✚ Cor escura (Anta, macaco prego)

✚ Alto

- ✚ Baixo (Cachorro)
- ✚ Voa baixo ou pássaro que vive na terra (como galinha, Mutum – Mytŷ)
- ✚ Vive na aldeia (Mytŷ: cachorro, galinha, macaco prego)
- ✚ Voa alto ou vive no céu (Kwandu)

E ainda, em relação aos hábitos alimentares, baseados no sistema das metades:

- ✚ Animal que pode ser comido por Kwandu ou fonte de alimento Kwandu (Queixada)
- ✚ Animal que pode ser comido por Mytŷ ou fonte de alimento Mytŷ (Paca)

Dessa forma, verificou-se que os sememas indígenas para animais representam, primordialmente, fonte de alimento e sobrevivência, e, também, estão correlacionados às questões míticas e culturais. Por sua vez, os sememas de animais para o homem lusófono focam os aspectos visual e preservacionista.

Por fim, cabe salientar que o estudo sobre o semema utilizado nas línguas indígenas é preliminar e, dada a disparidade entre os semas das diferentes línguas introduzidas em nosso dicionário e, também consideradas as diferenças etnoterminológicas, focaremos a utilização de semas apenas para a língua portuguesa.

Assim, com base nas considerações apresentadas sobre alguns semas e sememas das línguas indígenas Zoró e Parintintín selecionamos para o nosso dicionário semas que se relacionam à categoria do animal, ao habitat, hábitos, alimentação, constituição morfológica, temperatura, meios de locomoção e de procriação, e que sejam compreensíveis à clientela à qual se destina (prioritariamente o público infantil).

Consolidada nossa fundamentação, apresentaremos no Capítulo 3 a metodologia que norteou nosso trabalho.

Capítulo 3

METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos a metodologia utilizada no trabalho, elencando as fontes fundamentais de pesquisa, bem como as principais etapas para sua realização.

3.1 Contexto da pesquisa

Nossa pesquisa envolve duas grandes áreas distintas, a saber, a Terminologia e a Informática. Nossa escolha foi determinada, por um lado, por nosso interesse pela Terminologia e pelo desejo de contribuir com as práticas terminológicas alinhadas, em números crescentes, aos processos computacionais, e por outro lado, vem de nossa formação acadêmica, com uma graduação em ciência da computação, um mestrado em engenharia elétrica e um *lato sensu* em informática na educação, quando o tema desenvolvido fora *Jogos computacionais como ferramenta de ensino* (GAVA, 2003).

Por conseguinte, acreditávamos na competência adquirida nos processos informáticos e, então, passamos a nos dedicar ao estudo de ferramentas computacionais capazes de estruturar uma plataforma terminológica eletrônica que facilitasse a tarefa de lexicólogos/lexicógrafos e terminólogos/terminógrafos, providos dos subsídios necessários à elaboração de dicionários e vocabulários, mas carentes de conhecimento computacional para transformar seus corpora em uma base de dados eletrônica.

Entrevendo, então, o que seria o nosso trabalho, a confecção de um modelo de plataforma eletrônica, faltava-nos escolher um tema de recorte e um modelo de obra terminológica.

Com o nosso *lato sensu*, entendemos as práticas que aplicam o lúdico e a criatividade no ensino através de ferramentas computacionais e desejávamos fechar um ciclo, que

entendíamos ser possível com o desenvolvimento de um dicionário para crianças, o qual pudesse significar divertimento e novas descobertas.

Nossa metodologia embasa-se teoricamente na TCT, Teoria Comunicativa da Terminologia (Ver item 2.2) e apóia-se nos autores elencados anteriormente.

Para a compreensão da língua e da etnologia que refletem os aspectos socioculturais dos falantes que, por sua vez, influenciam e marcam semelhanças e distanciamentos na língua, nos dedicamos aos estudos das línguas indígenas. Na sequência, fizemos o levantamento bibliográfico das obras em línguas indígenas que comporiam o córpus. Optamos por obras publicadas ou pré-publicadas, adquiridas em nossa viagem para Rondônia.

Depois de familiarizados com a condição etnológica, estudamos o domínio em língua portuguesa e nas seis línguas indígenas.

Após essas etapas, realizamos o levantamento e o tratamento dos dados nas línguas *Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante, Zoró* e elaboramos uma versão escrita do *Dicionário terminológico onomasiológico multilíngue de termos da fauna brasileira para crianças em seis línguas indígenas*.

Com o dicionário em versão escrita finalizado, analisamos a melhor forma de armazenar os dados e o tipo de sistema que seria mais produtivo, e optamos pelo desenvolvimento de um sistema *web*, permitindo o acesso ao dicionário em qualquer computador provido de Internet, de qualquer lugar do mundo.

Começamos a confecção da plataforma *web Kuhi pei*, para receber o modelo proposto e permitir a inserção dos termos, o que foi possível graças à utilização de recursos informáticos, subjazendo à implantação das funções semasiológicas e onomasiologias para a validação do modelo.

A seguir, descreveremos a constituição do nosso córpus.

3.2 A constituição do córpus e a coleta dos termos

Nosso córpus é composto por vocabulários e dicionários de seis línguas indígenas distintas, de indígenas brasileiros, escolhidos pelo critério de distinção de origem das famílias linguísticas, pois isto poderia se tornar relevante durante o trabalho, ou mesmo estruturar o presente trabalho para investigações futuras.

Neste escopo, procuramos por vocabulários, dicionários e glossários com o maior número de termos referentes à fauna brasileira, o que resultou no levantamento de um conjunto vocabular nas seis línguas indígenas, são eles:

- ✚ Vocabulário da Língua Arara (MONSERRAT et al. 2006)
- ✚ Vocabulário da Língua Zoró (MONSERRAT, TAVARES, 2006), ambos coordenados pelo Conselho Indigenista Missionário, CIMI-RO.
- ✚ Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu – Português, Português – Kadiwéu, em GRIFFITHS (2002).
- ✚ Dicionário e Léxico Karitiana / Português, em LANDIN (2005).
- ✚ Dicionário Parintintín – Português, Português – Parintintín, em BETTS (1981).
- ✚ Pequeno Dicionário Xavante – Português, Português – Xavante, (HALL, 1987), ambos publicados pela Sociedade Internacional de Linguística – SIL, em Cuiabá, MS.

Os Vocabulários Arara e Zoró encontravam-se em mídia impressa, os Dicionários Kadiwéu, Karitiana, Parintintín e Xavante foram localizados em mídia eletrônica, no formato PDF.

A partir de nossa fundamentação teórica sobre as línguas indígenas, novos termos foram adicionados ao corpúsculo e novas descobertas agregadas. Como ocorreu na composição de semas nas línguas Zoró e Parintintín, sendo que, para esta última língua, foi possível, também, identificar e acrescentar ao dicionário *Kuhi pei* o gênero dos termos Parintintín, com base em Kurovski (2009)¹⁵.

Esses termos do Parintintín já pertenciam ao corpúsculo, no entanto, eram desprovidos de classificação de gênero.

Outra fonte importante de pesquisa foi a Internet, onde os sítios mais visitados foram:

- ✚ SIL Associação Internacional de Linguística
- ✚ UNESCO Brasil
- ✚ ISA: Povos Indígenas do Brasil
- ✚ Sítios relacionados à fauna brasileira e aos nomes científicos.

Esclarecemos que a coleta de material inicia-se em cartilhas, dicionários e vocabulários pesquisados durante nossas visitas a Porto Velho - RO. O motivo pelo qual

¹⁵ O termo masculino, em Parintintín recebe o complemento *ǵa*, e o termo feminino o complemento *hěa*.

ressaltamos nossa viagem a Rondônia (Porto Velho e Ji-Paraná) foi o cenário cultural e humano da realidade indígena com que deparamos. Esses materiais, que não poderíamos encontrar em uma biblioteca acadêmica, nos fizeram compreender alguns *silenciamentos* e as mudanças que ainda ocorrem na grafia das palavras de algumas línguas, fazendo-nos refletir sobre a fonética do léxico, ainda em movimento.

Uma particularidade de nossas escolhas foi a organização dos temas nos volumes Arara e Zoró, subdivididos em espaço universo, animais e seres humanos, o que nos remeteu às categorias de conceitos gerais utilizado por Pottier (Ver item 2.7), apontadas em nosso embasamento teórico, quando o autor subdivide as categorias em seres, coisas, propriedades e atividades. Por esta razão, encontramos nos dicionários o parâmetro inicial que buscávamos, visto que o modelo de Pottier consistiria no cerne de nosso estudo.

Ainda sobre os vocabulários Arara e Zoró, os termos para animais já estavam agrupados e previamente ordenados alfabeticamente na língua indígena da obra e, então, nós os reorganizamos para a língua de partida, o português. A riqueza de termos designados para animais foi outro ponto de destaque nas obras, com ênfase ao vocabulário Arara.

Uma curiosidade e, para nós, uma preciosidade que gostaríamos de destacar é que o vocabulário Zoró traz as marcações finais de revisão do autor. Isto porquê a obra ainda não foi publicada, mas, de acordo com o CIMI-RO, está concluída. Ilustramos uma página da obra na Figura 11, a seguir:

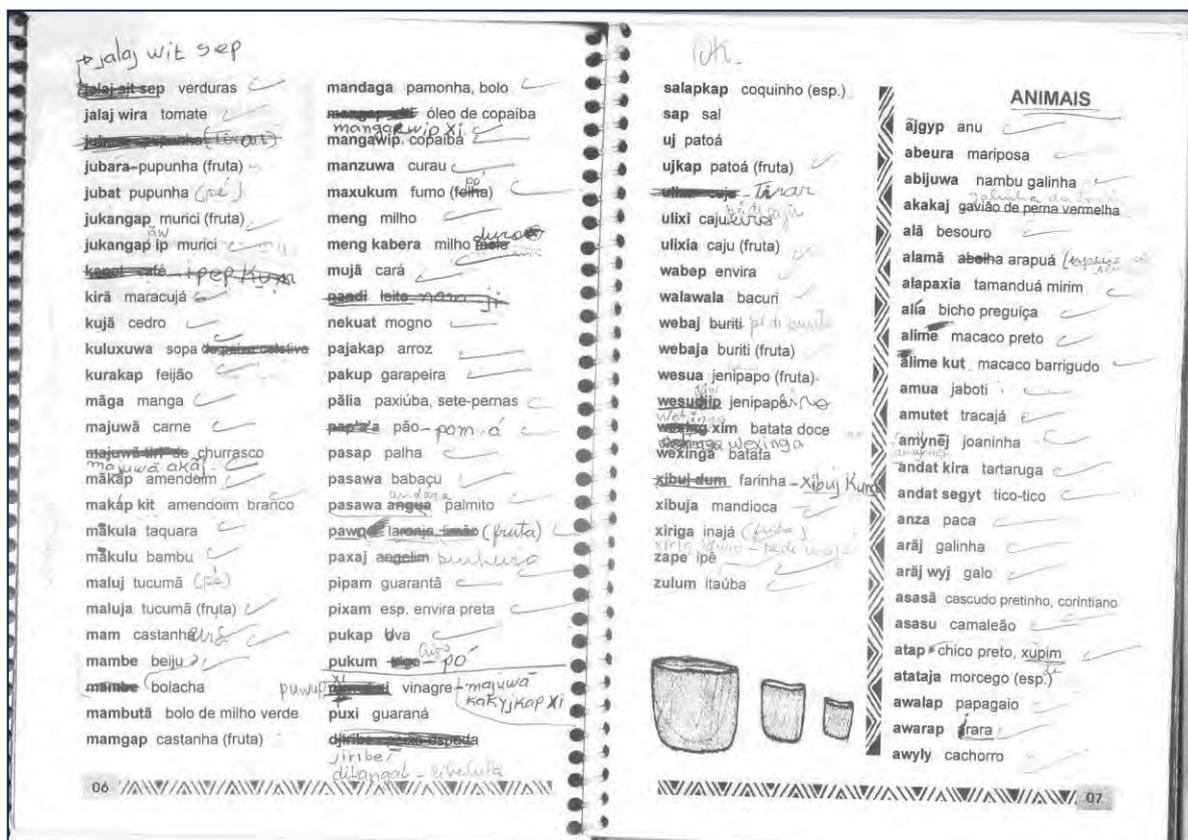


Figura 11 - Vocabulário Zoró

Na página 7 da imagem acima (lado direito), visualizamos o início da relação de termos designativos para animais.

O vocabulário Zoró possui uma constituição semelhante ao vocabulário Arara, pois ambos estão estruturados em grupos de palavras em ordem alfabética, apresentando o verbete de entrada na língua indígena com sua equivalência no português, em formato de lista de palavras; e não apresentam designações sobre a função das palavras (Figura 11).

A estrutura do vocabulário Zoró é organizada da seguinte maneira: Natureza espaço físico; Árvores, vegetais e comestíveis em geral; Animais; Partes do corpo humano, do animal e das plantas; Doença e saúde; Parentesco outras relações humanas; Objetos; Ações e estados; advérbios, promessas, números etc.; nomes de clãs.

No vocabulário Arara a estrutura organiza-se em: Natureza espaço físico; Animais; Plantas e alimentos; Palavras usadas para pessoas; Partes do corpo; Objetos; Qualidades e estados; Verbos; todo o resto.

Os dicionários Parintintín, Xavante trazem escassas informações sobre a classificação do termo (para animais) e, quando o termo é considerado substantivo de forma geral não há a indicação de gênero. O dicionário Kadiwéu considera as diferenças entre a fala do homem e da mulher e as formas plurais, características intrínsecas à língua:

Existem plurais que indicam a classe geral do item, p.ex. cavalos pode significar um certo grupo de cavalos ou cavalos em geral (contrastando p.ex. com cachorros). (GRIFFITHS, 2002, p.4)

Para animais, os dicionários Karitiana e Kadiwéu identificam a classe do termo (substantivo), mas não o gênero; enquanto que, os dicionários Parintintín e Xavante não apresentam informações designativas.

De um modo geral, todos os dicionários do córpus caracterizam-se pela organização alfabética e formato: Língua Indígena – português / Português – Língua Indígena.

Uma vez constituído nosso córpus, passamos estruturar nosso sistema conceitual.

3.3 Sistemas conceptuais em português e nas línguas indígenas

Após o estudo do domínio em língua portuguesa, fizemos o levantamento dos termos do subconjunto terminológico em análise, organizando todos os termos encontrados em um sistema conceptual para melhor compreendermos o domínio estudado. O Sistema nocional está estruturado de acordo com a classificação: anfíbio, ave, mamífero, peixe, réptil.

Com o término do sistema conceptual em português, foi possível estabelecer os sistemas conceptuais nas diferentes línguas indígenas, procurando estabelecer equivalências com a língua portuguesa. O símbolo “∅” denota a ausência de equivalência do termo em português na língua indígena correspondente no córpus de estudo. Quando encontramos as equivalências para as seis línguas, o termo é representado em itálico.

Uma vez constituído nosso sistema conceitual, passamos à implementação da base de dados terminológica, que será apresentada no item a seguir.

3.4 A Elaboração da base de dados terminológica

Para o desenvolvimento do dicionário, destacamos o necessário conhecimento em linguagens computacionais e também na definição de dados e dicionário de dados, o que relaciona as definições de elementos de dados e suas respectivas características. Apresentamos agora os campos da base de dados terminológica:

- Termo: espaço para se colocar o termo.
- Língua: espaço para registrar a língua de origem do termo.
- Outras designações: espaço para registrar as outras designações, ou seja, as variantes do termo na língua pesquisada.
- Equivalência 1: espaço para registrar o termo de equivalência.
- Adicionar equivalência: botão para adicionar outra equivalência, se houver, podendo ser utilizado conforme a quantidade de termos equivalentes encontrados.
- Equivalente 2...n: espaço para registrar, se houver, outros termos equivalentes, que será direcionado pelo botão *adicionar equivalente*.
- Variante 1: espaço para registrar, se houver, a variante do termo equivalente pesquisado.
- Adicionar variante: botão para adicionar outra variante, se houver. O botão poderá ser utilizado conforme a quantidade de variantes encontradas.
- Variante 2..n: espaço para registrar outras variantes do termo equivalente e que será direcionado pelo botão *adicionar variante*.
- Fonte 1: local reservado para se registrar o nome da fonte da qual foi retirado o contexto que atesta a validade do equivalente pesquisado para o português.
- Contexto: espaço para se registrar o contexto encontrado na fonte 1.
- Adicionar fonte: botão para adicionar outra fonte, se houver.
- Fonte 2..n: espaço para registrar outras fontes encontradas na pesquisa.
- Adicionar contexto: botão para adicionar novo contexto, encontrado em fonte 2..n.
- Contexto 2..n: espaço para adicionar novo contexto de pesquisa, encontrado em fonte 2..n.
- Classe gramatical: espaço para registrar a classe gramatical do termo encontrado.
- Gênero: espaço para registrar o gênero gramatical do termo.
- Fonética: espaço para registrar os sons do termo.
- Derivação: espaço para registrar a derivação do termo, se houver.

- Nome científico: espaço para registrar o nome científico do termo.
- Fonte do nome científico: espaço para registrar a fonte do nome científico.
- Imagem: botão que permite a busca do arquivo de imagem do termo.
- Fonte da imagem: espaço para registrar a fonte a imagem.
- Observações: Observações adicionais sobre o termo.
- Descrição: espaço para registrar as características onomasiológicas que compõem o termo.
- Semema: Semema relativo ao termo.

A informatização de fichas terminológicas facilita a recuperação dos dados coletados e melhora o desempenho de pesquisas eletrônicas.

Na construção do *modelo de dicionário onomasiológico terminológico multilíngue*, em língua indígena dos termos da fauna brasileira, optamos pelo campo observações para complementação do termo, isto devido ao baixo índice de ocorrência de tais itens nos vocabulários, glossários e dicionários do córpus.

Apresentamos agora os campos da base de dados para a ficha terminológica:

Termo: acará

Classe gramatical: substantivo

Gênero: masculino.

Nome científico: *espécies da Família Cichlidae.*

Fonte do nome científico: LANGEANI, Francisco. São José do Rio Preto: UNESP - SP

Fonte do termo: - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Observações: Peixe comum de água doce.

Outras designações 1: VER cará

Fonte outras designações 1: MANSUR, Maria Cristina Dreher. Gloquídio de *Diplodon marlensi* (Ihering) (Mollusca, Bivalvia, Hyriidae) e seu ciclo parasitário. **Revista brasileira Zoologia**. 16 (Supl. 2): 185 - 194, 1999

Descrição: **Acará** é um termo de origem indígena que designa genericamente diversas espécies de peixes teleósteos perciformes da família dos ciclídeos, encontrados nativamente em rios e lagos da bacia amazônica ou rios e lagoas de água quente em todo o território brasileiro sendo muitos deles populares no comércio de peixes ornamentais. Peixe ornamental; de água doce.

Outras designações 2: Campo para outras designações 2

Observações outras designações 2: Campo observações de outras designações 2

Fonte outras designações 2: Campo para fonte outras designações 2

Outras designações 3: Campo para outras designações 3

Observações outras designações 3: Campo observações de outras designações 3

Fonte outras designações 3: Campo para fonte outras designações 3

Outras designações 4: Campo para outras designações 4

Observações outras designações 4: Campo observações de outras designações 4

Fonte outras designações 4: Campo para fonte outras designações 4

Outras designações 5: Campo para outras designações 5

Observações outras designações 5: Campo observações de outras designações 5

Fonte outras designações 5: Campo para fonte outras designações 5

Outras designações 6: Campo para outras designações 6

Observações outras designações 6: Campo observações de outras designações 6

Fonte outras designações 6: Campo para fonte outras designações 6

Descrição 1: O acará é uma das espécies mais comuns nas bacias do rio Doce e do Paraíba do Sul, ocorrendo também na bacia do rio São Francisco. Ele pertence à família do tucunará e da tilápia, e como esta última espécie, apresenta espinhos defensivos nas nadadeiras dorsal, ventral e anal.

Fonte da descrição 1: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Acará. Portal Saúde Animal, Fauna Brasileira: Acará. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/peix20.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Descrição 2: Acará pinima – acará pintado. Outra espécie larga e longa de sete dedos, de figura de uma pequena pera. Tem a boca pequena, os dentes agudos, os olhos muito grandes contorneados de um vermelho escuro, e branco.

Fonte da descrição 2: AYROSA, Plínio. Vocabulário na língua brasílica. São Paulo: Coleção Departamento de Cultura, vol XX, 1938.

Contexto 1: O acará é de natureza plástica e flexível, e por esse motivo é uma das poucas espécies que se adaptam às condições de reservatórios. Sua coloração é realmente magnífica, com cores vermelhas, azuis e faixas turquesas que lhe garantem, pelo menos, um bom lugar nos aquários.

Fonte do contexto 1: CICC0, Lúcia Helena Salvetti De. Acará. Portal Saúde Animal, Fauna Brasileira: Acará. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/peix20.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Contexto 2: Dentre as espécies de peixes preferidas pela população ribeirinha, a maior parte delas é constituída por peixes de escama, tais como curimatà, pescada, aracu, pacu, tucunaré, tambaqui, **acara** entre outros.

Fonte do Contexto 2: CERDEIRA, Regina Glória Pinheiro et al. Consumo de Pescado e outros alimentos pela população ribeirinha do Lago Grande de Monte Alegre, PA – Brasil. *Acta Amazônica* 27(3): 213-228. 1997.

Contexto 3: Um cardume de acará-zebra ou acará-Nigro foi exibido pela primeira vez no Aquário da Polônia nesta quarta-feira. A espécie, que também possui uma variante conhecida como acará do Congo, na variedade albina, pode medir até 15 cm e chama a atenção pela coloração acinzentada brilhante com listras negras. As informações são do jornal espanhol *El País*. O cardume se alimenta de comida granulada congelada ou viva.

Fonte do Contexto 3: TERRA. **Terra notícias:** Peixes acará são exibidos em aquário da Polônia. 29 de abril de 2009. Disponível em:

<http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3734940-EI238,00->

Peixes+acaras+sao+exibidos+em+aquario+da+Polonia.html. Acesso em 21.02.2012.

Contexto 4: Pequenos peixes ciclídios, vulgarmente conhecidos por “cará”.

Fonte contexto 4: MANSUR, Maria Cristina Dreher. Gloquídio de *Diplodon marlensi* (Ihering) (Mollusca, Bivalvia, Hyriidae) e seu ciclo parasitário. **Revista brasileira Zoologia** 16 (Supl. 2): 185 - 194, 1999.

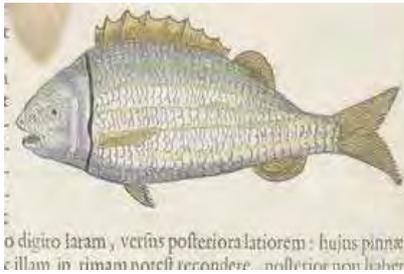
Imagem 1:	Imagem 2:	Imagem 3:
		

Tabela 7 - Imagens do termo

Fonte da Imagem 1: Biblioteca Digital Curt Nimuendaju. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/nimuendaju/4330193931/lightbox/>

Fonte da Imagem 2: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Acará. Portal Saúde Animal, Fauna Brasileira: Acará. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/peix20.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Fonte Imagem 3: TERRA. Terra notícias: Peixes acará são exibidos em aquário da Polônia. 29 de abril de 2009. Disponível em:

<http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3734940-EI238,00->

[Peixes+acaras+sao+exibidos+em+aquario+da+Polonia.html](http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3734940-EI238,00-Peixes+acaras+sao+exibidos+em+aquario+da+Polonia.html). Acesso em 21.02.2012.

Língua: Arara

Equivalência 1: ø

Fonte equivalência 1: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

Outras designações 1: Campo para outras designações 1

Observações designações 1: Campo para observações sobre outras designações 1

Fonte outras designações 1: Campo para fonte de outras designações 1

Outras designações 2: Campo para outras designações 2

Observações designações 2: Campo para observações sobre outras designações 2

Fonte outras designações 2: Campo para fonte de outras designações 2

Outras designações 3: Campo para outras designações 3

Observações designações 3: Campo para observações sobre outras designações 3

Fonte outras designações 3: Campo para fonte de outras designações 3

Outras designações 4: Campo para outras designações 4

Observações designações 4: Campo para observações sobre outras designações 4

Fonte outras designações 4: Campo para fonte de outras designações 4

Outras designações 5: Campo para outras designações 5

Observações designações 5: Campo para observações sobre outras designações 5

Fonte outras designações 5: Campo para fonte de outras designações 5

Outras designações 6: Campo para outras designações 6

Observações designações 6: Campo para observações sobre outras designações 6

Fonte outras designações 6: Campo para fonte de outras designações 6

Língua: Kadiwéu

Equivalência 1: ∅

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

O termo na forma de falar feminina: Campo para a forma feminina

O termo na forma plural: Campo para a forma plural

Observações equivalência 1: A língua Kadiwéu possui uma variação no termo para a pronúncia feminina.

Outras designações 1: Campo para outras designações 1

Observações designações 1: Campo para observações sobre outras designações 1

Fonte outras designações 1: Campo para fonte de outras designações 1

Outras designações 2: Campo para outras designações 2

Observações designações 2: Campo para observações sobre outras designações 2

Fonte outras designações 2: Campo para fonte de outras designações 2

Outras designações 3: Campo para outras designações 3

Observações designações 3: Campo para observações sobre outras designações 3

Fonte outras designações 3: Campo para fonte de outras designações 3

Outras designações 4: Campo para outras designações 4

Observações designações 4: Campo para observações sobre outras designações 4

Fonte outras designações 4: Campo para fonte de outras designações 4

Outras designações 5: Campo para outras designações 5

Observações designações 5: Campo para observações sobre outras designações 5

Fonte outras designações 5: Campo para fonte de outras designações 5

Outras designações 6: Campo para outras designações 6

Observações designações 6: Campo para observações sobre outras designações 6

Fonte outras designações 6: Campo para fonte de outras designações 6

Língua: Karitiana**Equivalência 1: ete**

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

Observações equivalência 1: Campo para equivalência 1

Outras designações 1: Campo para outras designações 1

Observações designações 1: Campo para observações sobre outras designações 1

Fonte outras designações 1: Campo para fonte de outras designações 1

Outras designações 2: Campo para outras designações 2

Observações designações 2: Campo para observações sobre outras designações 2

Fonte outras designações 2: Campo para fonte de outras designações 2

Outras designações 3: Campo para outras designações 3

Observações designações 3: Campo para observações sobre outras designações 3

Fonte outras designações 3: Campo para fonte de outras designações 3

Outras designações 4: Campo para outras designações 4

Observações designações 4: Campo para observações sobre outras designações 4

Fonte outras designações 4: Campo para fonte de outras designações 4

Outras designações 5: Campo para outras designações 5

Observações designações 5: Campo para observações sobre outras designações 5

Fonte outras designações 5: Campo para fonte de outras designações 5

Outras designações 6: Campo para outras designações 6

Observações designações 6: Campo para observações sobre outras designações 6

Fonte outras designações 6: Campo para fonte de outras designações 6

Língua: Parintintín

Equivalência 1: akara

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Observações equivalência 1: Campo para observação equivalência 1

Outras designações 1: akarahete.

Observação outras designações 1: Campo observação para outras designações 1

Fonte outras designações 1: - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Outras designações 2: akarapetiğ

Observação designações 2: Campo para observação outras designações 2

Fonte outras designações 2: - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Outras designações 3: akarapev

Observação outras designações 3: Campo para observação outras designações 3

Fonte outras designações 3: - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Outras designações 4: akarapytağuhũ

Observação outras designações 4: Peixe acará com escamas encarnadas e azuis e com boca comprida.

Fonte outras designações 4: - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Outras designações 5: akaratimbuku'i.

Observação outras designações 5: Campo para observação outras designações 5

Fonte outras designações 5: - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Outras designações 6: aha'viuhuve'e.

Observação outras designações 6: acará machucado

Fonte outras designações 6: - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

Língua: Xavante

Equivalência: ∅

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante-português-Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

Observações equivalência 1:

Outras designações 1: Campo para outras designações 1

Observações designações 1: Campo para observações sobre outras designações 1

Fonte outras designações 1: Campo para fonte de outras designações 1

Outras designações 2: Campo para outras designações 2

Observações designações 2: Campo para observações sobre outras designações 2

Fonte outras designações 2: Campo para fonte de outras designações 2

Outras designações 3: Campo para outras designações 3

Observações designações 3: Campo para observações sobre outras designações 3

Fonte outras designações 3: Campo para fonte de outras designações 3

Outras designações 4: Campo para outras designações 4

Observações designações 4: Campo para observações sobre outras designações 4

Fonte outras designações 4: Campo para fonte de outras designações 4

Outras designações 5: Campo para outras designações 5

Observações designações 5: Campo para observações sobre outras designações 5

Fonte outras designações 5: Campo para fonte de outras designações 5

Outras designações 6: Campo para outras designações 6

Observações designações 6: Campo para observações sobre outras designações 6

Fonte outras designações 6: Campo para fonte de outras designações 6

Língua: Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

Observações equivalência 1:

Outras designações 1: Campo para outras designações 1

Observações designações 1: Campo para observações sobre outras designações 1

Fonte outras designações 1: Campo para fonte de outras designações 1

Outras designações 2: Campo para observações sobre outras designações 2

Observações designações 2: Campo para designações 2

Fonte outras designações 2: Campo para fonte de outras designações 2

Outras designações 3: Campo para outras designações 3

Observações designações 3: Campo para observações sobre outras designações 3

Fonte outras designações 3: Campo para fonte de outras designações 3

Outras designações 4: Campo para outras designações 4

Observações designações 4: Campo para observações sobre outras designações 4

Fonte outras designações 4: Campo para fonte de outras designações 4

Outras designações 5: Campo para outras designações 5

Observações designações 5: Campo para observações sobre outras designações 5

Fonte outras designações 5: Campo para fonte de outras designações 5

Outras designações 6: Campo para outras designações 6

Observações designações 6: Campo para observações sobre outras designações 6

Fonte outras designações 6: Campo para fonte de outras designações 6

As informações adicionais, como gênero, outras designações foram transcritas em nosso dicionário eletrônico sempre que presentes no corpus de estudo; todavia, salientamos a importância da informatização das fichas terminológicas para o projeto, pois elas aperfeiçoaram a recuperação, organização e estruturação dos dados coletados, melhorando consideravelmente o desempenho de nossas investigações.

3.5 Macroestrutura

Norteamos a escolha dos termos que compõem nosso dicionário do seguinte modo:

Inicialmente deu-se por intermédio do vocabulário Arara, no qual, como já mencionado, encontramos os termos correspondentes aos animais agrupados.

O passo inicial foi a coleta dos termos e, em seguida, estabelecemos a inversão dos vocábulos (de LI – LP para LP – LI), alterando a língua de entrada para o português, e ordenamos alfabeticamente. Realizamos o mesmo processo para o Vocabulário Zoró.

Posteriormente, alinhamos e equiparamos os termos com o auxílio da equivalência no português oriunda dos vocabulários e eliminamos as duplicidades.

Desse modo, nosso córpus foi estabelecendo-se com termos de entrada em português provenientes dos dois vocabulários.

No próximo passo, examinamos os dicionários Kadiwéu, Karitiana, Parintintín e Xavante em buscas das equivalências nestas línguas para os termos de entrada, já relacionados em português.

Por último, efetuamos nova pesquisa nos dicionários com o propósito de verificar a existência de outros termos relativos à fauna brasileira.

À medida que novos termos eram encontrados, providenciávamos sua inserção no dicionário e inquiríamos sobre sua equivalência nas outras línguas, o que nos impelia à nova investigação no córpus.

No momento da inserção dos termos em uma base de dados, tendo em vista que o objetivo principal de nosso trabalho é a proposta de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue português- arara, kadiwéu, karitiana, Parintintín, xavante, zoró, para crianças, decidimos realizar o mesmo em formato eletrônico.

Dentre as linguagens de programação escolhemos o PHP, pelo suporte a sistemas *web*, pela possibilidade de criar uma interface simples tanto para o usuário final de nosso dicionário (público infantil), quanto para outros pesquisadores, que quiserem utilizar futuramente nossa plataforma para a implementação de outros dicionários eletrônicos.

Por meio dessa linguagem foi possível utilizar um sistema de banco de dados pelo seu suporte ao *mySQL*.

Dessa forma, a base de dados terminológica foi criada utilizando o suporte eletrônico da linguagem de desenvolvimento *PHP*, do *HTML*, que consiste em uma linguagem de renderização para marcação de hipertexto, e o *CSS*, linguagem de renderização empregada na

padronização das cores do sítio. A inserção de dados utilizou-se do Sistema Gerenciador de Banco de Dados, SGBD, *Mysql*, que trata de um eficiente banco de dados para a *web*.

Um banco de dados (ou base de dados) representa um conjunto de registros dispostos em estrutura regular que possibilitam a reorganização, a inserção e a exclusão das informações, levantamentos estatísticos, ordenação e busca eletrônica de dados.

Internamente, há um software responsável por seu gerenciamento, conhecido como Sistema Gerenciador de Banco de Dados (SGBD). É através dele que os dados são organizados em um modelo relacional, constituído de tabelas, linhas e colunas, relacionadas entre si.

O formato eletrônico do dicionário permitiu que fossem implementadas de maneira eficiente as funções de busca onomasiológica, que caracteriza nosso modelo de dicionário terminológico onomasiológico.

Organizado o sistema, todos os termos foram inseridos da língua arara à língua zoró. No momento em que a equivalência em português era inserida, o sistema verificava se era a primeira ocorrência da palavra (em português) no banco.

Encontrando a equivalência pela primeira vez, o sistema disponibilizava uma nova tela para preenchimento dos dados do termo nessa língua, assim como as informações relativas ao termo em português.

Dessa forma, inserindo o termo para uma ou seis línguas, o sistema solicita apenas uma vez o preenchimento da equivalência, categoria e gênero em português, da descrição e o nome científico do termo.

3.6 Microestruturas

Depois de ter estabelecido a macroestrutura de nosso dicionário, elaboramos a microestrutura dos termos preferenciais e dos verbetes das remissivas, que apresentamos a seguir.

A microestrutura do verbete tem o termo de entrada em português e está estruturada com os seguintes campos:

Campos	Conteúdo
Termo	Entrada em português
Categoria	Categoria gramatical
Outras designações	Outras designações referentes ao termo
Imagem	Imagem do termo
Fonte da Imagem	Fonte da imagem do termo
Nome científico	Nome científico do termo
Fonte do nome científico	Fonte do nome científico do termo
Descrição	Descrição do termo
Fonte da descrição	Fonte da descrição do termo
Observação	Informações complementares sobre o termo
Semema	Semema (conjunto dos semas, traços semânticos, referentes ao termo) em Português.

Tabela 8 - Microestrutura

Exemplificamos um verbete, abaixo, para a visualização e melhor entendimento dos campos na microestrutura:

TERMO: anta

CATEGORIA: *substantivo*

NOME CIENTÍFICO: Tapirus terrestris

FONTE DO NOME CIENTÍFICO: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. *Fauna Brasileira: Anta. Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/anta.htm>>. Acesso em: 26/10/2011.*

DESCRIÇÃO: A anta é um mamífero também conhecido como tapir. Vive em florestas tropicais e montanhas da América do Sul. Pesa em média 180 kg. É um bicho pacífico, tímido, que se esconde durante o dia e sai à noite para comer folhas, ervas e raízes. A anta esconde-se na água.

FONTE DA DESCRIÇÃO: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. *Fauna Brasileira: Anta. Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/anta.htm>>. Acesso em: 26/10/2011.*

SEMEMA: <hábitos diurnos>, <habitat terrestre>, <tem pelos>, <temperatura constante>, <mamífero>, <herbívoro>, <anda com quatro pés>.

Consideraremos, na tabela a seguir, a inserção de termo no modelo, para uma língua indígena, onde novamente deveremos considerar a categoria do termo, e a equivalência.

A descrição e o semema são considerados somente para a língua de entrada, o português.

Na Tabela 8, exemplificamos a microestrutura comportada pela plataforma para uso em uma outra proposta, junto aos itens anteriores, contamos com os campos <Fonética> e <Derivação>.

Campos	Conteúdo
Língua	Língua indígena relativa ao termo
Equivalência	Em língua indígena
Categoria	Categoria gramatical
Gênero	Gênero do termo em Língua Indígena
Outras designações	Outras designações referentes ao Termo
Fonética	Fonética do termo
Derivação	Derivação do termo
Fonte	Fonte na qual o termo foi pesquisado.
Observação	Informações complementares sobre o termo

Tabela 9 - Inserção de termos para a língua indígena

Para o nosso dicionário, não efetivamos as funções de fonética e derivação. As informações concernentes à inserção são descritas, a seguir:

LÍNGUA: Arara

EQUIVALÊNCIA: na'to

CLASSE GRAMATICAL: Substantivo

FONTE: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário- CIMI-RO (Coord.), 2006.

Tal procedimento é realizado para as seis línguas de nosso dicionário e, ao final, temos a seguinte resultante:

TERMO: ----- IMAGEM:

CATEGORIA:

NOME CIENTÍFICO:

FONTE DO NOME CIENTÍFICO

DESCRIÇÃO:

FONTE DA DESCRIÇÃO:

FONTE DA IMAGEM

SEMEMA

Línguas

- i- **Língua:** Arara
Equivalência:
Classe Gramatical:
Fonte: (termo) –
- ii- **Língua:** Karitiana
Equivalência:
Classe Gramatical:
Fonte: (termo) –
- iii- **Língua:** Kadiwéu
Equivalência:
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) –
- iv- **Língua:** Parintintín
Equivalência:
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) –
- v- **Língua:** Xavante
Equivalência:
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) –
- vi- **Língua:** Zoró
Equivalência:
Classe Gramatical:
Fonte: (termo) -

As informações do campo <descrição> foram extraídas de sítios confiáveis com autoria declarada, nos quais a primazia seria: textos simples e diretos, pertinentes ao público infantil.

No exemplo seguinte, ilustramos a disposição do termo ‘anta’ nas seis línguas do glossário (i a vi), desde sua entrada com descrição em português.

Termo: Anta

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: Tapirus terrestris

Fonte do Nome Científico: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. *Fauna Brasileira: Anta. Saúde Animal. Disponível em:* <<http://www.saudeanimal.com.br/anta.htm>>. Acesso em: 6/10/2011.

Descrição: A anta é um mamífero também conhecido como tapir. Vive em florestas tropicais e montanhas da América do Sul. Pesa em média 180 kg. É um bicho pacífico, tímido, que se esconde durante o dia e sai à noite para comer folhas, ervas e raízes. A anta esconde-se na água.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. *Fauna Brasileira: Anta. Saúde Animal. Disponível em:* <<http://www.saudeanimal.com.br/anta.htm>>. Acesso em: 26/10/2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem pelos, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés.

Descrição nas línguas indígenas:

- i- **Língua:** Arara
Equivalência: na'to
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. *Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.*
- ii- **Língua:** Karitiana
Equivalência: 'irip
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - LANDIN, em *Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*
- iii- **Língua:** Kadiwéu
Equivalência: liwaga
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. *Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*

- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: tapi'ir
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: Uhâdâ
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: wasa
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

Com relação às equivalências, no que tange ao estabelecimento de um equivalente na pesquisa terminológica multilingue, temos:

- 1) O *termo A* não possui sua equivalência conhecida em todas as línguas como, por exemplo, o termo *arraia* conhecido apenas pelas culturas indígenas costeiras ou com algum passado ligado às costas brasileiras.
- 2) *Equivalente não encontrado:* o termo da *língua A* não encontra termo equivalente para a *língua B*, ou vice versa. Por exemplo, no caso de acará, araponga, cabeça de ferro, cascudo-pretinho, cobra cipó, cobra d'água, cobra surucucu pico de jaca, curimbatá, enguia, jacaré branco, entre outros.
- 3) *Correspondente:* o termo da *língua A* recobre, apenas parcialmente, os traços conceptuais de um termo da *língua B*, ou vice-versa. Por exemplo, como ocorre com o termo *jacaré*, que possui função mítica para os Zoró.

Para instituir as equivalências, o emprego do nome científico foi de fundamental importância e o estabelecemos na microestrutura do dicionário.

Na definição dos semas, utilizamos duas estratégias complementares: em primeiro lugar, valemo-nos de nossa experiência em docência no ensino fundamental, dos quais trazíamos o registro mental do discurso rotineiramente empregado pelas crianças para assinalar os traços físicos dos animais.

Em segundo lugar, relacionamos os traços mais comuns e gerais de acordo com as descrições aplicadas nos verbetes.

Considerando a fala da criança brasileira, falante do português (L1), nas séries iniciais do ensino fundamental, os semas corriqueiramente empregados são:

✚ Considerando a classe: Anfíbio, Ave, Mamífero, Peixe, Réptil.

✚ Considerando os hábitos: Hábito Diurno, Hábito Noturno.

✚ Considerando o Habitat: Terrestre, Aquático.

✚ A alimentação: Carnívoro, Herbívoro, Onívoro.

Note-se que, o termo correspondente ao traço está entre parênteses:

✚ A temperatura: Animal de temperatura constante (Homeotérmico) ou Animal de temperatura variável (Pecilotérmico)

✚ Come Frutas (Frugívoro)

✚ Come Peixes (Piscívoro)

✚ Come Néctar (Nectarívoro)

✚ Come Insetos (Insetívoro)

✚ Come Moluscos (Malacófago)

✚ Come Plantas (Fitófago)

✚ Come plantas ou animais mortos (Necrófago)

✚ Anda com dois pés (Bípede)

✚ Anda com quatro pés (Quadrúpede)

✚ Anda sem pés (Ápode)

✚ É um animal: Vivíparo ou Ovíparo ou Ovovivíparo.

Outros traços são estabelecidos com a pergunta: *O que o animal tem?*

✚ Pele

✚ Pelos

✚ Penas

✚ Escamas

✚ Cor predominante

✚ Asas

✚ Bico

✚ Casco

✚ Garras

✚ Nadadeiras

-  Rabo
-  Veneno

Para exemplificar a questão dos semas, de atributos e características concorrentes, apresentamos o termo *gambá*, esquematizado na Figura 12, no qual o consulente assinalará os traços pertinentes ao animal como mostrado em vermelho:

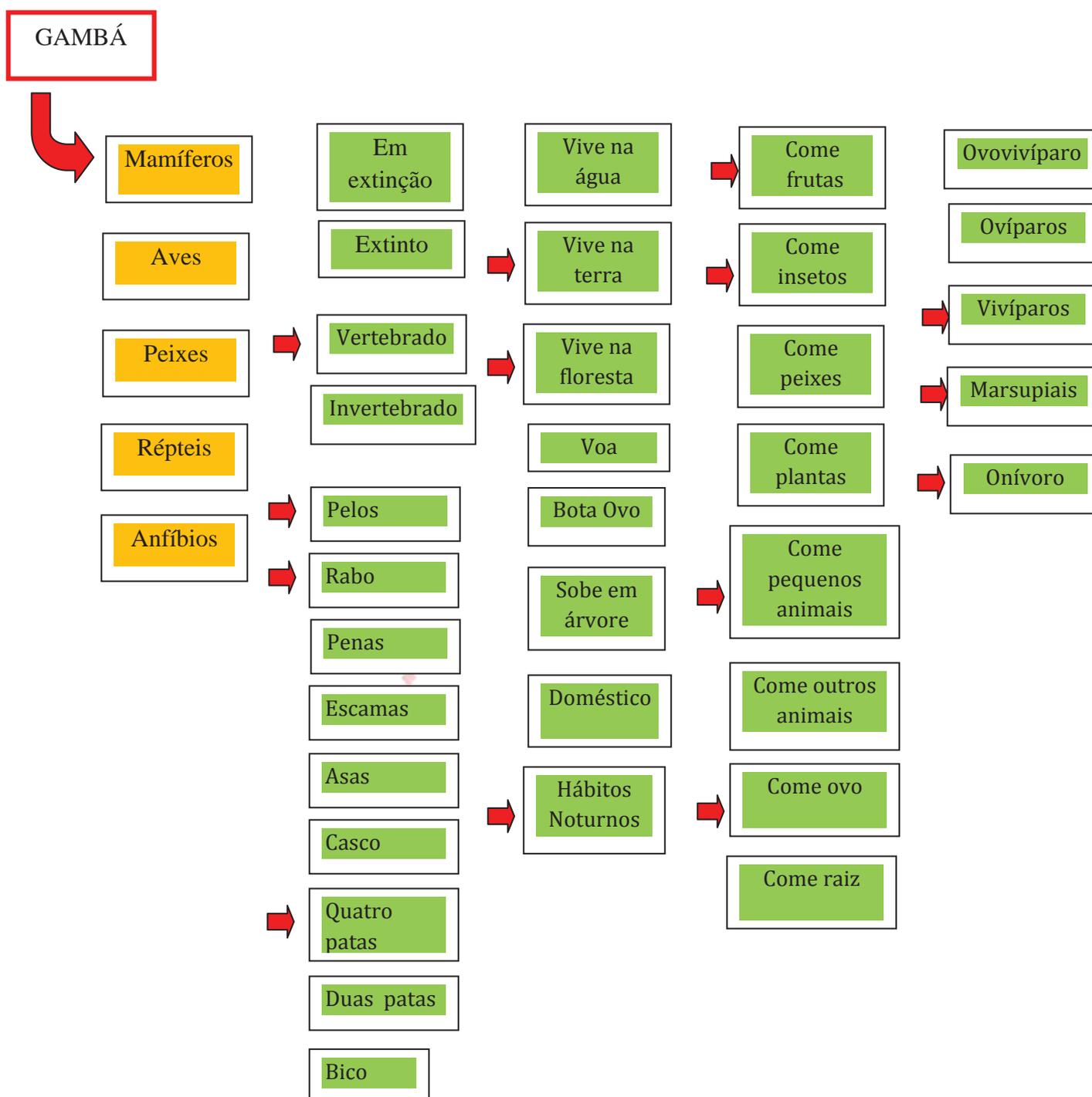


Figura 12- Semema Gambá - características do animal

Como podemos ver pelo esquema contido na Figura 12, o semema de gambá é:

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, come frutas, come insetos, tem pelos, temperatura constante, mamífero, onívoro, anda com quatro pés.

No estudo do semema de gambá acrescentamos, também, semas particulares do animal e, sendo assim, não constam no esquema apresentado, são eles: hábitos solitários, cheiro forte.

No próximo item apresentamos os verbetes destinados às remissivas de nosso dicionário.

3.7 O Sistema de remissiva

Os verbetes de remissivas são destinados tanto a termos em língua portuguesa quanto a termos nas línguas indígenas, e são baseados em Babini (2001, p. 95). Apresentamos a seguir a microestrutura desses verbetes:

Campos	Conteúdo
Termo	Entrada
Categoria	Categoria gramatical
Fonte	Fonte da entrada
Ver	Remissiva

Tabela 10 – Verbetes usados para remissivas

Apresentamos a seguir um verbete de remissiva para um termo em língua portuguesa:

TERMO: gato do mato

LÍNGUA: portuguesa

CLASSE GRAMATICAL Substantivo

FONTES: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

VER: jaguatirica

O próximo exemplo é um verbete para remissiva de um termo em língua Arara:

TERMO: ameko tãrãp

LÍNGUA: Arara

CLASSE GRAMATICAL Substantivo

FONTE: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

VER: ġat tãrãp

A mesma microestrutura foi utilizada para as demais línguas indígenas.

Estabelecida a microestrutura dos verbetes, passamos então à elaboração do Dicionário *Kuhi pei*, analisada com mais detalhes no Capítulo 4.

Capítulo 4

DICIONÁRIO KUHI PEI: Dicionário terminológico onomasiológico multilingue para crianças da fauna brasileira

Nesse capítulo apresentamos uma versão impressa do dicionário *Kuhi pei*, começando pelo sistema nocional em português e, posteriormente, os sistemas nocionais nas línguas Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante, Zoró.

Os sistemas nocionais foram construídos com base no cópulo levantado em nossas pesquisas e estão ordenados alfabeticamente e indexados, isto é, há uma correspondência numérica que denota a existência da equivalência entre os termos dos sistemas.

A inexistência de equivalência para o termo, no respectivo cópulo de estudo, está assinalada pelo símbolo “ø”; enquanto a existência de termos análogos para todas as línguas é assinalada pela grafia dos termos em itálico.

Prosseguindo, apresentaremos os sistemas nocionais:

4.1 Sistema Nocional Português

1. Anfíbio

- 1.1 perereca
- 1.2 rã
- 1.3 sapo
- 1.3.1 sapo cururu
- 1.3.2 sapo pequeno (espécie)

2. Ave

- 2.1 acauã
- 2.2 andorinha
- 2.3 andorinha grande (tipo de)
- 2.4 anu preto
- 2.5 aracuã
- 2.6 araponga
- 2.7 arara
- 2.7.1 arara azul

- 2.7.2 arara vermelha
- 2.7.3 arara canindé
- 2.8 assum preto
- 2.9 avestruz
- 2.10 bacurau (VER curiango)
- 2.11 beija-flor
- 2.12 bem-te-vi
- 2.13 bico de brasa
- 2.14 bico de prata
- 2.15 caburé
- 2.16 careca
- 2.17 chico preto
- 2.18 chupim
- 2.19 codorna
- 2.20 coruja
- 2.21 corvo
- 2.22 crejuá
- 2.23 cuiu-cuiu
- 2.24 curiango
- 2.25 curica
- 2.25.1 curiquinha
- 2.26 cuxumi
- 2.27 ema
- 2.28 falcão
- 2.29 *galinha*
- 2.29.1 *galo*
- 2.30 ganso
- 2.31 *garça*
- 2.32 gavião
- 2.32.1 gavião real
- 2.32.2 gaviãozinho
- 2.33 guacho
- 2.34 Inambu
- 2.34.1 inambu chororó
- 2.34.2 inambu galinha
- 2.34.3 inambu herói
- 2.34.4 inambu preto
- 2.34.5 inambu sororĩn
- 2.35 jaburu
- 2.36 jacamim
- 2.37 jacu
- 2.38 jacutinga
- 2.39 jaó
- 2.40 João de barro
- 2.41 juriti
- 2.42 macuco
- 2.42.1 macuco azul
- 2.42.2 macuco preto
- 2.43 maracanã
- 2.44 maritaca - xokõj'ka

- 2.45 martim-pescador
- 2.46 mosia
- 2.47 mutum
- 2.48 nambu
- 2.48.1 nambu chororó
- 2.48.2 nambu preto
- 2.49 *papagaio*
- 2.50 pardal
- 2.51 pato
- 2.52 pavão
- 2.52.1 pavãozinho
- 2.53 perdiz
- 2.54 *periquito*
- 2.55 *picapau*
- 2.56 pomba
- 2.57 quero-quero
- 2.58 rolinha
- 2.59 sabiá
- 2.60 sanhaço
- 2.61 saracura
- 2.62 seriema
- 2.63 socó
- 2.64 tesoura
- 2.64.1 tesourinha
- 2.65 tico tico
- 2.66 *tucano*
- 2.66.1 tucaninho
- 2.67 tuiuiú
- 2.68 uirapuru
- 2.69 uru
- 2.70 urubu
- 2.70.1 urubu branco
- 2.70.2 urubu rei
- 2.71 urutau

3. Mamífero

- 3.1 *anta*
- 3.2. ariranha
- 3.3 bicho preguiça
- 3.4 *cachorro*
- 3.4.1 cachorro do mato
- 3.5 *capivara*
- 3.6 carneiro
- 3.7 *cavalo*
- 3.8 coelho
- 3.9 cotia
- 3.10 esquilo
- 3.11 gambá

- 3.12 gato
- 3.12.1 gato do mato
- 3.13 jaguatirica
- 3.14 lobo
- 3.15 macaco
- 3.15.1 macaco barrigudo
- 3.15.2 macaco bugiu
- 3.15.3 macaco coatá
- 3.15.4 macaco cuxiu preto
- 3.15.5 macaco da noite
- 3.15.6 macaco de cheiro
- 3.15.7 macaco guariba
- 3.15.8 macaco paraguaçu
- 3.15.9 macaco prego
- 3.15.10 macaco preto
- 3.15.11 macaco quatá
- 3.15.12 macaco sagui
- 3.15.13 macaco soim
- 3.15.14 macaco zogue-zogue
- 3.15.15 maracajá
- 3.16 morcego
- 3.17 *onça*
- 3.17.1 onça parda
- 3.17.2 onça pintada
- 3.17.3 onça preta
- 3.17.4 onça vermelha
- 3.18 *paca*
- 3.19 porco
- 3.19.1 *cateto, caititu*
- 3.19.2 porco do mato
- 3.19.3 porco doméstico
- 3.19.4 porco espinho
- 3.19.5 *porco queixada*
- 3.20 quati – ixogo
- 3.21 *rato*
- 3.22 raposa
- 3.23 tamanduá
- 3.23.1 tamanduá bandeira
- 3.23.2 tamanduá mirim
- 3.24 tatu
- 3.24.1 tatu bola
- 3.24.2 tatu canastra
- 3.24.3 tatu galinha
- 3.24.4 tatu peba
- 3.24.5 tatu quinze quilos - jajo´a
- 3.24.6 tatu rabo de sola
- 3.25 *vaca, boi (e qualquer bovino)*
- 3.26 veado
- 3.26.1 veado campeiro
- 3.26.2 veado branco

- 3.26.3 veado catingueiro
- 3.26.4 veado doméstico (carneiro)
- 3.26.5 veado galheiro
- 3.26.6 veado mateiro
- 3.26.7 veado roxo

4. Peixe

- 4.1 acará
 - 4.1.1 acará-bereré
 - 4.1.2 acará roxo
- 4.2 acari
- 4.3 aracu
- 4.4 aracapuri
- 4.5 arraia
- 4.6 bagre
- 4.7 boto
- 4.8 cabeça de ferro
- 4.9 cascudo
 - 4.9.1 cascudo-pretinho
 - 4.9.2 cascudo vermelho
- 4.10 coromará
- 4.11 curimbatá
- 4.12 dourado
- 4.13 enguia
- 4.14 jacundá
- 4.15 jandiá
- 4.16 jaraqui
- 4.17 jatoarana/ jatuarana
- 4.18 lambari
- 4.19 landrai
- 4.20 mandi
 - 4.20.1 mandi chorão
- 4.21 maroba / marobá
- 4.22 matrinxã
- 4.23 pacu
- 4.24 peixe agulha
- 4.25 peixe boi
- 4.26 peixe bola
- 4.27 peixe cachimbo
- 4.28 peixe cachorro
- 4.29 peixe elétrico
- 4.30 peixe facão
- 4.31 peixe espada
- 4.32 peixe sabão
- 4.33 peixe saporó
- 4.34 pescada
- 4.35 piaba
 - 4.35.1 piabinha comprida

- 4.36 piau
- 4.37 pintado
- 4.38 pirá-tapioca
- 4.39 piraíba
- 4.40 piranha
- 4.41 pirarara
- 4.42 pirarucu
- 4.43 poraquê
- 4.44 sacacá
- 4.45 sarapó
- 4.46 sardinha
- 4.47 saúna
- 4.48 surubim
- 4.49 tambaqui
- 4.50 tambuatá
- 4.51 traíra
- 4.52 tucunaré

5. Réptil

- 5.1 biscateiro
- 5.2 calango
- 5.3 camaleão
- 5.4 *cobra*
- 5.4.1 cascavel
- 5.4.2 cobra-cega
- 5.4.3 cobra cipó
- 5.4.4 cobra coral
- 5.4.5 cobra d'água
- 5.4.6 cobra-de-duas-cabeças
- 5.4.7 cobra papagaio
- 5.4.8 cobra surucucu pico de jaca
- 5.4.9 cobra riscada
- 5.4.10 cobra verde
- 5.4.11 jararaca
- 5.4.12 jibóia
- 5.4.13 sucuri
- 5.4.14 surradeira
- 5.5 crocodilo
- 5.6 jabuti
- 5.7 *jacaré*
- 5.7.1 jacaré branco
- 5.8 jimborli
- 5.9 lagartixa
- 5.10 lagarto
- 5.11 iguana
- 5.12 tartaruga
- 5.13 tracajá

4.2 Sistema Nocial Arara

1. ø (Anfibio)

- 1.1 were
- 1.2 ø
- 1.3 kuruja
- 1.3.1 myryryj
- 1.3.2 xērek

2. ø (Ave)

- 2.01 kagaw
- 2.2 perexīja
- 2.3 ø
- 2.4 wāj pe
- 2.5 ø
- 2.6 ø
- 2.7 karo
- 2.7.1 marewā pe
- 2.7.2 axipa
- 2.7.3 ø
- 2.8 wāj xew
- 2.9 ø
- 2.10 magara´o (VER curiango)
- 2.11 kāram
- 2.12 ø
- 2.13 tōjarōja
- 2.14 ø
- 2.15 ø
- 2.16 ø
- 2.17 ø
- 2.18 ø
- 2.19 ø
- 2.20 pobo
- 2.21 ø
- 2.22 ø
- 2.23 araxikāja
- 2.24 magara´o (VER bacurau)
- 2.25 xakēren
- 2.25.1 xokōj
- 2.26 ø
- 2.27 ø
- 2.28 ø
- 2.29 karīja
- 2.29.1 karīja
- 2.30 ø
- 2.31 makara
- 2.32 ø

- 2.32.1 kokō
 2.32.2 ø
 2.33 ø
 2.34 ø
 2.34.1 ø
 2.34.2 ø
 2.34.3 ø
 2.34.4 ø
 2.34.5 ø
 2.35 maxaw
 2.36 na´my
 2.37 koret
 2.38 kuret xapōt
 2.39 xewaxewa
 2.40 ø
 2.41 kojo
 2.42 pexija
 2.42.1 wām
 2.42.2 mopyk
 2.43 keregere
 2.44 ø
 2.45 xerek
 2.46 ø
 2.47 ināw
 2.48 (ver inambu)
 2.48.1 (ver inambu chororó)
 2.48.2 (ver inambu preto)
 2.49 *aoro*
 2.50 ø
 2.51 pat (s. m.), pat pe (s. f.)
 2.52 ø
 2.52.1 ø
 2.53 ø
 2.54 *xokōj´ma*
 2.55 *xiwere*
 2.56 jamoxo
 2.57 ø
 2.58 moro´on
 2.59 ø
 2.60 ø
 2.61 totāt
 2.62 ø
 2.63 wagakwagak
 2.64 ø
 2.64.1 jowaj xotēri
 2.65 ø
 2.66 *jokān*
 2.66.1 xarākxarāk
 2.67 ø
 2.68 xiton

- 2.69 korowaw
 2.70 ø
 2.70.1 xiwehej
 2.70.2 ø
 2.71 na'xap pe

3. ø (Mamífero)

- 3.1 *na'to*
 3.2. maraxewāk
 3.3 a'i
 3.4 *wawaw*
 3.4.1 xapijup
 3.5 *mãro*
 3.6 kajaro pat ity(veado doméstico)
 3.7 *mu*
 3.8 ø
 3.9 wa'kāja
 3.10 ø
 3.11 moxaj
 3.12 xãn
 3.12.1 ameko tārãp(Ver jaguatirica, maracajá)
 3.13 ameko tārãp, ġat tārãp
 3.14 ø
 3.15 ø
 3.15.1 xego xapot
 3.15.2 jay, jay'a (Ver Guariba)
 3.15.3 xego pap, jay, jay'a
 3.15.4 magora pyk
 3.15.5 ø
 3.15.6 xa'kĩn paro'op
 3.15.7 jay, jay'a
 3.15.8 aran
 3.15.9 na'wāj
 3.15.10 xego papyk pap
 3.15.11 xego pap, jay, jay'a
 3.15.12 ø
 3.15.13 xa'kĩn
 3.15.14 motogo
 3.15.15 ġat tārãp
 3.16 ø
 3.17 *ameko*
 3.17.1 ameko op
 3.17.2 ameko tĩg
 3.17.3 ameko pyk
 3.17.4 ø
 3.18 *jaba*
 3.19 ø
 3.19.1 *jaraxewak*
 3.19.2 ø

- 3.19.3 ∅
- 3.19.4 *mawī*
- 3.19.5 *jate*
- 3.20 ∅
- 3.21 *maga*
- 3.22 ∅
- 3.23 ∅
- 3.23.1 *exigun*
- 3.23.2 ∅
- 3.24 *jajo*
- 3.24.1 ∅
- 3.24.2 *parato*
- 3.24.3 *jajo wi*
- 3.24.4 *jajo ka*
- 3.24.5 ∅
- 3.24.6 *jajo paro xiwet*
- 3.25 *moj*
- 3.26 *ity*
- 3.26.1 ∅
- 3.26.2 ∅
- 3.26.3 ∅
- 3.26.4 *kajaro pat ity*
- 3.26.5 *ity pap*
- 3.26.6 *ity op*
- 3.26.7 *ity xapōt*

4. Ip (Peixe)

- 4.1 ∅
- 4.1.1 ∅
- 4.1.2 ∅
- 4.2 ∅
- 4.3 ∅
- 4.4 ∅
- 4.5 *jaw*
- 4.6 ∅
- 4.7 ∅
- 4.8 *ip nakāra*
- 4.9 *anēja*
- 4.10 ∅
- 4.10.1 ∅
- 4.10.2 ∅
- 4.11 ∅
- 4.12 ∅
- 4.13 ∅
- 4.14 ∅
- 4.15 ∅
- 4.16 ∅
- 4.17 *ihwāj*
- 4.18 *imo*

4.19	∅
4.20	inā
4.21	∅
4.21.1	itiw
4.22	jowaj pyk
4.23	pako
4.24	xawāj
4.25	∅
4.26	∅
4.27	∅
4.28	ip xajoj
4.29	jogo
4.30	∅
4.31	xawēm
4.32	majagōn
4.33	∅
4.34	∅
4.35	xagaro wew
4.36	ināt
4.36.1	kokan
4.37	∅
4.38	∅
4.39	∅
4.40	ihjāj
4.41	∅
4.42	∅
4.43	∅
4.44	ip nakāra´a
4.45	∅
4.46	∅
4.47	∅
4.48	∅
4.49	∅
4.50	∅
4.51	paro
4.52	∅

5. ∅ (Réptil)

5.1	∅
5.2	ja´o
5.3	jamomó
5.4	<i>mājgāra</i>
5.4.1	∅
5.4.2	mājgāra xagaro top
5.4.3	māja pyk
5.4.4	∅
5.4.5	∅
5.4.6	∅

- 5.4.7 ∅
- 5.4.8 ximârân
- 5.4.9 ∅
- 5.4.10 ∅
- 5.4.11 mājgāra namēm
- 5.4.12 mājgāra wākwāk py
- 5.4.13 mājgāra xa ixy pāt
- 5.4.14 ∅
- 5.5 ∅
- 5.6 ∅
- 5.7 *wajo*
- 5.7.1 ∅
- 5.8 ∅
- 5.9 jogojogo
- 5.10 ∅
- 5.11 ∅
- 5.12 ∅
- 5.13 ∅

4.3 Sistema Nocial Kadiwéu

1. ∅ (Anfibio)

- 1.1 ∅
- 1.2 nawanitaga nawanitali(pl) subs fem
ligedemaga ligedemakatedi (pl)(fem)
- 1.3.1 ∅
- 1.3.2 ∅

2. Ilaagagi Ilaagaxodi (Ave)

- 2.1 ∅
- 2.2 dioxiligiligi dioxiligilicitedi (pl) subst masc
- 2.3 ∅
- 2.4 enokodi
- 2.5 ∅
- 2.6 ∅
- 2.7 ∅
- 2.7.1 yogeegi yogeegitedi(pl) subst fem
- 2.7.2 yogeegiwaga, yogeegiwadi(pl) subst fem
- 2.7.3 ∅
- 2.8 ∅
- 2.9 ∅
- 2.10 owileo owileoli subst fem
- 2.11 epoteedi epoteetitedi (pl)subst fem epotediwaga (tipo maior)
- 2.12 eniidi eniiditedi

- 2.13 ø
- 2.14 exio exiotedi (pl) subs fem
- 2.15 etolitoli subst masc (pássaro que canta e caça a noite; da mitologia Kadiwéu)
- 2.16 ø
- 2.17 ø
- 2.18 dioxoi dioxoitedi(pl) subst masc
- 2.19 ø
- 2.20 gonemeedi gonemeetitedi subst masc, jigití (corujão)
- 2.21 exogotani subst masc
- 2.22 ø
- 2.23 ø
- 2.24 owileo owileoli subst fem
- 2.25 ø
- 2.25.1 ø
- 2.26 ø
- 2.27 najiinigo najiixodi subst masc
- 2.28 ø
- 2.29 *okogokoodi okogokododi subst fem*
- 2.29.1 *okogokoodi okogokododi subst fem*
- 2.30 galamaga galamagatedi (pl)subst masc
- 2.31 *galeta*
- 2.32 enadodi (pássaro que come pinto), epionoogo, gomadotayo (subst masc - qualquer tipo de), gomagaladotaagi, balenokodi (gavião grande)
- 2.32.1 ø
- 2.32.2 ø
- 2.33 ø
- 2.34 ø
- 2.34.1 mawit
- 2.34.2 goditaadi
- 2.34.3 kyhỹnã
- 2.34.4 ø
- 2.34.5 ø
- 2.35 ø
- 2.36 ø
- 2.37 ø
- 2.38 ø
- 2.39 akaagai
- 2.40 etedi
- 2.41 ø
- 2.42 watet
- 2.42.1 ø
- 2.42.2 ø
- 2.43 ø
- 2.44 ø
- 2.45 ecadigi ecadicitedi
- 2.46 ø
- 2.47 najiniciwaga
- 2.48 (ver inambu)

- 2.48.1 (ver inambu chororó)
 2.48.2 (ver inambu preto)
 2.49 *naxokoni*
 2.50 \emptyset
 2.51 anewecege
 2.52 \emptyset
 2.52.1 \emptyset
 2.53 etiidixo
 2.54 *etologo*
 2.55 *epiibi (pica-pau marrom), napigixo (pica-pau com cabeça vermelha)*
 2.56 yotibi
 2.57 eteletele
 2.58 \emptyset
 2.59 ejolijegi
 2.60 \emptyset
 2.61 \emptyset
 2.62 najiinigo najiixodi subst masc (ver ema)
 2.63 eooda
 2.64 \emptyset
 2.64.1 \emptyset
 2.65 natopia, natopijeena
 2.66 *gatodi*
 2.66.1 \emptyset
 2.67 \emptyset
 2.68 \emptyset
 2.69 \emptyset
 2.70 opoe
 2.70.1 \emptyset
 2.70.2 anipanaga
 2.71 \emptyset

3. \emptyset (Mamífero)

- 3.1 *liwaga*
 3.2. ewilexe
 3.3 \emptyset
 3.4 *necenigo necexodi (masc)*
 3.4.1 \emptyset
 3.5 *ewagaxo, ewagaxoli(PL) (SUBS. fem.)*
 3.6 waxacoco waxacocoli (pl)subst masc ou fem
 3.7 *mitiixiegi mitiixiotedi (pl)(masc.), mitiixie (fem.)*
 3.8 etacimagadi
 3.9 lanaagije lanaagijeli
 3.10 \emptyset
 3.11 alawaanigi alawaanaga(pl) subst masc
 3.12 bigixeene
 3.12.1 bigixeeniwaga, bigixeeniwadi (Ver jaguatirica, maracajá)
 3.13 bigixeeniwaga, bigixeeniwadi (Ver jaguatirica, maracajá)
 3.14 diwilecogoni
 3.15 egiadi

- 3.15.1 ∅
 3.15.2 ∅
 3.15.3 ∅
 3.15.4 ∅
 3.15.5 ∅
 3.15.6 ∅
 3.15.7 ∅
 3.15.8 ∅
 3.15.9 ∅
 3.15.10 goxiiga, goxiadi
 3.15.11 ∅
 3.15.12 ∅
 3.15.13 ∅
 3.15.14 ∅
 3.15.15 ∅
 3.16 ∅
 3.17 *nigediogo, nigediko (masc.)*
 3.17.1 ∅
 3.17.2 ∅
 3.17.3 nigediogo-nabidegegi, nigediko-nabidagaga (masc)
 3.17.4 ijenigo ijexodi(masc)
 3.18 *nigidini nigidixodi (fem)*
 3.19 ∅
 3.19.1 *gatiga gatiadi subst fem*
 3.19.2 nigidagi (queixada)
 3.19.3 nigidagiwaga, nigidagiwadi (masc)
 3.19.4 ∅
 3.19.5 *nigidagi nigidaka (masc.)*
 3.20 irisa
 3.21 *gaticaga*
 3.22 ∅
 3.23 bitioni
 3.23.1 ∅
 3.23.2 bitioniwaga
 3.24 gotoagegi (masc)
 3.24.1 ∅
 3.24.2 ejaawidi ejaawitedi
 3.24.3 ∅
 3.24.4 ∅
 3.24.5 ∅
 3.24.6 ∅
 3.25 *waaca (fem.), godinaga(boi) , wacawaanigi(bezerro)*
 3.26 galecani (subs fem)(tipo pequeno),galecaniwaga(subs. fem.)(tipo de veado maior - mateiro) gagalecaniwa, oticaganigo
 3.26.1 ∅
 3.26.2 napicagaligi
 3.26.3 ∅
 3.26.4 ∅
 3.26.5 ∅
 3.26.6 galecaniwaga galecaniwadi (subs. fem.), galecani (veado menor)

3.26.7 ø

4. Nogojegi (Peixe)

4.1	ø
4.1.1	ø
4.1.2	ø
4.2	ø
4.3	ø
4.4	ø
4.5	ø
4.6	gapiilogo (peixe sem escamas), walokeni (outro tipo de bagre)
4.7	ø
4.8	ø
4.9	ø
4.10	ø
4.10.1	ø
4.10.2	ø
4.11	anibeenegegi
4.12	axiwanaga, ipeenetecaga
4.13	nigotegegi
4.14	ø
4.15	ø
4.16	ø
4.17	ø
4.18	nicodigi
4.19	ø
4.20	ø
4.21	ø
4.21.1	ø
4.22	ø
4.23	gatepaga
4.24	ø
4.25	ø
4.26	ø
4.27	ø
4.28	ø
4.29	ø
4.30	ø
4.31	ø
4.32	ø
4.33	ø
4.34	dabeap kit
4.35	ø
4.36	ø
4.36.1	ø
4.37	apopaga
4.38	ø
4.39	ø
4.40	exelo

4.41	∅
4.42	∅
4.43	∅
4.44	∅
4.45	∅
4.46	∅
4.47	∅
4.48	∅
4.49	∅
4.50	∅
4.51	wopoonaga
4.52	∅

5. ∅ (Réptil)

5.1	∅
5.2	∅
5.3	∅
5.4	<i>lakeedi (geral), iigojegi, iigojegi (qualquer tipo de)</i>
5.4.1	adigidicenaganegegi
5.4.2	∅
5.4.3	∅
5.4.4	wajikaloligilagi
5.4.5	∅
5.4.6	∅
5.4.7	∅
5.4.8	∅
5.4.9	∅
5.4.10	etilogo-niweenogodi (literalmente "comida de periquito")
5.4.11	gobeleenogodi
5.4.12	ojoi ojoitedi
5.4.13	oyakiwaga
5.4.14	∅
5.5	∅
5.6	logojenigo
5.7	<i>ninyogoxegi</i>
5.7.1	∅
5.8	∅
5.9	godicokologodi
5.10	nijaaligijegi
5.11	∅
5.12	logojenigo
5.13	∅

4.4 Sistema Nocial Karitiana

1. (ø) Anfíbio

- 1.1 ø
- 1.2 mãm(pequena) kinapyhynnã (grande)
- 1.3 kyryryt
- 1.3.1 ø
- 1.3.2 ø

2. ãnh (Ave)

- 2.01 ø
- 2.2 ø
- 2.3 sãwĩ
- 2.4 õnh
- 2.5 ø
- 2.6 kennõpok
- 2.7 pat
- 2.7.1 ø
- 2.7.2 ø
- 2.7.3 ø
- 2.8 ø
- 2.9 ø
- 2.10 ø (VER curiango)
- 2.11 yjora
- 2.12 ø
- 2.13 ø
- 2.14 ø
- 2.15 ø
- 2.16 opoktioky
- 2.17 ohirohirÿn
- 2.18 ø
- 2.19 ø
- 2.20 ø
- 2.21 ø
- 2.22 kennoket
- 2.23 ø
- 2.24 ø
- 2.25 ø
- 2.25.1 ø
- 2.26 owojopok
- 2.27 ø
- 2.28 pypÿrÿ, pypÿr ã (falcão, gavião)
- 2.29 opogako
- 2.29.1 opogako
- 2.30 ø

- 2.31 *kennōpokojeḡ, okorojo*
 2.32 pypŷrŷ, pypŷr ĩ (falcão, gavião)
 2.32.1 ø
 2.32.2 ø
 2.33 ø
 2.34 ø
 2.34.1 ø
 2.34.2 õhõrõrõ
 2.34.3 ø
 2.34.4 ejõm
 2.34.5 põmkyjo'ejemŷ
 2.35 ø
 2.36 sŷnh
 2.37 pa'ŷj
 2.38 ø
 2.39 ø
 2.40 ø
 2.41 ywĩno
 2.42 powẽm (pássaro tipo inambu ou tona ou macuco)
 2.42.1 ø
 2.42.2 ø
 2.43 ø
 2.44 ø
 2.45 ø
 2.46 erek
 2.47 misŷ
 2.48 (ver inambu)
 2.48.1 (ver inambu chororó)
 2.48.2 ejõm
 2.49 *gy, mĩmĩjo, tẽnh*
 2.50 imikola
 2.51 kyky
 2.52 ysynŷnŷ
 2.52.1 ø
 2.53 ø
 2.54 *irĩḡ*
 2.55 *yrypãn*
 2.56 ø
 2.57 ø
 2.58 teet
 2.59 ø
 2.60 ø
 2.61 ø
 2.62 ø
 2.63 ø
 2.64 ø
 2.64.1 ø
 2.65 ø
 2.66 *nhe'okõn*
 2.66.1 ø

- 2.67 ∅
 2.68 ∅
 2.69 ∅
 2.70 akyry, kina nãm (lit. aquele que come coisa podre)
 2.70.1 ∅
 2.70.2 ∅
 2.71 ∅

3. ∅ (Mamífero)

- 3.1 *irip*
 3.2. ∅
 3.3 o'i
 omãky my'en, omãkypok
 3.4.1 *gyryty*
 3.5 *syhej*
 3.6 ∅
 3.7 *iriwity*
 3.8 ∅
 3.9 mỹno
 3.10 ∅
 3.11 ∅
 3.12 omãky ĩn
 3.12.1 ∅
 3.13 ∅
 3.14 ∅
 3.15 ∅
 3.15.1 ∅
 3.15.2 ∅
 3.15.3 ∅
 3.15.4 siksik
 3.15.5 mõj'yry
 3.15.6 ∅
 3.15.7 ∅
 3.15.8 ∅
 3.15.9 pikkõm
 3.15.10 õrõm
 3.15.11 ∅
 3.15.12 irõnh
 3.15.13 mějehỹg
 3.15.14 ery
 3.15.15 ∅
 3.16 asori
 3.17 *omãky*
 3.17.1 asori
 3.17.2 omãky
 3.17.3 omãky sõm
 3.17.4 omãky sõm
 3.18 *moroty*
 3.19 ∅

- 3.19.1 *sojapita*
- 3.19.2 sojja
- 3.19.3 ø
- 3.19.4 koroko
- 3.19.5 *sojjaty, sojjaty (queixada), sojapita (caititu)*
- 3.20 heirar, kwati
- 3.21 *mějehÿg*
- 3.22 gyryty
- 3.23 ojopyty
- 3.23.1 ø
- 3.23.2 ø
- 3.24 sosy
- 3.24.1 ø
- 3.24.2 kerejety
- 3.24.3 ø
- 3.24.4 ø
- 3.24.5 ø
- 3.24.6 ø
- 3.25 ø
- 3.26 ø
- 3.26.1 ne
- 3.26.2 ø
- 3.26.3 ø
- 3.26.4 ø
- 3.26.5 ø
- 3.26.6 ø
- 3.26.7 ø

4. Ip (Peixe)

- 4. ip
- 4.1 ete
- 4.1.1 ø
- 4.1.2 ø
- 4.2 ø
- 4.3 ø
- 4.4 ø
- 4.5 ø
- 4.6 ø
- 4.7 ø
- 4.8 ø
- 4.9 ø
- 4.10 ø
- 4.10.1 ø
- 4.10.2 ø
- 4.11 ø
- 4.12 ø
- 4.13 ø
- 4.14 pahiriko
- 4.15 ø

4.16	∅
4.17	pojpok
4.18	∅
4.19	∅
4.20	∅
4.21	∅
4.21.1	∅
4.22	∅
4.23	itot
4.24	ipnhopi
4.25	∅
4.26	∅
4.27	∅
4.28	∅
4.29	∅
4.30	∅
4.31	∅
4.32	∅
4.33	∅
4.34	∅
4.35	pohē
4.36	∅
4.36.1	∅
4.37	∅
4.38	∅
4.39	∅
4.40	isōnhō
4.41	∅
4.42	∅
4.43	nhỹgty
4.44	∅
4.45	∅
4.46	∅
4.47	∅
4.48	ipimyj
4.49	∅
4.50	∅
4.51	mira
4.52	syryhoty

5. (∅) Réptil

5.1	∅
5.2	∅
5.3	∅
5.4	<i>moroja (tipo de cobra), moro, moroppa (tipo de), moroppaty,(tipo de) sōnhmap(tipo de), ònhsy(tipo de), ory (tipo de cobra) sonyk (tipo de cobra), sōrēm (tipo de cobra)</i>
5.4.1	∅

5.4.2	∅
5.4.3	∅
5.4.4	∅
5.4.5	∅
5.4.6	∅
5.4.7	∅
5.4.8	∅
5.4.9	∅
5.4.10	∅
5.4.11	∅
5.4.12	∅
5.4.13	∅
5.4.14	∅
5.5	∅
5.6	∅
5.7	<i>osy, saara</i>
5.7.1	∅
5.8	∅
5.9	∅
5.10	ohĩn
5.11	∅
5.12	myp, mypsõm
5.13	mypopok

4.5 Sistema Nocial Parintintín

1. ∅ (Anfibio)

1.1	∅
1.2	∅
1.3	aru (sapo grande com costas pretas e peito branco, o qual se pode comer), ju'euhu (sapo marrom e comível), kotokotoguhu (sapo grande com manchas roxas, tem leite venenoso), kururu (sapo grande e verde), kutakutagwajukyry (sapo verde claro), mbitereva'i (sapo chato e pequeno que tem as costas pintadas de preto e o peito branco), mbujuhu (sapo grande e preto, com presas nas patas anteriores nas quais pode segurar-se), myi'ĩ (sapo grande com costas pretas e peito verde, que mora nos campos e se come), purugweuhu (sapo grande com costas marrons e peito pintado de preto e branco, usado como comida); ambia'yr (filhote de)
1.3.1	∅
1.3.2	∅

2. Gwyrā (Ave)

- 2.1 ∅
- 2.2 mbyju'i
- 2.3 ∅
- 2.4 ∅
- 2.5 nhakupe'mbi
- 2.6 ∅
- 2.7 ararovy (arara azul) kary'ri, tiuhũ (encarnada), tarave (ararinha),
kaninde (canindé)
- 2.7.1 ararovy
- 2.7.2 tiuhũ
- 2.7.3 kaninde (arara grande e verde)
- 2.8 ∅
- 2.9 ∅
- 2.10 kuraivyvy'ri(macurau), kuraivyvy'ri (bacurauzinho) (VER curiango)
- 2.11 gware'i (pássaro beija-flor grande e marrom, com peito branco e rabo
comprido), ġwainuġwy (passarinho beija-flor preto, com peito e ponta
do rabo brancos), ġwainumby'i passarinho beija-flor multicolorido
(azul-verde, preto, branco, e encarnado); ġwiġwi'nhoġuhũ (pássaro
beija-flor grande e azul)
- 2.12 ∅
- 2.13 ∅
- 2.14 ∅
- 2.15 ∅
- 2.16 ∅
- 2.17 ∅
- 2.18 ∅
- 2.19 ∅
- 2.20 hurutahun (coruja preta), huruta'i (pássaro coruja ou mãe-da-lua),
mbatekwajuhu (pássaro coruja, mãe-da-lua), pypypypyuhu (coruja
grande e preta), urukurea'i (coruja grande e marrom), ypiaruhu (coruja
grande e preta com olhos grandes)
- 2.21 ∅
- 2.22 ∅
- 2.23 ∅
- 2.24 kuraivyvy'ri (macurau), kuraivyvy'ri (bacurauzinho)
- 2.25 heikwarova'ive'e (papagaio pequeno e verde com bico grosso e rabo
bem curto), pykai' ĩ, tihu' ĩ ve'e (pássaro periquito ou curica), tiova' ĩ
ve'e (pássaro curica, com bico chato), tuitiġuhu' ĩ (pássaro curica-
verde, com bico grosso), tyi' ĩ (passarinho-curica-verde)
- 2.25.1 ∅
- 2.26 ∅
- 2.27 ∅
- 2.28 ∅
- 2.29 *inamutiġ*
- 2.29.1 *inamutiġ*
- 2.30 ∅
- 2.31 ġwyrati'ngi
- 2.32 kwandu
- 2.32.1 kwanduhu

- 2.32.2 ∅
- 2.33 ∅
- 2.34 inambu, avatihyi'i (termo genérico), ea'yiğwa'ngive'e, etymakambuku'ive'e (pássaro inambu, com olhos encarnados e pernas compridas) inambuhu (pássaro inambu grande e branco), inamburav (pássaro inambu pintado de branco e preto, um pouco de encarnado, e com a cabeça encarnada), inamokohõ (pássaro inambu pintado de marrom, com rabo curto), inamuğwyğwym (pássaro inambu-preto do tamanho da galinha), inamupini'mbi (pássaro inambu com peito pintado de branco e com cabeça preta), uru (pássaro inambu-corcovado), turu'ri (pássaro inambu (arrurina, suburinho) salpicado de preto e marrom com peito branco) (VER nambu)
- 2.34.1 ∅
- 2.34.2 inamuğwyğwym
- 2.34.3 ∅
- 2.34.4 inamuğwyğwym (pássaro inambu-preto do tamanho da galinha), inamuhu'ndi (pássaro inambu-preto)
- 2.34.5 ∅
- 2.35 gwyrāju
- 2.36 gwyrąjehe'o
- 2.37 jaku, nhakupem
- 2.38 ∅
- 2.39 ∅
- 2.40 ∅
- 2.41 nhirutiatiğ
- 2.42 ∅
- 2.42.1 ∅
- 2.42.2 ∅
- 2.43 kykyriapepe'i (pássaro maracanã-preto), kykyruhu (pássaro maracanã-preto)
- 2.44 ∅
- 2.45 ∅
- 2.46 ∅
- 2.47 mytũ (também nome de uma metade antrop), mytupyğwağ (tipo de pássaro mutum com pernas encarnadas; nome de uma divisão da metade mytø;
- 2.48 (ver inambu)
- 2.48.1 (ver inambu chororó)
- 2.48.2 inamuğwyğwym, inamuhu'ndi
- 2.49 *pykai'i* (papagaio verde e pequeno, curica), *ajuru'i* (azul), *ajuruhu* (moreiro), *anhurupepotiğuhũ*
- 2.50 ∅
- 2.51 ypeguhu, gwyrą'vikwerejuhu (mergulhão)
- 2.52 jakire'i
- 2.52.1 ∅
- 2.53 ∅
- 2.54 *ea'yiti'ngive'e*, *jurujuru'i* (pássaro periquito pequeno, com costas pretas e peito verde), *kyky'ri*, *pepoatāju'vive'e*, *tihu'ive'e* (pássaro periquito ou curica)

- 2.55 *ypeku'ĩ* (pássaro pica-pau com cabeça encarnada, costas pretas, e peito branco), *ypekupirağuhũ* (pássaro pica-pau com tufo encarnado na cabeça;)
- 2.56 \emptyset
- 2.57 \emptyset
- 2.58 \emptyset
- 2.59 avihouhu (pássaro sabiá, pequeno e roxo, que imita a voz humana)
- 2.60 \emptyset
- 2.61 tyrypo'gi
- 2.62 \emptyset
- 2.63 hoko
- 2.64 gwyrareyvuku (pássaro tesoura), nhapekani (pássaro gavião ou tesoura grande, com costas pretas e peito branco), topen (pássaro gavião ou tesoura, grande e preto, que tem o rabo partido e come galinhas)
- 2.64.1 gwyrareyvuku (pássaro tesoura)
- 2.65 \emptyset
- 2.66 *tukan*
- 2.66.1 \emptyset
- 2.67 \emptyset
- 2.68 \emptyset
- 2.69 \emptyset
- 2.70 huruvu (pássaro urubu-preto), huruvuhu (pássaro urubu-preto com cabeça encarnada), huruvuhunuhũ (pássaro urubu-preto grande com cabeça encarnada), huruvu'iuhu (pássaro urubu-preto com pescoço e cabeça branca), huruvupevuhu (pássaro urubu-preto grande com cabeça branca), huruvutiğ (pássaro urubu com costas brancas, peito preto e bico encarnado), tapere'i (urubuzinho)
- 2.70.1 \emptyset
- 2.70.2 \emptyset
- 2.71 \emptyset

3. (ø) Mamífero

- 3.1 *tapi'ir*
- 3.2. *y'yj*
- 3.3 \emptyset
nhağwatiğ, ingaruru' ĩ
- 3.4.1 \emptyset
- 3.5 *tapivar*
- 3.6 \emptyset
- 3.7 \emptyset
- 3.8 \emptyset
- 3.9 akuti,akutigwa'i (um tipo de cotia)
- 3.10 \emptyset
- 3.11 \emptyset
- 3.12 mbarakaja'i
- 3.12.1 \emptyset
- 3.13 \emptyset
- 3.14 \emptyset
- 3.15 ka'i

- 3.14.1 kairan
 3.14.2 ka'iuhu
 3.14.3 avijouhu, ka'iuhu
 3.15.4 kaitiḡwaḡ
 3.14.5 y'a
 3.14.6 ø
 3.15.7 Ka'iuhu
 3.15.8 ø
 3.15.9 ka'iate, ka'ihete'i
 3.15.10 ø
 3.15.11 avijouhu, ka'iuhu
 3.15.12 ø
 3.15.13 ø
 3.15.14 jaju'i
 3.15.15 ø
 3.16 andyra (morcego pequeno e preto), andyra'i (morcego grande e preto), andyrapepotiḡuhũ (morcego branco - vampirum spectrum) andyrapepouhu (morcego grande e preto) pa'akovoguhupyiara'ḡa (morcego que mora na bananeira), pinhuha'mbi(morcego que mora perto do rio, em árvores secas)
- 3.17 ø
 3.17.1 yuhuaran
 3.17.2 ja'gwar, mbaraka'ja, nhaḡwapinim
 3.17.3 nha'ḡwarunuhũ
 3.17.4 yuhuaran (onça vermelha ou suçuarana)
 3.18 *karugwaruhu*
 3.19 tajahu
 3.19.1 *taitetu*
 3.19.2 ø
 3.19.3 tajahu mbiarirevuhu
 3.19.4 kwi' i
 3.19.5 *tajahu; (caititu) taitetu*
 3.20 wa'õ
 3.21 *anguja'i (branco); kireru (de diversas cores)*
 3.22 ø
 3.23 tamanduá tamandua'i, tamanduapev
 3.23.1 ø
 3.23.2 ø
 3.24 tatu
 3.24.1 ø
 3.24.2 ø
 3.24.3 ø
 3.24.4 ø
 3.24.5 ø
 3.24.6 ø
 3.25 *yuranuhũ (boi)*
 3.26 yuhu
 3.26.1 ø
 3.26.2 ø
 3.26.3 ø
 3.26.4 ø
 3.26.5 ø

- 3.26.6 ∅
3.26.7 yhupytağ yuhu

4. Pira (Peixe)

- 4.1 akara, akarahete, akarapetiğ, akarapev, akarapytağuhũ (peixe acará com escamas encarnadas e azuis e com boca comprida), akaratimbuku'i, aha'viuhuve'e (acará machucado) (ver cará, acará-bereré, acará roxo)
- 4.1.1 jave'gwyr (ver cará, acará, acará roxo)
- 4.1.2 jave'gwyr (ver cará, acará, acará roxo)
- 4.2 ini'auhũ
- 4.3 piavuhunuhũ, piavyhy'i
- 4.4 tairyvuhu (peixe aracapuri)
- 4.5 jave'gwyr
- 4.6 ∅
- 4.7 pirapytu
- 4.8 ∅
- 4.9 ∅
- 4.10 ∅
- 4.10.1 ∅
- 4.10.2 nhapytiğwağuhũ
- 4.11 ∅
- 4.12 ∅
- 4.13 ∅
- 4.14 ∅
- 4.15 nhandi'a
- 4.16 yvyja'i
- 4.17 piavuhu
- 4.18 ∅
- 4.19 ğwetiğ (peixe cachorro ou landrai), ğwevytağ (peixe cachorro ou landrai)
- 4.20 nhõjpeko
- 4.21 ∅
- 4.21.1 ∅
- 4.22 ∅
- 4.23 paku'i
- 4.24 nhapytiğwa'ngi
- 4.25 anhağapipiruhu
- 4.26 ∅
- 4.27 ta'akwaram
- 4.28 aika'a'ngi, ğwetiğ (peixe cachorro ou landrai), ğwevytağ (peixe
- 4.29 mburaki
- 4.30 ai'iuhu
- 4.31 ∅
- 4.32 ∅
- 4.33 øtimbukure'i (com nariz comprido), harapope'mbi (peixe sarapó, um
- 4.34 ∅
- 4.35 pikyri'i (piaba ou sardinha)
- 4.36 ∅
- 4.36.1 ∅

- 4.37 ø
- 4.38 mbakupa'i
- 4.39 materanuhũ
- 4.40 piranhuhũ (peixe piranha-preta)
- 4.41 nhandi'avape
- 4.42 harapouhu
- 4.43 mburaki
- 4.44 ø
- 4.45 harapo
- 4.46 ai'i
- 4.47 gwarara, juruhu'ive'e, pikypuku'i
- 4.48 huruvi
- 4.49 piraityvapeuhu
- 4.50 ambuata'i
- 4.51 pirauhu
- 4.52 tukundare'i

5. ø (Réptil)

- 5.1 ø
- 5.2 teju (genérico), amberev (calango pequeno que mora perto das casas) tarauhu, tapere'ã (calango grande), tara'i (calango pequeno e cor de cinza), tenhupirağuhũ (calango com rabo curto e liso que mora na água)
- 5.3 tejuhu
- 5.4 *mboja, ka'gwyraranh (termo genérico)*
- 5.4.1 ø
- 5.4.2 ø
- 5.4.3 ø
- 5.4.4 ø
- 5.4.5 ø
- 5.4.6 kuruara
- 5.4.7 so'ĩrĩg
- 5.4.8 mboikag(surucucu)
- 5.4.9 mboipoipo'ri
- 5.4.10 ø
- 5.4.11 gwyraypia'gwaruhu
- 5.4.12 mbojuhu
- 5.4.13 ø
- 5.4.14 temopiryty
- 5.5 ø
- 5.6 porakangwa'ri (jabuti do mato, tartaruga aquática), javotika'gwyr (jabuti da terra), nhavotihanuhũ (animal fictício que era bravo, jabuti que morava no rio)
- 5.7 *jakare, jakareti'ngi*
- 5.7.1 jakareti'ngi (jacaré pequeno e branco)
- 5.8 tereviviandoguhu
- 5.9 ø
- 5.10 ø
- 5.11 ø

- 5.12 javotika'gwyr, porakangwa'ri, javoti (tartaruga aquática), Mina'ga
(tartaruga lendária cuja esposa, arara, o deixou por causa de ciúme)
- 5.13 avapere'mbi, taraka'ja

4.6 Sistema Nocial Xavante

1. ø (Anfíbio)

- 1.1 ø
1.2 uti
1.3 uti
1.3.1 ø
1.3.2 ø

2. Si (Ave)

- 2.01 ø
2.2 ø
2.3 ø
2.4 ø
2.5 nhamnha
2.6 ø
2.7 ø
2.7.1 sôté
2.7.2 rada
2.7.3 ø
2.8 ø
2.9 ø
2.10 ø (VER curiango)
2.11 ø
2.12 ø
2.13 ø
2.14 ø
2.15 ø
2.16 ø
2.17 ø
2.18 ø
2.19 ø
2.20 ø
2.21 ø
2.22 ø
2.23 ø
2.24 ø
2.25 ø
2.25.1 ø
2.26 ø
2.27 ma'u, ma (ema)

- 2.28 ∅
 2.29 *si'a* (*galinha, frango*)
 2.29.1 *si'a* (*galinha, frango*)
 2.30 *ma'u* (*também pato*)
 2.31 *siba'are*
 2.32 *wanhihâiwa*
 2.32.1 ∅
 2.32.2 ∅
 2.33 ∅
 2.34 ∅
 2.34.1 ∅
 2.34.2 ∅
 2.34.3 ∅
 2.34.4 ∅
 2.34.5 ∅
 2.35 *za'u'e* (*também tuiuiú*)
 2.36 ∅
 2.37 ∅
 2.38 ∅
 2.39 ∅
 2.40 ∅
 2.41 ∅
 2.42 ∅
 2.42.1 ∅
 2.42.2 ∅
 2.43 *ketket*
 2.44 ∅
 2.45 ∅
 2.46 ∅
 2.47 ∅
 2.48 (*ver inambu*)
 2.48.1 (*ver inambu chororó*)
 2.48.2 (*ver inambu preto*)
 2.49 *waihârâ*
 2.50 ∅
 2.51 *ma'u* (*pato, ganso*)
 2.52 ∅
 2.52.1 ∅
 2.53 *wi'i*
 2.54 *rêre, 'rânhipré* (*periquito estrela*)
 2.55 *sépsédé*
 2.56 *utu'u*
 2.57 ∅
 2.58 ∅
 2.59 ∅
 2.60 ∅
 2.61 ∅
 2.62 ∅
 2.63 *sõ'reihõ*
 2.64 ∅

- 2.64.1 ∅
- 2.65 ∅
- 2.66 *norōwada*
- 2.66.1 ∅
- 2.67 *za'u'e*
- 2.68 ∅
- 2.69 ∅
- 2.70 ∅
- 2.70.1 ∅
- 2.70.2 ∅
- 2.71 ∅

3. ∅ (Mamífero)

- 3.1 *Uhâdâ*
- 3.2. *hě, tî'i*
- 3.3 ∅
- 3.04 *wapsã*
- 3.4.1 ∅
- 3.5 *ubdâ*
- 3.6 *pone'ërebâ*
- 3.7 *awaru*
- 3.8 *rupo'rere*
- 3.9 ∅
- 3.10 ∅
- 3.11 ∅
- 3.12 ∅
- 3.12.1 ∅
- 3.13 ∅
- 3.14 ∅
- 3.15 *ro'ore (macaco pequeno)*
- 3.14.1 ∅
- 3.14.2 *ro'ora*
- 3.14.3 *ro'ora*
- 3.14.4 ∅
- 3.14.5 ∅
- 3.14.6 ∅
- 3.15.7 *ro'ora(ver bugiu)*
- 3.15.8 ∅
- 3.15.9 ∅
- 3.15.10 ∅
- 3.15.11 *ro'ora*
- 3.15.12 ∅
- 3.15.13 ∅
- 3.15.14 ∅
- 3.15.15 ∅
- 3.16 *arobore*
- 3.17 *hu, hu'u, hê (onça d' água)*
- 3.17.1 ∅
- 3.17.2 ∅

- 3.17.3 ∅
 3.17.4 ∅
 3.18 'rawa
 3.19 ∅
 3.19.1 uhâre
 3.19.2 ∅
 3.19.3 uhâbâ
 3.19.4 ∅
 3.19.5 uhâ, uhâre
 3.20 wa'õ
 3.21 'rubâ; 'rure (*rato pequeno; camundongo*)
 3.22 ∅
 3.23 ∅
 3.23.1 padi
 3.23.2 patire
 3.24 ∅
 3.24.1 wârâre
 3.24.2 wârâwawě
 3.24.3 ∅
 3.24.4 wârâhâbâ
 3.24.5 ∅
 3.24.6 ∅
 3.25 powawě (*gado, boi, vaca*), pozéwasédé
 3.26 ∅
 3.26.1 aihâ
 3.26.2 ∅
 3.26.3 ∅
 3.26.4 ∅
 3.26.5 ∅
 3.26.6 pone
 3.26.7 ∅

4. ∅ (Peixe)

- 4.1 ∅
 4.1.1 ∅
 4.1.2 ∅
 4.2 ∅
 4.3 ∅
 4.4 ∅
 4.5 ∅
 4.6 ∅
 4.7 pezai'y
 4.8 ∅
 4.9 ∅
 4.10 ∅
 4.10.1 ∅
 4.10.2 ∅
 4.11 ∅
 4.12 ∅

4.13	∅
4.14	∅
4.15	∅
4.16	∅
4.17	∅
4.18	pe'a
4.19	∅
4.20	∅
4.21	∅
4.21.1	∅
4.22	pehâire
4.23	pezapodo, pezapoodo
4.24	∅
4.25	∅
4.26	∅
4.27	∅
4.28	∅
4.29	upi
4.30	∅
4.31	∅
4.32	∅
4.33	∅
4.34	∅
4.35	∅
4.36	∅
4.36.1	∅
4.37	∅
4.38	∅
4.39	∅
4.40	wa'wa
4.41	∅
4.42	∅
4.43	∅
4.44	∅
4.45	∅
4.46	∅
4.47	∅
4.48	∅
4.49	∅
4.50	∅
4.51	∅
4.52	∅

5. ∅ (Réptil)

5.1	∅
5.2	∅
5.3	∅
5.4	<i>wahi (venenosa), ab'é (não venenosa)</i>

- 5.4.1 sizâ
- 5.4.2 ø
- 5.4.3 ø
- 5.4.4 ø
- 5.4.5 ø
- 5.4.6 ø
- 5.4.7 ø
- 5.4.8 ø
- 5.4.9 ø
- 5.4.10 ø
- 5.4.11 ø
- 5.4.12 ø
- 5.4.13 ø
- 5.4.14 ø
- 5.5 ø
- 5.6 u'ã
- 5.7 *aihâ're*
- 5.7.1 ø
- 5.8 ø
- 5.9 apa
- 5.10 ho'orã ("tipo de lagarto, iguana)
- 5.11 ho'orã
- 5.12 u'ãi hâpâ
- 5.13 ø

4.7 Sistema Nocional Zoró

1. ø (Anfibio)

- 1.1 gãlam
- 1.2 wirip
- 1.3 ø
- 1.3.1 ø
- 1.3.2 ø

2. Indiynej, Wajãj (Ave)

- 2.01 ø
- 2.2 ø
- 2.3 ø
- 2.4 ãjgyp
- 2.5 ø
- 2.6 ø
- 2.7 kasal
- 2.7.1 ø

- 2.7.2 kasal wup
 2.7.3 ø
 2.8 ø
 2.9 wajãtia(também ema) (VER ema)
 2.10 bakula (VER curiango)
 2.11 kiryn
 2.12 ganzakyt
 2.13 ø
 2.14 ø
 2.15 ø
 2.16 ø
 2.17 ø
 2.18 ø
 2.19 tukul tyng
 2.20 papua
 2.21 ø
 2.22 ø
 2.23 ø
 2.24 bakula
 2.25 ø
 2.25.1 ø
 2.26 ø
 2.27 wajãtia(também avestruz) (VER avestruz)
 2.28 ø
 2.29 *arāj*
 2.29.1 *arāj wyj*
 2.30 ø
 2.31 *wakal*
 2.32 ø
 2.32.1 ikulũ
 2.32.2 ikulyn
 2.33 irala
 2.34 ø
 2.34.1 ø
 2.34.2 abijuwa
 2.34.3 ø
 2.34.4 syna (apresentado como nambu)
 2.34.5 ø
 2.35 wakal ti
 2.36 tamali
 2.37 tamu
 2.38 tamukut
 2.39 pamby
 2.40 ø
 2.41 kapepã
 2.42 ø
 2.42.1 ø
 2.42.2 ø
 2.43 ø
 2.44 kerekerega

- 2.45 ∅
 2.46 ∅
 2.47 wakuj
 2.48 (ver inambu)
 2.48.1 (ver inambu chororó)
 2.48.2 syna
 2.49 *awalap*
 2.50 ∅
 2.51 ipeja
 2.52 pawam
 2.52.1 ∅
 2.53 ∅
 2.54 *kin*
 2.55 *serewa*
 2.56 i'ia man
 2.57 ujuju ti.
 2.58 kapea
 2.59 kuxit
 2.60 pasap xipyj
 2.61 xigitut
 2.62 ∅
 2.63 bagabe
 2.64 ∅
 2.64.1 ∅
 2.65 andat segyt
 2.66 *jukan*
 2.66.1 ∅
 2.67 ∅
 2.68 ∅
 2.69 tukul
 2.70 ∅
 2.70.1 ∅
 2.70.2 majāku kutkura
 2.71 ∅

3. ∅ (Mamífero)

- 3.1 *wasá*
 3.2. xipukyp
 3.3 alía
 3.04 *awyly*
 3.4.1 ∅
 3.5 *wasũjbit*
 3.6 ∅
 3.7 *wasapu*
 3.8 butup puj
 3.9 wakĩ.
 3.10 bajkit
 3.11 paxuap
 3.12 nekukyp

- 3.12.1 nekukyp
- 3.13 nekukyp
- 3.14 bera
- 3.15 ø
- 3.14.1 alime kut
- 3.14.2 peku
- 3.14.3 peku
- 3.14.4 ø
- 3.14.5 ija
- 3.14.6 ø
- 3.15.7 peku
- 3.15.8 ø
- 3.15.9 basajkap
- 3.15.10 basajjep
- 3.15.11 peku
- 3.15.12 xikiripā
- 3.15.13 ø
- 3.15.14 manda
- 3.15.15 nekukyp
- 3.16 atataja
- 3.17 *neku*
- 3.17.1 nekup
- 3.17.2 nekuting
- 3.17.3 nekupep
- 3.17.4 ø
- 3.18 *anza*
- 3.19 ø
- 3.19.1 *bebekut*
- 3.19.2 ø
- 3.19.3 ø
- 3.19.4 gūl
- 3.19.5 *bebe*
- 3.20 jabuli
- 3.21 *butup*
- 3.22 ø
- 3.23 wasakuli
- 3.23.1 ø
- 3.23.2 alapaxia
- 3.24 wanzuj
- 3.24.1 ø
- 3.24.2 malula
- 3.24.3 wanzuj kabet, wanzuj pitinyn
- 3.24.4 ø
- 3.24.5 ø
- 3.24.6 ø
- 3.25 *pupagakit (boi)*
- 3.26 iti
- 3.26.1 itiwup
- 3.26.2 ø
- 3.26.3 itipip

- 3.26.4 ∅
- 3.26.5 ∅
- 3.26.6 ∅
- 3.26.7 itipep

4. Bulip (Peixe)

- 4. bulip
- 4.1 ∅
- 4.1.1 ∅
- 4.1.2 ∅
- 4.2 ∅
- 4.3 ∅
- 4.4 ∅
- 4.5 ∅
- 4.6 bulip kit
- 4.7 bulip kit
- 4.8 ∅
- 4.9 bepua, xīgijā
- 4.10 asasā
- 4.10.1 xīgijā wup
- 4.10.2 ∅
- 4.11 ∅
- 4.12 ∅
- 4.13 ∅
- 4.14 ∅
- 4.15 ∅
- 4.16 ∅
- 4.17 ∅
- 4.18 бага xiruwa, zabe
- 4.19 ∅
- 4.20 buliwa
- 4.21 ŷj
- 4.21.1 balu, iXu
- 4.22 zabe kit
- 4.23 bulip kabe
- 4.24 ∅
- 4.25 ∅
- 4.26 ikiniwā
- 4.27 ∅
- 4.28 ulubi
- 4.29 gupam
- 4.30 ∅
- 4.31 ∅
- 4.32 dulap
- 4.33 ∅
- 4.34 ∅
- 4.35 ∅
- 4.36 ∅

4.36.1	ixawu
4.37	kulere
4.38	∅
4.39	∅
4.40	ijěj
4.41	∅
4.42	∅
4.43	∅
4.44	∅
4.45	∅
4.46	∅
4.47	∅
4.48	∅
4.49	∅
4.50	∅
4.51	babu
4.52	dabeap

5. ∅ (Réptil)

5.1	tyja
5.2	geru
5.3	asasu
5.4	<i>baj</i>
5.4.1	∅
5.4.2	watukap
5.4.3	∅
5.4.4	dukapu
5.4.5	imabaj
5.4.6	∅
5.4.7	∅
5.4.8	∅
5.4.9	∅
5.4.10	tulit
5.4.11	digipinim
5.4.12	bajpuj
5.4.13	din
5.4.14	∅
5.5	wawuti
5.6	∅
5.7	<i>wawu</i>
5.7.1	wawukit
5.8	∅
5.9	kegkeg
5.10	∅
5.11	∅
5.12	∅
5.13	∅

Após a organização dos sistemas nocionais, no passo seguinte, com a finalidade de demonstrar a ferramenta eletrônica, inserimos parte dos termos no dicionário eletrônico (em torno de cinquenta termos), os quais serão demonstrados na sequência.

4.8 Versão eletrônica: Dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças

O dicionário é composto de 258 verbetes, organizados em anfíbios, mamíferos, aves, peixes e répteis e classificados por seus nomes populares, seguindo o modelo de árvore de conceitos apresentado no Capítulo 2. Além dos nomes populares, associamos ao termo seu nome científico, que é utilizado com o propósito de confirmarmos a classificação dada, pois muitos nomes populares de termos na língua portuguesa, como coatá, zogue-zogue, maracajá, maroba, entre outros, causaram-nos incerteza em saber a que animal eles se referiam.

A organização do dicionário está em ordem alfabética, e não pela categoria dos animais (anfíbio, ave, peixe, mamífero ou réptil).

Essencialmente, essa é a ordem apresentada no dicionário eletrônico como resposta a qualquer consulta do consulente. Desse modo, apresentaremos a seguir uma relação de termos presente em nosso dicionário eletrônico. Como já salientado anteriormente, os termos com equivalência para as seis línguas são distinguidos pelo uso de itálico na fonte.

4.1 acará



Termo: acará

Outras designações: cará

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *espécies da Família Cichlidae*

Observações: Peixe comum de água doce.

VER : cará

Descrição: O acará é uma das espécies mais comuns nas bacias do rio Doce e do Paraíba do Sul, ocorrendo também na bacia do rio São Francisco. Ele pertence à família do tucunaré e da tilápia e, como esta última espécie, apresenta espinhos defensivos nas nadadeiras dorsal, ventral e anal. O acará é de natureza plástica e flexível, e por esse motivo é uma das poucas espécies que se adaptam muito bem às condições de reservatórios. Sua coloração é realmente magnífica, com cores vermelhas, azuis e faixas turquesas que lhe garantem, pelo menos, um bom lugar nos aquários.

Fonte da Descrição: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Acará. Portal Saúde Animal, Fauna Brasileira: Acará. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/peix20.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Fonte da Imagem: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Acará. Portal Saúde Animal, Fauna Brasileira: Acará. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/peix20.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat aquático, come plantas, tem escamas, tem nadadeiras, temperatura variável, peixe, onívoro, anda sem pés, bota ovo, ornamental.

i- Língua: Arara

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ete

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: akara

Outras designações: akarahete, akarapetiğ, akarapev, akarapytağuhũ (peixe acará com escamas encarnadas e azuis e com boca comprida), akaratimbuku'i, aha'viuhuve'e (acará machucado).

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS,L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: ø

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL,V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

2.1 acauã



Termo: acauã

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Herpetotheres cachinnans*

Fonte do Nome Científico: PACÍFICO, Érica. Aves: Acauã. Portal Fundação Parque Ecológico de São Paulo; Animais: Aves. Disponível em:

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/acaua/index.php>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

Descrição: Dentre os falcões, um de encantadora beleza e fascinantes hábitos é o Acauã, cuja dieta inclui serpentes e morcegos. Este falcão de 47 cm é uma espécie facilmente reconhecível, possui as penas na cor creme e uma máscara negra que envolve a cabeça e camufla seus olhos, assim como as penas da cauda, visivelmente barradas de branco. Dentre as inúmeras lendas sobre animais, o Acauã se faz presente, sua vocalização é transcrita por alguns como “Deus-quer-um”: Os indígenas Tupinambá reconheciam no canto melancólico da ave que eles chamavam de “macauan”, uma mensagem das almas, um aviso benéfico dos antepassados. Eles atentamente escutavam esta ave profética dias inteiros e usavam um ritual para evocá-la. Já para os Guarani, o "macaguá" (outro nome dado ao falcão), por se alimentar de serpentes é considerado santo e encantado, protetor contra picadas. Mas, para as mulheres guarani, seu canto é anúncio de desgraça iminente.

Fonte da Descrição: PACÍFICO, Érica. Aves: Acauã. Portal Fundação Parque Ecológico de São Paulo; Animais: Aves. Disponível em:

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/acaui/index.php>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

Fonte da Imagem: PACÍFICO, Érica. Aves: Acauã. Portal Fundação Parque Ecológico de São Paulo; Animais: Aves. Disponível em:

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/acaui/index.php>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, come animais, tem penas, tem bico, tem garras, temperatura variável, ave, carnívoro, anda com dois pés, bota ovo, tamanho médio, come serpentes, ave de rapina, escamas nos pés.

i- Língua: Arara

Equivalência: kagaw

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

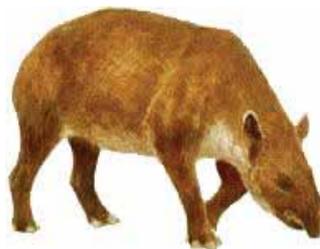
Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - BETTS,L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.**v- Língua:** Xavante**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL,V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.**vi- Língua:** Zoró**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.**3.1 anta****Termo:** *anta***Classe Gramatical:** *Substantivo***Gênero:** *Feminino***Nome Científico:** *Tapirus terrestris***Fonte do Nome Científico:** DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. *Fauna Brasileira: Anta. Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/anta.htm>>. Acesso em: 26. out. 2011.***Fonte da Imagem:** DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. *Fauna Brasileira: Anta. Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/anta.htm>>. Acesso em: 26. out. 2011.***Observação:** *também conhecido como tapir.***Descrição:** *A anta é um mamífero. Vive em florestas tropicais e montanhas da América do Sul. Pesa em média 180 kg. É um bicho pacífico, tímido, que se esconde durante o dia e sai à noite para comer folhas, ervas e raízes. A anta esconde-se na água.*

Fonte da Descrição: DE CICCIO, Lúcia Helena Salvetti. *Fauna Brasileira: Anta. Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/anta.htm>>. Acesso em: 26 out.2011.*

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, tem pelos, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, tem tromba, tamanho grande, hábitos solitários..

i- Língua: Arara

Equivalência: na'to

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. *Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006*

ii- Língua: Karitiana

Equivalência: 'irip

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em *Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*

iii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: liwaga

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. *Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: tapi'ir

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. *Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.*

v- Língua: Xavante

Equivalência: Uhâdâ

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. *Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.*

vi- Língua: Zoró

Equivalência: wasa

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, *Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.*

2.4 anu preto



Termo: anu preto

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: Família Cuculidae, *Crotophaga ani*

Fonte do Nome Científico: AVES, Wiki. Anu-preto. Portal Wiki Aves; Anu-preto. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/anu-preto>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Fonte da Imagem: AVES, Wiki. Anu-preto. Portal Wiki Aves; Anu-preto. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/anu-preto>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Outras Designações: Conhecido também como anu-pequeno e anum (Pará) na região da Amazônia central chamado de coró-coró.

Descrição: Apesar de formar casais, vive sempre em bandos, ocupando territórios coletivos durante todo o ano. São aves extremamente sociáveis. Tem grande habilidade em pular e correr pela ramagem. O cheiro do corpo é forte e característico, perceptível para nós a vários metros e capaz de atrair morcegos hematófagos e animais carnívoros. Possui mais de uma dúzia de vozes diferentes. Tem dois pios de alarme: a um certo grito todos os componentes do bando se empoleiram em pontos bem visíveis, examinando a situação; outro grito, emitido quando um gavião se aproxima, faz desaparecer num instante no matagal todo o grupo.

Fonte da Descrição: AVES, Wiki. Anu-preto. Portal Wiki Aves; Anu-preto. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/anu-preto>>. Acesso em: 05 dez. 2011

Semema: hábitos diurnos, come frutas, come insetos, tem penas, tem bico, tem garras, temperatura constante, ave, onívoro, anda com dois pés, bota ovo, cor predominante: preta, corpo fino, vôo lento.

i- Língua: Arara**Equivalência:** wāj pe**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte:** (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.**ii- Língua:** Kadiwéu**Equivalência:** enokodi**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte:** (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.**iii- Língua:** Karitiana**Equivalência:** õnh**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte:** (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.**iv- Língua:** Parintintín**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.**Língua:** Xavante**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.**v- Língua:** Zoró**Equivalência:** ãjgyp**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte:** (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

2.6 araponga



Termo: araponga

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome científico: *não encontrado*

Fonte da Imagem: AVES, Wiki. Araponga. Portal Wiki Aves; Araponga. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/araponga>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Observações: ESPÉCIE VULNERÁVEL; ameaçada de Extinção.

Outras Designações: Também chamada de Guiraponga, Uiraponga, Ferreiro e Ferrador.

Descrição: A araponga é uma ave da família Cotingidae. O nome Araponga é indígena e vem de ara (ave) e ponga (soar). Possui a cabeça achatada, boca alargada e ampla, o bico é curto. Os machos adultos são inteiramente brancos, exceto os lados da cabeça e garganta que são nus, de cor verde acobreada com raras cerdas pretas, bico preto e pés pardos, tamanho médio de 27cm. A fêmea adulta tem a parte superior verde oliva, com a cabeça cinza e a parte inferior amarela com estrias amarelo-esverdeadas e cinzento, a garganta é cinzenta onde entremeiam-se estrias negras, possui tamanho menor do que o macho. Alimenta-se de frutas, bagas suculentas e insetos.

Fonte da Descrição: AVES, Wiki. Araponga. Portal Wiki Aves; Araponga. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/araponga>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, come frutas, come insetos, tem penas, tem bico, temperatura constante, ave, onívoro, anda com dois pés.

- i- Língua:** Arara
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.
- ii- Língua:** Kadiwéu
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii- Língua:** Karitiana
Equivalência: kennõpok
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

2.7.1 arara azul



Termo: Arara azul

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Anodorhynchus hyacinthinus*.

Fonte Imagem: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Arara Azul. Portal Saúde Animal, Fauna Brasileira: Arara Azul. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/extinto3.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Observações: Ave ameaçada de Extinção.

Descrição: Menos dotada que seus parentes, os papagaios, a arara só é capaz de aprender algumas palavras isoladas. Desde o século XVI as araras são muito procuradas como bichos de estimação e, antigamente, possuir uma arara era sinal de grande riqueza. As araras maiores e mais coloridas são encontradas nas florestas tropicais das Américas. São frequentemente caçadas e mantidas em cativeiro. Existem 18 espécies de arara, todas com bico forte, língua carnosa e cauda longa em forma de espada. O bico forte permite que elas escavem o tronco das árvores para comer larvas de insetos. As araras, em geral, fazem ninhos no oco de árvores como palmeiras. Os ovos são postos na primavera e os adultos alimentam os filhotes regurgitando a comida. Com seis meses de idade as araras já são bichos adultos.

Fonte da Descrição e nome científico: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Arara Azul. Portal Saúde Animal, Fauna Brasileira: Arara Azul. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/extinto3.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, come frutas, come insetos, come plantas, tem penas, tem bico, temperatura constante, ave, onívoro, anda com dois pés, corpredominante: azul, cérebro desenvolvido.

- i-** **Língua:** Arara
Equivalência: karo
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.
- ii-** **Língua:** Kadiwéu
Equivalência: yogeegi
Forma plural: yogeegitedi
Classe Gramatical: Substantivo
Gênero: feminino
- iii-** **Língua:** Karitiana
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv-** **Língua:** Parintintín
Equivalência: ararovy
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v-** **Língua:** Xavante
Equivalência: sôté
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi-** **Língua:** Zoró
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

2.7.2 arara vermelha



Termo: Arara vermelha

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Ara chloroptera*

Fonte do Nome Científico: GIRAFAMANIA. Araras/ Macaws. Portal Girafamania, Fauna Brasileira: Araras. Disponível em:

<http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_arara.html>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Fonte da Imagem: GIRAFAMANIA. Araras/ Macaws. Portal Girafamania, Fauna Brasileira: Araras. Disponível em:

<http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_arara.html>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Outras Designações: arara-piranga

Descrição: A espécie arara-vermelha-grande possui tamanho médio de 90 cm e peso 1,5 kg. Penas verdes nas asas e face com tradicional fileira de penas vermelhas. Em tupi-guarani as palavras “-piranga, -pitanga, puranga, putanga” significam vermelho; e as palavras “acá, acag, acan, acanga, kanga” significam cabeça. As araras vermelhas exalam cheiro típico e forte. São cuidadosas com seus ninhos, cavando-os em diferentes profundidades nos troncos ocos, geralmente de palmeiras. Mas elas também se aproveitam de buracos em paredões rochosos para botar os ovos, os quais são chocados apenas pela fêmea Alimentam-se de frutos, sementes e grãos.

Fonte da Descrição: GIRAFAMANIA. Araras/ Macaws. Portal Girafamania, Fauna Brasileira: Araras. Disponível em:

<http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_arara.html>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, come frutas, come plantas, tem penas, tem bico, temperatura constante, ave, onívoro, anda com dois pés, cor predominante: vermelha, asas azuis.

i- Língua: Arara

Equivalência: axipa

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: yogeegiwaga

Forma plural: yogeegiwadi

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: feminino

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: tiuhũ

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: 'rada

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: kasal wup

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.2 ariranha



Termo: Ariranha

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Pteronura brasiliensis*

Fonte do Nome Científico: PACIEVITCH, Thais. Ariranha. Info Escola Animal: Ariranha, 09.02.2011. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/animais/ariranha/>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Fonte da Imagem: PACIEVITCH, Thais. Ariranha. Info Escola Animal: Ariranha, 09.02.2011. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/animais/ariranha/>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Descrição: A ariranha é um mamífero da família das lontras. No entanto, a ariranha é bem maior, podendo medir 1,8 metros, e pesar até 34 quilos. A ariranha possui pelagem curta e tem cor castanha. A ponta do focinho da ariranha é coberta de pêlos. A cauda é musculosa e achatada do meio até a ponta, fazendo dela uma espécie de leme para o deslocamento na água. Devido a sua cauda e as membranas existentes entre os dedos, a ariranha é uma excelente nadadora. São brincalhonas e barulhentas, e procuram viver em pequenos grupos nas margens de rios e lagos. A ariranha alimenta-se de peixes, pequenos crustáceos, moluscos, cobras e até filhotes de jacarés.

Fonte da Descrição: PACIEVITCH, Thais. Ariranha. Info Escola Animal: Ariranha, 09.02.2011. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/animais/ariranha/>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat aquático, come peixes, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, carnívoro, anda com quatro pés, tamanho grande, vive em grupo, cor predominante: escura.

i- Língua: Arara

Equivalência: maraxewāk

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ewilexe

Forma Plural: ewilexeli

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: y'yj

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: hẽ, tî'i

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: xipukyp

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006

4.5 arraia



Termo: Arraia

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *espécies da Família Potamotrygonidae.*

Fonte da Imagem: URENHA JR, Armando. Arraia. Portal Revista Pesca e Companhia, Peixes do Brasil - Água Salgada; Arraia. Publicado em: nov.2005. Disponível em: <http://revistapescaecompanhia.uol.com.br/peixes-do-brasil/agua-salgada.aspx?c=277>.

Acesso em: 05 dez. 2011.

Observações: As arraias podem ser de água doce ou salgada, dependendo da espécie.

Descrição: As arraias são peixes da mesma subclasse dos tubarões, dos quais difere pelo formato achatado de corpo e pela localização das fendas branquiais. A boca é transversal, com as narinas entre a boca e a extremidade anterior do rosto. Olhos sem pálpebras. Possuem cauda longa, que, na parte superior, junto ao corpo, apresenta um, dois ou mais ferrões. Visíveis ou não, essas armas estão perigosamente preparadas contra a vítima, homem ou animal, que nelas esbarra ou que perturbe os peixes que as possuem. Normalmente vivem solitárias, junto ao fundo arenoso, ou de pequenas pedras. Podem formar pequenos grupos durante a época da migração. Alimentam-se de moluscos, crustáceos e peixes.

Fonte da Descrição: URENHA JR, Armando. Arraia. Portal Revista Pesca e Companhia, Peixes do Brasil - Água Salgada; Arraia. Publicado em: nov.2005. Disponível em: <<http://revistapescaecompanhia.uol.com.br/peixes-do-brasil/agua-salgada.aspx?c=277>>.

Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat aquático, come moluscos, tem nadadeiras, tem rabo, temperatura variável, peixe, carnívoro, anda sem pés, não bota ovo, corpo em forma de disco, rabo com espinho.

i- Língua: Arara

Equivalência: jaw

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: jave'gwyr

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

4.6 bagre



Termo: bagre

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: diversas espécies das famílias *Heptapteridae*, *Pimelodidae* e *Pseudopimelodidae*.

Fonte da Imagem: CULTURA MIX. Bagre. Publicado em: 22.ago.2009. Disponível em: < <http://www.culturamix.com/animais/peixes/bagre> >. Acesso em: 05 dez. 2011.

Outras Designações: peixe-gato

Observações: Peixe comum de água doce e salgada.

Descrição: O bagre, ou peixe-gato como é mais mundialmente conhecido, é um peixe que leva seu nome devido à presença de bigodes na parte superior e inferior de sua boca. Pode medir mais de um metro (espécie que vive em água salgada) e pesar cerca de 15 kg, tendo alguns recordes perto de 3,5 metros de comprimento. Em água doce, seu tamanho e peso são bem reduzidos, podendo ter pouco mais de 70 centímetros e pesar em torno de 2 kg.

Seu bigode é formado por ferrões, além da parte dorsal de seu corpo. Sua alimentação é feita de qualquer peixe ou outro tipo de animal aquático que caiba dentro de sua boca, que quando vai engolir algum alimento, se expande para facilitar a entrada da presa em sua cavidade.

Fonte da Descrição: CULTURA MIX. Bagre. Publicado em: 22.ago.2009. Disponível em: < <http://www.culturamix.com/animais/peixes/bagre> >. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat aquático, come plantas e animais em decomposição, tem escamas, tem nadadeiras, temperatura variável, peixe, onívoro, anda sem pés, bota ovo, tem bigodes, tem ferrões.

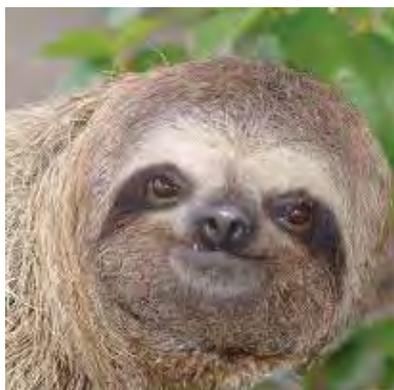
i- Língua: Arara

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

- ii- Língua:** Kadiwéu
Equivalência: walokeni (tipo de)
Outras designações: gapiilogo (peixe sem escamas)
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii- Língua:** Karitiana
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: bulip kit
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.3 bicho preguiça



Termo: bicho preguiça

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Bradypus variegatus*

Fonte do Nome Científico: PACIEVITCH, Thais. Bicho Preguiça. Info Escola Animal: Bicho Preguiça, 05.06.2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mamiferos/bicho-preguica/>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Fonte da Imagem: PACIEVITCH, Thais. Bicho Preguiça. Info Escola Animal: Bicho Preguiça, 05.06.2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mamiferos/bicho-preguica/>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Descrição: A preguiça é um mamífero que não possui dentes e vive pendurado em árvores. São caracterizadas por um rosto pequeno e parecem que estão sempre sorrindo. Seus hábitos são noturnos, portanto se alimenta durante a noite. Seu cardápio é seletivo, alimentando-se de folhas, brotos, frutos e raízes de poucas espécies de árvores. Esse animal faz jus ao seu nome: são preguiçosos devido ao calor. Como têm o corpo coberto de pelos grossos, não podem se agitar muito porque suam bastante.

Fonte da Descrição: PACIEVITCH, Thais. Bicho Preguiça. Info Escola Animal: Bicho Preguiça, 05.06.2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mamiferos/bicho-preguica/>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come plantas, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, tem garras, hábitos solitários, metabolismo lento, cor cinza, movimentos lentos.

- i-** **Língua:** Arara
Equivalência: a'i
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.
- ii-** **Língua:** Kadiwéu
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii-** **Língua:** Karitiana
Equivalência: o'i
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv-** **Língua:** Parintintín
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v-** **Língua:** Xavante
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi-** **Língua:** Zoró
Equivalência: alía
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.15.2 macaco bugio



Termo: bugio

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Alouatta seniculus*

Fonte do Nome Científico: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Bugio.

Disponível em <<http://www.saudeanimal.com.br/bugio.htm>> Acesso em: 13 nov. 2011.

Fonte da Imagem: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Bugio.

Disponível em <<http://www.saudeanimal.com.br/bugio.htm>> Acesso em: 13 nov. 2011

VER: Guariba.

Observação: A espécie encontra-se ameaçada de extinção.

Descrição: Possui a cauda muito musculosa, com a porção inferior da ponta desprovida de pêlos e dotada de grande sensibilidade. Enrola-se firmemente nos galhos e funciona como um quinto membro, sustentando o corpo por longos períodos de tempo, por exemplo, enquanto o animal se alimenta. Sua coloração varia do preto ao vermelho. Em uma das espécies, encontrada no Brasil central (*Alouatta caraya*), os machos são completamente negros enquanto que as fêmeas e os filhotes apresentam colorido castanho-oliváceo. A espécie encontra-se ameaçada de extinção, principalmente devido à destruição de seu hábitat e também à caça indiscriminada. Sua carne e pele é muito apreciada pelos indígenas e caboclos.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Bugio.

Disponível em <<http://www.saudeanimal.com.br/bugio.htm>> Acesso em: 13 nov. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come frutas, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, sobe em árvores, tamanho médio, tem barba, grito forte.

- i- Língua:** Arara
Equivalência: jay, jay´a
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.
- ii- Língua:** Kadiwéu
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii- Língua:** Karitiana
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: jajuhu
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: ro'ora
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: peku
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006

4.8 cabeça de ferro



Termo: Cabeça de ferro

Outras designações: roncador, cumbaca, gongó, serrudo.

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Franciscodoras marmoratus*; espécie da Família Doradidae.

Fonte da Imagem: AQUA. Portal Aqua Online. Disponível em:

<http://www.aquaonline.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1663:acanthodoras-cataphractus&catid=230:peixes-de-fundo-cascudos-coridoras-botias&Itemid=67>.

Acesso em: 05 dez. 2011.

Descrição: Pequeno peixe de escamas, amarelado, conhecido também por Roncador. Possui comportamento coletivo, deve compor grupos de, no mínimo três indivíduos.

Fonte da Descrição: AQUA. Portal Aqua Online. Disponível em:

<http://www.aquaonline.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1663:acanthodoras-cataphractus&catid=230:peixes-de-fundo-cascudos-coridoras-botias&Itemid=67>.

Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat aquático, come plantas, tem escamas, tem nadadeiras, temperatura variável, peixe, onívoro, anda sem pés, bota ovo, produz ruído, vive em água doce.

i- **Língua:** Arara

Equivalência: ip nakãra

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

- ii- Língua:** Kadiwéu
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii- Língua:** Karitiana
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.4 cachorro



Termo: Cachorro

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Canis lupus familiaris*

Fonte do Nome Científico: ANIMAIS MAMÍFEROS, SITEMAP. *Animais mamíferos: classes, nomes científicos, curiosidades e habitat. Brasil, 2010. Disponível em* <http://www.animaismamiferos.com/nome-cientifico-do-cachorro-canis-lupus-familiaris/>

Acesso em: 18 out.2011.

Descrição: Os cães possuem quatro patas, pelo em todo seu corpo, hábitos diurnos, e, atualmente, é conhecido como o "melhor amigo do homem" pelo mundo ocidental. Desempenham muitas funções para as pessoas, como a caça, pastoreio, proteção, apoio e companheirismo e, mais recentemente, auxiliando pessoas com deficiência.

Fonte da Descrição: ANIMAIS MAMÍFEROS, SITEMAP. *Animais mamíferos: classes, nomes científicos, curiosidades e habitat. Brasil, 2010. Disponível em*

<http://www.animaismamiferos.com/nome-cientifico-do-cachorro-canis-lupus-familiaris/>

Acesso em: 18 out.2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, onívoro, anda com quatro pés, doméstico.

i- **Língua:** Arara

Equivalência: wawaw

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. *Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.*

ii- **Língua:** Kadiwéu

Equivalência: necenigo

Forma Plural: necexodi

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Fonte: GRIFFITHS. *Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*

iii- **Língua:** Karitiana

Equivalência: omãky my'en

Outras designações: omãkypok

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: LANDIN, em *Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*

iv- **Língua:** Parintintín

Equivalência: nhağwatiğ

Outras designações: ingaruru' ã

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: BETTS, L. *Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.*

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: wapsã

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. *Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.*

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: awyly

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: MONSERRAT; TAVARES, *Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006*

3.4.1 cachorro do mato



Termo: Cachorro do mato

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Cercopithecus thous*

Fonte do Nome Científico: ROCHA, Décio. Cachorro do Mato. Fauna Brasil, Mamíferos Silvestres, Cachorro do Mato, 22.11.2006. Disponível em:

<<http://www.faunabrasil.com.br/sistema/modules/myalbum/photo.php?lid=32>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Fonte da Imagem: ROCHA, Décio. Cachorro do Mato. Fauna Brasil, Mamíferos Silvestres, Cachorro do Mato, 22.11.2006. Disponível em:

<<http://www.faunabrasil.com.br/sistema/modules/myalbum/photo.php?lid=32>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Descrição: É o mais conhecido dos canídeos brasileiros. Tem peso entre 6 e 7 kg. A coloração é variável apresentando uma mistura de tons acinzentados e castanhos, tendo frequentemente tons amarelados.

Fonte da Descrição: ROCHA, Décio. Cachorro do Mato. Fauna Brasil, Mamíferos Silvestres, Cachorro do Mato, 22.11.2006. Disponível em:

<<http://www.faunabrasil.com.br/sistema/modules/myalbum/photo.php?lid=32>>. Acesso em: 26 out. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, carnívoro, anda com quatro pés, tamanho pequeno, pelagem avermelhada, rabo curto, sabe nadar.

i- **Língua:** Arara

Equivalência: xapijup

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: gyryty

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.2 calango



Termo: Calango

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Cnemidophorus ocellifer*

Fonte do Nome Científico: BRASIL, Ambiente. Calango. Portal Intranet do Meio Ambiente, Conheça a Fauna: Calango. Publicado em: 24.mai.2011. Disponível em: <http://intranet.meioambiente.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10449:texto-teste&catid=25:conheca-a-fauna&Itemid=93>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Fonte da Imagem: BRASIL, Ambiente. Calango. Portal Intranet do Meio Ambiente, Conheça a Fauna: Calango. Publicado em: 24.mai.2011. Disponível em: <http://intranet.meioambiente.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10449:texto-teste&catid=25:conheca-a-fauna&Itemid=93>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Observações: espécie ameaçada.

Descrição: Possuem hábitos diurnos e prefere sair nas horas mais quentes do dia. Vive no chão, em locais pedregosos e com moitas, procurando abrigar-se sob rochas e troncos caídos. Reprodução: reproduz-se basicamente na época das chuvas. Põe até cinco ovos elípticos e cada uma das várias ninhadas do ano. Ao nascer, os filhotes têm em média 3 cm de comprimento. Habitam cerrados e campos. Alimentação: artrópodes, incluindo grilos, gafanhotos, larvas, formigas, cupins e aranhas.

Fonte da Descrição: BRASIL, Ambiente. Calango. Portal Intranet do Meio Ambiente, Conheça a Fauna: Calango. Publicado em: 24.mai.2011. Disponível em: <http://intranet.meioambiente.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10449:texto-teste&catid=25:conheca-a-fauna&Itemid=93>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come insetos, tem pele, tem rabo, temperatura variável, réptil, onívoro, anda com quatro pés, bota ovo.

i- Língua: Arara

Equivalência: ja'ó

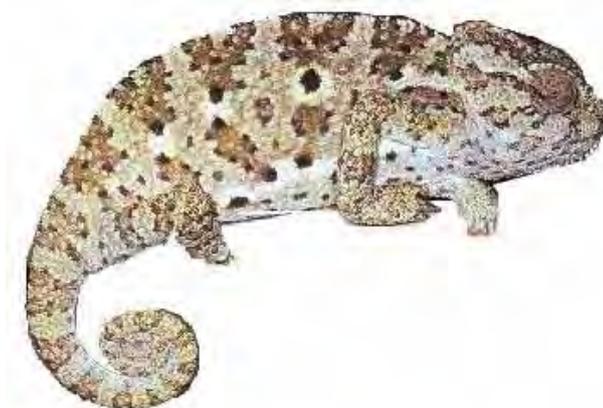
Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.**iv- Língua:** Parintintín**Equivalência:** teju (genérico), amberev (calango pequeno que mora perto das casas) tarauhu, tapere'ã (calango grande), tara'i (calango pequeno e cor de cinza), tenhupirağuhũ (calango com rabo curto e liso que mora na água)**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte:** (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.**v- Língua:** Xavante**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.**vi- Língua:** Zoró**Equivalência:** geru**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte:** (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.**5.3 camaleão****Termo:** Camaleão**Classe Gramatical:** Substantivo**Gênero:** Masculino

Nome Científico: *Chamaeleo chamaeleon*

Fonte do Nome Científico: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Camaleão. Portal Saúde Animal, Répteis: Camaleão. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/camaleao.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Fonte da Imagem: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Camaleão. Portal Saúde Animal, Répteis: Camaleão. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/camaleao.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Descrição: O camaleão se movimenta com extrema lentidão. Para apanhar sua presa, utiliza a língua como se fosse um laço. Consegue, com a velocidade de um raio, estender a língua quase um metro. O inseto fica preso na ponta pegajosa da língua e logo é tragado. Esses répteis costumam viver nas florestas e, aparentemente, passam a maior parte do tempo em um mesmo lugar. O camaleão é famoso pela capacidade que tem de mudar de cor. Mas não se deve exagerar quanto a isso. O camaleão não é incolor: possui uma cor básica, que varia conforme seu habitat. A cor pode ser modificada por influência de luz ou pelas sensações do próprio animal. Um camaleão com fome pode mudar de marrom para preto. Alimenta-se de insetos e outros pequenos invertebrados.

Fonte da Descrição: CICCO, Lúcia Helena Salvetti De. Camaleão. Portal Saúde Animal, Répteis: Camaleão. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/camaleao.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come insetos, tem pele, tem rabo, temperatura variável, réptil, onívoro, anda com quatro pés, bota ovo, muda de cor, movimentos lentos, tamanho pequeno.

i- Língua: Arara

Equivalência: jamomó

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- **Língua:** Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- **Língua:** Parintintín

Equivalência: tejuhu

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: asasu

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.5 capivara



Termo: Capivara

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Hydrochoerus hydrochoeris*

Fonte do Nome Científico: DE CICCIO, Lúcia Helena Salvetti. Capivara. Saúde Animal.

Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/capivara.htm>>. Acesso em: 26 out.2011.

Fonte da Imagem: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Capivara. Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/capivara.htm>>. Acesso em: 26 out.2011.

Descrição: A capivara é um mamífero roedor, típico da América do Sul, que vive em manadas e tem hábitos noturnos. De manhã descansa na sombra, a tarde gosta de nadar e à noite sai para alimentar-se. Sua alimentação é exclusivamente de capinas e prefere grama curta, porque seus dentes permitem cortar folhas e talos bem rentes ao solo.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Capivara. Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/capivara.htm>>. Acesso em: 26 out.2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, tem pelos, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, , roedor, vive em grupo, tamanho grande, sabe nadar.

i- Língua: Arara

Equivalência: *mãro*

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Karitiana

Equivalência: *syhej*

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: *ewagaxo*

Forma Plural: *ewagaxoli*

Classe Gramatical: Substantivo feminino

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: *tapivar*

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- *Língua: Xavante*

Equivalência: ubdâ

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- *Língua: Zoró*

Equivalência: wasũjbit

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

4.9 cascudo



Termo: Cascudo

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: espécies da *Família Loricariidae*.

Fonte da Imagem: MAG, Pet. Cascudo - Descritivo da Raça. Portal Pet Mag, Peixes, Espécies de Peixes: Cascudo. Disponível em:

<<http://petmag.uol.com.br/peixes/especies/cascudo/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Outras Designações: acari

Descrição: Esse pacato gigante é muito apreciado pela sua capacidade de limpar algas em aquários com plantas verdadeiras. Mas os animais conhecidos simplesmente como “Cascudo” nas lojas podem fazer parte de diversas espécies diferentes, mas com características semelhantes.

Fonte da Descrição: MAG, Pet. Cascudo - Descritivo da Raça. Portal Pet Mag, Peixes, Espécies de Peixes: Cascudo. Disponível em:

<<http://petmag.uol.com.br/peixes/especies/cascudo/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: habitat aquático, come plantas e animais em decomposição, tem escamas, tem nadadeiras, temperatura variável, peixe, onívoro, anda sem pés, bota ovo, vive em água doce, tem barba, cabeça grande, chora como criança.

i- Língua: Arara

Equivalência: anêja

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: bepua

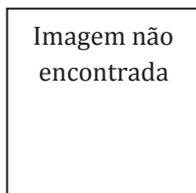
Outras designações: xĩgijã

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró.

Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

4.9.1 cascudo-pretinho



Termo: Cascudo-pretinho

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Hypostomus*

Fonte do Nome Científico: Estudos do Componente Indígena das UHE São Manoel e Foz do Apiacás. Página 60, Quadro 4.2-5, Agosto de 2010. Disponível em:

<http://siscom.ibama.gov.br/licenciamento_ambiental/UHE%20PCH/S%C3%A3o%20Manoel/Estudos%20de%20Componente%20Indigena/PDF/Microsoft%20Word%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20do%20Componente%20Ind%C3%ADgena.pdf> Acesso em: 05 dez. 2011.

Observações: Não foram encontrados muitos registros; não foi encontrada imagem.

Descrição: Espécie de peixe registrada na Terra Indígena Kayabi, MT/PA.

Fonte da Descrição: Estudos do Componente Indígena das UHE São Manoel e Foz do Apiacás. Página 60, Quadro 4.2-5, Agosto de 2010. Disponível em:

<http://siscom.ibama.gov.br/licenciamento_ambiental/UHE%20PCH/S%C3%A3o%20Manoel/Estudos%20de%20Componente%20Indigena/PDF/Microsoft%20Word%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20do%20Componente%20Ind%C3%ADgena.pdf> Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat aquático, tem escamas, tem nadadeiras, temperatura variável, peixe, anda sem pés, bota ovo, cor predominante: preta.

i- Língua: Zoró

Equivalência: asasã

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

- ii- Língua:** Kadiwéu
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii- Língua:** Karitiana
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.7 cavalo



Termo: Cavalo

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *equus caballus*

Fonte do Nome Científico: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Cavalos. Disponível em <<http://www.saudeanimal.com.br/cavalos1.htm>> Acesso em: 13 nov. 2011

Fonte da Imagem: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Cavalos. Disponível em <<http://www.saudeanimal.com.br/cavalos1.htm>> Acesso em: 13 nov. 2011.

Descrição: O cavalo é um mamífero da família dos Equinos. Animal de grande porte, com cabeça fina e alongada, pescoço musculoso e pernas delicadas. Seus olhos mostram-se grandes e vivos, as orelhas pontudas e móveis e as narinas muito abertas. O corpo, bastante arredondado, apresenta-se coberto de pêlo curto e liso que se alonga na cauda e na tábua do pescoço, onde forma a crina. Todos os equídeos são vivos, alegres e inteligentes, são animais gregários e se mostram ativos durante o dia.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Cavalos. Disponível em <<http://www.saudeanimal.com.br/cavalos1.htm>> Acesso em: 13 nov. 2011

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, tamanho grande, corpo musculoso, pelo curto, tem crina.

i- Língua: Arara

Equivalência: mu

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: mitiixiegi

Forma Plural: mitiixiotedi

Forma Feminina: mitiixie

Classe Gramatical: Substantivo masculino

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: iriwity

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - BETTS,L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: awaru
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL,V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: wasapu
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.15.3 coatá



Termo: Coatá

Ver : Guariba

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Ateles geoffroyi*

Outras Designações: macaco-aranha, quatá.

Fonte do Nome Científico: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Macaco-aranha. Disponível em <http://www.saudeanimal.com.br/m_aranha.htm> Acesso em: 13 nov. 2011.

Fonte da Imagem: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Macaco-aranha. Disponível em <http://www.saudeanimal.com.br/m_aranha.htm> Acesso em: 13 nov. 2011.

Descrição: O coatá ou macaco-aranha é um dos maiores macacos da região do Pará, atingindo mais de 1,2 metros, incluindo a calda. A cauda funciona como um quinto membro para a locomoção no alto das árvores. Possuem hábitos noturnos, vivem em grupos de até 20 indivíduos e buscam alimentos na copa das árvores, geralmente frutos e folhas. Se você lhe der algo para comer ele pega com a cauda, como faria um elefante com a tromba. Os quatás, como são chamados na Amazônia, mantêm sempre a cabeça erguida, preferindo descer das árvores de costas. Dão saltos longos, cobrindo mais de dez metros e é comum deixarem-se cair, da altura de seis ou sete metros, para um galho mais baixo.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Macaco-aranha. Disponível em <http://www.saudeanimal.com.br/m_aranha.htm> Acesso em: 13 nov. 2011

Semema: hábitos noturnos, come frutas, come plantas, habitat terrestre, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, onívoro, anda com quatro pés, sobe em árvores, tamanho grande, cor predominante: preta.

i. **Língua:** Arara

Equivalência: xego pap

Outras Designações : jay, jay´a

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii. **Língua:** Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii. **Língua:** Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana /Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics,2002.

iv. **Língua:** Parintintín

Equivalência: avijouhu

Outras Designações: ka'iuhu

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS,L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL,V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.4 cobra



Termo: Cobra

Classe Gramatical: Substantivo

Nome Científico: Cada espécie de cobra tem um nome científico diferente

Fonte da Imagem: BIOLOGIA, Toda. Répteis. Portal Toda Biologia: Répteis, Saiba mais sobre a vida dos répteis, reprodução, características da espécie, cobras, lagartos, habitat. Disponível em: <<http://www.todabiologia.com/zoologia/repteis.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Descrição: A cobra é o réptil mais popular. Vivem em campos e matas, muitas vezes no chão, onde se confundem com a folhagem devido às suas cores e aos desenhos de sua pele, mas podem ser encontradas também nas árvores. Preferem lugares secos e geralmente dormem

durante o dia. Não são agressivas, frequentemente fugindo quando pressentem a presença do homem.

Fonte da Descrição: BIOLOGIA, Toda. Répteis. Portal Toda Biologia: Répteis, Saiba mais sobre a vida dos répteis, reprodução, características da espécie, cobras, lagartos, habitat. Disponível em: <<http://www.todabiologia.com/zoologia/repteis.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: tem escamas, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, bota ovo.

i- Língua: Arara

Equivalência: mājgāra

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: lakeedi

Outras Designações: iigojegi (qualquer tipo de)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte (termo): GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: moroja

Outras Designações: moro, moroppa (tipo de), moroppaty,(tipo de) sōnhmap(tipo de), ãhnsy(tipo de), ory (tipo de cobra) sonyk (tipo de cobra), sōrēm (tipo de cobra).

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte (termo): LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: mboja

Outras Designações: ka'gwyraranh (termo genérico)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte (termo): BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: wahi (venenosa)

Outras Designações: ab'é (não venenosa)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte (termo): HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. *Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: baj

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte (termo): MONSERRAT; TAVARES, *Vocabulários das Línguas Zoró*. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.4.2 cobra-cega



Termo: Cobra-cega

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Amphisbaena alba*

Outras Designações: cobra-de-duas-cabeças

Fonte do Nome Científico: MOLINA, Flávio de Barros. Cobras de Duas Cabeças. Portal Fundação Parque Zoológico de São Paulo, Animais do Zoológico de São Paulo: Cobras de Duas Cabeças. Disponível em:

<<http://www.zoologico.sp.gov.br/animaisdozoo/cobradeduasbecas.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Fonte da Imagem: MOLINA, Flávio de Barros. Cobras de Duas Cabeças. Portal Fundação Parque Zoológico de São Paulo, Animais do Zoológico de São Paulo: Cobras de Duas Cabeças. Disponível em:

<<http://www.zoologico.sp.gov.br/animaisdozoo/cobradeduascabecas.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Observações: Não é venenosa nem peçonhenta; possui duas cabeças.

Descrição: Ao contrário da maioria das serpentes, que voltaram a viver sobre a terra, as cobras de duas cabeças continuaram apresentando hábitos subterrâneos. São escavadores eficientes, cujo crânio fortemente ossificado é extremamente resistente para forçar a terra quando estão abrindo galerias subterrâneas. São répteis ovíparos cuja biologia reprodutiva ainda é muito pouco conhecida. Carnívoros, em cativeiro alimentam-se de insetos e recém-nascidos de camundongo. Podem viver por vários anos.

Fonte da Descrição: MOLINA, Flávio de Barros. Cobras de Duas Cabeças. Portal Fundação Parque Zoológico de São Paulo, Animais do Zoológico de São Paulo: Cobras de Duas Cabeças. Disponível em:

<<http://www.zoologico.sp.gov.br/animaisdozoo/cobradeduascabecas.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come insetos, tem escamas, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, hábito subterrâneo.

i- Língua: Arara

Equivalência: mājgãra xagaro top

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte (termo): MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - BETTS,L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.**v- Língua:** Xavante**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL,V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.**vi- Língua:** Zoró**Equivalência:** watukap**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte (termo):** - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.**5.4.3 cobra cipó****Termo:** Cobra cipó**Classe Gramatical:** Substantivo**Gênero:** Feminino**Nome Científico:** *Chironius bicarinatus* **Fonte do Nome Científico:** BORDIGNON, Antonio. Cobra Cipó. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Cipó. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_cipo.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.**Fonte da****Imagem:** BORDIGNON, Antonio. Cobra Cipó. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Cipó. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_cipo.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.**Observações:** Possui veneno, embora em pouca quantidade.**Descrição:** Esta espécie é bastante agitada e geralmente foge assim que avistada. É muito arisca e pode morder. Possui uma coloração que se confunde muito com o ambiente,

principalmente por passar a maior parte do tempo nas árvores e arbustos. Alimenta-se de pequenos anfíbios, como pererecas.

Fonte da Descrição: BORDIGNON, Antonio. Cobra Cipó. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Cipó. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_cipo.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem escamas, tem veneno, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, cor predominante: verde, arisco, venenoso.

i- Língua: Arara

Equivalência: mǎja pyk

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.4.4 cobra coral



Termo: Cobra coral

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Micrurus lemniscatus*

Fonte do Nome Científico: BORDIGNON, Antonio. Coral. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Coral. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/coral.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Fonte da Imagem: BORDIGNON, Antonio. Coral. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Coral. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/coral.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Observações: Cobra mais venenosa do Brasil.

Descrição: As Corais são da mesma família das Najas e Mambas (Elapidae) e possuem um veneno neurotóxico muito potente. Hábitos alimentares: se alimentam de outras cobras (menos a Cascavel), e peixes. Cobra vermelha e preta.

Fonte da Descrição: BORDIGNON, Antonio. Coral. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Coral. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/coral.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, come peixes, tem escamas, tem veneno, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, cor predominante: vermelha e preta, tamanho pequeno, peçonhento, venenoso.

i- Língua: Arara

Equivalência: ∅

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

- ii- Língua:** Kadiwéu
Equivalência: wajikaloligilagi
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii- Língua:** Karitiana
Equivalência: \emptyset
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv- Língua:** Parintintín
Equivalência: \emptyset
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- Língua:** Xavante
Equivalência: \emptyset
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- Língua:** Zoró
Equivalência: dukapu
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.4.5 cobra d'água



Termo: Cobra d'água

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Liophis miliaris*

Fonte do Nome Científico: BORDIGNON, Antonio. Cobra D água. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra D água. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_dagua.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Fonte da Imagem: BORDIGNON, Antonio. Cobra D água. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra D água. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_dagua.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Descrição: Esta espécie é muito dócil e geralmente foge assim que perturbada. Possui uma coloração que varia muito da região onde é encontrada. Na Mata Atlântica é mais comum encontrá-la no padrão amarelo com preto, enquanto no cerrado é mais comum o esverdeado com preto. Atinge cerca de 65 cm de comprimento e é uma excelente nadadora. Caça em lagoas e pequenos rios, geralmente pela manhã. Hábitos alimentares: Alimenta-se de pequenos anfíbios e peixes. Cobra não venenosa.

Fonte da Descrição: BORDIGNON, Antonio. Cobra D água. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra D água. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_dagua.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat aquático, come peixes, tem escamas, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, sabe nadar.

i- Língua: Zoró

Equivalência: imabaj

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - BETTS,L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.**v- Língua:** Xavante**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL,V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.**vi- Língua:** Zoró**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.**5.4.8 cobra surucucu pico de jaca****Termo:** Cobra surucucu pico de jaca**Classe Gramatical:** Substantivo**Gênero:** Feminino**Outras Designações:** surucucu**Nome Científico:** *Lachesis muta***Fonte do Nome Científico:** GLOBO, Eptv. Surucucu-pico-de-jaca. Portal EPTV Globo, Répteis. Disponível em: <<http://eptv.globo.com/terradagente/0,0,2,90;16,surucucu-pico-de-jaca.aspx>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Fonte da Imagem: GLOBO, Eptv. Surucucu-pico-de-jaca. Portal EPTV Globo, Répteis. Disponível em: <<http://eptv.globo.com/terradagente/0,0,2,90;16,surucucu-pico-de-jaca.aspx>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Observações: Ameaçada de extinção, venenosa.

Descrição: A surucucu ou sururucu-pico-de-jaca é a maior serpente peçonhenta das Américas. Possui atividade noturna e hábito terrícola, abrigando-se durante o dia no oco de troncos, entre as raízes salientes das árvores e em tocas abandonadas. Amarela com desenhos negros, a surucucu chega a 2,5 metros de comprimento, a cauda é longa e é maior que 30% do seu comprimento total. Ela é difícil ser avistada, pois quando em perigo finge ser um ramo do arbusto para escapar dos predadores. Suas defesas são vibrar a cauda com movimentos rápidos e repetidos e soltar uma descarga cloacal (expulsão de fezes e outras substâncias).

Fonte da Descrição: GLOBO, Eptv. Surucucu-pico-de-jaca. Portal EPTV Globo, Répteis. Disponível em: <<http://eptv.globo.com/terradagente/0,0,2,90;16,surucucu-pico-de-jaca.aspx>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, tem escamas, tem veneno, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, tamanho grande, peçonhento.

i- Língua: Arara

Equivalência: ximârã

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS,L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL,V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.4.10 cobra verde



Termo: Cobra verde

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Philodryas olfersii*

Fonte do Nome Científico: BORDIGNON, Antonio. Cobra Verde. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Verde. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_verde.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Fonte da Imagem: BORDIGNON, Antonio. Cobra Verde. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Verde. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_verde.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Observações: Essa espécie deve ser considerada perigosa.

Descrição: Esta espécie possui o veneno 4 vezes mais tóxico que o da Jararaca. Mas, por possuir denteção opistóglifa (o dente de veneno fica situado no fundo da boca) não é considerada peçonhenta. Passa a maior parte do tempo nas árvores e arbustos, mas pode ser encontrada no chão. Não é uma cobra agressiva, fugindo rapidamente pela vegetação quando perturbada, mas pode morder se for acuada. Alimenta-se de aves, pequenos lagartos, e pequenos anfíbios.

Fonte da Descrição: BORDIGNON, Antonio. Cobra Verde. Portal Saúde Animal, Répteis, Cobra Verde. Disponível em: <http://www.saudeanimal.com.br/cobra_verde.htm>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem escamas, tem veneno, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, cor predominante: verde, venenoso.

i- Língua: Arara

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: etilogo-niweenogodi

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: tulit

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.8 coelho



Termo: Coelho

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Oryctolagus cuniculus*

Fonte do Nome Científico: NAUE, Júlia Coimbra. Cola da Web, Biologia, Animais: coelho. Cola da Web. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/biologia/animais/coelho>>. Acesso em: 13.nov. 2011.

Fonte da Imagem: NAUE, Júlia Coimbra. Cola da Web, Biologia, Animais: coelho. Cola da Web. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/biologia/animais/coelho>>. Acesso em: 13.nov. 2011.

Descrição: O coelho é um mamífero que possui orelhas e pernas compridas, tem a cauda curta. Come grandes quantidades de folhas, raízes, caules, grãos e cascas de algumas árvores, e se difere dos outros roedores por ter dois pares de dentes incisivos no maxilar e um par pequeno imediatamente atrás do par maior. O pelo varia conforme a raça. Pode ser liso e curto, bem peludo com pelos mais longos e até com o pelo meio enrolado. A maior parte de suas espécies costuma abrir galerias subterrâneas, onde diversas gerações se sucedem nos mesmos ninhos. O coelho vive em lugares com muito verde. Pode ser encontrado em todas as regiões do Brasil. Filhotes: Pode ter de 3 a 6 ninhadas por ano. Cada vez que engravida, nascem de 4 a 12 filhotes. A coelha pode chegar a ter 70 filhotes em um ano.

Fonte da Descrição: NAUE, Júlia Coimbra. Cola da Web, Biologia, Animais: coelho. Cola da Web. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/biologia/animais/coelho>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come frutas, come plantas, tem pelos, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, orelhas compridas.

i- Língua: Arara

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Karitiana

Equivalência: mÿno

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: etacimagadi

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: rupo'rere

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: butup puj

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.9 cotia



Termo: Cotia

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Dasyprocta aguti*

Fonte do Nome Científico: BRASIL, Redação Ambiente. Cotia (*Dasyprocta aguti*).

Ambiente Brasil Fauna. Disponível em:

<http://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/mamiferos/cotia_%28dasyprocta_aguti%29.html>. Acessado em: 13 nov. 2011.

Fonte da Imagem: BRASIL, Redação Ambiente. Cotia (*Dasyprocta aguti*). Ambiente Brasil Fauna. Disponível em:

<http://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/mamiferos/cotia_%28dasyprocta_aguti%29.html>. Acessado em: 13 nov. 2011.

Descrição: Habita florestas, cerrados, capoeira e caatingas. De hábitos diurnos, cava galeria nas margens dos rios, no chão da floresta e principalmente nas raízes das árvores. É terrestre, correndo com grande rapidez entre a vegetação. Cada buraco é ocupado por um único animal. Repousa sobre as patas traseiras e segura os alimentos com as patas anteriores. Alimenta-se de frutas, sementes e raízes.

Fonte da Descrição: BRASIL, Redação Ambiente. Cotia (*Dasyprocta aguti*). Ambiente Brasil Fauna. Disponível em:

<http://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/mamiferos/cotia_%28dasyprocta_aguti%29.html>. Acessado em: 13 nov. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come frutas, tem pelos, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, roedor, tamanho pequeno, pelagem dourada.

i- Língua: Arara

Equivalência: wa'kãja

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: lanaagije

Forma Plural: lanaagijeli

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: akuti

Outras Designações: akutigwa'i (um tipo de)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

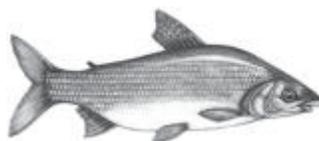
vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: wakĩ

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

4.12 curimbatá



Termo: Curimbatá

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Prochilodus lineatus*

Fonte da Imagem: PESCA, Guia da. Peixes Água Doce: Curimbatá. Portal Guia da Pesca. Publicado em: 11 mai. 2007. Disponível em:

<<http://www.guiadapesca.com.br/geral/curimbata/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Descrição: O Curimbatão é encontrado na Bacia Amazônica, Araguaia-Tocantins, Prata e São Francisco. Foi introduzido nos açudes do Nordeste. Existe também nas represas do Sul. Espécie detritívora, alimentando-se de matéria orgânica e microorganismos associados à lama do fundo dos lagos e margens de rios. É capturado em grandes cardumes, sendo uma espécie importante comercialmente, principalmente para populações de baixa renda.

Fonte da Descrição: PESCA, Guia da. Peixes Água Doce: Curimbatá. Portal Guia da Pesca. Publicado em: 11 mai. 2007. Disponível em:

<<http://www.guiadapesca.com.br/geral/curimbata/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat aquático, come plantas e animais em decomposição, tem escamas, tem nadadeiras, temperatura variável, peixe, onívoro, anda sem pés, bota ovo, cor predominante: cinza, vive em água doce.

i- Língua: Arara

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: anibeenegegi

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.15.4 macaco cuxiu preto



Termo: cuxiu preto

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Chiropotes satanas satanás*

Fonte do Nome Científico: CONTIERO, Patrícia. Cuxiú Preto, O Animal. Portal Cultura Mix. Publicado em: 05 abr. 2010. Disponível em:

<<http://animais.culturamix.com/informacoes/primatas/cuxiu-preto>>. Acesso em: 13 out. 2011.

Fonte da Imagem: CONTIERO, Patrícia. Cuxiú Preto, O Animal. Portal Cultura Mix.

Publicado em: 05 abr. 2010. Disponível em:

<<http://animais.culturamix.com/informacoes/primatas/cuxiu-preto>>. Acesso em: 13 out. 2011.

Descrição: Cuxiú Preto é um macaco exclusivamente brasileiro, considerado uma espécie em perigo de extinção. O macaco Cuxiú Preto tem um porte relativamente pequeno, seu corpo e sua cabeça juntos chegam a medir até o máximo de 60 centímetros e sua cauda chega a atingir o tamanho máximo de 50 centímetros. Seu peso máximo é de cerca de 3 quilos. Eles habitam as zonas de florestas tropicais densas, seus hábitos são diurnos e naturalmente os cuxiús pretos necessitam de grandes espaços para viver e seu alimento preferido são os frutos ainda verdes e as sementes. É um animal bastante veloz e muito arisco, salta rapidamente de uma árvore para outra e foge ao menor sinal de aproximação, o que torna bastante difícil avistá-lo. No entanto os pesquisadores já comprovaram que estes animais vivem em grandes grupos de até 40 macacos, com número de fêmeas e machos bastante equilibrado. Como seu nome mesmo indica, o pelo do macaco é quase todo preto, seu rabo é comprido em relação ao corpo e bastante peludo, parecendo com um espanador.

Fonte da Descrição: CONTIERO, Patrícia. Cuxiú Preto, O Animal. Portal Cultura Mix. Publicado em: 05 abr. 2010. Disponível em:

<<http://animais.culturamix.com/informacoes/primatas/cuxiu-preto>>. Acesso em: 13 out. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come frutas, come plantas, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, herbívoro, anda com quatro pés, sobe em árvores, tamanho pequeno, cor predominante: preta, veloz.

i- Língua: Arara

Equivalência: magora pyk

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: siksik

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: kaitiğwağ

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

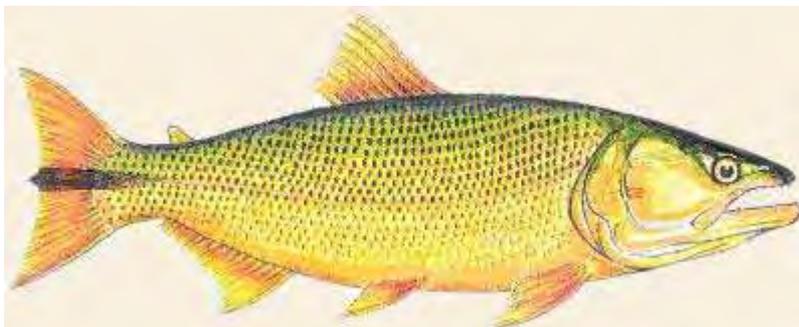
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

4.12 dourado



Termo: Dourado

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Salminus brasiliensis*

Fonte do Nome Científico: TRÊS MARIAS, Prefeitura Municipal de. Artigo: Dourado.

Portal Prefeitura Municipal de Três Marias. Disponível em:

<http://www.tresmarias.mg.gov.br/portal.asp?cod_portal=1&cod_pagina=2&cod_artigo=547

>. Acesso em: 05.12.2011.

Fonte da Imagem: TRÊS MARIAS, Prefeitura Municipal de. Artigo: Dourado. Portal

Prefeitura Municipal de Três Marias. Disponível em:

<http://www.tresmarias.mg.gov.br/portal.asp?cod_portal=1&cod_pagina=2&cod_artigo=547

>. Acesso em: 05.12.2011.

Observações: Peixe de água doce.

Descrição: Espécies piscívoras, predadores vorazes, alimentam-se de pequenos peixes nas corredeiras e na boca das lagoas, principalmente durante a vazante quando os outros peixes migram para o canal principal. Nadam em cardumes nas correntezas dos rios e afluentes e realizam longas migrações reprodutivas. Têm grande importância comercial e esportiva.

Fonte da Descrição: TRÊS MARIAS, Prefeitura Municipal de. Artigo: Dourado. Portal Prefeitura Municipal de Três Marias. Disponível em:

<http://www.tresmarias.mg.gov.br/portal.asp?cod_portal=1&cod_pagina=2&cod_artigo=547

>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat aquático, come peixes, tem escamas, tem nadadeiras, temperatura variável, peixe, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, cor predominante: amarela, agressivo, tamanho grande.

i- Língua: Arara

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: axiwanaga

Outras Designações: ipeenetecaga

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

Língua: Zoró

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

4.13 enguia



Termo: Enguia

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Synbranchus marmoratus*

Fonte da Imagem: PORTAL OS SERES VIVOS: Reino animal: enguias. Publicado em: 08 jun. 2009. Disponível em: <<http://osseresvivos.blog.terra.com.br/2009/06/08/enguias/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Descrição: A enguia é um peixe que vive sobretudo no fundo dos rios e barragens, colonizando uma grande variedade de habitats. É mais ativa durante a noite e esconde-se em buracos durante o dia. A abundância desta espécie está relacionada positivamente com a proximidade da foz do rio e com a quantidade de chuva anual. Suas principais características são: corpo serpentiforme podendo atingir grandes dimensões, boca proeminente, com barbatanas pares, barbatanas ímpares unidas formando uma barbatana única; corpo coberto de muco; coloração variável, o dorso pode ser negro, verde ou amarelo enquanto a zona ventral é esbranquiçada ou amarelada. Alimenta-se de resíduos de carne, peixes mortos ou vivos, ovos, crustáceos, moluscos, batráquios (sapos, rãs, pererecas), larvas e vermes.

Fonte da Descrição: PORTAL OS SERES VIVOS: Reino animal: enguias. Publicado em: 08 jun. 2009. Disponível em: <<http://osseresvivos.blog.terra.com.br/2009/06/08/enguias/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat aquático, come peixes, come moluscos, come plantas e animais em decomposição, tem rabo, temperatura variável, peixe, carnívoro, anda sem pés, bota ovo, forma de serpente.

i- Língua: Arara**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.**ii- Língua:** Kadiwéu**Equivalência:** nigotegegi**Classe Gramatical:** Substantivo**Fonte:** (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.**iii- Língua:** Karitiana**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.**iv- Língua:** Parintintín**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.**v- Língua:** Xavante**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.**vi- Língua:** Zoró**Equivalência:** ø**Fonte:** (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.10 esquilo



Termo: Esquilo

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Sciurus aestuans*

Outras Designações: No Brasil também é conhecido por serelepe, caxinguelê, caxinxe, catiaipé, quatimirim, quatipuru ou acutipuru.

Fonte do Nome Científico: MATTOS. J. Flickr do Yahoo, 2009. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/jarbas mattos/3518834375/> Acesso em 13 nov. 2011.

Fonte da Imagem: MATTOS. J. Flickr do Yahoo, 2009. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/jarbas mattos/3518834375/> Acesso em 13 nov. 2011.

Descrição: Os esquilos estão espalhados por quase todo o mundo, a maioria nas zonas de climas temperado ou tropical, mas também em algumas zonas de clima frio. Como todos os roedores, ele possui presas fortíssimas, com que roem sementes com facilidade, principalmente bolotas. O esquilo é um animal arborícola, vive nas copas das árvores, de onde saltam de um ramo para outro, seus saltos chegam a atingir até 5 metros de comprimento, sem temer a queda. As sementes são as principais fontes de alimentação, mas também consomem insetos e frutas.

Quando coletam alimento, enterram algumas sementes que encontram, sendo que algumas chegam a germinar, como pinhões e coquinhos, acabando por plantar árvores como araucária e jerivá. Constroem ninhos com folhas e galhos, para abrigarem as suas crias da chuva e do vento, em ramos muito altos, em árvores como a cajarana. Durante a gestação, os pais preparam o ninho para receber os filhotes, que variam de 3 a 10 por ninhada. Quando adulto, seu corpo chega a medir 25 cm e o rabo 30 cm ou mais.

Fonte da Descrição: PINGO. Pingo o veloz: Os esquilos, 2009. Disponível em:

<http://pingoovelo.blogspot.com/2009/04/os-esquilos.html>. Acesso em 13 abr. 2012.

Semema: come insetos, come frutas, come plantas, habitat terrestre, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, roedor, sobe em árvore, tamanho pequeno.

i- Língua: Arara

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: omãky ʔn

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: bajkit

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.11 gambá



Termo: Gambá

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Didelphis marsupialis*

Outras Designações: Possuem vários nomes de acordo com a região do Brasil, podendo ser chamado de micurê (Mato Grosso), mucura (Amazônia), saruê (Bahia) e timbú (Ceará e Pernambuco).

Fonte do Nome Científico: SUA PESQUISA.COM. Mundo Animal: Gambá. 2010 Disponível em <http://www.suapesquisa.com/mundoanimal/gamba.htm>. Acesso em 13 nov. 2011.

Fonte da Imagem: SUA PESQUISA.COM. Mundo Animal: Gambá. 2010 Disponível em <http://www.suapesquisa.com/mundoanimal/gamba.htm>. Acesso em 13 nov. 2011.

Descrição: O gambá é um marsupial de hábitos noturnos, ou seja, começa a caçar e coletar alimentos durante o período da noite. A alimentação dos gambás consiste em ovos, frutos, vermes, insetos, lagartos, anfíbios e até mesmo filhotes de pássaros. Possuem hábitos solitários, porém, na época do acasalamento, formam casais para reproduzir. Nesse período, o casal constrói um ninho de galhos e folhas secas. Produzem, na região das axilas, um líquido de cheiro forte e desagradável que serve para espantar outros animais. Este mesmo odor é produzido pela fêmea na época da reprodução, para atrair o macho. Os filhotes de gambá nascem na forma de embrião e pesam duas gramas, aproximadamente.

O desenvolvimento ocorre na bolsa materna da mãe. A média de vida de um gambá é de 4 a 5 anos. O habitat natural dos gambás é a floresta, porém consegue adaptar-se bem em regiões com presença humana.

Fonte da Descrição: SUA PESQUISA.COM. Mundo Animal: Gambá. 2010 Disponível em <http://www.suapesquisa.com/mundoanimal/gamba.htm>. Acesso em 13 nov. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, come frutas, come insetos, tem pelos, temperatura constante, mamífero, marsupial, onívoro, anda com quatro pés, hábitos solitários, cheiro forte, movimentos lentos.

i- Língua: Arara

Equivalência: moxaj

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: alawaanigi

Forma Plural: alawaanaga

Classe Gramatical: Substantivo masculino

Gênero: Feminino

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: paxuap

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.12 gato



Termo: gato

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Felis catus*

Fonte do Nome Científico: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Gato. Disponível em http://www.saudeanimal.com.br/gato_abissinio.htm > Acesso em: 13 nov. 2011.

Fonte da Imagem: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Gato. Disponível em http://www.saudeanimal.com.br/gato_abissinio.htm > Acesso em: 13 nov. 2011.

Descrição: O gato, por ser um felino, faz parte dos carnívoros. Apesar de comer ração em casa, sua principal alimentação é a carne. Ocupando o topo da cadeia alimentar, é um predador natural de diversos animais, como roedores, pássaros, lagartixas e alguns insetos. Existem cerca de 250 raças de gato-doméstico, cujo peso variável classifica a espécie como animal doméstico de pequeno a médio porte.

Os felinos fazem parte da grande família de mamíferos carnívoros, que vai desde o gato doméstico até o leão, o rei da selva. Todos apresentam garras longas e encurvadas e alguns deles possuem unhas retrateis, ou seja, quando o animal as encolhe, elas são envolvidas pelas dobras da pele. As patas da frente têm 5 dedos e as de trás 4. Todos são privilegiados de um ótimo olfato, audição aguda e a capacidade de enxergar muito bem durante a noite. Possuem mais de 500 músculos e mantém o controle sobre todos. Sua espinha é bastante flexível, o que lhes permite subir em árvores com facilidade.

Fonte da Descrição: FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz - Ministério da Saúde. Biossegurança para crianças: Animais: Felinos, 2005. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/felinos.htm>>. Acesso em 13 abr. 2012.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come peixes, tem pelos, tem garras, tem rabo, temperatura constante, mamífero, carnívoro, anda com quatro pés, felino, doméstico, olfato potente, personalidade independente.

i- Língua: Arara

Equivalência: xãn

Outras Designações: ġat

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: bigixeene

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: omãky ʔn

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: mbarakaja'i

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: nekukyp

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.12.1 gato do mato



VER Jaguatirica, Maracajá

3.14.7 macaco guariba



Termo: guariba

VER: macaco bugio

5.7 jacaré



Termo: jacaré

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: Não encontrado.

Observações: O jacaré está na lista dos animais em extinção, visto que muitas pessoas apreciam o sabor de sua carne e seu couro é utilizado para fabricação de bolsas, carteiras e outros produtos industrializados; é um animal sagrado para os Zoró e Arara.

Fonte da Imagem: PACIEVITCH, Thais. Jacaré. Portal Info Escola, Répteis, Jacaré. Publicado em: 24.abr.2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/repteis/jacare/>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Descrição: O jacaré é um réptil carnívoro da família Alligatoridae pertencente à ordem Crocodylia. Trata-se de um habilidoso nadador que consegue também ser muito rápido em terra firme quando isto se faz necessário. No continente americano há diversas espécies, no Brasil existem três tipos espalhados em diversas regiões, são eles: jacaré-negro ou jacaré-do-pantanal, jacaré-açú ou jacaré-gigante, jacaré-do-papo-amarelo ou ururau, jacaré-coroa ou paguá e jacaré-coroa ou caimão-de-cara-lisa. Seus hábitos consistem em se agrupar durante o dia a fim de tomarem sol e durante a noite sair para caçar. A caçada é feita geralmente dentro da água. Sua dieta é variada, alimentam-se de peixes, moluscos, aves e de mamíferos pequenos encontrados nas margens dos rios.

Fonte da Descrição: PACIEVITCH, Thais. Jacaré. Portal Info Escola, Répteis, Jacaré. Publicado em: 24.abr.2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/repteis/jacare/>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come peixes, come moluscos, tem rabo, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda com quatro pés, bota ovo, tamanho grande.

i- Língua: Arara

Equivalência: wajo

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. *Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.*

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ninyogoxegi

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. *Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: osy

Outras Designações: saara

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em *Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.*

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: jakare

Outras Designações: jakareti'ngi

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. *Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.*

v- Língua: Xavante

Equivalência: aihâ're

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. *Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.*

vi- Língua: Zoró

Equivalência: wawu

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró.

Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.7.1 jacaré branco



Termo: Jacaré branco

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Caiman c. crocodilus*

Outras Designações: jacaré comum, jacaré de óculos, tinga, “baba”, “babilla”, “babiche”, “bachirrê”, jacaré branco, jacaré do Brasil, “cascarudo”, jacaretinga, lagarto, “lagarto Blanco”, “yacaré Blanco”.

Fonte do Nome Científico: ICMBIO/RAN. *Caiman crocodilus crocodilus* - Jacaretinga. Portal ICMBIO/RAN. Disponível em:

<http://www4.icmbio.gov.br/ran/index.php?id_menu=127&id_arq=13>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Fonte da Imagem: ICMBIO/RAN. *Caiman crocodilus crocodilus* - Jacaretinga. Portal ICMBIO/RAN. Disponível em:

<http://www4.icmbio.gov.br/ran/index.php?id_menu=127&id_arq=13>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Descrição: O status do Caiman c. crocodilus ainda não é bem conhecido pela ampla distribuição da espécie na América do Sul, sendo uma das espécies menos estudadas no Brasil. É o mais comum dentre todos os crocodilianos brasileiros, apesar de algumas populações estarem localmente reduzidas. Quando jovens alimentam-se de uma ampla variedade de invertebrados aquáticos (insetos, crustáceos e moluscos). Quando crescem, vários vertebrados assumem uma grande porcentagem de sua dieta (peixes, anfíbios, répteis, aves aquáticas e pequenos mamíferos). Ele é conhecido por controlar a população de piranhas.

Fonte da Descrição: ICMBIO/RAN. Caiman crocodilus crocodilus - Jacaretinga. Portal ICMBIO/RAN. Disponível em:

<http://www4.icmbio.gov.br/ran/index.php?id_menu=127&id_arq=13>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, come peixes, come moluscos, tem escamas, tem rabo, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda com quatro pés, bota ovo.

i- Língua: Arara

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: jakareti'ngi (jacaré pequeno e branco)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário

Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi-Língua: Zoró

Equivalência: wawukit

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 200

3.15 jaguatirica



Termo: jaguatirica

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Outras Designações: gato do mato, maracajá

Nome Científico: *Leopardus pardalis*

Fonte do Nome Científico: DE CICCIO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Gato do mato, 1997. Disponível em <http://www.saudeanimal.com.br/extinto8.htm> > Acesso em: 13 nov. 2011.

Fonte da Imagem: DE CICCIO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Gato do mato, 1997. Disponível em <http://www.saudeanimal.com.br/extinto8.htm> > Acesso em: 13 nov. 2011.

Descrição: Os gatos do mato têm hábitos noturnos e geralmente vivem nas matas. Caçam no chão, onde são muito ágeis, ou nas árvores, e se alimentam de pequenos mamíferos, aves, répteis e anfíbios. Durante a noite chegam a invadir galinheiros onde causam grandes estragos. São inofensivos ao homem, mas defendem-se ferozmente quando atacados. Geralmente a fêmea dá a luz em algum oco de árvore ou em uma moita de arbustos bastante densa, onde possa esconder os filhotes. Devido a sua pele muito bonita, os gatos do mato são bastante perseguidos, estando ameaçados de extinção. Das três espécies, apenas o gato maracajá chega a atingir o sul dos Estados Unidos; as outras duas são comuns nas florestas das Américas Central e do Sul.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Portal Saúde Animal: Gato do mato, 1997. Disponível em <http://www.saudeanimal.com.br/extinto8.htm> > Acesso em: 13 nov. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, tem pelos, tem garras, temperatura constante, mamífero, carnívoro, felino, anda com quatro pés, pelagem pintada, tamanho pequeno.

i- Língua: Arara

Equivalência: ameko tãrãp

Outras Designações: ġat tãrãp

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: bigixeeniwaga

Forma Plural: bigixeeniwadi

Classe Gramatical: Substantivo masculino

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: nekukyp

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

5.4.11 jararaca



Termo: jararaca

Classe Gramatical: Substantivo

Nome Científico: *Bothrops jararaca*

Fonte do Nome Científico: BORDIGNON, Antonio. Jararaca. Portal Saúde Animal, Répteis, Jararaca. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/artig84c.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Fonte da Imagem: BORDIGNON, Antonio. Jararaca. Portal Saúde Animal, Répteis, Jararaca. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/artig84c.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Observações: Cobra venenosa.

Descrição: A jararaca é muito perigosa, mas geralmente foge assim que avistada. Mede, em média, cerca de 1,20m. A Jararaca possui desenhos que lhe proporcionam uma excelente camuflagem, sendo difícil a visualização do animal, mesmo para olhos experientes. Quando adulta alimenta-se principalmente de pequenos roedores.

Fonte da Descrição: BORDIGNON, Antonio. Jararaca. Portal Saúde Animal, Répteis, Jararaca. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/artig84c.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem veneno, temperatura variável, réptil, carnívoro, anda sem pés, tamanho médio, venenoso.

- i- **Língua:** Arara
Equivalência: mājgãra namêm
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.
- ii- **Língua:** Kadiwéu
Equivalência: gobeleenogodi
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iii- **Língua:** Karitiana
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.
- iv- **Língua:** Parintintín
Equivalência: gwyraypia'gwaruhu
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- **Língua:** Xavante
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: digipinim

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.14 lobo



Termo: Lobo

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Canis lupus*

Fonte do Nome Científico: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Fauna Brasileira: Lobo. Portal Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/lobo.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Fonte da Imagem: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Fauna Brasileira: Lobo. Portal Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/lobo.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Descrição: O lobo é um animal selvagem, mamífero, aparentado com o chacal e o cachorro doméstico. É carnívoro e pode medir até 1,60 m de comprimento, incluindo a cauda, e geralmente tem 85 cm de altura. Pesa em média 50 ou 60 kg. Tem dentes muito poderosos e cauda peluda. Diferencia-se do cachorro doméstico por determinadas características dos ossos do crânio. O lobo é um animal muito esperto, prova disso é a organização perfeita da alcatéia (bando de lobos). Os lobos sabem fugir das armadilhas e são astuciosos ao caminhar pela neve. Cada animal põe suas patas exatamente sobre as pegadas do que vai à frente.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Fauna Brasileira: Lobo. Portal Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/lobo.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, carnívoro, uiva, anda com quatro pés, cor predominante: cinza, canino.

i- Língua: Arara

Equivalência: ∅

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: diwilecogoni

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ∅

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ∅

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ∅

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

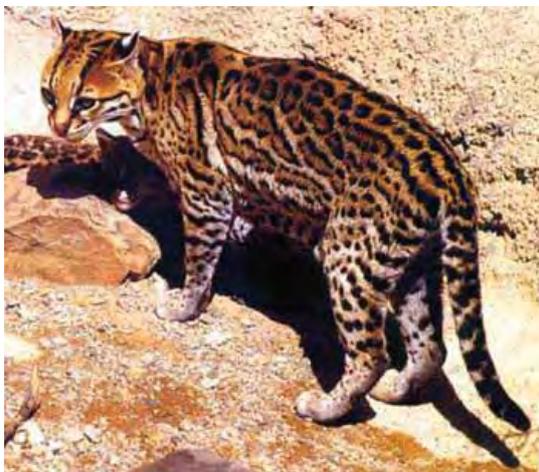
vi- Língua: Zoró

Equivalência: bera

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.15.15 maracajá



Termo: Maracajá

VER: Jaguatirica

3.16 morcego



Termo: Morcego

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Nyctalus noctula*

Fonte do Nome Científico: CICCÓ, Lúcia Helena Salvetti de. Morcego-insentívoro. Portal Saúde Animal. Mamíferos; Morcego-insetívoro. Disponível em:

<http://www.saudeanimal.com.br/morcego_insentivoro.htm>. Acesso em: 27 nov.2011.

Fonte da Imagem: CICCÓ, Lúcia Helena Salvetti de. Morcego-insentívoro. Portal Saúde Animal. Mamíferos; Morcego-insetívoro. Disponível em:

<http://www.saudeanimal.com.br/morcego_insentivoro.htm>. Acesso em: 27 nov.2011.

Descrição: Os morcegos são mamíferos da ordem dos Quirópteros. Geralmente, alimentam-se de insetos. Entretanto, há os frugívoros, que são morcegos tropicais que dependem mormente de frutas silvestres, embora se saiba que provocam grandes danos aos pomares. O morcego-insetívoro comum está espalhado pela Europa, África do Norte e por grande parte da Ásia. É um morcego de porte médio, pelagem ruiva e abundante, que desce até os olhos e cobre a maxila inferior. As orelhas são redondas e as asas estreitas e pontudas, que permitem ao animal um vôo rápido. Esse animal voa alto, acima do topo das árvores.

Fonte da Descrição: CICCO, Lúcia Helena Salvetti de. Morcego-insetívoro. Portal Saúde Animal. Mamíferos; Morcego-insetívoro. Disponível em:

<http://www.saudeanimal.com.br/morcego_insetivoro.htm>. Acesso em: 27 nov. 2011.

Semema: hábitos noturnos, come frutas, come néctar, come insetos, tem pelos, tem garras, temperatura constante, mamífero, tem asas, cego.

i- Língua: Arara

Equivalência: ijo

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: asori

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: andyra (morcego pequeno e preto)

Outras Designações: andyra'i (morcego grande e preto), andyrapepotiğuhũ (morcego branco - vampirum spectrum) andyrapepouhu (morcego grande e preto) pa'akovoguhupyiara'ğa (morcego que mora na bananeira), pinhuha'mbi (morcego que mora perto do rio, em árvores secas).

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v - **Língua:** Xavante

Equivalência: arobore

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi - **Língua:** Zoró

Equivalência: atataja

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.17 onça



Termo: onça

Classe Gramatical: Substantivo

Nome Científico: *Panthera onça*

Fonte do Nome Científico: CICCO, Lúcia Helena Salvetti de. Onça pintada. Portal Saúde Animal. Fauna Brasileira; Onça Pintada. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/extinto16.htm>>. Acesso em: 27 nov.2011.

Fonte da Imagem: CICCO, Lúcia Helena Salvetti de. Onça pintada. Portal Saúde Animal. Fauna Brasileira; Onça Pintada. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/extinto16.htm>>. Acesso em: 27 nov.2011.

Descrição: A onça pintada é maior mamífero carnívoro do Brasil. Possui hábitos noturnos e é solitária. Excelente caçadora e nadadora, costuma abater capivaras, veados, catetos, pacas e até peixes. Pode também caçar macacos e aves. Os índios brasileiros guardam a gordura da onça abatida e a comem com a ponta de uma flecha. Eles acreditam que ela lhes dá uma grande coragem, como se fosse a porção de um feiticeiro. Essa gordura também é esfregada no corpo dos meninos, para torná-los fortes e protegê-los contra o mal. Ainda encontra-se a beira da extinção em nosso país.

Fonte da Descrição: CICCO, Lúcia Helena Salvetti de. *Onça pintada*. Portal Saúde Animal. Fauna Brasileira; Onça Pintada. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/extinto16.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, tem pelos, tem garras, tem rabo, temperatura constante, mamífero, carnívoro, anda com quatro pés, felino, pelagem pintada.

i- Língua: Arara

Equivalência: ameko

Outras Designações: ameko op (onça vermelha), ameko pyk (onça preta), ameko tĩg(onça pintada)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. *Vocabulários das Línguas Arara*. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: nigedioogo

Forma Plural: nigediko

Classe Gramatical: Substantivo Masculino

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. *Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu*, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: omaky

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em *Dicionário e Léxico Karitiana / Português*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: ja'gwar

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. *Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: hu

Outras Designações: hu'u, hê (onça d' água)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. *Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: neku

Outras Designações: nekuting (onça pintada), nekupep (onça preta), nekup (onça parda)

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, *Vocabulários das Línguas Zoró*. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.17.1 onça parda



Termo: Onça parda

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Feminino

Nome Científico: *Puma concolor*

Fonte do Nome Científico: CHINEM, Simonne. Onça Parda. Portal Zoológico; Animais: Mamíferos. Onça Parda. Disponível em:

<<http://www.zoologico.sp.gov.br/mamiferos/oncaparda.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

Fonte da Imagem: CHINEM, Simonne. Onça Parda. Portal Zoológico; Animais: Mamíferos. Onça Parda. Disponível em:

<<http://www.zoologico.sp.gov.br/mamiferos/oncaparda.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

Descrição: Possui corpo alongado, a cabeça pequena, pescoço e cauda longa, membros inferiores e posteriores muito fortes, orelhas pequenas, curtas e arredondadas, possui muita agilidade podendo pular cerca de 5,5 m. Alimenta-se em natureza de vários animais, como roedores, veados, aves e lagartos.

Fonte da Descrição: CHINEM, Simonne. Onça Parda. Portal Zoológico; Animais: Mamíferos. Onça Parda. Disponível em:

<<http://www.zoologico.sp.gov.br/mamiferos/oncaparda.htm>>. Acesso em: 02.dez.2011.

Semema: hábitos noturnos, habitat terrestre, tem pelos, tem garras, tem rabo, temperatura constante, mamífero, carnívoro, anda com quatro pés, felino.

i- Língua: Arara

Equivalência: ameko op

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ijenigo

Forma Plural: ijexodi

Classe Gramatical: Substantivo Masculino

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu-Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: asori

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

- iv- **Língua:** Parintintín
Equivalência: yuhuaran
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- v- **Língua:** Xavante
Equivalência: ø
Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- vi- **Língua:** Zoró
Equivalência: nekup
Classe Gramatical: Substantivo
Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.15.12 sagui



Termo: Sagui

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Callithrix jacchus*

Fonte do Nome Científico: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Fauna Brasileira: Sagui-de-tufo-branco. Portal Saúde Animal. Disponível em:

<<http://www.saudeanimal.com.br/sagui.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Fonte da Imagem: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Fauna Brasileira: Sagui-de-tufo-branco. Portal Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/sagui.htm>>. Acesso em: 14 nov.2011.

Descrição: Os saguis são os menores macacos que existem. Animais tipicamente florestais, lembram os esquilos pelo seu comportamento e na forma do corpo. Raramente adotam a postura bípede. Apoiam-se sempre nas quatro patas, ou deitam-se nos galhos, com a cauda pendente. Os saguis vivem em grupos pequenos e também podem ser vistos sozinhos ou em pares. Às vezes formam bandos que, nas regiões pouco frequentadas pelo homem, podem reunir trinta ou quarenta saguis. Já foram observados bandos mistos, formados por animais de duas ou três espécies distintas.

Dormem umas doze a quatorze horas por dia. Gostam de brincar de briga e de esconde-esconde. Sua alimentação deve ser variada e constar de frutos, sementes de girassol, legumes, ovos e tenébrios, indispensáveis como fonte de proteínas. Em liberdade caçam insetos, dos quais são grandes apreciadores.

Fonte da Descrição: DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Fauna Brasileira: Sagui-de-tufo-branco. Portal Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/sagui.htm>>. Acesso em: 14 nov.2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come frutas, come insetos, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, herbívoro, sobe em árvores, tamanho pequeno, vive em grupo.

i- Língua: Arara

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: \emptyset

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: irisa

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- **Língua:** Parintintín

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- **Língua:** Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

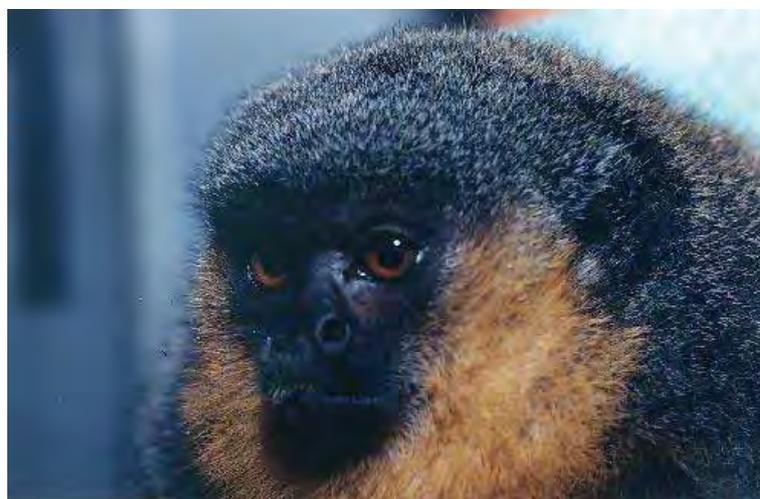
vi- **Língua:** Zoró

Equivalência: xikiripã

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

3.15.14 macaco zogue-zogue



Termo: Zogue-zogue

Classe Gramatical: Substantivo

Gênero: Masculino

Nome Científico: *Callicebus moloch*

Fonte do Nome Científico: Portal Centro Nacional de Primatas. Disponível em: <http://www.cenp.org.br/guia_ver.php?idConteudo=7>. Acesso em 14 nov. 2011.

Fonte da Imagem: Portal Centro Nacional de Primatas. Disponível em: <http://www.cenp.org.br/guia_ver.php?idConteudo=7>. Acesso em 14 nov. 2011.

Descrição: Animais de médio porte e constituição física primitiva. Sua alimentação é baseada em folhas novas, frutos, sementes macias, insetos e bambus. São encontrados no Pará e Amazonas. Entre o baixo e médios Rios Araguaia e Tapajós, inclusive bacia do Rio Xingu. O nome científico quer dizer "macaco lindo", já o nome popular tenta reproduzir o som que ele produz. Eles possuem o osso hióide evoluído, que funciona como uma caixa de ressonância e amplificação de som. O som é utilizado para determinação do território.

Fonte da Descrição: Portal Centro Nacional de Primatas. Disponível em: <http://www.cenp.org.br/guia_ver.php?idConteudo=7>. Acesso em 14 nov.2011.

Semema: hábitos diurnos, habitat terrestre, come frutas, come insetos, come plantas, tem pelos, tem rabo, temperatura constante, mamífero, herbívoro, anda com quatro pés, sobe em árvores, tamanho médio.

i- Língua: Arara

Equivalência: motogo

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT et. Al. Vocabulários das Línguas Arara. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

ii- Língua: Kadiwéu

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - GRIFFITHS. Dicionário da Língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iii- Língua: Karitiana

Equivalência: ery

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - LANDIN, em Dicionário e Léxico Karitiana / Português. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2002.

iv- Língua: Parintintín

Equivalência: jaju'i

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - BETTS, L. Dicionário Parintintín/Português-Português/Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

v- Língua: Xavante

Equivalência: ø

Fonte: (termo) - HALL, J; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. Pequeno Dicionário

Xavante- português- Português-xavante. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

vi- Língua: Zoró

Equivalência: manda

Classe Gramatical: Substantivo

Fonte: (termo) - MONSERRAT; TAVARES, Vocabulários das Línguas Zoró. Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO (Coord.), 2006.

Capítulo 5

ANÁLISE DOS DADOS

O dicionário *Kuhi pei*, o qual foi implementado na Plataforma eletrônica de mesmo nome, terá sua estrutura e funcionamento apresentados na sequência. Destaca-se que para a utilização da plataforma na organização de uma nova obra apenas são necessários ajustes nas etiquetas ou nomes dos campos que aparecem para o usuário final na *interface*, ao passo que a estrutura permanecerá a mesma.

O *layout* em abas da *Plataforma Kuhu pei* proporciona ao usuário uma visualização global dos recursos oferecidos. A seguir, discorreremos sobre o *layout* e a composição do modelo.

5.1 Layout do modelo

O *layout* da Plataforma *Kuhi pei*, mostrado na Figura 13, é composto das abas *Inserção*, *Busca*, *Dicionários*, *Línguas indígenas*, *Fontes e Notas*, todas visíveis ao consulente logo na página inicial do modelo, o que implica acesso fácil e rápido:

As abas foram projetadas para evitar demasiados cliques e telas (páginas *web*) para obter-se uma informação. Em cada aba foram agrupados os elementos que nos pareceram mais semelhantes.

As cores e *layout* do modelo são frutos de nosso conhecimento prévio em processamento de imagens digitais (GAVA, 2002; GAVA, 2007)¹⁶.

O emprego das cores foi idealizado para imprimir leveza, tranquilidade e confiabilidade ao *layout*. A presença do cinza, que se remete ao prata, subjaz elegância e a neutralidade necessária para a sobreposição dos tons de amarelo, empregados em

¹⁶ Mestrado em Engenharia Elétrica, em processamento de imagens digitais pela Universidade de São Paulo – São Carlos.

GAVA, 2007 – Palestras ministradas sobre o tema “A teoria das cores”, “Cores no marketing” pela Universidade UNIARA, no curso de Design Gráfico– Araraquara, 2007.

sobreposição. O amarelo agrega ao modelo a intenção de luz e brilho. E o consideramos como uma cor vibrante, viva, feliz, que atrai a atenção por si só e, unido à discricção do cinza, encerra o sentido que desejamos transmitir ao usuário.

A cor amarela (a cor da luz do sol) está disposta em dois tons, de modo que a claridade e leveza do primeiro, mais constante no modelo, age como objeto de interposição entre a cor de fundo (cinza) e as cores das fontes (preto). Já o segundo, destaca a aba ativa em um tom mais forte, reforçando sobremaneira os atributos expressos pela cor.

Kuhi Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção **Busca** Dicionários Línguas Indígenas Fontes Notas

Início

Bem vindo ao Dicionário Indígena da fauna brasileira **Kuhi pei!**

Selecione as línguas de retorno:

Todas - Arara Kadiwéu Karitiana Parintintin Xavante Zoró

Coloque aqui o termo que você deseja consultar (utilize o nome em português ou em uma das línguas indígenas catalogadas):

Busque pelas características

Opcionalmente, selecione as características do animal buscado:

Classe

Anfíbio Ave Mamífero Peixe Réptil

Hábitos

Diurnos Noturnos

Habitat

Terrestre Aquático

Alimentação

Carnívoro Herbívoro Onívoro

Come Frutas (Frugívoro) Come Peixes (Piscívoro)

Come Néctar (Nectarívoro) Come Insetos (Insetívoro)

Come Moluscos (Malacófago) Come Plantas (Fitófago)

Come plantas ou animais mortos (Necrófago)

Figura 13 -Layout do modelo

Dando prosseguimento, analisaremos os componentes de cada uma das abas do modelo.

5.2 Componente de Inserção

Para o componente de inserção de novos termos, confeccionamos a aba de *inserção de termos*, ilustrada na Figura 14.

Kuhi Pei - Dicionário Indígena

Inserção | Busca | Dicionários | Línguas Indígenas | Fontes | Notas

Inserção de Novos Termos

Preencha os campos abaixo para inserir novos termos. Os dados requisitados referem-se apenas à língua de entrada.

Língua*
 Termo*
 Equivalência (palavra em português)*: [Remover Campo](#) | [Adicionar Equivalência](#)
 Fonte
 Classe Gramatical*
 Gênero

Figura 14 - Aba de Inserção

O componente de inserção é composto de duas páginas *web*, as quais denominaremos: passo um - inserção do termo; e passo dois - inserção de características onomasiológicas do termo.

No passo um, seleciona-se a língua indígena do termo, insere-se o termo na língua indígena e a sua equivalência em língua portuguesa. Se a equivalência em português não for reconhecida pelo sistema de banco de dados, o sistema solicita que ela seja cadastrada. Nesse cadastro são solicitadas as características do termo (LP): classe gramática, gênero, nome científico, fonte do nome científico, descrição, fonte da descrição.

Se reconhecida a existência das características do termo na língua portuguesa, ele direciona a inserção apenas na língua indígena.

As características solicitadas referente ao termo indígena são: a fonte principal do termo, classe gramatical, gênero, fonética, derivação, observação.

Nota-se que informações relativas ao nome científico, referência à fonte do nome científico, descrição, fonte da descrição são solicitadas apenas no momento da inserção do

equivalente em língua portuguesa, para que o usuário não precise repetir a informação para todas as línguas.

A inserção das imagens e a referência à fonte da imagem, também ocorrem no momento da inserção da equivalência. Entendemos esse como um ponto alto no dicionário, uma vez que as figuras reforçam o conteúdo do termo.

Novos traços semânticos, ou traços não previstos poderão ser associados ao termo, utilizando a caixa de diálogo disposta ao final da página. Os novos semas devem, necessariamente, estar separados por vírgula.

O passo dois corresponde ao cadastro das características onomasiológicas, no qual uma tela semelhante à tela de busca do sítio é aberta para que o usuário escolha os semas pertinentes ao termo. Essa tela é expressa no momento da inserção de atributos para o termo em língua portuguesa. Isso é, seguindo o parâmetro de língua de entrada (Português), essa tela só será exibida na primeira inserção do termo em português. Para as inserções de novos termos equivalentes em outras línguas, o sistema considerará as características onomasiológicas da primeira inserção. A tela em questão é apresentada na Figura 15.

Outro fator de relevância na aba de inserção é a capacidade da Plataforma *Kuhi pei* de agregar novas línguas, que passarão a contemplar a relação de idiomas e referências já existentes. Do mesmo modo, por intermédio da Plataforma, novos semas poderão ser etiquetados ou semas atuais removidos.

Atributos onomasiológicos:

Classe

Anfíbio Ave

Mamífero Peixe

Réptil

Hábitos Diurnos Noturnos

Habitat Terrestre Aquático

Alimentação Carnívoro Herbívoro Onívoro

Come Frutas (Frugívoro) Come Peixes (Piscívoro)

Come Néctar (Nectarívoro) Come Insetos (Insetívoro)

Come Moluscos (Malacófago) Come Plantas (Fitófago)

Come plantas ou animais mortos (Necrófago)

Outras Características

Pele Pelos Penas Escamas - Cor predominante: --

Anda com dois pés (Bípede) Anda com quatro pés (Quadrúpede) Anda sem pés (Ápode)

Possui: Asas Bico Casco Garras Nadadeiras Rabo Veneno

Vivíparo Ovíparo Ovovivíparo

Animal de temperatura constante (Homeotérmico) Animal de temperatura variável (Pecilotérmico)

Mais: (palavras separadas por vírgulas. Ex.: palavra1, palavra2, palavra3)

Figura 15 - Inserção de atributos onomasiológicos

O último item da Figura 15 é a caixa de diálogo *Mais*, que possibilita a inserção de itens não previstos para a busca onomasiológica no dicionário indígena.

A inserção de novos termos permitirá ampliar a nomenclatura de nosso dicionário. Na programação dessa função de nossa plataforma procuramos simplificar a tarefa, pensando no usuário com pouco ou nenhum conhecimento de informática.

A aba seguinte é a aba *Busca*.

5.3 Componente Busca: semasiológica e onomasiológica

Para o desenvolvimento do componente de busca, criamos uma base de dados com os nomes dos termos e suas principais características utilizando o *Mysql* conforme já mencionado, que permite a criação de consultas de forma otimizada com retorno em tempo real.

Nosso dicionário multilíngue possibilita ao consulente efetuar dois tipos de buscas: semasiológica e onomasiológica. As buscas onomasiológicas podem ser feitas pelos traços

semânticos que estão dispostos em caixas de texto na página de busca, ou através da inserção de semas no campo *mais*.

Outra forma de busca poderá ser realizada através do nome do termo pesquisado ou de parte dele, por exemplo, se pedirmos um termo com a letra *a*, o sistema retornará todos os animais que contenham a letra *a* em qualquer posição do nome. Quanto mais completa a informação utilizada na busca, mais preciso será o resultado da busca semasiológica.

Buscas concomitantes com partes do nome e atributos onomasiológicos também são possíveis.

5.3.1. Função Semasiológica

A função semasiológica é apresentada no modelo através de uma caixa de texto logo na página inicial, onde o consulente poderá digitar o termo em português ou em qualquer uma das línguas cadastradas, obtendo uma resposta imediata à sua consulta. Em nossos testes, a função semasiológica comportou-se com estabilidade e retorno positivo à resposta esperada.

Como já relatado anteriormente, a consulta pode ser feita a partir de um termo ou parte dele, isto é, utilizando parte do nome ou uma letra o sistema varrerá todas as alternativas e as apresentará ao consulente.

O retorno à consulta, para qualquer uma das línguas indígenas, deverá ser feito por meio da equivalência em português, seguido do termo equivalente nas demais línguas, de acordo com a solicitação do consulente.

A seguir, exemplificamos a busca semasiológica. Na Figura 16: nossa consulta solicitou todos os animais, em todas as línguas, que em seu nome contivesse a letra “a”.

Kuhi Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção Busca Dicionário Línguas Indígenas Fontes Notas

Início

Bem vindo ao Dicionário Indígena da fauna brasileira **Kuhi pei**

Selecione as línguas de retorno:

Todas - Arara Kadiwéu Karitiana Parintintin Xavante Zoró

Coloque aqui o termo que você deseja consultar (utilize o nome em português ou em uma das línguas indígenas catalogadas):

▯

Busque pelas características

Opcionalmente, selecione as características do animal buscado:

Classe

Anfíbio Aze Mamífero Peixe Réptil

Hábitos

Diurnos Noturnos

Habitat

Terrestre Aquático

Alimentação

Carnívoro Herbívoro Onívoro

Come Frutas (Frugívoro) Come Peixes (Piscívoro)

Come Néctar (Nectarívoro) Come Insetos (Insetívoro)

Come Moluscos (Malacófago) Come Plantas (Fitófago)

Come plantas ou animais mortos (Necrófago)

Figura 16 - Busca Semasiológica

A resposta foi satisfatória, com 47 termos (Figura 17):

Resultados

Português	Arara	Kadiwéu	Karitiana	Parintintin	Xavante	Zoró
cachorro	wawara	necarigo	omáky my'en omáky my'en omákyok omákyok	nhaqwató egaruru'i	wasa	awéy
anta	na'te	hwaga	ina	teq'x	lháda	xasa
ariranha	maracaxák	wéwexé ewéwexé	-	y'xi	hé...ti	opukyp
bicho preguiça	aí	-	o'i	-	-	ala
cachorro do mato	axoqup	-	qy'xy	-	-	-
capivara	máto	ewagaxo ewagaxóli	xybej	tapvar	ubá	wasóbit
cavalo	mu	mátoq mitóotédi mátoq	irivity	-	awaru	nasápu
coati	xoge pap	-	-	awóutu ka'utu	-	-
gambá	moxaj	alawaangi alawaansaga	-	-	-	pasuq
cobia	wa'kúje	lansagge lansaggeji	-	akuti	-	waki
gato	xáti qat	bigixene	-	mbarakaja'i	-	nekukyp
gato do mato	ameko.táráp qat.táráp	bigixenwaga bigixenwadi	-	-	-	nekukyp
maracajá	ameko.táráp qat.táráp	bigixenwaga bigixenwadi	-	-	-	nekukyp
jaquatinca	ameko.táráp qat.táráp	bigixenwaga bigixenwadi	-	-	-	nekukyp
guariba	jay.jay.a	-	-	janbu	-	peku
sagui	-	-	risá	-	-	okupá

Figura 17 - Resultado a busca semasiológica

O resultado à consulta semasiológica é um termo ou uma relação de termos ordenados alfabeticamente. O diferencial de nosso dicionário é o caráter combinatório das funções de busca, como exemplificado mais à frente.

Prosseguimos com a apresentação da função onomasiológica.

5.3.2 Função Onomasiológica

Como já demonstrado, a função onomasiológica utilizada no dicionário, que segue o modelo de Babini (2001), é apresentada ao consulente por meio das características dos animais listadas em caixas de opções logo na página inicial.

As caixas de seleção, chamadas tecnicamente de *combobox*, permitem várias associações e cuidados com as associações impróprias.

Os casos de associações indevidas, que poderiam originar erros, foram tratados computacionalmente com os atributos concorrentes e utilizamos o modelo de *radio button*, que faz com que o consulente selecione apenas uma das características entendidas como adversárias.

A função onomasiológica poderá ser modificada de acordo com as necessidades do usuário-organizador (aquele que inserirá novos termos e editará novas condições de busca), pois o modelo proposto possibilita a inserção de novos grupos de caixas de seleção e o estabelecimento de novas características e novas condições para características concorrentes.

Frente a uma possível indagação sobre o porquê de optarmos por caixas de seleção ao invés das caixas de textos (onde o consulente poderia digitar manualmente as características desejadas), nossos testes mostraram que a utilização de caixa de seleção apresentava-se mais eficiente por várias razões, entre elas:

- a. Evitar erro de escrita: Atualmente existem vários *softwares* de tratamento automático de erros de digitação; todavia, eles não garantem integralmente a correção de todos os equívocos.
- b. O público central do dicionário são as crianças alfabetizadas e, mesmo durante a fase posterior à alfabetização, a incursão de erros de escrita ainda é comum.
- c. Outro fator pontuado é a preferência dos infantis por utilizar o clique, estilo adotado na caixa de seleção, ao invés da digitação do texto. Isso é explicável devido ao componente lúdico presente no clique e também na brincadeira de descobrir animais que se enquadre a cada novo arranjo do consulente. Nesse

ínterim, o usuário fica mais absorto no processo homem/máquina e nosso desejo é desenvolver um dicionário que verdadeiramente desperte o interesse infantil.

- d. Ulteriormente, por entendermos que nesse formato o dicionário atenderá inteiramente ao pretexto onomasiológico da obra que ora se desenvolve, é possível realizar buscas de maneira simples e rápida devido à exibição na tela de várias sugestões de semas, selecionáveis por meio de um clique.

Assim sendo, apresentamos em seguida algumas simulações de consultas onomasiológicas.

Na Figura 18, fazemos um consulta onomasiológica na qual solicitamos “todos os mamíferos”. Podemos observar que os campos solicitados (nas caixas) estão marcados:

The screenshot shows a web interface titled "Início" (Home) for a dictionary of indigenous fauna. The main heading is "Bem vindo ao Dicionário Indígena da fauna brasileira **Kuhi pei!**". Below this, there is a section for selecting return languages: "Selecione as línguas de retorno:" with radio buttons for "Todas" (checked), "Arara", "Kadiwéu", "Karitiana", "Parintintin", "Xavante", and "Zoró". A search input field is labeled "Coloque aqui o termo que você deseja consultar (utilize o nome em português ou em u...)" and has a "Buscar" button. Below the search section is a section titled "Busque pelas características" (Search by characteristics) with the instruction "Opcionalmente, selecione as características do animal buscado:". Underneath, there is a "Classe" (Class) section with radio buttons for "Anfíbio", "Ave", "Mamífero" (checked), "Peixe", and "Réptil".

Figura 18 - Busca onomasiológica

A resposta obtida foi positiva e pode ser vista na figura seguinte (Figura 19):

Resultados						
Português	Arara	Kadiwéu	Karitiana	Parintintin	Xavante	Zoró
cachorro	wawaw	necenigo	omáky my'an omáky my'en omákyok omákyok	nhaŋwabó inganun'j	wapei	awty
ariranha	maraxewák	awilava awilexel	-	y'oj	hã. t'i	xipukyp
bicho preguiça	ãj	-	g'i	-	-	ãña
cachorro do mato	xapigup	-	g'rvty	-	-	-
cavalo	nu	mitixolegi mitixotedi mitixole	riwity	-	awaru	wasapu
esquilo	-	-	omáky 'to	-	-	bajkt
coatá	xego pap	-	-	avjicuhu ka'uhu	-	-
gato	xãn gat	bigixeeine	-	mbarakaja'i	-	nekukyp
cuxiu preto	magora nyk	-	sikik	ka'it'waj	-	-
sagu	-	-	insa	-	-	xikinpã
zogue zogue	motogo	-	-	japú	-	mandã
lobo	-	diwilecogoni	-	-	-	berã
onça	ngedlogo ngediko ameko tig	ngedlogo ngediko-	-	-	hu	neku nekuting ja'qvar
onça-parda	ameko on	berino beroni	asqi	wubuaran	-	nekun

Figura 19 - todos os mamíferos

Na próxima consulta, solicitamos “todos os mamíferos” e “Herbívoros”. A Figura 20 exibe a consulta:

Selecione as línguas de retorno:
 Todas - Arara Kadiwéu Karitiana Parintintin Xavante Zoró

Coloque aqui o termo que você deseja consultar (utilize o nome em português ou em uma das línguas indígenas catalogadas):

Busque pelas características

Opcionalmente, selecione as características do animal buscado:

Classe
 Anfíbio Ave Mamífero Peixe Réptil

Hábitos
 Diurnos Noturnos

Habitat
 Terrestre Aquático

Alimentação
 Carnívoro Herbívoro Onívoro

Come Frutas (Frugívoro) Come Peixes (Piscívoro)
 Come Néctar (Nectarívoro) Come Insetos (Insetívoro)
 Come Moluscos (Malacófago) Come Plantas (Fitófago)
 Come plantas ou animais mortos (Necrófago)

Figura 20 -Busca onomasiológica: todos os mamíferos herbívoros

A resposta à consulta foi positiva; a tela de resultados é exibida a seguir, na Figura 21:

Kuhi Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção | **Busca** | Dicionários | Línguas Indígenas | Fontes | Notas

Resultados

Português	Arara	Kadiwéu	Karitiana	Parintintin	Xavante	Zoró
ariranha	marasswãk	swléxw swléxwé	-	Y'Yj	hã_111	xipékyp
bicho preguiça	a0	-	p0	-	-	alla
cavalo	mü	mitooegi mitooetadi mitoois	inwity	-	awacu	wasapu
esquilo	-	-	omiky_10	-	-	bakit
cuixiu preto	magoca_pyl	-	sãsk	kaiqwaq	-	-
ságu	-	-	tisa	-	-	xãmpã
zogue zogue	mofoqe	-	-	jãjã	-	manda

Figura 21 - Resultado da busca onomasiológica: mamíferos herbívoros

Para finalizarmos, consultamos: “mamíferos”, “Herbívoros”, que “comem frutas” para as línguas Arara, Karitiana, Parintintín. A consulta é exibida na Figura 22:

Selecione as línguas de retorno:

Todas - Arara Kadiwéu Karitiana Parintintin Xavante Zoró

Coloque aqui o termo que você deseja consultar (utilize o nome em português ou em uma das línguas indígenas catalogadas):

Busque pelas características

Opcionalmente, selecione as características do animal buscado:

Classe

Anfíbio Ave Mamífero Peixe Réptil

Hábitos

Diurnos Noturnos

Habitat

Terrestre Aquático

Alimentação

Carnívoro Herbívoro Onívoro

Come Frutas (Frugívoro) Come Peixes (Piscívoro)

Come Néctar (Nectarívoro) Come Insetos (Insetívoro)

Come Moluscos (Malacófago) Come Plantas (Fitófago)

Figura 22 - Busca Onomasiológica: mamíferos herbívoros, que comem frutas

A resposta foi assertiva e pode ser vista a seguir, na Figura 23:

Português	Arara	Karitiana	Parintintin
esquilo	-	omãky 'in	-
coelho	-	mÿno	-
cotia	wa' kãja	-	akuti
cuxiu preto	magora pyk	siksik	kaitiğwağ
guariba	jay, jay' a	-	jajuhu
bugio	jay, jay' a	-	jajuhu
sagui	-	irisa	-
zogue zogue	motogo	-	jaju'i
			andyra
			andyra'i
morcego	ijo	ery	andyrapepouhu
			pa'akovoguhupypia'ãa
			pinhuha'mbi

Figura 23 - Resultado Mamíferos Herbívoros, que comem frutas

As buscas podem ser feitas de forma combinada, utilizando as funções semasiológicas e onomasiológicas. Para exemplificar, solicitamos uma busca com a letra “a” para os que fossem “répteis”. A imagem é exibida a seguir, na Figura 24:

Kuhi Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção
Busca
Dicionários
Línguas Indígenas
Fontes
Notas

Início

Bem vindo ao Dicionário Indígena da fauna brasileira **Kuhi pei!**

Selecione as línguas de retorno:

Todas - Arara Kadiwéu Karitiana Parintintin Xavante Zoró

Coloque aqui o termo que você deseja consultar (utilize o nome em português ou em uma das línguas indígenas catalogadas):

Busque pelas características

Opionalmente, selecione as características do animal buscado:

Classe

Anfíbio Ave Mamífero Peixe Réptil

Figura 24 - Busca semasiológica e onomasiológica

O resultado obtido foi satisfatório e é apresentado na Figura 25:

Kuhi Pei - Dicionário Indígena da fauna brasileira

Início Busca Dicionários Línguas Indígenas Fontes Notas

Resultados

Português	Arara	Kadiwéu	Karitiãna	Parintintin	Xavante	Zoró
calango	calango	-	-	tarauhi	-	genu
camaleão	janseni	-	-	tejuhu	-	qesuy
cobra	mũgãra	lahueth mãreã	morosa	mbosa	mahi abi'e	hãj
cobra cega	mũgãra xaxari top	-	-	-	-	watukap
cobra cpió	mãja pyk	-	-	-	-	-
cobra coral	-	ajakakilegag	-	-	-	gukaco
cobra d'água	-	-	-	-	-	mãhu
cobra verde	-	stãgo- riwãtenogodi	-	-	-	tuãt
jararaca	mũgãra namém	gobeleerogodi	-	gwytaypa'pwanãtu	-	dogem
jacaré	xapo	nmvognexgi	osy sããã	jakãrã jakãrãtõg	abiãti	wãwu
jacaré branco	-	-	-	-	-	wãwukãt
cobra surucucu	-	-	-	-	-	-
pico de jaca	ãmããã	-	-	-	-	-

Figura 25 –Resultado de busca: letra “a” e réptil

Em uma segunda tentativa, solicitamos a palavra “cobra” (em busca semasiológica) para as línguas Arara, Kadiwéu, Parintintín e Zoró (Figura 26).

Kuhi Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Início Busca Dicionários Línguas Indígenas Fontes Notas

Início

Bem vindo ao Dicionário Indígena da fauna brasileira **Kuhi pei!**

Selecione as línguas de retorno:

Todas - Arara Kadiwéu Karitiãna Parintintin Xavante Zoró

Coloque aqui o termo que você deseja consultar (utilize o nome em português ou em uma das línguas indígenas catalogadas):

cobra

Figura 26 - Busca semasiológica: cobra para as línguas Arara, Kadiwéu, Parintintín, Zoró.

O resultado também foi positivo e pode ser visto na Figura 27:

Kuhl Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção | **Busca** | Dicionários | Línguas Indígenas | Fontes | Notas

Resultados

Português	Arara	Kadiwéu	Parintintin	Zoró
cobra	mãgãra	laketsdi egojegi	mhoja	baí
cobra cega	mãgãra xagato top	-	-	watukap
cobra cipó	mãã pyk	-	-	-
cobra coral	-	wajkatolotigi	-	okapsi
cobra d'água	-	-	-	imaboj
cobra verde	-	etlogo- niweenogodi	-	túit
cobra surucucu pico de jaca	ximããã	-	-	-

Figura 27 - Busca semasiológica nas línguas Arara, Kadiwéu, Parintintin e Zoró: cobra

Querendo afinar a busca de um determinado mamífero, mais traços semânticos podem ser acrescentados. Seleccionando, por exemplo: “tem pelos”, “tem rabo”, “temperatura constante”, “onívoro”, “anda com quatro pés”, para todas as línguas, o resultado obtido será: cachorro, cachorro do mato, coatá e bicho preguiça, termos cujo semema contém esses traços semânticos (Figura 28):

Kuhl Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção | **Busca** | Dicionários | Línguas Indígenas | Fontes | Notas

Resultados

Português	Arara	Kadiwéu	Karitiana	Parintintin	Xavante	Zoró
cachorro	wawaw	decenigo	omãky my'en omãky my'en omãkypok omãkypok	nhadwaba ingarun'í	wapãã	awvly
bicho preguiça	ai	-	oi	-	-	aiã
cachorro do mato	xapoup	-	guyty	-	-	-
coatá	xego sap	-	-	andouhu ka'uhu	-	-

Figura 28- Tem pelos, rabo, pecilotérmico, onívoro , 4 patas

Em outro exemplo de consulta, o consulente pode seleccionar os seguintes traços semânticos: “mamífero”, “hábitos noturnos”, “tem pelos”, “temperatura constante”, “vivíparo”, “come frutas”, “tem asas”; a pesquisa também poderia ser “mamífero”, “tem asas” e o resultado para ambas será: *Morcego* e suas equivalências para a língua Arara (ijo), língua Karitiana (ery), língua Parintintin (andyra), língua Xavante (arobore) e língua Zoró (atataja) (Figura 29).

Português	Arara	Kadiwéu	Karítiana	Parintintin	Xavante	Zoró
morcego	ijó	-	ery	andýra andýraí andýrapapouhu pa'akovonuhuyyara'ôjá pinhuhambí	arobore	atataja

Figura 29 - Mamífero com asas

Em mais um teste, escrevemos o termo “cobra” e marcamos o sema “cor predominante: verde” o resultado obtido foi “cobra verde”.

Desse modo, destacamos a habilidade do dicionário *Kuhi pei* com as buscas de tipo semasiológico, onomasiológico e com os dois tipos, concomitantemente. Continuaremos então, demonstrando as funções das outras abas de nosso dicionário.

Tanto as funções onomasiológica e semasiológica serão empregadas no modelo como ferramenta de busca eletrônica, mas a função semasiológica também compete à aba *Dicionários* apresentar todos os termos dos dicionários em ordem alfabética, pelo nome de entrada em língua portuguesa.

5.4 Componente Dicionários

A aba *Dicionário* disponibiliza todos os termos presentes no dicionário *Kuhi pei*, em ordem alfabética, considerando a língua de partida (português) e as equivalências nas seis línguas indígenas.

Essa aba é autônoma, isto é, sua exibição independe de consultas anteriores. E, clicando em um dos termos é possível ter acesso a seu verbete completo. A aba *Dicionário* é ilustrada na Figura 30:

Kuhí Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção | Busca | **Dicionários** | Línguas Indígenas | Faltas | Notas

Dicionários

Comparação entre os dicionários Português, Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintin, Xavante e Zoró.

Português	Arara	Karitiana	Kadiwéu	Parintintin	Xavante	Zoró
acará	-	-	ete	-	-	-
acauiã	kagáw	-	-	-	-	-
anta	na'to	iwaga	'inp	tap'it	Unáda	wasa
anu preto	wá'j pe	onokodi	õnh	-	-	ãigyp
araponga	-	-	kenn'ipok	-	-	-
arara azul	macewã pe	yngoneji	-	ararovy	ãôté	-
arara vermelha	ãupa	yngogivaga	-	tubü	'rada	kasã'wup
ariranha	maraxewãk	wãl'xe	-	y'y	hã' t'ü	mpokyp
arraia	jam	-	-	jawi'gwyr	-	-
bagre	-	walokeni	-	-	-	tulip kit
bicho preguiça	ãj	-	õj	-	-	alla
bugio	jav, jav'a	-	-	jawhu	-	peku
cabeça de ferro	ã nakãra	-	-	-	-	-
cachorro	wawaw	nacenejo	omãky, my'eo omãky, my'on omãkypok omãkypok	nbaãwatij inganun'j	wapsã	awvty
cachorro do mato	xapjup	-	gyryty	-	-	-

Figura 30 - Aba Dicionário

De acordo com a Figura 30, identificamos que o termo *anta* recebe equivalentes nas línguas Arara, Karitiana, Kadiwéu, Parintintín, Xavante e Zoró. E o termo *ariranha* não obteve equivalência na língua Kadiwéu. Tal situação é recorrente entre os termos estudados. Em razão de não termos encontrado a equivalência entre todos os termos nos vocabulários e dicionários adotados na pesquisa. Tal fato decorre de muitos fatores, entre eles:

- A existência do termo, mas sua ausência no corpus de estudo.
- A inexistência do termo, devido a algumas espécies incidirem de forma regional.
- A existência do termo, omitida devido às dificuldades do lexicógrafo em relacioná-lo ao equivalente em português. Como ocorre no dicionário Parintintín (BETTS, 1981, p. 121) onde são apresentados vários nomes de peixes, nos quais os autores consideram o início da palavra em “pira” para listá-los, mas são omitidas as equivalências para o português.
- As obras consultadas não se dedicavam exclusivamente à fauna brasileira.
- Os dicionários foram elaborados por estrangeiros, ocasionando certo ruído na comunicação e o apagamento de alguns termos.

- f. A existência do termo no corpúsculo de estudo, mas com grafia diferente, acarretando certo desencontro. Como ocorre com o termo *zogue-zogue*, encontrado como *sogisogi* no dicionário Karitiana (LANDIN, 2002, p. 20).
- g. O primeiro critério relacionado ao nome do animal, para o indígena, é o de sobrevivência, surgindo daí a importância de nomear ou não uma espécie. Por exemplo, em relação às cobras, antes da nomeação, é imperioso saber se ela é venenosa (*ab'é*) ou não (*wahi*) como ocorre no dicionário Xavante (HALL, 1987, p. 153); bem como questões míticas e de palatabilidade.
- h. A redução do número de falantes e a condição bilíngue da maioria das tribos, com a sobreposição do português à língua materna.

A estatística de equivalências para cada língua é apresentado na Tabela 10:

Língua	Português	Arara	Kadiwéu	Karitiana	Parintintín	Xavante	Zoró	
Equivalências encontradas	258	146	128	107	138	79	174	
Ausência de equivalências	-	112	130	151	120	179	84	
Total geral de termos: 258								

Tabela 11 - Estatística de equivalência

Notadamente, a ausência mais significativa pertence ao *Pequeno Dicionário Xavante* (HALL; MITCHELL, 1987) com apenas 79 equivalências; seguido pelo Dicionário Karitiana (LANDIN, 2002), com 107 equivalências e Kadiwéu (GRIFFITHS, 2002), com 128 equivalências. A maior quantidade de termos foi encontrada no Vocabulário Zoró (MONSERRAT, 2006), com 174 equivalências, seguido do Vocabulário Arara (MONSERRAT et al., 2006), com 146 equivalências. Apesar de não ser o mais expressivo, o Dicionário Parintintín (BETTS, 1981), com 138 equivalências, é o dicionário que apresenta a maior quantidade de equivalências ligadas a um termo, dentro do verbete.

O número de termos encontrados com equivalentes para as seis línguas do corpúsculo foi de 19, são eles: anta, cachorro, capivara, cateto - caititu, cobra, galinha, galo, garça, jacaré, paca, pacu, papagaio, pato, periquito, pica-pau, piranha, porco queixada, rato, tucano;

Com equivalentes em cinco línguas encontramos 20 termos, são eles: arara vermelha, ariranha, ave, beija-flor, *cavalo*, cotia, gato, jacu, macaco preto, mutum, onça, onça preta, peixe, quati, sapo, socó, tatu, tatu canastra, traíra, vaca, boi (e qualquer bovino);

Em quatro línguas encontramos 30 termos equivalentes, são eles: anu preto, arara, arara azul, coruja, curiango, gavião, inambu galinha, jaburu, jacamim, jararaca, jibóia, juriti, lagartixa, lambari, macaco bugiu, macaco coatá, macaco guariba, macaco prego, macaco quatá, macaco zogue-zogue, morcego, onça parda, onça pintada, peixe elétrico, pomba, porco espinho, rã, tamanduá, tartaruga, veado;

Em três línguas encontramos 41 termos equivalentes, são eles: andorinha, bicho preguiça, boto, calango, camaleão, carneiro, coelho, ema, gambá, gato do mato, gavião real, inambu preto, jabuti, jaguatirica, jaó, jatoarana/ jatuarana, lagarto, macaco, macaco barrigudo, macaco cuxiu preto, macaco da noite, macuco, mandi, maracanã, matrinxã, onça vermelha, pavão, peixe agulha, peixe cachorro, piaba, porco doméstico, rolinha, sabiá, saracura, sucuri, tamanduá mirim, tucunaré, urubu, veado campeiro, veado mateiro, veado roxo;

E, para duas línguas o número foi de 38 equivalências, são elas: aracuã, arraia, bagre, bem-te-vi, cachorro do mato, cascavel, cascudo, cobra-cega, cobra coral, cobra surucucu pico de jaca, cobra verde, curica, ganso, jacaré branco, jacutinga, lobo, macaco sagui, macaco soim, maracajá, maroba/marobá, martim-pescador, peixe sabão, perdiz, perereca, piau, pintado, poraquê, porco do mato, quero-quero, surubim, tamanduá bandeira, tatu galinha, tatu peba, tesourinha, tico-tico, tracajá, uru, urubu rei;

Para o termo no português e sua equivalência em uma única língua indígena encontramos 96 termos, dos quais 14 termos foram considerados como *outras designações*, como por exemplo, os termos, em português, cascudo e acari (para peixe). Na sequência, listaremos os noventa e seis termos, obedecendo à ordem da língua indígena correspondente à sua aparição em nosso corpus e estudo:

- Na língua Arara (23 equivalências exclusivas para o português): acauã, assum preto, bico de brasa, cabeça de ferro, cobra cipó, cuiú-cuiú, curiquinha, macaco de cheiro, macaco paraguaçu, macuco azul, macuco preto, peixe espada, piabinha comprida, sacacá, sapo cururu, sapo pequeno (espécie), tatu rabo de sola, tucaninho, uirapuru, urubu branco, urutau, veado doméstico (carneiro), veado galheiro;
- Na língua Kadiwéu (13 equivalências exclusivas para o português): bico de prata, caburé, chupim, corvo, curimbatá, dourado, enguia, inambu chororó, inambu herói, João de barro, pescada, seriema, veado branco;

- Na língua Karitiana (13 equivalências restritas ao português): andorinha grande (tipo de), araponga, careca, chico preto, crejuá, cuxumi, falcão, inambu herói, inambu sororĩn, jacundá, mosia, pardal, raposa;
- Na língua Parintintín (29 equivalências restritas ao português): acari, aracapuri, aracu, arara canindé, cobra papagaio, cobra riscada, cobra-de-duas-cabeças, coromará, inambu, jandiá, jaraqui, jimborli, landrai, peixe boi, peixe cachimbo, peixe facão, peixe saporó, piraíba, pirarara, pirarucu, pirá-tapioca, porco, sarapó, sardinha, saúna, surradeira, tambaqui, tambuatá, tesoura;
- Para o Xavante apenas 3 equivalências únicas para o português: tuiuiú, tatu bola, Iguana;
- Na língua Zoró (15 equivalências exclusivas para o português): Avestruz, biscateiro, cascudo vermelho, cascudo-pretinho, cobra d'água, codorna, crocodilo, esquilo, gaviãozinho, guacho, mandi chorão, maritaca, peixe bola, sanhaço, veado catingueiro;
- De acordo com o nosso córpus, o termo *anfíbio* não foi encontrado para nenhuma das seis línguas indígenas.

Mesmo com um número de ausências significativo, observamos que o dicionário *Kuhi pei* constitui-se por um sistema “aberto”, isto é, um sistema multimídia interativo que possibilita a inserção de novos termos de forma atemporal. Ademais, as línguas indígenas foram utilizadas para descrever a atuação do modelo proposto e seu comportamento.

Por fim, posto que nosso dicionário possui caráter conceitual, novas adequações de sons e movimento deverão ser realizadas para sua aplicação efetiva, de modo a despertar a atenção e proximidade com o público-alvo.

Para melhor ilustrar quais possíveis adequações poderiam ser implementadas, criamos uma animação¹⁷ para o retorno da consulta onomasiológica, quando selecionado “aves”, conforme Figura 31, a qual retrata o início da revoadada após o agito do arbusto e o início do surgimento da palavra *AVE*:

¹⁷ Cena criada com o apoio do software Adobe Flash.



Figura 31 - Início da cena Aves

Na Figura 32, visualizamos o final da cena, com os pássaros no alto, sobrevoando a palavra *AVE*:



Figura 32 - Cena Aves

As cenas apresentadas serão elementos de interposição entre a consulta do consulente e o resultado que será apresentado.

Ressaltamos o caráter especulativo das ilustrações, que requerem atenção e longo desenvolvimento computacional para revestir um número significativo de consultas.

Mais adiante, visualizamos o dicionário composto de novas línguas e agregando um *layout* alternativo no idioma do consulente, o que enfatizaria o seu caráter de interação entre os múltiplos falantes.

Apresentaremos, na sequência, a aba *Língua Indígena*.

5.5 Componente Línguas indígenas

A aba *Línguas indígenas* apresenta os elementos históricos e culturais dos falantes das línguas Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintín, Xavante e Zoró, contidos no Capítulo 1 de nosso trabalho.

O intuito primário dessa aba é informar e disseminar a história indígena do país. Procuramos então ampliar o conhecimento em nosso dicionário sobre as línguas indígenas empregadas, bem como aproximar nosso leitor da história de seus falantes.

A aba apresenta uma chamada para todas as línguas (Figura 33) e selecionando a língua, é apresentada uma sucinta história do povo falante do idioma (Figura 34).



Figura 33 - Aba Línguas indígenas

Kuhi Pei - Dicionário indígena da fauna brasileira

Inserção Busca Dicionários **Línguas Indígenas** Fontes Notas

Línguas - Arara

Saiba mais sobre as línguas listadas no dicionário indígena Kuhí Pei

Segundo Isidoro (2006, p. 16), os primeiros contatos com os Arara do município de Ji-Paraná foram considerados como marco inicial do seu contato com a sociedade nacional:

"O povo Karo, também conhecido como Arara, autodenomina-se "Karo-Rap", que significa "povo do rio". Foi encontrado no Município de Ji-Paraná, no Estado de Rondônia. Segundo esses indígenas, havia uma maloca onde se encontra uma das primeiras construções oficiais do município. Tal construção serviu de marco para o início do século XX".

A autora menciona relato dos Arara sobre o período da implantação do telégrafo (p. 17), quando um Marechal Rondon conquistador que utilizava o indígena como mão de obra:

"Marechal Rondon diz que queria salvar os índios, mas ele também fazia os índios trabalhar para ele".

Os Arara, de acordo com a autora, destacam seis períodos importantes para a história da língua:

- Anterior a 1940: **Tempo das malocas**: período anterior ao contato com os não indígenas;
- A partir de 1940: **Primeiros contatos, vida nos seringais**: contatos com os não indígenas;
- A partir de 1966: **O realdeamento**: volta dos Arara à vida comunitária em suas terras;
- Década de 80: **A luta pela terra**: a luta pela posse de suas terras;
- Década de 80 e 90: **A venda de madeira**: a exploração da terra Arara;
- Período atual (2006): **Conflitos, as mudanças e os novos aprendizados** (ISIDORO, 2006).

Os Arara organizavam-se em grupos ligados por parentescos e, moravam em malocas. Cada maloca tinha uma outra maloca próxima àquela. Este espaço representava a essência da vida social e cultural, podendo ser ou não o pajé, a ele caberia a roça maior, conforme depoimento dos Arara.

Figura 34 - História da língua e de seus falantes

A seguir, apresentaremos a aba *Fontes* e, depois a aba *Línguas indígenas*.

5.6 Componente Fontes

Na aba *Fontes* (Figura 35), são listadas todas as fontes utilizadas no Dicionário Indígena da fauna brasileira *Kuhi pei*.



Figura 35 - Fontes do dicionário

5.7 Componente Notas

Esse espaço destina-se às notas do autor e o utilizamos para dar as boas vindas ao nosso usuário e explicar nossa proposta. Nela encontramos os seguintes dizeres:

Bem vindo ao Dicionário Indígena da fauna brasileira **Kuhi Pei!**
 Demos-lhe o nome de *Kuhi Pei* que, em língua Karipúna, quer dizer *correr o mundo* ou *pelo mundo*. Queremos que nosso trabalho possa ser *brincado* por crianças de todas as partes. Apesar de contarmos apenas com seis línguas indígenas, nosso dicionário foi pensado para as crianças brasileiras falantes de todas as línguas, vindas de todas as etnias!
 Um lugar para se brincar e aprender, sem fins lucrativos.

Encerramos na aba *Notas* a ideia de transmitir informação por intermédio do lúdico.

Identificamos esse elemento presente em vários aspectos de nossa obra, entre eles: no “clique” empregado na função onomasiológico; no despertar da curiosidade inerente ao público-alvo sobre as línguas indígenas e seus falantes; no despertar da curiosidade sobre a fauna brasileira.

Por fim, assinalamos a habilidade da Plataforma em comportar os sons produzidos pelos animais, por exemplo, o canto do pássaro, o uivo de um lobo, o urro de uma onça, que vivificam um componente lúdico; e de agregar ao termo o seu fonema.

5.8 Componente de sistema

Realizada a consulta, a apresentação de resultados surge quando o processo de varredura interna do banco é finalizado, e as implicações desse processamento são apresentadas ao consulente.

O primeiro resultado encontrado é uma lista das sugestões dadas pelo sistema à consulta do usuário, em ordem alfabética. É também tarefa desta etapa, além da relação da busca, apresentar a ficha terminológica do termo. Assim, optamos pela criação de *link* através da linguagem *XHTML*, para trazer ao usuário a ficha desejada, isto é, a relação resultante da busca possibilita o acesso imediato à ficha terminológica. Essa etapa é fundamental para o usuário final.

As linguagens computacionais utilizadas aliaram desempenho, estabilidade, registro permanente de informações, consultas em tempo real e resultados satisfatórios. E conseqüentemente, uma melhora no processo de inserção, busca e criação de fichas terminológicas.

Além disso, tais linguagens de programação, próprias para criação de sítios e portais eletrônicos, permitiram a publicação *web* do dicionário, de maneira que um usuário lusófono poderá pesquisar um termo ao mesmo tempo em que outro termo é inserido em outra parte do país por um professor indígena, por exemplo. Ou ainda, um professor poderá utilizar o dicionário em sala de aula sem se preocupar com o acesso concorrente, pois todos poderão fazer suas consultas de forma independente e exclusiva.

Por conseguinte, tanto a inserção quanto a consulta podem ser realizadas por várias pessoas, ao mesmo tempo e em diferentes lugares.

Outro resultado positivo são as ordenações alfabéticas automáticas, que ocorrem no momento da inserção do termo ao banco de dados. Isso porque o SGBD, Sistema Gerenciador de Banco de Dados, insere as informações em ordem alfabética automaticamente, sem a necessidade do tratamento humano no momento da inserção.

Elencamos ainda, a competência multimídia da ferramenta no suporte digital na composição de páginas *web* com efeito sonoro, imagens e animações.

E por fim, unindo programação *web*, sistema de banco de dados e *design* gráfico, multiplicamos as funcionalidades estruturais de nossa ferramenta, uma vez que construímos uma plataforma para novas práticas lexicográficas/terminográficas, um modelo de dicionário onomasiológico inovador, no qual novos trabalhos poderão se basear; e um dicionário indígena multilíngue, também de caráter inédito.

No próximo item, abordaremos as limitações e resultados obtidos.

5.9 Limitações da pesquisa e Resultados Obtidos

Um dos desafios encontrado na implementação do modelo foi o problema de transcrição e o necessário tratamento de caracteres especiais presentes na maioria das línguas indígenas e incomuns na língua portuguesa, como por exemplo ã, ã, ã, ã, ã, ã, entre outros.

A solução encontrada baseou-se na inserção de tais caracteres diretamente no banco de dados, pois como o modelo funciona através de plataforma *web* e constitui-se de dados armazenados em um servidor remoto, decidimos tratar tal situação remotamente, de modo que o usuário pudesse fazer sua consulta ou pesquisa aguardando um termo que contivesse um caractere especial e este seria tratado internamente. Carecemos, no entanto, de mais estudos para que o usuário possa inserir tais caracteres especiais para solicitar uma nova busca.

Por se tratar de uma plataforma conceitual, não houve direcionamento do layout ao público infantil, mas entendemos a necessidade de adaptação *layout* ao público-alvo, de forma mais atrativa, com páginas mais coloridas e compostas de movimentos gráficos.

Não foram discutidas as questões de sonoridade para a identificação dos sons dos diferentes termos indígenas, mas nos parece possível agregar tal funcionalidade à plataforma desenvolvida, em versões futuras.

O *layout* em abas proporciona ao usuário uma visualização global dos recursos oferecidos. Em cada aba estão agrupadas as informações que nos pareceram mais peculiares, a fim de evitar a necessidade de vários cliques e várias telas (páginas *web*) para se obter uma informação.

Posto isto, nosso modelo ficou estruturado da seguinte forma:

- A aba inicial é a *home*: composta da ferramenta de busca por termo e por atributos do animal, nas funções semasiológicas e onomasiológica já descritas anteriormente.
- Aba Dicionário: com o dicionário completo dos termos catalogados para as línguas indígenas utilizadas. A visualização desta aba ocorre também após a consulta de um termo e, neste caso, serão apresentados somente os resultados pertinentes à consulta.

- Línguas indígenas: esta aba traz um pequeno histórico das línguas indígenas e falantes das línguas, possível localização e número de autóctones e informações sobre a respectiva família linguística.
- Fontes: Descreveremos nesta aba as fontes de pesquisa para nomes científicos, crédito de imagens, descrições e informações complementares.
- Notas: Esta aba é composta das notas e comentários que achamos pertinentes à elucidação de nosso leitor.

Assim, o modelo comportou-se eficientemente no ambiente *web* e está apto ao emprego em ambiente *desktop*.

Finalizamos nossa apresentação com as considerações finais, no próximo item.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS

Nosso trabalho, inicialmente, objetivava desenvolver um modelo eletrônico com padrões onomasiológicos e semasiológicos em um mesmo dicionário, onde o consulente pudesse optar por qualquer um dos dois modelos de busca, baseado nos trabalhos teóricos de Pottier (1992) e Babini (2001b). Entendíamos, então, a urgência de irmos ao encontro das línguas indígenas para conhecermos um pouco da história de seus falantes, o que nos levou ao estudo da antropologia, da etnoterminologia e a tangenciar o universo dos sememas de algumas línguas.

Ao mesmo tempo, elaborávamos e programávamos as funções tecnológicas, que exigiram testes exaustivos e a combinação, organização e preciso alinhamento entre as funcionalidades linguísticas e informáticas, o que entendíamos como o grande desafio imbricado: unir as funções semasiológicas e onomasiológicas à aplicabilidade da ferramenta.

Todavia, tal dificuldade foi resolvida de forma rápida e a busca pôde ser empregada para as duas funções, concomitantemente.

Deparamo-nos, então, com o desenvolvimento dos sememas para o público infantil e, a partir deles, fomos estudar os possíveis sememas para o público infantil indígena.

Logo, adentramos as diferentes culturas em busca de ampliar nosso conhecimento da língua, e demos de encontro com a questão etnoterminológica, na qual uma informação, mesmo conservando um núcleo de percepção biológica universal, terá seu conceito afetado pelos diferentes níveis do percurso gerativo de conceptualização de um determinado grupo. Observamos que, a visão de mundo do indígena, através da qual a fauna é vista em primeiro plano, pelas questões de sobrevivência e, em segundo, pelas questões míticas opunham-se à visão do homem ocidental, que entende a fauna brasileira como parte do meio ambiente a ser preservado, objeto de curiosidade, mercadoria, caça. E, compreendemos que o alinhamento dos sememas de cada grupo demandaria um estudo aprofundado e junto ao povo falante das línguas indígenas, pois cada povo subjazia traços próprios e distintos. Desse modo, restringimos nossa pesquisa às crianças falantes do português.

No contexto autóctone, salientamos o caráter e o orgulho do homem indígena e a luta necessária para a sobrevivência, desde o descobrimento até os dias atuais.

No tocante à nossa proposta de empregar o modelo de Babini (2001b) em mídia eletrônica, alcançamos êxito e o modelo mostrou-se adequado.

Desde o passo inicial, no momento da inserção do termo no modelo eletrônico e dos traços semânticos a ele relacionados, como também nos testes realizados posteriormente no modelo para encontrar um animal, partindo da busca do termo, ou de parte do nome de um termo, através da busca semasiológica; e nos testes a partir dos traços semânticos de um animal, no emprego da ferramenta onomasiológica, os resultados foram satisfatórios.

A opção de *layout* em abas, a suavidade das cores empregadas, a disposição das buscas na página inicial do modelo denotam nossa preocupação com o usuário. O emprego de ilustrações pictóricas nos verbetes permitiu o reconhecimento e melhor assimilação do termo. A organização e armazenamento dos termos em um banco de dados adicionaram segurança de armazenamento e rapidez nas respostas.

A composição e associação de semas dispostos na página inicial do dicionário eletrônico resultaram em buscas positivas e interessantes de tipo onomasiológico e semasiológico; igualmente, o dicionário *online* mostrou-se competente na disposição dos termos em ordem alfabética, na utilização de imagens e na visualização dos verbetes.

Esperamos que nossos usuários transitem entre o professor indígena ou pesquisador que inserirá os termos, a criança alfabetizada que realizará as consultas, o administrador da base de dados responsável pelas permissões e visões dos usuários e, futuramente, pelas crianças indígenas alfabetizadas.

Assim sendo, o modelo de dicionário eletrônico proposto mostrou-se eficiente no emprego das funções onomasiológica e semasiológica, de modo que se comportou eficientemente ante as expectativas iniciais e resultou em uma plataforma eletrônica apta a auxiliar terminólogos/lexicólogos na organização de repertórios terminológicos onomasiológicos diversos.

Em trabalhos futuros, pretendemos estender nossa pesquisa *in loco* junto às tribos indígenas para pesquisarmos os sememas adequados aos falantes de cada língua e, igualmente, incorporarmos à plataforma outras línguas e seus diferentes sememas, de acordo com a cultura de cada povo. Isso fará de nossa plataforma, que hoje está direcionada à divulgação das línguas indígenas entre as crianças lusófonas, um meio de divulgar as línguas indígenas entre as crianças indígenas, provocando o intercâmbio e, quiçá, contribuir para a não-extinção dos princípios linguísticos indígenas em solo brasileiro.

Ulteriormente, e de acordo com o nosso projeto inicial, realizamos, a contento, a nossa empreitada. A ferramenta se mostrou robusta e funcionando de acordo com as

funcionalidades empregadas e estará à disposição de linguístas e estudiosos para a aplicação e construção de novos dicionários, como dito no início, em cenários plurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMONDAWA, Mande'i. **Universo cultural amondawa II**. Porto Velho: CIMI-RO, 2001.
- ANCHIETA, José de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões 1554-1594. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975.
- ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO SUL. **Rede cultura indígena**: zoró panyjej, pangeyn. Disponível em <<http://culturasindigenas.org/peoplegroups/295>>. Acesso em: 24 out. 2011.
- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA (SIL Brasil). **Línguas no Brasil**: famílias de línguas do Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/SILling.html>>. Acesso em: 21 set. 2011.
- AULETE, F. Júlio Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua brasílica**. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira Livraria Editora, 1881.
- AYROSA, Plínio. Dicionario Portuguez – Brasileiro e Brasileiro – Portuguez. Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2ª parte, até hoje inédita. In: **Revista do Museu Paulista**, t. XVIII, São Paulo, 1934.
- _____. **Vocabulário na língua brasílica**. São Paulo: Coleção Departamento de Cultura, vol XX, 1938.
- BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 38-41, abr./jun. 2006a.
- _____. **Onomasiologie et dictionnaires onomasiologiques**. São José do Rio Preto: Beatriz, 2001a.
- _____. **Proposition de modèle de dictionnaire terminologique onomasiologique**: application au domaine de la législation italienne em matière d'immigration. 2000. Tese (Doutorado) –Université Lumière Lyon, Lyon, 2000.
- _____. **Proposition d'un nouveau modèle de dictionnaire terminologique onomasiologique**. São José do Rio Preto: Beatriz, 2001b.
- _____. **Reconhecimento de padrões lexicais por meio de redes neurais**. 2006. Dissertação (Mestrado) –Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2006b.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Para uma etnoterminologia: recortes epistemológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 dez. 2011, abr./jun. 2006.
- _____; LAFACE, Antonieta; BARROS, Lídia Almeida. Grupo de trabalho: questões epistemológicas e metodológicas em lexicologia, lexicografia e terminologia. In:

SEMINÁRIOS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 27., 1998, Campinas. **Anais...** Campinas, 1998. p. 177-185.

_____. et al. Modelos em lexicologia, lexicografia e terminologia: a construção do conceito e da definição. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 31, p. 1-8, 2002. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/GT13.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERTOLDI, V. **Enciclopedia italiana di scienze, lettere ed arti**. Roma: Treccani, 1935.

BETTS, LaVera. **Dicionário Parintintín/português-português/Parintintín**. Brasília (DF): Summer Institute of Linguistics, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza (Org.). A ciência da lexicografia. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, p. 1-26, 1984. Suplemento.

_____. A língua e o computador. In: _____. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 75-93.

_____. **Teoria linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BOGGIANI, G. Cartografía lingüística del Chaco por el Dr. Daniel G. Brinton. **Revista del Instituto Paraguayo**, Asunción, ano 2, n. 16, p. 112, 1899.

BOULANGER, Jean Claude. Convergências e divergências entre a lexicografia e a terminologia. In: LIMA, M. S.; RAMOS, P. C. (Org.). **Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 7-28.

BOUTIN-QUESNEL, R. et. al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la Langue Française)

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: título VIII: da ordem social: capítulo VIII: dos índios: artigo: 231. Brasília (DF): República Federativa do Brasil, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). **Iniciativas comunitárias em saúde indígena**: projeto VIGISUS II/subcomponente III: projeto 013/2005: projeto yawawira: arraia. DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena). Alto Rio Negro, 2005. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/Web%20Funasa/vigisus/startVigisus/sub3_sociais13.html>. Acesso em: 13 dez. 2011.

CABRÉ, Maria Tereza. **La terminología**: representación y comunicación, elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.

_____. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Ciência da informação, 1)

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais)

CARTA de apoio ao povo xavante da terra indígena Marãiwatsédé. Mato Grosso, 2009. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/24050672/1962837071/name/Carta+Apoio+-+Maraiwats%C3%A9d%C3%A9.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**: Sema. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=264&Itemid=2. Acesso em: 03Jan. 2012.

CHATEAUBRIAND, Hely. **Pangajëi**: povo zoró. Noroeste de Mato Grosso e Rondônia. Porto Velho: Ministério da Justiça, 1995. 1 Vídeo (14 min.) : son., color.

DAL POZ, João. **Zoró**: povos indígenas do Brasil. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/zoró>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

DIAS, Gonçalves. **O Brasil e a Oceania**. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, sd.

_____. Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no alto Amazonas. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**, tomo 17. rio de janeiro: Imprensa Nacional, p.533 – 562, 1852.

_____. **Dicionário da língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1858.

DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **The amazonian languages**. New York: Cambridge University Press, 1999.

FARIAS, Virginia Sita. O emprego de ilustrações como mecanismos de elucidação do significado das unidades léxicas nos dicionários semasiológicos. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010, Palhoça. **Anais...** Palhoça: Editora UNISUL, 2010. p. 1-19.

FAULSTICH, Enilde; OLIVEIRA, Michelle Machado de. Para que serve um dicionário analógico? Um estudo de lexicografia comparativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES BRASIL-CHILE: DIVERSIDADE CULTURAL E INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA, DIMINUINDO DISTÂNCIAS, 10., 2001, Brasília (DF). **Anais...** Brasília (DF): Universidade de Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.onda.eti.br/revistaintercambio/conteudo/arquivos/1221.pdf> > Acesso em: 28 abr. 2011.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Entre cosmologias, estratégias e performances**: incursões xavante à FUNAI. 2005. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2005.

_____. Sobre os xavante de Marãiwatsédé. **Sina**, Cuiabá, 16 jul. 2011. Disponível em: <<http://revistasina.com.br/portal/opiniaio/item/1708-sobre-os-xavante-de-mar%C3%A3iwatsede>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa: século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lexicon Informática, 2000, (versão eletrônica), CD-ROM, versão 3.0.

FERREIRA FRANÇA, Ernesto. **Chrestomathia da Língua Brasileira pelo Dr. Ernesto Ferreira França**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1859.

FIGUEIRA, Luis. **Arte da língua brasileira**. Lisboa: Manuel da Silva, 1621.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmãos, 1899.

FOLHA DE SÃO PAULO; ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA. **Árvores das línguas no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://treinamento.folhasp.com.br/linguasdobrasil/arvores.html>>. Acesso em: 21 set. 2011.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). **Catorze crianças xavante estão internadas com sintomas de pneumonia**. ago. 2004. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/ultimas/noticias/2_semestre_2004/Agosto/un0604_002.htm>. Acesso em: 27 nov. 2011.

_____. **Limites da T. I. karitiana serão ampliados em 30 mil hectares**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/ultimas/noticias/1_semestre_2003/junho/un0624.htm#002>. Acesso em: 11 nov. 2011.

_____. **Povos indígenas**. Brasília (DF): Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: <Disponível em: <http://www.funai.gov.br>>. Acesso em: 01 ago. 2010.

GARCIA DE FREITAS, José. Os índios Parintintín. **Journal de la Société des Americaistes**, Paris, n. 18, p. 67-73, 1926.

GAVA, Águida Aparecida. Jogos Computacionais como ferramenta de ensino. **Revista UNORP**, São José do Rio Preto, v. 4, n. 1, p. 93-54, 2003.

_____. **Metodologia para a extração de características biométricas da mão humana visando aplicação na identificação pessoal**. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004.

GRAHAM, Laura. **Xavante: história do contato**. 2008. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/print>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

GRIFFITHS, Glyn. **Dicionário da língua kadiwéu: kadiwéu–português, português–kadiwéu**. Brasília (DF): Summer Institute of Linguistics, 2002.

_____; GRIFFITHS, Cynthia. **Aspectos da língua Kadiwéu**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística; Summer Institute of Linguistics, nov. 1976.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Ambiente, identidade e cultura: reflexões sobre comunidades Guarani/Kaiowá e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 182-200, 2003.

GUDSCHINSKY, Sarah C. Fragmentos de ofaié: a descrição de uma língua extinta. Trad. Miriam Lemle. **Série Linguística**, Brasília (DF), v. 3, p. 177-249, 1974.

_____. Ofaié-xavante, a jê language. **Estudos sobre línguas e culturas indígenas**. Brasília (DF), p. 1-16, 1971. Número especial.

HALL, J.; McLEOD, R.A; MITCHELL, V. **Pequeno dicionário xavante-português-português-xavante**. Brasília (DF): Summer Institute of Linguistics, 1987.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

J. NUNES, José. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: FAPESP, 2006.

HUGO, Victor. **Desbravadores**. Humaitá: Edições da Missão Salesiana de Humaitá, 1959. v. I e II.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/arara>>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. **Povos indígenas no Brasil: xavante**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1161>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

_____. **Povos indígenas no Brasil: tenharim/marmelos**. 2010. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3869>. Acesso em: 09 dez. 2011.

ISIDORO, Edinéia Aparecida. **Situação sociolinguística do povo arara: uma história de luta e resistência**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006.

KRACKE, Waud; INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil: Parintintín: história**, 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Parintintin/912>>. Acesso em: 09 dez. 2011.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

KUROVSKI, Angela. Distantes e próximos: um estudo sobre as metades exogâmicas Kagwahiva Parintintín. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 61-83, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/viewFile/8276/5252>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

LACERDA, Maria Conceição de. Akubá pemakube: ensinar e aprender. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005, Recife. **Anais...** Recife, 2005. Disponível em: <http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/AKUB%C3%81%20PEMAKUBE-%20ENSINAR%20E%20APRENDER.pdf>. Acesso em: 30 Set. 2011.

LANDIN, David. **Dicionário e léxico karitiana/português**. Brasília (DF): Summer Institute of Linguistics, 2002.

LARA, Luís Fernando. O Dicionário e suas disciplinas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LEXICOGRAFIA, 1., 2002, Barcelona. **Anais...** Barcelona: Instituto Universitário de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu – Fabra, 2002.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. **Elementos de terminologia**: apostila para uso didático. São Paulo: Universidade de São Paulo- Escola de Comunicações e Artes, Depto de Biblioteconomia e Documentação, 2005. Disponível em: <http://geaas.net/biblioteca/arq/biblioteca_geaas_0929261305.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2011.

LEEUWENBERG, Frans; SALIMON, Mário. **A'uwê**: os xavante na balança das civilizações. Brasília (DF): UNICEF, 1999.

LERY, Jean de. **Viagem, à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1980.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1955.

LIDÓRIO, Ronaldo (Org.). **Etnias indígenas do Brasil**: relatório 2010. Departamento de Assuntos Indígenas (DAÍ); Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB), 2010. Disponível em: <http://www.indigena.org.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=7:relatori_o2010&catid=1:banco-de-dados&Itemid=3>. Acesso em: 13 dez. 2010.

LISBOA, Francisco Tarcísio. **A conquista da escola zoró, o desenvolvimento e os índios**: educação, cultura e cidadania. Dissertação (Mestrado)-Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

LOPES DA SILVA, Aracy. A expressão mítica da vivência histórica: tempo e espaço na construção da identidade Xavante. In: **Anuário Antropológico 1982**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: EdUnB, 1984. p. 200-213.

_____. Dois séculos e meio de história xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 357-378.

_____. **Nomes e amigos**: da prática xavante a uma reflexão sobre os jê. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1980.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil. Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. (Vias dos Saberes, 1). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2008.

LYONS, J. **Linguistique générale**: introduction à la linguistique théorique. Paris, Larousse, 1970. (Langue et Language)

McARTHUR, T. **Worlds of reference**: lexicography, learning and language. Cambridge: University Press, 1986.

MARCGRAF, George. **História Natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1942.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. Von. **Wörterammlung Brasilianischer Sprachen, glossaria linguarum Brasiliensium, glosários de diversas línguas e dialetos, que falam os índios no Império do Brasil**. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.

MAYBURY-LEWIS, David. **A sociedade xavante**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1984.

MEDEIROS, Edilson Lucas. **Rondônia: terra dos karipunas**. Porto Velho: Rondoforms, 2003.

MEIRA, Sérgio. A família linguística Caribe (Karíb). **Revista de Estudos e Pesquisas**, Brasília (DF), v. 3, n. 1/2, p. 157-174, 2006. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/Pdf/REP3-2-1/06A_familia_linguistica_Caribe_Karib_Sergio_Meira.pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

MEIRELES, Denise Maldi. **Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia**. 1984. Monografia (Graduação em História)- Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1984.

MENENDEZ, Miguel Angel. **Os tenharin: uma contribuição para o estudo dos tupi centrais**. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MONTEIRO, Maria E. Brêa. **Relatório sobre os índios karitiana: Estado de Rondônia**. Rio de Janeiro: SEDOC-FUNAI, 1984.

MOSER, Lilian. **Os karitiana e a colonização recente em Rondônia**, 1993. Monografia (Bacharelado em História)-Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 1993.

MONSERRAT, Ruth Maria. et al. **Vocabulários das línguas arara**. Rondônia: Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO, 2006.

_____; TAVARES, Carlos. **Vocabulários das línguas zoró**. Rondônia: Conselho Indigenista Missionário-CIMI-RO, 2006.

NIMUENDAJU, Curt. Os índios Parintintín do rio Madeira. **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, n. XVI, p. 201-278, 1924.

NUNES, Ângela. Etnografia de um projeto de educação escolar indígena, idealizado por professores xavante: dilemas, conflitos e conquistas. **Currículo sem fronteiras**, Portugal, v. 10, n. 1, p. 84-112, 2010.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: EdUFMS, 1998.

_____. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande: EdUFMS, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. (Ciências Sociais).

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION. **Terminologie-vocabulaire**. Genebra : ISO, 1999. (Norme Internationale ISO 1087, 1990).

PAIS, Cidmar Teodoro. O percurso gerativo da enunciação: produtividade léxica e discursiva. **Confluência**, Assis, v.3, p. 162-181, 1994. Número especial.

PAIVA, Paula Tavares Pinto. **Estudo baseado em corpora de traduções e três glossários bilíngues nas subáreas de anestesiologia, cardiologia e ortopedia**. Dissertação (Mestrado)– Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006.

PATRIZZI, Vanessa de Paula Rodrigues. **Dicionário terminológico dos termos fundamentais da linguagem das produções telejornalísticas**. 2007. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

PAULA, Luís Roberto de. **Travessias**: um estudo sobre a dinâmica sócio-espacial Xavante. 312 f. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. **Manual de terminologia**. Tradução de Enilde Faulstich. Canadá: Bureau de la traduction, 2002.

PLATZMANN, Júlio. **O Dicionário anônimo da língua geral do Brasil**. Júlio Platzmann, 1896.

PEASE, Helen; LAVERA, Betts. Parintintín phonology. In: TUPI studies I. Oklahoma: Summer Institute of Linguistics, 1971.

PEGGION, Edmundo A. **Forma e função**: uma etnografia do sistema de parentesco Tenharin (Kagwahiv, AM), 1996. 127 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. **Povos indígenas do Brasil**: juma. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA), 2002. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/juma/1738>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

_____. **Povos indígenas do Brasil**: tenharim: os tenharim do igarapé Preto. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA), 1999a. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tenharim/1031>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

_____. **Povos indígenas do Brasil**: tenharim: os tenharim no conjunto kagwahiva. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA), 1999b. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tenharim/1029>> Acesso em: 13. Dez. 2011.

PHILLIPS, David J. **Zoró–pangyjej**. Instituto Antropos, 2011. Disponível em: <http://instituto.antropos.com.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=633:david-j-phillips&catid=47:perfis-socioculturais&Itemid=62>. Acesso em: 23 out. 2011.

PINHEIRO, Manoel T. **Exploração do rio Jacy-Paraná**. Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas, publicação n. 5, anexo 2. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo, 1910.

POTTIER, Bernard. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, 1985.

_____. **Sémantique générale**. Paris: PUF, 1992.

_____. **Théorie et analyse en linguistique**. 2. ed. Paris: Hachette, 1987.

POVOS indígenas do Brasil: os principais povos indígenas do Brasil, nações, famílias e locais onde vivem. Sua Pesquisa, 2007. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/povos_indigenas.htm>. Acesso em: 21 set. 2011.

PRAXEDES, Cesarion. Primeiro encontro com os índios zorós. **Revista Geográfica Universal**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 68-79, nov. 1977.

PRAZERES, Leandro. **A Crítica.com: especiais**. Relatos de um massacre: abertura da Transamazônica afetou a vida de milhares de índios. 2010. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/especiais/Relatos-massacre_0_343165851.html>. Acesso em: 14 dez. 2011.

PRAZERES MARANHÃO, Frei F. dos. Collecção de Etymologias Brazilicas. In: **Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, pp. 69-81, 1846.

PRODOCLIN. **Projeto de documentação de línguas indígenas**: relatório anual 2010. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2010. Disponível em: <http://prodoc.museudoindio.gov.br/arquivos/file/relatorio_anual_2010_prodoclin.pdf>. Acesso em: 23 set. 2011.

RAVAGNANI, Oswaldo Martins. **A experiência xavante com o mundo dos brancos**. Araraquara: EdUnesp, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

_____. **Kadiwéu**: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis: Vozes, 1980.

RODRIGUES, Ayron. **Morfologia do verbo tupi**. Curitiba, 1953. (Separata de Letras, 1)

_____. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

RONDON, Cândido M. da Silva. **Comissão de linhas telegraphicas estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas**. Relatório apresentado à Directoria Geral dos Trabalhadores e à

Divisão de Engenharia (G.S.) do Departamento de Guerra. Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1907. (Estudos e Reconhecimento, 1.)

RONDÔNIA. MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO. Centro de apoio operacional da infância e juventude e da defesa dos usuários dos serviços de educação. **Relatório de vistoria: aldeia indígena da nação karitiana**. Porto Velho, 2005. Disponível em: <http://www.mp.ro.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=75830&folderId=97776&name=DLFE-36591.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2011.

SAMPAIO, Wany. **Cartilha experimental amondawa**. Porto Velho: Núcleo de Educação Indígena de Rondônia, Secretaria de Estado da Educação, 1997.

_____. **Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintín (tenharim) e o uru-eu-uau-uau (amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas tupi-kawahib**. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Campinas, Campinas, 1977.

SATURNINO, Ângela Santana. Formas de apagamento das línguas indígenas. In: JORNADA DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS DO CENTRO-OESTE, 5., 2001, Brasília (DF). **Anais...** Brasília (DF): Universidade Católica de Brasília, 200. Disponível em: <<http://www.ged.letras.ucb.br/sites/100/118/00000018.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2010.

SENA, D. R. de. A ação histórica dos Guaicurus e o seu legado. **Revista do Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 120, p. 93-99, jul./set. 1983.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa, composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA, Eduardo Batista da. **Proposta de um dicionário terminológico onomasiológico bilíngue inglês-português no domínio das redes neurais artificiais**. Dissertação (Mestrado)– Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Jose do Rio Preto, 2009.

SILVA, Giovani José da. Os índios kadiwéu na história: problematizando fontes. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (Seminário Temático *Os Índios na História: fontes e problemas*), 24., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo, 2007.

SIQUEIRA JUNIOR, Jaime G. **Esse campo custou o sangue dos nossos avós: a construção do tempo e espaço kadiwéu**. 1993. 290 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

SOUZA, José Luiz de. A (in)visibilidade dos lugares kadiwéu: contribuições da geografia cultural para o estudo de populações indígenas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 53-66. jan./jun. 2008.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo: Sociedade Hans Staden, 1942.

STENZEL, Kristine. **Línguas indígenas e tradições orais na Amazônia brasileira**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

TRESSMANN, Ismael. **Pangyjej kue sep**: a nossa língua escrita no papel. Brasília (DF): Assessoria de Educação Escolar Indígena, 1994.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. De volta para o passado: territorialização e 'contraterritorialização' na história karitiana. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 55-65, jan./jun. 2010.

VOEGELIN, C. F.; VOEGELIN, F. M. Languages of the world: native America fascicle two. **Anthropological Linguistics**, Bloomington, v. 7, n. 7, p. 154, 1965.

WRIGHT, Sue Ellen; BUDIN, Gerhard (Orgs). **Handbook of terminology management**. Amsterdam: John Benjamins Publishing; Barcelona: Editorial Antartida/Empúries, 1993. v. 1.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1998.

ANEXO 1 – Massacre do Paralelo 11

Massacre do Paralelo 11: Trata-se de um crime com um conteúdo de violência que chocou o mundo e ficou internacionalmente conhecido como Massacre do Paralelo 11 e incluiu do roubo ao estupro, passando por grilagem, assassinato, suborno, tortura e outros comportamentos que chocaram Albuquerque Lima e os membros da comissão investigativa.

O episódio foi trazido à tona pelo depoimento de um dos participantes, o seringueiro Ataíde Pereira dos Santos que, não recebendo o pagamento pela empreitada decidiu denunciar a chacina. O relato a seguir resultou do levantamento feito pela comissão organizada para investigar o caso e foi obtido no sítio Observatório da Imprensa, na edição 273 (por Ulisses Capozzoli em 20/04/2004).

“O grupo havia deixado o seringal, na confluência dos rios Juinamirin e Juruena, subindo por este último até Águas Bravas, onde o Juruena revolto não permite a navegação. Penetraram na selva e a partir daí receberam apoio aéreo de um Cessna que lançava, periodicamente, alimentos e munição. O grupo atingiu a maloca dos cintas-largas à noite, com armas engatilhadas e sem fazer fogo capaz de denunciar sua presença. Nem um cigarro foi fumado durante toda a espera, quando se falou pouco e a sussurros (CAPOZZOLI, 2004)”.

“Ao amanhecer, com os cintas-largas deixando seus abrigos, os homens estavam prontos do outro lado do rio: “_ Eu quase dormi na pontaria, mas quando apertei o gatilho o índio caiu” [...] Chico Luiz portava uma metralhadora e os demais winchester- 44 ("papo-amarelo"), arma de alto poder de fogo, além de pistolas 38. Os índios não tinham como se defender sob a fuzilaria deflagrada pelo disparo de Ataíde, mas o grupo só atravessou o rio quando se deu conta de que todos estavam mortos (CAPOZZOLI, 2004)”.

“A surpresa, que desconcertou Ataíde e os outros, foi a presença de uma índia levando pela mão uma criança com idade estimada posteriormente em 5 anos. Ela nem correu. Estava sem forças. Apenas chorava, o que, no relato de Ataíde, irritou Chico Luiz, que agarrou a mulher, prendeu-a com uma corda numa árvore, de cabeça para baixo e, com um único golpe de facão, quase abriu seu corpo ao meio. A criança já estava morta, com um tiro na cabeça. Em poucos minutos, a habilidade macabra do pistoleiro esquartejou o corpo da mulher enquanto os outros ateavam fogo à maloca minutos antes, tranquila e cheia de vida (CAPOZZOLI, 2004)”.

“Cada um dos assassinos deveria receber um pagamento de 50 mil cruzeiros, mas Junqueira, o patrão, recusou o pagamento sob pretexto de que não queria mais aquele tipo de ação por ser muito cara. A estratégia mais barata seria bombardear as aldeias com dinamite, usando avião (CAPOZZOLI, 2004)”.

“O Massacre do Paralelo 11 foi o fim do SPI criado em 1910 pelo marechal Cândido Mariano Rondon. O SPI foi substituído pela Funai, em 1967, mas boa parte dos funcionários corruptos do antigo órgão foi mantida. Novas violências seriam cometidas nos anos 70 e uma delas ainda está para ser devidamente

contada: o massacre dos waimiris-atroaris (na versão dos velhos eles foram atacados com bombardeios e veneno atirados de aviões) durante a construção da BR-0174, que liga Manaus a Boa Vista, capital de Roraima (CAPOZZOLI, 2004)”.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 08 de março de 2012

ÁGUIDA APARECIDA GAVA